



bezz
EDITORIA

Meu Vício

ELA O AMA, E ELE... BOM, ELE AMA A COCAÍNA

KELL TEIXEIRA



Meu Vício

Kell Teixeira

Copyright © 2015 Editora Bezz

Capa: Denis Lenzi
Revisão: Margareth Antequera/ Ludmila kugunaga
Diagramação Digital: Equipe Bezz

Esta é uma obra de ficção. Seu intuito é entreter as pessoas. Nomes, personagens, lugares e acontecimentos descritos são produtos da imaginação da autora. Qualquer semelhança com nomes, datas e acontecimentos reais é mera coincidência.

Esta obra segue as regras da Nova Ortografia da Língua Portuguesa.

Todos os direitos reservados.

São proibidos o armazenamento e/ou a reprodução de qualquer parte dessa obra, através de quaisquer meios — tangível ou intangível — sem o consentimento escrito da autora.

Criado no Brasil.

A violação dos direitos autorais é crime estabelecido na lei nº. 9.610/98 e punido pelo artigo 184 do Código Penal.

Dedicatória

Dedico esse livro a todos que passam ou em algum momento passaram por essa árdua luta que é a luta contra as drogas. Que de alguma forma a chama da esperança se mantenha acesa em cada um de vocês.

Agradecimento

Agradeço primeiramente a Deus pelo dom da vida.

Aos meus pais, Viriato e Quitéria por estarem ao meu lado sempre.

Aos meus pais que adquiri depois do casamento, Maria Antônia e José das Graças, obrigada por todo apoio.

Ao meu esposo, por todo amor, cuidado e por contribuir para a realização desse sonho. Daniel Moreira, eu te amo muito.

Aos meus filhos, João e Ana, nosso amor materializado.

Aos meus irmãos e irmãs (cunhados e cunhadas), somos todos uma família e sou grata por ter cada um de vocês em minha vida.

Aos meus amigos e leitores, que foram meu principal incentivo, em especial: Samid Airam, Angela Brizolla, Diana Santos e Debora Ramos, vocês são a prova de que grandes amizades persistem mesmo a longas distâncias.

À Thais Alves, pela grande ajuda e várias dicas.

À editora Bezz pela oportunidade, em especial à Adriana Melo, Valéria Avelar, obrigada mesmo por todo cuidado e atenção. Vocês foram excepcionais.

Por último e não menos importante, a você leitor, que me deu a oportunidade de lhe apresentar meu primeiro livro.

Boa leitura.

Sinopse

“O amor é o sentimento mais forte que te une a alguém. Suas correntes invisíveis penetram a alma, mas arrancam o coração.”

Essa era uma frase que não despertava nenhuma crença em mim até eu conhecer Maycon, um viciado em cocaína.

Minha história pode começar como todas as outras:

“Era uma vez uma garota chamada Elena que irradiava luz, tinha amigos e era aparentemente feliz em seu mundinho perfeito.”

Ou, quem sabe, de outro jeito:

“Era uma vez uma garota que acreditou na luz do amor. Agora, ela não sabe o que fazer, pois está sempre no escuro...”

Mas a que mais se encaixa é essa:

“Era uma vez uma garota que se apaixonou. Agora, ela está se despedaçando na escuridão porque se viciou na pior droga que existe na vida: a droga do amor.”

Não há nada que ela possa fazer a respeito disso. Havia luz, havia felicidade, havia esperança em sua vida e, agora, há apenas dor em seu coração. Ela o ama. E ele... Bom, ele ama a cocaína.

Poderia ele mudar essa situação????

Capítulo 1

Entrevista com viciado: isso é sério?

Mais um dia na faculdade e o professor anuncia que teremos um trabalho individual sobre drogas ilícitas e os riscos que elas causam. Falar sobre drogas não é um assunto novo. Uma pesquisa no *Google* resolveria isso para mim em segundos, visto que noventa por cento dos jovens, na faculdade, usam ou, em algum momento, usaram drogas. Então, para a maioria, está resolvido! Eu, Elena Tyner, sou parte dos dez por cento que nunca usaram isso. Podem me chamar de careta, mas nem maconha eu fumei e, sinceramente, me orgulho disso. Orgulho-me de ser a garota certinha que vai para a faculdade apenas a fim de estudar, conseguir boas notas e um diploma. Curso psicologia. E não vejo a hora de atuar na área.

Escuto o professor dar as últimas instruções. Ainda não há nada para se preocupar. Eu, como a *nerd* que sou, tirarei de letra esse trabalho e já imagino ganhar a melhor nota da sala, o que não será novidade alguma.

Nada para me preocupar — repito, mais uma vez, até ele dizer que teremos que trazer uma entrevista completa com um viciado.

Como assim?

Em uma faculdade de classe alta, onde a maioria é “filhinho de papai”, você não chega e diz:

— *Ah, oi, sei que você é um viciado em drogas. Pode me dar uma entrevista para o trabalho de psicologia?*

Bom, agora há com o que me preocupar. Droga! — Sem trocadilhos.

Moro no Campus que fica a horas da cidade grande. Não seria problema ir para alguma instituição que acolhe viciados em drogas e conseguir uma entrevista. Não seria se eu conhecesse a cidade, mas eu vim do interior e não tenho amigos. Na verdade, só tenho a turma dos *nerds* mesmo, e eles são os melhores! Porém, isso arruína mais minhas chances.

Após a aula, meus amigos até especularam a ideia de irmos para uma instituição, mas, quando chegou o “grande dia”, eu estava com uma cólica de matar. Não consegui nem me levantar da cama, o que acabou com minha última chance; porém, não estou disposta a desistir assim tão fácil.

Os dias no calendário me assombram, pois estão voando. Falta apenas uma

semana. Meu trabalho já está completo, ou melhor, quase completo. Falta a maldita entrevista.

Não me restaram muitas alternativas. Foi aí que tive a brilhante ideia de tentar conseguir uma entrevista com Maycon. Mas, assim como sua turma de viciadinhos, ele é “filhinho de papai”. Na verdade, ele é “o” filho do papai, porque seu pai é dono de uma das maiores empresas da cidade. Inclusive, ela é uma das patrocinadoras das pesquisas do Campus, motivo pelo qual acredito ser o porquê de Maycon estudar aqui.

Eu pouco sei sobre ele. Na realidade, só ouço falar. Ele é popular, mas seleciona os seus. Pensei em algo do tipo: *só aceito viciados como amigos* e ri da minha imaginação idiota. Bem idiota por sinal, visto que ele já havia comido a maioria das patricinhas da faculdade. Não sei por que, mas elas amam esse tipo de cara: lindo, corpo bonito, um tanto atraente e um verdadeiro perigo. É como se sobre ele estivesse uma placa enorme escrita: *Estrada sem saída. Se der mais um passo, estará sujeito ao vício*. Todos sabem que ele é viciado, e ele mesmo parece não querer esconder de ninguém. Sempre está com um cigarro na mão ou uma garrafa de vodca, cercado de gente. Essa é a parte que me impede de chegar perto. Sou tímida demais para isso. E vamos ser realistas: garotas como eu e garotos como Maycon Sebastian, definitivamente, não se misturam.

Os dias passam e meu desespero sobe à cabeça. Parece que vou me ferrar de qualquer jeito mesmo. Em uma tentativa frustrante e picareta, pego meu lápis e agenda. Saio do Campus decidida a pensar como uma usuária. Eu, que nunca, nem sequer bebo algo relacionado a álcool, pensarei como usuária. O plano é um fracasso, mas é o último.

Está um pouco frio. Devido a isso, eu estou com um conjunto de moletom.

Pense como um usuário, pense como um usuário — repito mentalmente, mas nada me ajuda a pensar.

Que tal um cigarro? — a ideia vem à mente. Só que cigarro não é uma droga ilícita. Mas posso fingir que é e descrever as sensações. Pronto, resolvido.

Caminho um pouco e chego a um barzinho próximo à faculdade. Entro e todos me olham como se eu fosse um zumbi. Talvez seja porque essa é minha primeira vez aqui.

— Um cigarro, por favor — digo, determinada.

O barman me olha com cara de espanto:

— Você quer um cigarro?

— Quero! — Respondo firme.

— Você ao menos fuma?

A pergunta me desarma. Não sei mentir. E, para não pagar mico, afinal todos aqui, por algum motivo idiota, ainda olham para mim porque, talvez, saibam que

sou santinha demais até para um cigarro, digo firme:

— Sempre tem a primeira vez — termino pegando um maço e saindo desse lugar horrendo.

Uma chuva se inicia, ainda fina, mas a tempestade já está anunciada. Dou passos largos e o máximo que consigo chegar é em um ponto de ônibus. Sento-me. Olho para o cigarro.

O que adianta ter cigarros se não tem isqueiro? — penso, já discriminando minha brilhante ideia.

Olho as perguntas, todas sobre o porquê de entrar nesse mundo obscuro, efeitos e tudo o mais.

Meu professor é esperto demais para que eu tente enganá-lo.

— Oi — escuto e levo um susto. Olho e lá está o bendito, sozinho, bem na minha frente. Provavelmente, se escondendo da chuva. *Mas espera aí, sozinho?* — meu subconsciente alerta.

Ele nunca está sozinho.

Olho à minha volta para saber se o “oi” é comigo mesmo.

— Você é muda?

— Desculpa — digo, sem graça — Oi.

— Você fuma? — ele pergunta, olhando para o cigarro.

— Não. Na verdade, não — balanço a cabeça.

— Posso pegar um? — refere-se ao maço de cigarros.

— Pode ficar com ele — digo, frustrada.

— Valeu. Acho que te devo uma — ele diz e dá um sorriso tão lindo que me paralisa.

— Não por isso — sorrio sem jeito.

— Nunca te vi por aqui.

— Estudo na mesma, quer dizer, estudamos na mesma faculdade.

— Faz o quê?

— Psicologia.

— Por que o cigarro? — ele pergunta, dando a primeira tragada e se sentando ao meu lado. Noto que seus braços são cobertos por tatuagens e está usando uma touca preta assim como sua camiseta, calça jeans escura e tênis.

— Tentativa frustrada em terminar um trabalho — bufo.

— Sobre?

Maycon é lindo, observo. Lindo e direto, apesar de olhar para chuva e não para mim.

— Drogas ilícitas, uma entrevista com um viciado — digo envergonhada, com receio de ofendê-lo, e arranco uma gargalhada sua.

— Cigarro? Jura? — ele me olha de relance e percebo o porquê de ter tantas

garotas a fim dele. Maycon é aquela mistura de adrenalina e perigo. Intenso demais para uma garota como eu...

— Para alguém que nunca sequer bebeu álcool, é um começo.

Ele dá outro sorriso. Fica em silêncio, dá mais uma tragada e me olha. Morde seu lábio inferior e olha diretamente em meus olhos.

— Faça as perguntas — ele diz ainda me olhando.

Respiro profundamente. Ou, pelo menos, tento.

— Prometo manter sua integridade — falo, tentando desviar o olhar, mas falho na tentativa e forço um sorriso.

— Não sei por quê. Não estou nem um pouco preocupado com ela — ele diz e levanta a sobrancelha.

Olho minha agenda. Não consigo falar, merda, pois estou tão insegura, indefesa, inquieta, e minhas mãos suam frio. Sinto um misto de emoções que não sei descrever. Após alguns minutos, ele se aproxima, pega a agenda da minha mão, assim como a caneta. Responde as perguntas enquanto eu mantenho meu olhar no chão. Ao terminar, me entrega e, antes que eu possa agradecer, ele sai me deixando sozinha...

Capítulo 2

As aparências enganam

Chego ao Campus um pouco molhada. Mas não há do que reclamar, pois tenho minha entrevista e isso já compensa. Tomo um banho e, após me agasalhar, vejo que Keven, meu colega de quarto, voltou.

— Oi — cumprimento-o e ele apenas acena, atento ao seu computador.

Após mais um tempo de silêncio, ele pergunta.

— E então, conseguiu sua entrevista?

— Sim — digo enquanto enxugo meu cabelo.

Keven me olha desconfiado. Vira-se na sua cadeira e continua me fitando como se procurasse descobrir a mentira.

— Tempo recorde. Com quem? Posso saber? — ele pergunta, ainda no modo detetive.

— Nada mais nada menos que Maycon Sebastian.

Keven dá uma gargalhada.

— E eu com John Lennon — ele zomba.

— Ah, qual é, o cara é só um viciadinho de merda e vocês tratam como se fosse o “cara” — desdenho.

— É a primeira pessoa que se atreve a falar dele assim. Ele é gente boa, popular, e se quiser continuar a garantir sua vaga aqui, acho melhor não se referir a ele dessa forma.

— Ele não parece se importar — digo, não querendo me desculpar.

— Provavelmente não, mas tenho certeza de que os pais dele sim. Cuidado, é só um aviso. Deixe-me ver a entrevista?

— Ainda não a revisei — falo, um pouco sem graça.

— Ok, vou dar uma saidinha. Até mais — Keven diz, pegando sua mochila e saindo.

Ele namora uma garota da turma de Ciências Biológicas, Any, que, por sinal, é bem legal, mas ainda não tivemos a chance de bater aquele papo.

Após secar o meu cabelo, lá vou eu concluir o meu trabalho com chave de ouro. Pego a agenda. Caligrafia bonita, sem erros ortográficos, o que é um bom sinal. Volto minha atenção para as perguntas e analiso-as com mais cautela.

Qual droga usa?

Cocaína.

(Como sempre, direto — penso.)

Quando começou a usar?

Com treze.

(Nossa, jura, como você está vivo até hoje? — fico surpresa.)

Teve algum motivo?

Não.

(Hum...)

Se considera um viciado?

Não.

(Sério?)

Qual a sensação em se drogar?

Estimula o prazer dentro do cérebro e causa uma euforia e êxtase extremamente elevados. Num tempo recorde, tudo isso se transforma em depressão profunda. Uso antidepressivos também.

Já perdeu algum amigo para as drogas?

Não tenho amigos.

(Ui! E quem são esses idiotas que te cercam?)

Tem alguma mensagem a transmitir para quem ainda não entrou nesse mundo?

Cada um faz da vida o que quer, mas faça suas escolhas, consciente que terá consequências.

(Sem comentários)

O que tem a dizer para as pessoas sobre o seu vício?

Não sou viciado. Mas quando você usa, acredita que a coca aumenta a sua percepção, que lhe permite se superar, que te deixa capaz de controlar tudo. Mas isso é meio que ilusão, um completo disparate. Após algum tempo, a vida meio que perde a graça e eu, praticamente, abandonei minha família por ela. Às vezes, me sinto indefeso e solitário, mas faz parte.

(Sua franqueza me faz sentir uma idiota)

Já tentou ou tem a intenção de parar?

Não. Quero morrer usando coca.

(O quê? Você é idiota)

Tem algo que odeia em relação às drogas? Ou que te afeta por usar?

Odeio o fato das pessoas me olharem como eu fosse apenas um viciado ou quando elas me chamam disso pelas costas. Elas se esquecem de que, antes de tudo, somos seres humanos e devemos ser tratados com respeito. E, no fim das contas, compro com meu dinheiro. Trabalho para isso e não devo satisfações a ninguém!

A sua última resposta é como um soco na boca do meu estômago. Ele me deu uma entrevista e, no fim, eu sou apenas mais uma daquelas pessoas que falam assim dele.

Sinto-me uma completa idiota por todo o deboche. Ele me fez um favor e eu o devolvo com ironias.

Passo todas as respostas para o meu notebook e envio-as para o meu professor. Fico jogada na cama me sentindo um lixo por ter falado isso dele. Maycon é um viciado, e algo que aprendi sobre eles é que nunca admitem o vício, ainda sim, isso não me dá o direito de falar mal dele ou criticá-lo.

Pego a agenda e continuo a reler as perguntas e as respostas. Maycon parece ser uma pessoa direta e seca, mas sincero. Apesar de todo o questionário ter acabado com três folhas, sei lá por qual motivo viro a página e minha consciência quase me mata quando leio:

Ps: Muito prazer, caso precise, estou ao seu dispor, Maycon S.

Agora, definitivamente, me considero um monstro humano, um lixo. Tenho que começar a rever meus conceitos para não cometer erros estúpidos como esse. Mas, graças a Deus, ele não pode ler meus pensamentos.

A semana passa e, finalmente, o professor anuncia as notas e não me surpreendo quando ele me elogia pelo excelente trabalho. Sei que deveria ter, no

mínimo, a decência de agradecer ao Maycon, apesar de não ter revelado seu nome. Como havia prometido, mantive a sua integridade, colocando apenas um nome fictício.

Na sexta, Keven me chama para acompanhá-lo a uma festa com a galera da faculdade. É em um bar que um ex-calouro está abrindo, não muito longe do centro da cidade.

Nunca gostei de tumulto e tudo que engloba festas de faculdade, mas, como sempre, eu não tenho nada para fazer, então aceito ir. Acho estranho o fato dele não levar a namorada. Contudo, não tenho nada a ver com a vida amorosa do meu colega de quarto. Não me atrevo a questioná-lo. Saímos à meia-noite. Detalhe, se não fosse por essa ocasião, eu dormiria.

Chegamos e quase tenho um infarto. Keven exibe um sorriso enquanto tento respirar. Olho à minha volta e percebo que todos estão bebendo, ou quase fazendo sexo, ou usando drogas. Se não, os três juntos. Os jogos de luzes me cegam. Algumas garotas estão quase nuas e uma fumaça branca está me sufocando, provavelmente, devido à minha asma. Ainda assim, não quero ser antissocial.

Passado o primeiro momento de pânico, sento-me perto da bancada do bar. Keven desaparece na multidão, prometendo voltar para me levar de volta ao Campus. Como estou de carona com ele, fico sem opção e tenho que esperar.

O barman aproxima-se. Eu juro que pediria um suco, mas aqui, provavelmente, não tem. Então, será uma batida de frutas mesmo.

Tem um palco montado, tudo indicando que uma banda tocará. A música eletrônica para. Uma garota, com cabelo escuro e longo, vestindo saia e top preto, que, por sinal, deixa os seus seios fartos quase para fora, aparece. Seus olhos são grandes e azuis, tem uma maquiagem pesada e algumas correntes. Suas botas são lindas, não poderia deixar passar em branco essa observação. Ela pega o microfone e acho que pode ser a vocalista da banda. Isso fica evidente quando o restante dos músicos do conjunto sobe ao palco. Carinhas bem bonitinhos, apesar das roupas de *maloqueiros*. Tudo parece estar pronto, até ouvi gritinhos eufóricos das garotas próximas ao palco.

Agora, adivinhem: quem é o guitarrista? Isso mesmo, Maycon Sebastian. Que surpresa! Será interessante vê-los dar um show, visto que eu nem sabia que ele tem uma banda. Talvez isso contribua ainda mais para o seu sucesso com as garotas — isso e o seu estilo largado parecendo um animalzinho carente pedindo ajuda.

Ele inicia os solos de guitarra e escuto mais gritos. Porém, Maycon está alheio a eles. A garota começa a cantar e sua voz é doce, o oposto ao som pesado do rock que a acompanha. Além dela e de Maycon, existem mais dois componentes,

um no baixo e outro na bateria. A garota se vira e divide seu microfone com Maycon que a acompanha nos refrões. Parecem ser íntimos. Não sei por que, mas isso me traz um desconforto.

— Tocam muito bem, não é?! — Keven aparece, gritando do meu lado. Sorrio e confirmo.

— Tocam sim, muito bem. As letras são ótimas e todos aqui parecem conhecer!

— Tocam juntos há uns quatro anos. As músicas são do Maycon — ele responde, fazendo movimentos com a cabeça acompanhando a música.

— Quem é a garota? — pergunto, tentando parecer indiferente.

— Namorada dele. Se chama Jayde. Gostosa, né?! — Ele afirma, dando um sorriso safado.

— Como assim? Ele fica com tantas na faculdade.

— Bom, eles moram juntos. Não sei bem o que significa, mas é isso — encolhe os ombros.

Sinto um leve desapontamento que nem eu mesma sei o porquê. Eles tocam mais algumas músicas, e assim que o show termina, as músicas eletrônicas voltam a ser tocadas. Quando olho para o lado, percebo que Keven já havia desaparecido de novo.

Maycon e a banda passam por mim e, apesar de olhar em minha direção, ele parece diferente do cara do “oi” de alguns dias atrás. Jayde parece animada. Vira-se e dá alguns beijos nele. Uma música dançante que faz apologia às drogas toma conta do ambiente e todos dão gritos, demonstrando a aprovação à sua letra. Aquilo é demais para mim e decido ir embora. Pago minha bebida. Não tomei nem a metade, mas já me deixou com a cabeça doendo.

Quando pego o meu troco, coloco-o no bolso da minha calça jeans e viro-me para o lado, logo percebendo que Maycon não está mais com seus amigos. Dou alguns passos para onde tenho certeza que é a saída. Esbarro com uma garota, contudo, o jogo de luzes atrapalha a minha visão e não consigo ver muita coisa. Viro-me para pedir desculpas e levo um choque com o que vejo: Jayde está aos beijos com outra garota. Fico sem entender ou saber se estou vendo direito. Peço desculpas e sou ignorada. Então, sigo o meu caminho.

Finalmente, consigo sair daquele inferno. Dou uma boa respirada. Meus pulmões precisam disso.

Caminho mais alguns passos para longe do tumulto. Pego meu celular e vejo que são três e meia da manhã. Não suporto mais. Ligo para Keven, mas é inútil, pois ele não atende. Pego meus trocados e começo a contar na esperança débil de ser o suficiente para pagar um táxi. Não é, como eu já sabia. Escoro-me em um carro. Estou com dor de cabeça, com fome e sem carona. Ótimo.

— Era tudo que precisava para hoje — murmuro.

Respiro fundo novamente e coço a cabeça. Estou a ponto de chorar. Tenho dezenove anos e chorarei feito uma menininha. Tento ligar para Keven mais uma vez.

— Merda, Keven, me atende! — Esbravejo mais alto do que gostaria.

— Se Keven for o cara que chegou com você, ele foi embora — escuto a voz do Maycon e o vejo vindo em minha direção. Sorrio, achando que ele realmente caminhava em minha direção, mas me desaponto quando ele aperta o alarme e abre o carro.

Eu estou escorada no carro dele.

— Desculpa — digo, dando alguns passos para frente.

— Esse ambiente não combina com você, garota. O que faz aqui?

— Vim com um amigo.

— O que te deixou pra trás?

— Sim — resmungo.

— Onde você mora?

Ele pergunta e isso me assusta. Penso em uma desculpa idiota.

— Ah, não se preocupe, vou a pé. É perto — retruco, sem graça. — Então, tchau — aceno e dou um sorriso.

Sabe aquele ditado: *antes só que mal acompanhado*? Bom, eu o sigo.

— Onde você mora? — ele pergunta mais uma vez e sua voz está mais perto do que antes. Viro-me e dou de cara com Maycon, próximo demais para a minha segurança.

— No Campus — respondo, nervosa.

— Puta que pariu! — Ele ri.

— Por que está rindo?

— Tem noção do quanto vai andar? — indaga, incrédulo.

— Não exatamente, mas eu gosto de andar.

— Tudo bem, boa caminhada, então — ele sorri, dá meia volta e entra no carro.

Começo a minha caminhada de volta ao Campus, a rua está deserta. Vejo um farol vindo em minha direção; é ele. Agora, estou me assustando de verdade.

— Ei? — ele para do meu lado e eu congelo pensando em qual momento é o melhor para correr. Não há pessoas, não tem nada para me proteger e eu, definitivamente, estou perdida.

— Oi.

— Você está bêbada? — ele pergunta, me examinando.

— Não, completamente sã, o que significa que me lembrarei de tudo amanhã e posso denunciar você...

— O quê? — diz, confuso.

— Nada. O que você quer, hein?

— O Campus fica para o outro lado. Você, provavelmente, saiu na porta errada — ele diz e sorri.

Ouçoo suas palavras e tento segurar as lágrimas. Merda, não sei para onde ir e tem um estranho me dando informações que nem sei se devo acreditar.

Passo as mãos no cabelo, frustrada. Está frio e estou apenas de camiseta. Viro-me de costas, tentando não admitir meu erro. Todas as minhas frustrações sobem à minha cabeça. Começo a correr.

Nem sei por que estou correndo, mas, no momento, parece ser aquilo que preciso. Corro o máximo que posso. Tropeço nos próprios pés e caio feito uma abóbora.

Sento-me no meio da estrada, parecendo uma criança birrenta. Olho para o lado e me assusto quando o vejo bem próximo.

— Você usa drogas? — ele pergunta, curioso.

— Não! — Respondo furiosa.

Maycon dá mais alguns passos em minha direção.

— Qual é o seu problema?

— Não tem problema, só quero que me deixe em paz. Por que está me seguindo?

— Você é louca? Não estou te seguindo, moro há cinco quadras daqui. Estou indo para minha casa.

Começo a chorar. Agora, me sinto totalmente idiota.

— Ei, não precisa chorar por causa disso, né? Me ajuda aí! — Ele me diz, tentando esconder o riso e isso me mata de raiva.

— Não estou pedindo sua opinião.

— Ok, tchau. — ele desaparece e, após alguns segundos, passa a mil com seu carro.

Paro sem saber em qual direção continuar. É melhor ir contra a direção do viciado de merda que me viu cometer o maior mico da minha vida.

Provavelmente, serei notícia na faculdade assim que o dia amanhecer. Continuo andando mais alguns minutos. Não percebo, devido às lágrimas, mas um carro parou ao meu lado.

— Entra aí, vou te levar de volta — é ele novamente.

— Não, obrigada.

— Jura que, após dar esse show, ainda vai fazer pirraça?

— Vai para o inferno.

— Ah, vai à merda, garota! Entra logo nessa porra de uma vez! — Ele diz irritado.

— Para sua informação, não entro em carro de estranhos — retruco, irônica.

— Ok, então dorme na rua — ele começa a arrancar o carro.

— Não, tudo bem, aceito a carona.

— Não é carona, não. Não estava indo para o mesmo lado que você, isso se chama caridade — ele sorri, sarcástico.

Entro no carro. Ele arranca.

— Vou te matar agora — ele diz e me olha para ver minha reação. Fico pálida até ele começar a rir.

— Idiota.

Digo e acabo sorrindo. Maycon corre, mas corre tanto que me faz questionar se não era melhor ter ido a pé mesmo. Chegamos em questão de minutos. Vou saindo, quando ele segura minha mão.

— Não me leva a mal, mas você não faz meu estilo, então evite esses tipos de encontros — ele sorri e pisca para mim.

— Graças a Deus por isso — digo, abrindo a porta.

— Vai pela sombra, garota — ele sorri.

— Obrigada pela carona, mesmo que não tenha sido uma.

— Sem problemas. Agora, dá para fechar a porta? Trabalho hoje, assim que o dia amanhecer — Fecho a porta e ele acelera.

— Você trabalha? Como assim? — falo, pensando alto, mas seu carro já está longe o suficiente para que ele não escute.

Sorrio ao me lembrar da cena patética que ele presenciou. Entro no quarto. Caio na cama, tentando aproveitar as poucas horas de sono e logo sinto meus olhos pesados. Amanhã será um novo dia...

Capítulo 3

Ai, meu Deus! Aconteceu mesmo?

O fim de semana passa e não encontro com Keven. Ele me liga, mas, movida pela raiva, não o atendo. Ele está com Any. Tento não pensar em tudo que aconteceu e me concentro em meus estudos. Finalmente, a segunda chega.

— Acorda, dona preguiça! — Escuto a voz de Keven me chamando.

— Me deixe em paz, Keven — murmuro.

Keven, Keven... Ah, o Keven. Logo sou desperta com as lembranças do que aconteceu na sexta. Levanto-me com uma imensa vontade de socá-lo por conta disso.

— Keven, seu idiota! — Grito com raiva e empurro-o na cama.

— Ei, calma. Foi mal por sexta. Aconteceu um imprevisto — ele diz, sorrindo e tentando se safar.

— Surge um imprevisto e eu é que me dane, né?! Foi a primeira e a última vez. Nunca mais saio com você — falo, apontando-lhe o dedo como ameaça, mas logo dou um sorriso ao ver a cara dele de assustado.

— Para, Elena, não é pra tanto. Tá viva. Sobreviveu a uma noite longe do seu campo de segurança. Já pode se considerar adulta — ele retruca, sarcástico, e também sorri.

— Idiota. Mas, realmente, você tem razão. Graças à minha imensa habilidade de sobrevivência, estou sã e em segurança.

— Imagino... Quem te trouxe? — ele me olha, zombeteiro.

— Vim sozinha — digo séria.

Jamais admitirei que, se não fosse por Maycon, era bem capaz de eu ainda estar na rua e, para piorar, chorando.

— Então, estamos bem?

— Não, não estamos bem. Não saio mais com você e ponto final.

Keven fica calado.

— Desculpa, foi mal mesmo. Sinto muito, no fundo, sabia que você se sairia bem. Mas estou curioso, quem te trouxe?

— Não é da sua conta — bufo ríspida e me levanto para me preparar para as aulas.

Fico tanto tempo enrolando no banheiro, que quando olho as horas, constato que estou atrasada.

— Keven? — chamo-o e tenho o silêncio como resposta. Arrumo-me o mais rápido que consigo.

Pego minha bolsa, meus livros e saio correndo. Tenho uma aula de psicofarmacologia e não posso perder. Entro como um furacão, não querendo ser notada, mas sendo, de qualquer forma, pelo meu desespero. Só eu mesmo para estar desesperada para assistir a uma aula de Psicofarmacologia.

Chego no tempo certo, mas só me restam os últimos lugares para escolher. Sento-me em qualquer cadeira. Rebeca, uma colega de classe, se acomoda ao meu lado. Damos um sorriso e o professor inicia a aula. Estou distraída fazendo anotações, mas meu lápis cai. Antes que eu possa pegá-lo, alguém me entrega e eu pego sem ao menos olhar. Sussurro um "*obrigada*" que, provavelmente, só foi ouvido por mim, mas está valendo. Esse alguém arranca uma risadinha da Rebeca, mas eu pouco me importo até a aula terminar e ele pedir licença. É o Maycon. Não acredito! Ele sentou dois bancos ao meu lado e eu nem o notei.

— Que garota concentrada você é — ele sussurra e minha cara vai ao chão de vergonha. Vergonha por nem sequer agradecer direito e, mais ainda, por lembrar-me do desastre de sexta.

Antes que possa tentar pronunciar algo, ele desaparece. Fico em silêncio. Silêncio que é quebrado por Rebeca.

— O conhece? — ela pergunta, sorrindo.

— Não, quer dizer, só de vista, como a maioria. Por quê?

— Ele não parou de olhar para você. Olhava de um jeito que parecia que se conheciam. Dava umas risadinhas.

— Estranho, não faço ideia do motivo. Falando nele, a propósito, sabe o que ele cursa? É a primeira vez que o vejo aqui... — digo, tentando não demonstrar nenhuma emoção. É óbvio que ele olhou para mim se lembrando do meu mico. Que vergonha!

— Medicina.

— O quê? Eu estudei muito para cursar Psicologia, e como assim você vem me dizer que ele estuda Medicina?

— Sim — ela sorri.

— Duvido que tenha feito vestibular. Não é mais inteligente que eu — falo, com ironia.

— Fez e passou em um dos primeiros lugares — ela debocha de mim.

— Conta outra. Lógico que foi falcatura.

— Qual é o seu problema? Acha que ele não tem capacidade de passar em um vestibular? Por quê? — ela pergunta, um tanto revoltada.

— Não, não quis dizer isso, eu...

— Sabia que foram os pais dele quem implantaram os sistemas de bolsa para alunos carentes? — ela me pergunta, jogando-me uma bela indireta. Engulo em seco e tento me safar mudando de assunto.

Após mais algumas aulas, saímos para o intervalo. Meu estômago está berrando e corro para o refeitório para comprar um lanche. Sento-me no primeiro lugar vazio que vejo. Há duas garotas sentadas próximas, mas elas saem assim que sento. Não ligo para isso, pois estou aqui apenas para estudar.

Não demora muito e o senhor popular aparece. Quando passa por mim, finjo não o ver e encaro meu livro. Só então, percebo que, por algum motivo, estou prendendo a respiração. Minhas mãos suam frio ao senti-lo olhar para mim.

Não olho; fico paralisada desejando que ele vá embora. Para despistar, pego o ketchup, espremo-o, e não sai nada. Espremo novamente e nada. Forço e acabo fazendo besteira ao não perceber que estava quase aberto. Como resultado, deixo cair molho em cima do meu livro, na minha blusa e na mesa. Estou tão envergonhada e, agora, mais pessoas olham para mim.

— Tudo bem? — Maycon senta-se do meu lado e me ajuda a limpar a bagunça.

Ficamos em silêncio.

— Você é muito desastrada, sabia?

— Acontece com todo mundo.

— Não, você não é uma desastrada normal. Vai além disso, entende?

Fico em silêncio.

Sério que estou ouvindo isso de você? — Desprezo-o.

As mãos dele tocam as minhas e sinto faíscas. Estou nervosa demais para encará-lo. Maycon está do meu lado, todos estão olhando e eu, simplesmente, o ignoro por não ter coragem de sequer responder. Terminamos e, por fim, olho-o para agradecer.

— Obrigada — digo, um pouco ofegante.

— Conhece a Jayde?

Respiro algumas vezes para conseguir responder.

— Sua namo... A cantora — digo, enfim, e ele sorri. Volto a olhar para minhas mãos.

Provavelmente, estou vermelha como um pimentão. Acho que ele percebe meu desconforto e parece se divertir com isso.

— É, ela mesma. Bom, vamos dar uma festa no sábado e talvez você queira ir. Olho para ele, sem jeito.

— Obrigada mesmo, não só pelo convite, mas por tudo que fez por mim até o momento — sorrio, sem graça.

— Então, você vai? — ele pergunta com o mesmo sorriso perfeitamente lindo. Não estou mais suportando ter a atenção de todos, eu realmente odeio isso e sei que o motivo é o fato de ele estar ao meu lado. Não penso para falar e apenas deixo as palavras saírem.

— Maycon, me desculpa. Eu não quero ser rude, mas olha para mim e olha para você. Não curtimos as mesmas coisas e, cá entre nós, não estou interessada em ser da sua turma — respondo. Quando volto a olhar para ele, vejo que seu sorriso se tornou sem graça.

— Desculpa. Só achei que... Quer dizer, esquece. Você tem razão — levanta-se e sai, decepcionado.

Recupero-me e percebo a mancada que acabo de dar. Levanto-me rapidamente e vou correndo atrás dele. Só o alcanço quando ele está prestes a entrar em seu carro.

— Maycon, me desculpa — digo, parando em frente à porta do carro.

— Por quê? Foi sincera, não precisa se desculpar, não anda com pessoas como eu, já entendi... — retruca e percebo que ainda está magoado.

— Olha, eu... Tem cinco minutos? — pergunto a ele, ainda tremendo. É horrível o fato de parecer uma gelatina perto dele. Tão desajeitada.

— Não.

— Por favor?

— Não tenho, mas, se quiser, posso te dar esse tempo mais tarde — diz, entrando.

— Qual horário?

— Às nove da noite, sei lá, por aí... — liga o carro, mas não arranca. Volta a me olhar. Sorrio feito uma boba. Ele me encara por um tempo.

— Pode me dar licença, está me atrapalhando para sair. Já disse que estou sem tempo.

— Ah claro, desculpa — *Que droga, sou tão lerda.*

Saio andando e volto para meu quarto.

As horas passam, estou ansiosa. Não sei o motivo, pois não é um encontro. É apenas um pedido de desculpas formal de cinco minutos. Olho o relógio. Nove. Nove e meia, dez...

Ele se ofendeu e é possível que não venha. Troco de roupa. Keven está com a namorada. Isso está virando rotina, mas não é da minha conta. Confesso que sinto um desapontamento que chega a ser uma dorzinha no peito por Maycon não ter vindo.

Olho a janela. Começa a chover. Detesto tempestade e, aqui, isso é muito comum. Eu sinto um certo medo, principalmente quando estou sozinha.

Acordo com alguém batendo na porta; olho as horas, são onze. *Que merda!* Abro com desdém e, na minha frente, está Maycon.

— Ainda quer os cinco minutos? — ele sorri enquanto segura um cigarro aceso entre os dedos. Dá a última tragada e o joga no lixo próximo à porta.

— Você disse nove, agora são onze — retruco, ainda irritada por ter meu sono

interrompido.

— Se não quer, é só dizer que não. Não tem que ficar questionando.

Maycon está com uma blusa preta de moletom com capuz, um bermudão, uma touca — esse parece ser o acessório que mais usa — e tênis.

— Só um minuto, vou trocar de roupa e volto — fecho a porta e, após cinco minutos, estou com aquela mesma sensação de quando fico na frente dele.

— Pode falar!

— Falar o quê? — pergunto, confusa.

— Não me pediu cinco minutos hoje cedo?

— Ah é... — respondo, atrapalhada. — Bom, desculpa por hoje. Expressei-me mal.

Começamos a caminhar dentro do Campus.

— Tem algum problema comigo? — ele, como sempre, pergunta direto.

— Não. Você, provavelmente, vai rir disso. Acho que estou parecendo uma idiota e sempre fico assim perto de você.

Ele ri.

— Por quê?

— Você é legal, é gentil, mas ainda sou um pouco ingênua quanto à verdadeira intenção das pessoas. Não sei por que, mas, agora mesmo, eu não consigo encontrar as palavras certas para te explicar. É tão confuso.

— Você é insegura.

— Realmente sou, tenho que me sentir segura para confiar e sair com alguém.

— E é difícil conseguir que se sinta segura?

Ele para, vira-me em sua direção e olha em meus olhos.

Congelo novamente. Ele mantém as mãos em meus ombros. O tempo para e continuo, simplesmente, olhando em seus olhos. Juro que consigo me ver dentro deles.

— Não vai me responder?

Observo ele mexer os lábios e sinto vontade de beijá-lo.

— Tem que me provar algumas coisas primeiro.

Ele me dá um sorriso lindo.

— Sério?

Confirmo com a cabeça.

— Que coisas?

— Deixe-me ter certeza que você vai me manter segura, que vai respeitar meus limites, e que...

Ele me interrompe.

— Isso tudo só para sair com você? — me olha, confuso.

— Sim, e só sair mesmo. Não vai rolar beijo depois — digo, séria.

— Nossa, foi criada num convento?

— Não. Só não sou como essas garotas com quem você está acostumado a sair.

— Sei que não, qualquer um percebe quando olha para você.

— Bom! Já tive meus cinco minutos. Obrigada, vou dormir — digo, me virando em direção ao meu quarto.

Ele me puxa pela cintura e eu perco o chão ao senti-lo me tocar.

— Teve seus cinco minutos. Agora eu quero os meus.

Maycon segura na minha mão e me leva até seu carro.

— O que está fazendo?

— Entra!

— Não!

— Vou te provar que está segura comigo.

— Não funciona assim — falo firme e tudo vai por água a baixo quando olho em seus olhos. Ele é o ímã, e eu, a droga de um ferro.

— Tenho uma leve impressão de que não preciso de muito para te convencer — fala e me olha de relance.

— Está tão óbvio assim? — sussurro, envergonhada.

Entro no carro e ele segue algumas ruas. Sei que tem uma mata do lado oposto da faculdade. Chegamos a ela e adentramos um pouco. Ele para.

— Se sente insegura?

— Não. Não é assim!

Ele sai do carro. Faço o mesmo. Começo a observar a estrada e a chuva fina que cai do céu escuro. Ele deita sobre o capô do carro.

— Vem aqui.

— Não, lógico que não.

— As estrelas estão lindas. Você vai perder se não vier.

— Não tem estrelas. Está chovendo.

— Sempre tem. Mesmo que você não as veja, elas estão lá.

Não protesto e deito ao seu lado. Ficamos olhando as estrelas invisíveis. Penso que, talvez, isso seja coisa de viciado em alucinações.

Ele se vira e sinto sua respiração em meu rosto. Mantenho meus olhos fixos no céu. Maycon apoia a cabeça em seu braço e fica apenas me observando.

— Você tem olhos tristes. Acho que é porque tem medo de tomar certas atitudes. Entendo você, sei que é difícil criar coragem em um mundo cheio de pessoas para te julgar e sacanear.

— Acho que todos têm inseguranças.

— Verdade.

Ficamos algum tempo olhando as estrelas que não consegui enxergar. Maycon

desce do capô do carro, me ajuda a descer e me leva de volta. Chegamos e, antes do último tchau, ele pergunta:

— Tem cinco minutos amanhã? — sorri.

— Acho que sim, mesmo horário?

— É, pode ser...

Ele vai e me deixa com aquela sensação de saudade. Acabo de vê-lo e já estou com saudade.

Meu Deus, o que está acontecendo comigo?

Maycon, definitivamente, não é o cara certo e nunca vai ser.

Por que continuar com isso? — pergunto-me, mas acho que nem eu mesma sei a resposta.

A semana segue. As poucas vezes que nos encontramos nos corredores da faculdade, damos apenas um sorriso discreto. Mas à noite, sempre depois das onze — nunca às nove ou às dez —, conversamos bastante. É estranho, pois ele, nesse momento, não é o cara da faculdade, não é o viciado que tanto repudio. É apenas o Maycon, o cara que me faz sentir bem. Muito bem por sinal.

Quando a sexta-feira finalmente chega, os cinco minutos passam a serem horas. Vamos sempre para o mesmo lugar, e lá, tenho aquela sensação de familiaridade com ele. Conversamos sobre tudo, menos sobre drogas. Nesse momento, ele é apenas o Maycon. Lógico que os rumores na faculdade começaram, mas eu pouco estou me importando com eles. Sinto-me bem, bem demais, e não quero perder isso.

— Hoje tem estrelas — digo e ele sorri.

— Sempre tem, garota.

— Elena — Sussurro próximo a ele.

— Ainda prefiro garota.

— Por quê?

— Não sei dizer.

— Jayde sabe que tem vindo aqui comigo?

— Não devo satisfações a ela. Moramos juntos, nada mais.

Maycon segura minha mão, escorrega pelo capô, me puxando junto, e me abraça. A sensação é ótima. Pela primeira vez, sinto que encontrei meu lugar e sinto-me segura nos braços dele.

— Às vezes, eu me sentia um pouco... Solitária. Com saudade de casa.

Ele sorri.

— Normal para uma garota da sua idade.

— Não sinto mais. Acho que você preencheu essa minha carência.

Ele passa as mãos em meus braços e os sente frios. Tira sua blusa e a veste em mim. Vira-me para olhar em meus olhos e me puxa para perto. Perto demais. Sinto sua respiração. Estou olhando em seus olhos. São verdes. Ele tem os olhos verdes mais bonitos que eu já tinha visto até então. Nesse momento, o mundo se apaga e a única coisa que sinto somos nós dois. Não há carros, estrelas ou outras pessoas, mas apenas nós. Começo a duvidar se é real. Dentro de mim, uma explosão de sentimentos se inicia. Começo a ofegar. Ele se aproxima. Toca meu rosto delicadamente e sinto seus lábios tocarem os meus.

Afasto-o em contrapartida. Viro-me de costas.

— Até quando vai deixar prolongar isso? — ele me pergunta, vira-me e olha novamente em meus olhos.

— Achei que era amizade — digo, tentando me recuperar desse momento mágico.

— É só amizade para você?

— Sim — respondo de imediato e meus olhos denunciam a mentira.

— Tenho certeza de que não estou sendo rude, mas essa atitude sua está acabando comigo. Está arruinando tudo. Qual o problema? Fiz alguma coisa errada? — ele me questiona, serenamente.

— Não. É que disse que não teria beijo — falo, desajeitada e ofegante.

Ele sorri.

— Não teve, não ainda — Maycon me puxa, fazendo nossos corpos se chocarem.

Ele não me olha como antes, apenas inicia um beijo voraz. Com avidez, sua língua entra na minha boca e sinto seu piercing passear à vontade por ela. No momento, acho que vou desmaiar e perco os sentidos. Começo a achar que estou flutuando. Perco e recupero a consciência lentamente, passando a ter mais controle sobre mim mesma. O beijo continua, e é tão delicioso e intenso. Suas mãos saem do meu rosto e passam delicadamente para minha cintura. Ele continua, mas, assim que o sinto descer um pouco mais, me apertando, empurro-o.

— Tudo bem, tudo bem. Parei — ele sussurra, colocando as mãos para trás e deixa transparecer um sorriso torto.

— Você é um safado.

— Esperei uma semana para te dar um beijo e ainda sou xingado de safado! Como assim?

Dou um sorriso ao ver a carinha dele de criança sapeca.

— Tudo bem — rio.

— Deixe-me conferir se você não engoliu meu piercing. Ah não, ele ainda

está aqui — ele fala, colocando a língua para fora.

— Ai, você é chato! Que nojo.

— Você adorou.

Sorrio e fico em silêncio.

— Vai à minha festa amanhã?

— Não sei, convidou muitas pessoas?

— Só você! Jay que sempre chama.

— Não vai ganhar pontos comigo por causa disso — sorrio torto.

— Já sei disso.

Viro-me de costas, dou alguns passos e ele vem em minha direção, dando-me um abraço bem gostoso por trás. Ele se escora no carro e me faz ficar assim, sentindo como ele está “empolgadinho”. Começa a beijar meu pescoço e é lógico que eu adoro, ainda mais pelo fato de sentir sua ereção, o que me excita. Mas recobro a consciência e me afasto.

— Maycon, para.

— Parar com o quê?

— Você sabe — digo, sarcástica.

— É normal. Não seria normal se não desse sinal de vida, não acha?

— Aham. Não estou muito preocupada com isso. Não agora.

Ele olha para o lado, coloca as mãos nos bolsos da calça e fica perfeito nessa posição. Chego perto e tiro a sua touca, revelando seu cabelo liso e desfiado na altura do queixo.

— Por que só fica de touca?

— Porque me acostumei. Qual o problema? Não gosta?

— Prefiro sem — faço biquinho.

— É só você não usar. Que tal mais um beijo?

Aproximo-me e ele me dá outro beijo gostoso, mas, quando tenta mais uma vez passar da linha, o afasto.

— Já entendi — ele sorri e coloca a ponta da língua para fora, dando uma leve mordidinha com charme, sorrindo.

— Terão regras.

— O quê? Por quê?

— Vamos namorar e vai ter que se comportar.

— Espera aí. Como assim, vamos namorar?

— O que você pretende? Aproveitar e depois cair fora?

Ele me olha, pasmo.

— Estamos em pleno século vinte um e você quer namorar?

— E ser a única também.

Ele fica em silêncio.

— Dá para rebobinar a fita, voltar esse beijo e sermos só amigos? — Maycon me olha sério. Fico sem graça.

— O quê?

Ele sorri e me puxa para um abraço apertado.

— Vou aceitar namorar com você, mas só dessa vez — ele pisca.

— Que horas são?

Ele pega o celular.

— Três e quarenta e sete.

— Ai, meu Deus! Tenho que ir — digo, apressando os passos, quando me dou conta de que vamos de carro. Ele está parado com a porta do passageiro aberta.

Entro, ele dá a volta e entra. Olha-me, segurando o riso. Quando faz menção de dizer algo, o interrompo.

— Não fala nada.

Ele concorda com a cabeça e, em questão de minutos, estamos de volta. Antes de sair do carro, ele me dá o último beijo.

— Quais músicas você gosta? — pergunta.

Aceno negativamente.

— Banda, cantor? Estilo musical?

— Não.

— Ah, qual é? Diz apenas um...

— Tudo bem, Abba Teens — sorrio.

— Ah, meu Deus! Por que fui perguntar. Isso ainda existe? — ele diz, afundando a cabeça no volante. Ainda escorado nele, volta a me olhar.

— São legais, tem estilo.

— Com certeza, o estilo da minha avó — diz, sarcástico.

— Já vou — dou-lhe um beijo no rosto e ele faz uma careta. Saio do carro.

— Vai pela sombra — diz e arranca o carro, que, por curiosidade, olhei na internet e descobri ser um Chevrolet Opala, turbinado, segundo ele. De fato, é muito conservado para um modelo antigo, considerando que, por dentro, ele é totalmente moderno e novo.

Entro e vejo que Keven já chegou e está dormindo. Faço o mínimo de barulho possível. Amanhã é a festa, ou melhor, hoje!

Antes de tentar impedir, flashes de memórias vêm à minha mente, especialmente do nosso primeiro beijo, que foi perfeito. Começo a suspirar, relembrando o momento.

Capítulo 4

Festa! Isso é festa?

Acordo pela manhã com um sorriso bobo no rosto. Levanto-me e Keven já está no computador. Normal!

— Bom dia! — Ele se aproxima e me dá um beijo no rosto.

Keven foi a primeira pessoa que se aproximou de mim. Na verdade, da maneira dele, foram poucos. Mas somos apenas amigos e ele entende isso bem. Acabamos dividindo o quarto, o que não é bem visto aos olhos das pessoas, mas algumas faculdades já aceitam isso. No início, gerou uma encrenca com a namorada dele. Porém, depois que ela me conheceu, parou de dar chlique. Ele é bonitinho, pratica esporte, é um cara do bem e, apesar do incidente daquela festa, gosto dele.

— Bom dia! — Respondo e dou um sorriso.

— Tem planos para hoje?

— Com você, nenhum — digo direta e dou meu sorriso nada discreto.

— Ai! Podia continuar o dia sem essa, sabia? Trouxe um chocolate quente para você — ele sorri e eu agradeço pegando o copo. Ele continua. — Vai rolar uma festa na casa do Maycon hoje, sabe alguma coisa a respeito disso?

Ele me joga um olhar 43.

— Sério? Eu? Elena Tyner saber algo a respeito de Maycon?

— Ah! Corta essa Elena. Todo mundo sabe que vocês estão de rolé para cima e para baixo. Está fumando um baseado com ele, é?

— Hã! Não tem graça, idiota... — finjo desprezo.

— Foi convidada?

— Você foi convidado?

— Eu? Só no sonho, acho que no máximo chamaram uns seis, ou melhor, seis garotas.

— Sério?

— É o que está rolando por aí.

— Bom, meu caro, sinto desapontá-lo, mas não sei nada a respeito disso.

Aproximo-me e finjo dar um murro em seu peitoral.

— O que vocês dois andam conversando, hein?

— Está com ciúme ou curioso? — arqueio uma sobrancelha esperando a resposta.

— Ciúme? Ah, fala sério, Elena! Só curioso. Vocês são opostos. Cuidado! É inocente, se cair na lábia dele, já era.

Ele sorri.

— Não sou tão inocente!

Levanto-me e ligo o som do Keven no último volume... *Oops! I Did it again!* (Britney Spears) está tocando.

Começo o meu show fingindo cantar e imito a Britney na frente do Keven, que dá risadas do meu mau desempenho, piorado ainda mais porque estou em um pijama de moletom rosa bebê.

— Ok! — ele se levanta e começamos a dançar iguais a dois malucos.

Damos risadas idiotas até ele me pegar no colo para fechar com chave de ouro o nosso espetáculo.

De repente, alguém abre a porta, e é Any. Keven a olha e já era Elena, sinto apenas a queda brusca ao encontro do chão duro.

Levanto-me sem protestar, desligo o som e corro para o banheiro, deixando-o se entender com ela. Com certeza, não foi uma cena muito legal de se ver. Saio só depois que não escuto mais vozes. Não vejo Keven nem ela. Olho-me no meu espelho próximo à cabeceira da cama. Hoje é sábado, não tenho aula e estou animada. Ótimo!

O tempo passa. Vou almoçar e nada de ver o Keven novamente. Mando uma mensagem de desculpas e ele me retorna dizendo que está tudo bem. Foi com Any passar o fim de semana na casa da sogra.

Melhor, o quarto será só meu, como todos os fins de semana. — bufo.

As horas passam. Tiro um ótimo cochilo na parte da tarde e as horas continuam voando. Acordo apenas às seis e meia. Levanto ainda meio sonolenta. Tomo um banho, seco os cabelos e tento fazer cachos, detesto esse liso sem graça deles.

Escolho um vestido preto tubinho na metade das coxas. Nada sexy, sou magra, sempre fui. Não sou estilo Jayde gostosa. Queria ser, mas sou inteligente e isso conta para mim.

— Que desculpa nada a ver... Que idiota! — Falo, olhando meu reflexo no espelho.

Sento-me na cama e volto a me lembrar do Maycon, na verdade, pensei nele o dia todo. Imagens perfeitas de nós vêm à minha mente a todo o momento e me arrancam um sorriso bobo. Já estou pronta há dez minutos e olho-me, verificando se estou do jeito que desejo.

Vestido preto? Ok.

Cabelo meio cacheado? Ok. Até quando? Só Deus sabe; sandálias de salto não muito alto? Ok.

Maquiagem leve e... Linda?! OK — sorrio, piscando para mim.

Olho o tic-tac do relógio. Nove e meia e nada.

Às dez horas, escuto baterem na porta. Dou uma leve ajeitada no quarto porque, sim, mesmo sozinha, faço bagunça. Pego minha bolsa, retoco o batom e dou um lindo sorriso para o espelho. Abro a porta cheia de autoconfiança, até ver Maycon.

Ai, meu Deus, ele é tão lindo! — Penso enquanto o olho.

— Oi — dou um sorriso.

— Oi — Ele retribui e me dá um beijo no rosto.

— Chegou cedo — digo, irônica, enquanto tranco a porta do quarto.

— Cheguei, estava na casa de um colega meu. Vim de lá, passei aqui e ainda tenho que tomar banho — ele diz, sério, e não percebe que estou debochando.

— Está lindo para um cara que ainda não tomou banho — pisco.

— Hã... Vamos?

Ele diz, sem jeito, e desvia o olhar. Acompanho-o até o seu carro. Maycon está com um ar diferente. Funga muito o nariz, e a cada cinco segundos, toca-o como se precisasse ser limpo.

— Você está gripando?

Ele olha para mim surpreso e não responde. Continua fungando, mas liga o som do carro para que o barulho do nariz não se torne um incômodo, ou para que eu não me atreva a fazer mais perguntas.

Seguimos em silêncio. Olho para ele de relance. Ele está sem touca, vestindo uma camiseta, bermuda e usando chinelo.

A cada sinal vermelho, ele passa as mãos no cabelo. Às vezes, me olha e dá um sorriso torto. Fica batendo os polegares no volante até poder seguir. Entramos em uma rua onde só há casas elegantes. Paramos em frente a um portão escuro e grande, um segurança está à sua frente. Ele aperta o controle e o portão se abre revelando a “casa” dele.

Casa enorme e jardim bem cuidado — reparo de início.

Há outros dois homens próximos à porta.

— Quem são? — pergunto, enquanto ele estaciona.

Maycon suspira. Ele realmente está diferente.

— Seguranças do meu pai.

— Mora com seus pais?

— Não, só com Jayde. É que sou filho único e eles querem ser os primeiros a saberem se algo me acontecer.

Desço do carro. Ele segue para a porta e sigo atrás dele. A cada passo, a casa se revela muito bem arquitetada e confortável, com direito à piscina e à área de churrasco. Não parece a casa de um viciado, pelo menos eu não imaginava algo assim. Geralmente, achamos que viciados são aqueles que perambulam nas ruas, abandonados. Hoje, estou conhecendo outra versão.

Entro um pouco sem graça. Há algumas pessoas. Jayde vem em nossa direção: short jeans curto, top, cabelo solto e... Linda! Ela está linda!

Ela me olha de cima a baixo:

— Oi — ela diz, lentamente.

— Oi — respondo sem jeito.

— Jay, vou subir para tomar banho — Maycon fala e ela acena com a cabeça. — Quer subir ou ficar? — Ele me pergunta sem me olhar, diferente de todos os outros que estão ali, afinal, estou sendo bastante observada por alguns olhos curiosos.

— Vou com você — acompanho-o e subimos a escada.

Entramos em seu quarto e percebo que está arrumado. Observo, atentamente, todos os detalhes do ambiente: há uma cama de casal, um closet, uma estante com um aparelho de som e uma TV quarenta e duas polegadas. Ainda, noto uma estante de livros fixa à parede e uma guitarra em cima da cama. Um caderno de cifras, uma caneta, um notebook e outro aparelho que não soube identificar, que me parece estar relacionado à guitarra, completam o lugar predominantemente masculino, mas aconchegante, ocupado por ele.

Maycon coloca algo na gaveta da estante e se vira para mim.

Aproxima-se e me dá um beijo que correspondo com gosto. Continuamos por um tempo; ele termina com selinhos.

— Linda casa! — Sorrio.

— É só uma casa. Vou tomar banho, quer tomar comigo? — ele sorri e eu lhe lanço um olhar de “isso é sério?”.

— Imaginei que não! — Sorri novamente e entra no banheiro.

Fico um tempo observando o quarto e Jayde entra sem bater.

— Está à vontade? — ela pergunta e não sei se, realmente, está interessada em saber.

— Estou, obrigada.

— Tem ideia de onde está entrando?

— O quê? Como assim?

— Elena, olha para você...

— Qual o problema? — pergunto, sem entender.

Ela ri com deboche.

— Vou assistir de camarote até ver os seus sonhos se tornarem pesadelos. Vou assistir a cada segundo até esse romance virar uma tragédia.

— Onde você quer chegar?

— Você é uma garota bonita, doce. Não está pronta para um cara tipo o Maycon. E nunca estará.

— Desculpa, eu não estou te entendendo.

— Está sim, e não se faça de sonsa, não comigo. Depois não diga que não avisei! — Ela suspira — Quer beber alguma coisa? — assusto-me com a mudança repentina.

— O quê?

— Maycon pediu para te deixar à vontade — ela dá um sorriso torto.

— Obrigada, eu já estou.

— Tudo bem. Bem-vinda à festa — ela diz e sai do quarto.

Começo a dar alguns passos. Paro próxima à estante e vejo que há algumas fotos dele com uma senhora, sendo que os dois têm certas semelhanças.

Maycon termina e sai enrolado na toalha, meu coração acelera ao pensar que ele está nu.

— Algum problema? — ele me olha, desconfiado.

— Não, é que adoro fotos.

Ele vem em minha direção, pega uma revista e coloca dentro da gaveta. Uma nota de dinheiro enrolada como canudo, que estava em cima da revista, cai próximo aos meus pés. Ele não percebe e segue para o closet. Sai com uma blusa e uma bermuda, guardando a guitarra e o restante dos objetos em seguida. Deita-se na cama e me chama para deitar ao seu lado. Observa cada canto do quarto e fico sem graça, sem entender sua atitude.

Ele se senta e fica alguns segundos parado. Pega o telefone e liga.

— Jay, você pegou a parada aqui no meu quarto?

Não escuto ela responder.

— Tranquilo.

Desliga.

— Vamos para a festa, garota?

Seguro minha mão e descemos. O número de pessoas triplicou e elas nos olham surpresas, sendo poucas da faculdade. Pouquíssimas mesmo. Música eletrônica. Jogo de luzes na sala. Bebidas à vontade e... Drogas, eles fumam usando *water pipe*. Passam de um em um.

Apesar do meu espanto, pois não pensei, em momento algum, que a festa seria isso, Maycon parece não se importar. Ele me olha.

— Quer beber alguma coisa?

— Não — respondo, um pouco chateada.

— Qual é o problema?

— Quando nos encontramos naquela festa, no bar, me disse que aquele não era lugar para mim, mas qual a diferença daquela para essa?

— Ah! É isso. Aqui eu conheço todos que entram, lá entra qualquer um.

Sento-me próxima à mesa enquanto Maycon sai cumprimentando o pessoal e indo pegar algo para beber. Uma garota ao meu lado começa a fumar. Ela para e

me olha sorrindo e vejo que já está viajando, pela expressão do seu rosto.

— Quer experimentar?

— Não — afirmo, chocada.

— É fácil, você acende, puxa, prende e, depois de sentir o efeito, você solta. Cara, isso é bom demais! — Ela diz depois de mostrar, na prática, como se faz. Olha-me e tenta me entregar o *water pipe*.

Maycon chega e ri do meu desespero com a atitude dela. Ele pega-o e o entrega ao primeiro que passa na sua frente. É um rapaz, que segue fumando. Maycon começa a beber vodca. Só para constar, na garrafa. Começo a me perguntar o que faço ali. Maycon vai até a mesa onde um DJ toca. Não demora muito e o vejo vindo, sorrindo em minha direção.

Mamma Mia, do *Abba** *Teens*, inicia.

Ninguém se importa com o som. Ele se aproxima e me dá um beijo. Tiro a garrafa de sua mão e coloco na mesinha mais próxima.

— Gostou?

— Gostei.

Maycon tenta me beijar, mas pego em sua mão, saindo daquele ambiente. Vamos ao corredor da casa. Ele encosta seus lábios nos meus e, nesse momento, esqueço até por que estou com raiva. Continuamos. Sinto quando uma mão passa pela sua cintura. Ele apenas tira e continua a me beijar. Começa a tocar *Ops! Da Britney* e logo me lembro de Keven. Solto uma risada.

— O que foi?

— Nada — puxo-o para mais um beijo, ele morde minha língua de leve.

— Para.

— Ah! Tem uma brincadeira legal. É assim: coloco minha língua na sua boca, você tem que tentar me morder. Quem conseguir primeiro tem que fazer o que o outro pedir.

Penso um pouco.

— Tudo bem, você vem primeiro — ele se aproxima e continuamos com os olhos abertos. Sua pupila está dilatada, mais que o normal.

Ele começa a tirar e colocar a língua dentro da minha boca e quando vou tentar morder, ele tira. Mantemos os lábios colados. Finalmente consigo.

— Ai que porra! Não é para morder forte — ele diz, sorrindo.

— Ganhei.

— O que você quer?

— Não vai beber.

Ele sorri e volta a me beijar. Suas mãos começam a percorrer o meu corpo.

— Maycon, por favor, qualquer um pode ver. Para! — Sussurro, mas, no íntimo, quero que ele continue. Que droga!

— Vamos para o meu quarto? — ele me pergunta, maliciosamente.

— Não.

— Não vamos fazer nada, eu juro — ele diz entre beijos.

— Então podemos continuar aqui — sorrio, provocando-o.

Jayde aparece.

— Acho que o corredor está pequeno para vocês — ela sorri.

— Meu quarto vai ficar menor ainda — ele responde e dou um cutucão nele.

Maycon se vira e me faz abraçá-lo por trás. Jayde se aproxima e dá um selinho nele. Fico sem reação, porém Maycon reage normalmente.

— Faz um favor para mim? — ela pede.

— Qual?

— Aceita um desafio no meu lugar.

— Ah! Qual é? Você sempre faz isso. Se não aguenta pagar, por que aceita?

— Qual é Maycon? Você sempre paga por mim. Por favor — ela insiste e faz beicinho. Cochicha algo em seu ouvido. Devido à música alta, é impossível escutar.

— Tudo bem! — Ele responde e tira meus braços que estavam ao redor de sua cintura.

— Só um minuto, que eu já volto — ele sai com ela.

Passaram alguns segundos e escuto gritos. Vou até lá por curiosidade. A turma está em volta da mesa. Vários gritos de: “*Vira, vira...*”

Quando vejo, há três caras tentando virar em um gole uma garrafa de Absinto. Cada um com a sua. Maycon está entre eles.

Ele diz em bom som:

— Um, dois, três... Já!

Eles começam. Um deles começa a vomitar na metade da garrafa. A disputa fica entre Maycon e o outro. Ele termina primeiro e fico chocada em como alguém consegue beber, sem parar, algo tão forte.

— Uh! Porra! Vão se ferrar! Aqui é o Maycon, cara! Não Jayde! — Ele diz, colocando a garrafa sobre a mesa. Antes que ele me veja, volto ao corredor, achando toda aquela cena patética demais.

Após alguns segundos, ele volta sorrindo. Não demonstra sinal de embriaguez e isso é o que mais me assusta. Ele me dá um beijo e sinto o gosto da bebida misturada a uma bala de menta.

— O que foi?

Ele percebe meu desconforto.

— Já está tarde. Quero ir embora.

— Por quê? Pode dormir aqui!

— Não, obrigada — digo, firme.

— Que porra! Eu estou louco para comer você e você fica nessa.

— O quê? — digo, chocada.

Ele sorri. E, nesse momento, eu percebo que está fungando o nariz de novo e suas pupilas estão bem dilatadas. É obvio, ele está drogado. A raiva me sobe à cabeça. Na verdade, me questiono onde eu estava com a cabeça para sair com ele.

— Quero ir embora — falo novamente.

Ele suspira frustrado:

— Tinha planejado algo legal para nós.

— Sério? O quê, por exemplo? Me drogar, e depois me comer?

Ele me olha assustado:

— Acha que faria isso com você? É isso que pensa de mim? — ele me pergunta, chateado.

— É isso que eu penso de quem usa drogas — bufo, também chateada.

— Se pensa isso, está com o cara errado.

— Você nunca vai ser o cara certo. Olha para você, Maycon. Impressiona a sua rodinha patética de amigos, não a mim — respondo, ríspida.

Ele me olha magoado. Vira o rosto para o lado.

— Tudo bem. Meu segurança vai te levar embora. Tchau.

Ele desaparece.

Assim como ele diz, o segurança aproxima-se, me leva até o carro e seguimos de volta para o Campus. No meio do caminho, meu rosto já está banhado em lágrimas.

— Ótima festa! — Sussurro, magoada.

Chego e me jogo na cama.

Que droga, como posso me sentir tão ligada a alguém como ele? — penso.

Isso é ridículo. Aquele idiota. No fim, é só isso que ele quer: me comer! Imbecil! Tento não pensar naquele idiota, mas logo me lembro do beijo e da sensação maravilhosa de estar em seus braços. Estou com ódio, sentindo-me usada por ele. Tenho que colocar a cabeça no lugar e acabar logo com isso, ou vou me tornar como aqueles que estavam na festinha particular, que nada mais eram do que um bando de viciados se drogando. Tento dormir, mas não consigo. Choro feito idiota, penso em nós. Pego o telefone. Três da manhã.

Será que ele está pensando em mim? Será que ele está com outra garota? — essas perguntas ficam me atordoando.

O pensamento me machuca. Por que eu fui brigar? Que droga!

Olho o número dele e vejo sua foto de perfil. Para variar, é com Jayde. Eles mostrando os piercings das línguas. Penso em ligar. Quase toco a tela.

Por que não consigo me controlar? Por que sou tão ofensiva?

Olho de novo sua foto. Não vou ligar. Levanto e olho a janela. Vai amanhecer e estou enlouquecendo. Não consigo esquecer, não ele. Maycon, definitivamente, é a droga mais forte que usei. Por fim, envio uma mensagem: *Me desculpe*.

Não obtenho resposta. Provavelmente, está com outra ou se drogando. Vou conferindo a tela até não suportar mais. Quando dou por mim novamente, o sol já está posto... Olho o telefone e nada. Agora, estou arrependida por ter enviado a mensagem. Grande idiota eu sou!

Capítulo 5

Tudo piora antes de melhorar...

Passo o domingo sozinha, chorando pelo idiota do Maycon. Quando resolvo levantar, já é meio-dia!

Olho-me no espelho. Estou horrível, mas quem não estaria se passasse a noite toda chorando?

Qual é, Elena! Vai ficar nessa por causa de um idiota? É sempre assim. Primeiro, vem o cara errado, depois o certo e você nem vai lembrar mais de como é bom estar com o idiota do Maycon. De como ele beija gostoso e me... — esses pensamentos não param de me atormentar.

— Chega! Não vou mais chorar, não por uma noite fracassada. Só foi uma noite e nada mais, não tenho quase nada do que me arrepender — repito em voz alta para mim mesma.

Afinal, desde que entrei na faculdade, passo tanto tempo sozinha que já era para ter me acostumado, mas esse é o problema, você se acostuma, aí conhece alguém, deixa esse alguém se aproximar e... Acaba se esquecendo de como é estar sozinha.

Tomo meu café. Estou muito desanimada... Foi bom, mas acabou. Ligo meu notebook para me distrair e entro em minhas redes sociais. Nada de muito animador. Por curiosidade, começo a *stalkear* o perfil dos meus colegas até chegar ao do Maycon. Ele tem 4.756 amigos em seu perfil!

— É, você é popular — murmuro.

Não somos amigos, e esse fato não me deixa ter acesso às fotos. Apenas a de perfil, e é linda! Linda demais. Encaro a foto. Penso nele aqui comigo, me abraçando e beijando.

— Para! Chega, Elena!

Vou para o de Jayde. O dela é público. Vejo várias fotos, a maioria ele está presente. Tem deles dando selinho e isso me irrita. Na verdade, ela me irrita. Irrita-me porque, de alguma forma, eu sinto que preciso dele como nunca precisei de alguém. Passo para a próxima foto. Os dois deitados na cama, cobertos com edredom, estão abraçados. A legenda diz tudo:

Gosto de pegar meninas, mas, às vezes, pego o Maycon para quebrar a rotina. ☺

— E vocês não têm nada, né?! Imbecil!

Lágrimas voltam a me assombrar. Mais pela raiva do que pela tristeza. Não é certo se apegar a alguém tão rápido. Sei que isso é patético, principalmente se

esse alguém mentiu e enganou você! Volto à página dele já tomada pela raiva. Acaba de ser atualizada, pelo menos, seu status está público. Tem uma foto de um cara que eu acho já ter visto na faculdade, mas não tenho certeza. O status diz:

“E no meio dessa confusão, alguém parte sem se despedir; é triste. Se houvesse uma despedida, talvez fosse mais triste. Talvez, tenha sido melhor assim, uma separação como, às vezes, acontece em festas. Ele não se despediu, mas foi a vida que o despediu e, agora, seguimos cada um para o seu lado.

Sem glória nem humilhação. Segue teu caminho, parceiro! Um dia, a gente se encontra!” (Rubem Braga)

Em questão de segundos, os *likes* aumentam assustadoramente e alguns deixam mensagens. Não sei quando ou como ele morreu, mas sinto por alguém ir tão jovem. Desligo meu notebook. Não quero pensar sobre isso, não quero pensar sobre nada.

Agora, tenho certeza de que ele viu minha mensagem e não quis responder. Deve ter rido muito com a Jayde, pensando o quanto sou idiota.

As horas passam. Depois do jantar, estou morta de cansaço. Sinto meu corpo estranho por ter perdido uma noite de sono. Apago assim que me deito. Quando acordo pela manhã, percebo que Keven ainda está dormindo. Não o vi chegar. Tenho uma aula cedo. Levanto-me e me arrumo, mesmo sem querer ir. Saio e tranco a porta.

Não vejo Maycon e isso, de certa forma, me conforta. Assisto a primeira aula de Psicologia infantil e o meu professor me chama assim que termina.

— Elena!

— Pois não.

— Gostei tanto do seu trabalho sobre drogas ilícitas e em como foi transparente em relatar as consequências, que quero, com pesar, te pedir um favor.

— Qual? — pergunto, confusa.

— Um aluno de Medicina, Robert, morreu de overdose na noite passada. Gostaria que falasse algumas palavras, mas seja realista. Talvez, o usando como exemplo, podemos alertar quem ainda não entrou nessa vida.

— Como assim? Não o conhecia e, para ser sincera, nem sei quem era! Acho incoerente...

Ele me interrompe.

— A diretoria achou uma boa opção. Você, além de ter conduta, não vai fazer

como os outros e tratar essa situação como algo natural. Seja realista e diga algo que alerte os seus colegas. Sei que é capaz. Podemos contar com você?

Penso um pouco. Não estou em meu melhor momento, mas, ao me lembrar de Maycon e como eles se comportam em relação a ele, acabo aceitando. Ainda que pelos motivos errados.

Antes do intervalo, todos estão reunidos na quadra. Os professores já haviam anunciado que prestariam condolências ao rapaz. Muitos, de alguma forma, estão abatidos. Não encontrei com Maycon e quero acreditar que ele não veio. Ainda estou com raiva, sentindo-me uma idiota e usada por ele.

Depois de algumas palavras do corpo docente da faculdade, meu professor chama o meu nome. Não tenho muito o que dizer. Nem pensei em algo, é difícil quando não se conhece a pessoa. Mas, ainda sim, eu já havia aceitado.

Subo a plataforma. Tento não olhar a multidão, mas uma hora é inevitável, e acabo olhando. Maycon está entre eles. Jayde está abraçada a ele, nunca a vi na faculdade, e hoje, justo hoje, ela veio. Antes que ele olhe para mim, eu abaixo a cabeça. Sinto uma dor no meu coração agora. Sinto como se ele tivesse me usado o tempo todo.

Todos fazem silêncio e eu não sei o que dizer. Só consigo pensar em como ele foi sacana comigo.

Respiro fundo, estou nervosa. Odeio chamar atenção. Odeio mesmo. E, agora, uma multidão que geralmente me ignora a todo o tempo, está me encarando!

— Não conheci o Robert, não sei se ele era um bom amigo ou coisa do tipo. Não posso falar sobre isso. Seria hipócrita.

Dou início. Olho para os professores e eles me incentivam a continuar. Ainda estou nervosa. Olho, novamente, para o lugar onde Maycon está e vejo Jayde colocar a cabeça nos ombros dele. É tudo que preciso para deixar a raiva me dominar.

— Estatísticas governamentais estimam que perdemos mais jovens para as drogas do que um país perde soldados em guerra. Não quero ser rude ou desumana, mas, infelizmente, para mim não é a mesma coisa que falar de alguém que morreu com câncer, porque pessoas com câncer ou com alguma outra doença terminal, lutam até a morte para sobreviverem — respiro. Todos estão em silêncio me ouvindo — E vamos ser realistas: uma pessoa entra nessa porque quer. São covardes, e não amam as pessoas à sua volta. Acho que, em certo momento, eles perdem até mesmo a capacidade de raciocinar, visto que as drogas matam os neurônios. Não quero ser ofensiva, mas ele procurou, achou e perdeu a vida por ser um viciado provando que não mereceu ter vivido. Sinto muito, mas não perco meu tempo com viciados. É apenas mais um que irá ser

lembrado como um cara que desperdiçou a vida com drogas enquanto muitos lutam para viver. Sinto muito por seus entes que sentem a perda dele. Mas eu não choraria por alguém desse tipo. Contudo, que a morte dele sirva de lição para que ninguém entre nessa viagem, porque uma hora você não vai voltar mais para contar como foi. Obrigada.

Termino. Quando olho para as pessoas, percebo como elas estão chocadas com minhas palavras. Eu mesma estou, ainda mais agora que vejo a expressão em seus rostos. Maycon me olha de uma forma que não sei como descrever.

Desço e pego as minhas coisas. O professor me agradece, mas não acrescenta nada. Apenas termina e todos se levantam. Se antes eu não era notada, agora me olham como se eu fosse um monstro, mas estou pouco me lixando para eles. Na verdade, estou ligando sim, mas quero fingir que não.

Começo a seguir pelo corredor e escuto desde que sou preconceituosa, uma garota sem noção, ridícula, até aprendiz de Hitler, o que me ofende. Todos me olham com ódio e isso começa a me assustar. Passo a encarar o chão e tento ser alheia aos insultos.

Alguém me abraça. É o Keven.

— O que está acontecendo com você?

Sorrio, pelo menos, ele está do meu lado.

— Algumas pessoas não suportam a verdade.

— Algumas verdades têm que ficar só para nós.

Engulo em seco. Quando ele olha em meus olhos, vê que estou segurando para não chorar.

— Vai passar, vai demorar umas duas semanas, mas uma hora eles vão se esquecer e sua vida vai voltar ao normal.

— E enquanto isso? — pergunto, esperando a sua resposta.

— Tem a mim e nosso quarto tem chave, mas lógico que vamos ter que reforçar a segurança — ele conclui, brincando, e entramos no refeitório.

Está cheio, sento-me em uma mesa enquanto Keven compra um lanche para nós. Todos me olham. Estou nervosa e arrependida devido à situação.

— Que ódio! Por que teve que acontecer comigo? — murmuro.

Olho para o corredor, Maycon e Jayde estão vindo para o refeitório. Nesse momento, conto os segundos para Keven voltar à mesa e, graças a Deus, acontece antes deles passarem por mim. Ele se senta em uma mesa enquanto ela vai comprar algo. Jayde me ignora, Maycon evita me olhar e passo a evitá-lo também. Mas a quem quero enganar? Estou morrendo de vontade de ir até ele e abraçá-lo, morrendo de ciúme da Jayde. O que mostra que estou ficando louca, para que ciúme se tudo já acabou? Não tem mais volta, eu não quero... Eu quero, mas vou negar até a morte.

Não toco no meu lanche, estou em conflito interno e não consigo ficar no mesmo ambiente que ele. Tão perto, mas tão longe. Isso é demais para mim e nem sei por que estou sentindo isso. Abaixo a cabeça sobre a mesa em sinal de rendição. Ouço Keven murmurar, perguntando-me se vou comer. Ele fala de boca cheia. Apenas empurro meu lanche em sua direção. Escondo minha cabeça entre meus braços. Agora, a pele do meu rosto está em contato com a mesa fria do refeitório. Sinto as lágrimas descerem, sinto que estou desabando e não tem quem me segure. Choro por não sei quanto tempo, mas escuto Keven dar as últimas mastigadas.

Antes de Keven me chamar para ir embora, as pessoas, por algum motivo, param de falar. Enxugo as lágrimas ainda no meu esconderijo quando penso em levantar a cabeça para ver o que está acontecendo. Só que, antes que o faça, escuto a voz de Maycon.

— Elena — diz, firme.

Levanto o meu rosto e o vejo na minha frente. Recomponho-me.

— Oi — respondo baixo para que ninguém perceba que chorei.

— Sei que não tenho neurônios funcionais e que, talvez, você nem consiga entender o que eu digo, mas acho que essa bolsa é sua.

Ele diz em bom tom e me entrega a bolsa que, até então, não tinha dado falta.

— Só para constar, você a esqueceu no meu quarto.

Tento ser forte, tento não chorar. As pessoas continuam nos observando. Olho nos olhos do Maycon e vejo mais dor neles do que em mim. Pego a bolsa, envergonhada. Ele sai com Jayde.

Não consigo mais estudar. Escuto risadinhas. Saio correndo, sigo para o meu quarto e desabo. Quando fico nervosa, tenho o péssimo hábito de falar demais. É uma necessidade de colocar tudo que não entendo para fora. O que mais dói é lembrar a maneira como ele me olhou. Sinto-me mal por ter visto a dor em seus olhos. Dor que eu causei. Choro feito uma menina boba.

A noite passa, só que essa dor que sinto persiste. Durante a semana, quando nos encontramos pelo corredor, tenho vontade de implorar por seu perdão, mas há um abismo. Acho que nem um machado será capaz de quebrar o gelo entre nós. As pessoas continuam a fazer piadas e isso está acabando comigo. Se antes setenta por cento dos alunos me ignoravam, hoje noventa por cento me odeia. Só me restou Keven.

Quando a sexta-feira chega, qualquer ambiente já está insuportável para mim. Maycon me evita ao máximo. E, à noite, durmo pensando nas nossas noites de estrelas iluminadas. Levanto-me assustada e vejo que o relógio marca uma da manhã. Não suporto mais viver tão fora de lugar. Está chovendo fino e visto uma

blusa de moletom. Keven está dormindo. Saio. Começo a caminhar sem rumo. Quero apenas tentar achar um território neutro, onde não me sinta tão solitária. A cada passo, minha dor parece avançar quilômetros à minha frente. Continuo caminhando com minhas tormentas. Chego onde nós nos encontrávamos. Não tem carro, não tem Maycon. Apenas eu, a mata e a estrada.

Olho para o céu, tentando enxergar as estrelas que ele tanto diz ver. Não as vejo. Volto a chorar. Sou interrompida quando escuto passos. Alguém me agarra por trás. Começo a me desesperar.

— Ora, ora, a garota que não gosta de viciados sozinha aqui! — Uma voz masculina, que não reconheço, sussurra em meu ouvido.

— Por favor, me solta ou eu vou gritar.

— Grita! Ninguém vai te ouvir.

— Por que está fazendo isso?!

— O Robert era meu amigo e ele me disse que não gostou do que você falou — diz, zombando.

— Por favor, me solta! Sinto muito pelo seu amigo — imploro.

— Sente porra nenhuma! — Grita. Ele olha para o lado.

Começo a fazer preces pela minha vida.

— E aí Robert? O que quer que eu faça com ela? — ele pergunta, rindo.

Olho para o lado tentando, inutilmente, segurar seu braço que começa a me enforcar. Não consigo ver ninguém. Não há nada.

— Já era pra você, garota — escuto suas palavras e começo a perder os últimos fôlegos de oxigênio. Começo a perder a vontade de lutar.

— Solta ela — escuto Maycon e não sei se é real. Sinto alguém puxar o braço do cara do meu pescoço. Respiro tentando recuperar o fôlego. Maycon empurra o cara no chão e começa a chutá-lo. Chuta tanto que ele começa a vomitar sangue. Sua violência me assusta, o sangue me assusta.

— Para! Vai matá-lo! — Grito, ainda me recuperando. Ele para, mas está com raiva. O cara levanta e sai correndo.

Maycon fica apenas me olhando.

— O que estava fazendo aqui a essa hora?! — Pergunta, com a voz alterada.

— Precisava de um tempo, precisava caminhar — respondo, ainda ofegante.

— E não dava para caminhar para um lugar com mais movimento? Ao menos está bem?

Fico em silêncio. Ele se aproxima. Jogo-me em seus braços e começo a chorar. Após uns minutos, ele corresponde ao abraço. Não com a intensidade de antes. E isso me magoa.

— Por favor, me perdoa. Fui uma idiota ao falar aquilo.

— Por mim está tudo bem, Elena — ele diz, sussurrando — Não sou de

guardar mágoa de ninguém, a vida é curta para isso. Fica tranquila, que com você não será exceção!

Maycon tira meus braços que estão em volta dele.

— Acho melhor te levar embora — ele conclui, afastando-se de mim.

— Maycon, escuta, eu...

— Elena, olha, não vai dar certo, não temos por que insistir. É melhor assim. Você ainda vai me agradecer por isso. Vai ver.

Ele força um sorriso.

— Se pensa assim, por que está tão magoado comigo?

— Porque eu, realmente, achei que poderia ter dado certo. Mas nós não soubemos como levar. Somos muito diferentes...

— Ainda podemos tentar.

— Não, eu não quero — ele diz, seco.

— Por que não?

— Porque eu nunca vou ser o cara certo. Lembra? — diz, magoado.

Aproximo-me e toco seu rosto. Olho em seus olhos.

— Essa semana está sendo horrível para mim.

— Olha, se for pelo pessoal da faculdade, eles vão esquecer o que aconteceu, você vai ver.

— Não é por eles, é por você. Nem eu sei o que é isso, mas sinto sua falta, eu sinto mesmo a sua falta. Sei que é pouco tempo, só que... Pela primeira vez, tenho certeza de que quero ficar com você.

— Por que está dizendo isso? Por que complicar mais as coisas? Não faz isso, por favor. Não quero passar pelo que eu estou passando agora.

— Sentiu minha falta?

— Sério isso? Acha que estou fazendo o que aqui? Deveria ter matado aquele cara por ter feito isso a você.

— Não vale a pena, para com isso — sorrio.

Ele me abraça forte e começa a chorar.

— Sinto tanto sua falta, mas você é complicada demais, e minha vida já é complicada. Queria ser o cara perfeito para você, mas nunca serei.

Olho em seus olhos. Não consigo pensar em um argumento que o convença do contrário. Começo a beijá-lo e ele corresponde. Amo sentir seu piercing dentro da minha boca. O beijo continua e, apesar de não controlar suas mãos, elas estão imóveis na minha cintura. Quando nosso ar acaba, paramos com selinhos.

— Jayde vai me matar quando souber que estou aqui com você depois de tudo que disse — ele sorri.

— Por mim, que ela se mate — sorrio também.

Voltamos a nos beijar e aquela imensa dor desaparece apenas por sentir seus

lábios nos meus.

Capítulo 6

E as palavras voltam...

Ele se afasta um pouco.

— Tem noção da merda que fez?

— Podemos consertar.

— Não podemos, só temos a opção de seguir em frente.

— O que quer dizer com isso?

— Vamos deixar isso só entre nós. Esperar a poeira abaixar.

— Por quê? Não devo satisfações a ninguém...

— Elena, diz que não perde tempo com viciados e quer aparecer comigo de mãos dadas amanhã? Não dá, o cara era parceiro, sei que não pensou para falar e isso, é mais que óbvio. Só que eu penso. Apesar de não ter mais neurônios, como você disse.

Ele conclui e sorri.

— Desculpa, estou arrependida por isso.

— Conhecia o Robert?

— Não.

— Sábado antes de te ver, estava com ele. Robert passou em primeiro lugar em Medicina. Era bem inteligente, tinha lá seus problemas, mas não falava de ninguém. Estava sempre disposto a ajudar. Então, foi muito foda o que você falou. Principalmente por não conhecer o cara. Geralmente, eu não corro atrás do que perco, seja amizades ou relacionamentos. Para mim não faz sentido correr atrás do que se perdeu. Isso é paranoico. Já era, já era. Funciona assim para mim.

— Então, para você já era?

— O engraçado é que se acha muito inteligente, mas não tem um raciocínio rápido. Se para mim estivesse acabado, não faria sentido estar aqui perdendo tempo com você. Faria?

— Está tentando me ofender?

— Não, acho que você precisa abrir a mente e parar de se achar superior às pessoas, o errado para mim pode não ser errado para você. O mundo é assim. Não comece um relacionamento achando que vai me transformar no cara perfeito para você. Isso é ridículo e ofensivo.

— Não é ofensivo querer que as pessoas se tornem melhores.

— Isso não existe. Dê o seu melhor e tente melhorar a você mesma, apenas

você. Cada um faz da sua vida o que quer. Se puder me acrescentar algo de bom, ótimo, se não, escolhe outro caminho.

— É isso que quer para você então, acabar como ele!

— Eu quis me perder, quis esse caminho, talvez por idiotice, ou sei lá. Hoje nem me lembro mais o porquê. Só que eu estou exatamente onde quero estar. Não estou a fim de passar pela porra de uma clínica e encarar uma maldita abstinência. Esse é o caminho que escolhi e não fico dando pitaco na vida de ninguém, como se por algum motivo desconhecido tivesse esse direito.

Ele tira do bolso um maço de cigarros e isqueiro. Acende um e começa a fumar. Odeio cigarro e o cheiro dele. Continuo em silêncio, apenas o observo.

— Aquele cara mataria você. Olha que ótima consequência teve seu discurso inspirador e poético. Seu problema é que não admite que, apesar de dizer aos quatro ventos que não perde tempo com viciado, quer ficar com um. Isso para mim não faz sentido — ele sorri irônico.

— Já entendi seu jogo — digo, com lágrimas nos olhos.

— Não é jogo, Elena, estou apenas te dando uma ideia federal para abrir essa mente pequena sua. Porque um dia você vai acordar e ver que seus sonhos não condizem com a realidade dessa porra de vida. Então, quanto mais cedo, melhor.

Ele termina o cigarro. Joga na estrada e apaga.

— Vinte anos, e minha vida estava parada porque me importava com que as pessoas pensavam a meu respeito. Mas um dia, depois de ter apagado por dois dias, eu acordei e vi que não importa o quanto você tente, ainda que não dê motivos, as pessoas vão falar de você, e no fim das contas, foda-se para o que elas pensam ao meu respeito. Foda-se, se sou só mais um viciado para elas. E se é só isso que você pensa de mim, foda-se você também. Mas se não é, podemos continuar, só que corta essa de contos de fadas, porque não rola para mim.

— Está querendo dizer que eu tenho que aceitar...

Ele me corta.

— Do jeito que eu sou, lógico que como você não curte, não vou te submeter a me ver usando. Isso seria patético. Mas não quero que fale sobre mim com mais ninguém, porque todos podem até achar que seu discurso foi para o Robert, mas não sou idiota, aquilo tudo foi para mim. Sei disso.

— Maycon, eu me arrependi muito por ter falado aquilo.

— Tudo bem, o que as pessoas pensam sobre mim não me machuca mais. Só que não quero ouvir de você, me conhece há pouco tempo para se achar no direito. Não sou governado pela razão, e promessas não me atraem. Faço o que quero e como quero. Nada é perfeito e nem pode ser. Mas podemos continuar, se tentar ver as coisas de outra forma.

Ele começa a andar e eu o sigo, seu carro não está muito longe. Entramos em

silêncio. Assim que chegamos ao Campus, não há beijos de despedida. O olho, mas não sou retribuída.

— Vai pela sombra. Se achar que tudo que te disse é demais para você ou que não faz sentido, segue seu caminho que eu sigo o meu.

— Não vai se despedir de mim? — pergunto, esperando um beijo.

— Jayde vai passar o fim de semana com amigas ou ficantes, sei lá que porra é. Quer passar o dia comigo amanhã?

Fico em silêncio.

— Claro que como está em cima da hora, não vou ficar chateado se não puder.

— Que horas?

— Te busco antes do almoço, pode ser?

— Só nós dois.

— É! — Ele sorri.

— Tudo bem!

— Te pego no ponto em frente ao Campus. Ok?

— Ok! — Sorrio e saio do carro. Entro no quarto e deito na minha cama. Keven ainda dorme tranquilamente. Só de pensar que poderia não estar viva, um arrepio percorre meu corpo.

Fico sentindo o perfume do Maycon em minha blusa. Ele não quer mudar de vida, então agora a pergunta é: vou suportar vê-lo nessa vida?

Meu celular vibra. O pego e olho; Maycon, meu coração acelera.

Já está desculpada. Beijos e bom resto de noite.

— Ele respondeu a mensagem de dias atrás. Idiota — sorrio.

Penso nos meus pais e no quanto eles me alertaram sobre esse tipo de rapaz. Sobre drogas e que não se deve andar com esse tipo de pessoa. Uma hora, você cede e acaba entrando. Tenho receio, tenho insegurança e medo. Esse relacionamento é um tiro no escuro, e, no fim, a bala pode me atingir.

Fecho os olhos, quando os abro, o dia está amanhecendo. São seis da manhã e não dormi quase nada.

Volto a dormir e só acordo às nove, Keven já havia levantado e trazido meu café. Ele sempre faz isso quando levanta primeiro. Hoje tem treino, ele joga no time de futebol da faculdade.

Dez horas, tomo aquele banho, saio e seco o cabelo, visto uma saia longa e confortável, uma camiseta branca, sapatilhas. Acho meu cabelo tão sem graça, faço um coque. Mas se encaixa no restante do produto. Rio com o pensamento.

Às onze, meu telefone vibra.

Estou indo, espero que não me deixe esperando muito. Vai pela sombra. Ok?!

Pego minha bolsa e saio. Tranco a porta. Encontro com alguns estudantes. Uns me cumprimentam, outros não.

Chego ao ponto, Maycon já havia chegado, há uns dez estudantes que me conhecem devido ao discurso, e conversam com ele. Eles me olham. Maycon deve estar tão sem graça quanto eu. Ao ver que não consigo me aproximar do carro, ele sai. Está apenas de bermuda e tênis, ah, e sem a touca também. Olha para o pessoal e dá um oi. Abre a porta do carro e todos se espantam ao me verem entrar. Fico vermelha como pimentão. Minhas mãos suam frio.

Ele arranca com o carro.

— Agora já era! — Ele me olha e dá um sorriso.

— Acho que sim.

Ele segue em silêncio até chegarmos, entramos e sinto um arrepio ao lembrar da última vez que estive aqui.

— Jayde já foi?

Ele confirma com a cabeça. Saímos e ele segura a minha mão.

— Gosta de porção de filé de peixe? Pedi peixe para nós!

— Gosto.

Entramos e vamos direto à cozinha. Ele serve o suco e a porção de filé de peixe com molho rosê.

Senta do meu lado e me dá um beijo no rosto.

— Você é tão tímida, Elena — ele coloca o primeiro pedaço na minha boca. Maycon está como das outras vezes que saímos, e eu gosto desse Maycon.

Após o almoço, o ajudo a arrumar a cozinha. Terminamos e jogo algumas gotas de água em seu rosto.

— Quer ver um filme?

— O que você costuma fazer quando está sozinho? — pergunto, sorrindo.

Ele ri e olha para o lado.

— Dormir, quer dormir comigo?

— Passa o dia todo dormindo?

— Sim — ele morde a língua.

— Mentiroso. Vamos ver um filme, então.

Subimos para o quarto dele, estou nervosa. Envergonhada também. A cama está desfeita. Ele puxa o edredom, deita e pega o controle da TV. Bate ao seu lado na cama para que eu deite também. Sorrio nervosa e ele apenas me olha, esperando que eu me mova.

Deito atenta à televisão. Ele coloca Hobbit.

— Trabalha com o quê?

— Às vezes, faço gráficos para games de PC online.

— Trabalha em casa?

— É só um bico, mas me rende uma grana.

— Imagino que irá continuar até se formar, mas seguirá a profissão de

médico, né?

— Acho que sim, não penso muito no futuro, o hoje é o suficiente para mim.

— Interessante sua filosofia de vida!

Ele sorri e me puxa para mais perto dele. Agora sinto sua respiração em meu rosto, estamos naquele estado de olhos nos olhos e eu tentando não olhar. Ele encosta seus lábios nos meus e fecho meus olhos, absorvendo o momento.

Ele vem e deita por cima de mim. Iniciamos um beijo tão gostoso. Tão intenso. Maycon desce para meu maxilar, segue para meu pescoço. Começo a gemer baixo. Continua a descer os beijos até chegar ao meu colo. Estou excitada, não tenho certeza se quero ir tão longe, mas não quero parar.

Ele leva uma mão debaixo da minha camiseta e rapidamente chega ao meu seio direito, começando a acariciá-lo. Não sei se tiro a sua mão ou o deixo continuar. É gostoso.

— Me deixa beijar seus seios?

— Maycon, eu...

— Deixa pelo menos eu ver? Só quero sentir você. Prometo que não vai passar disso — ele sussurra, ofegante.

Olho em seus olhos.

— Não confia em mim? — ele pergunta tão próximo que não consigo negar, não consigo falar. Ele considera isso um sim e tira minha blusa. Sorri ao ver meus seios. — São lindos — diz, os observando com a boca levemente aberta em “o”. E o *apenas ver* desaparece e rapidamente ele abocanha um. Maycon não beija, ele suga forte. Eu começo a delirar de prazer. Sua boca se divide entre meus seios e meus lábios. Sua mão passeia pelo meu corpo. Ele está tão excitado, ambos estamos. Segura-me pressionando meus quadris, fazendo assim com que eu sinta sua ereção.

Continuamos o beijo. Parece que não precisamos mais de ar, pois nem a falta dele nos faz parar.

Após minutos sentindo a pele quente de Maycon, os beijos e toda excitação e desejo, ele para. Sorri.

— Quero que você seja intensamente minha! Você quer ser intensamente minha, Elena? Só minha?

— Acho que eu já sou — digo timidamente. Ele se afasta um pouco e pega uma camisinha na gaveta do criado-mudo. Nesse momento, eu tenho aquele choque de realidade e ele percebe que mudo totalmente a expressão. Estou assustada, não achei que o intensamente fosse sexo!

— Qual o problema? — ele pergunta e volta a beijar meus lábios.

— Não acha que está cedo para isso?

— Não, por quê? — continua a me beijar.

— Maycon, por favor — digo, ofegante.

— Já fez sexo? — ele pergunta direto e olha em meus olhos. Fico envergonhada, não respondo.

Ele sorri, se vira e deita do lado.

— Tudo bem! Vou tomar um banho — ele se levanta e me deixa sozinha, me sinto uma idiota por não ter deixado acontecer.

Após vinte minutos, ele volta. Ainda estou deitada em sua cama.

— Me desculpa — digo, quase chorando.

— Por quê? — ele pergunta, me dando um lindo sorriso.

— Pode achar que sou boba, mas acredito no amor verdadeiro. E não quero chegar a esse ponto se não for para continuar com você. Acredito no momento certo, e sei que ainda não é o meu.

— Tem que ser com o cara perfeito? — ele pergunta e não vejo falsidade ou ironia.

— Não tem que ser o cara perfeito. Quero que seja com você, mas sou insegura. Fui criada de um modo diferente, tenho meus princípios, não que seja uma puritana, mas... e quando as coisas não derem certo? E quando eu estiver me sentindo mal? Vai ficar comigo, aconteça o que acontecer? Ou para você, sou apenas mais uma? E depois que rolar, ainda vou ser interessante para você, ou vai partir para a próxima?

— Nossa! Muitas questões para uma pessoa responder... Mas não é só sexo para mim, vou te provar que não, mas tem que me dar essa chance. Vai me dar?

Não respondo, apenas o beijo. Ele continua. Quando o clima volta a esquentar, ele para.

— Acho que não mereço uma garota como você, Elena. Jayde tem razão. Não fomos feitos um para outro, e isso qualquer um pode ver.

— Não ligo para a opinião dela, ou qualquer outra pessoa. Se me provar que não é falso comigo, juro que serei sua intensamente, seja lá o que isso significa para você — Maycon me olha tão ternamente.

— Vou esperar seu momento certo, *garota*.

Sorrio e ele sorri também.

— É melhor nós descermos... — ele me puxa. Enquanto visto a blusa, Maycon não tira os olhos dos meus seios. Faço charme para vestir.

— Engraçadinha. Não cutuca a onça com vara curta, é perigoso — iniciamos mais um beijo e após seguimos para a sala.

Capítulo 7

Esse é o seu mundo.

Ele se joga em um sofá e eu sento no outro.

Maycon ri. Amo seu sorriso.

— É sério isso? Vai sentar a quilômetros de mim?

— Para de exagero, Maycon — sorrio.

— Deita aqui comigo!

— Não vai caber.

— Lógico que vai, garota, cabe eu e Jayde. Você é mais magra que ela.

— Deita com ela assim? — pergunto, tentando não demonstrar ciúme, mas é óbvio.

— Respondo se vier deitar — ele faz charme.

Deito e ele logo coloca a mão debaixo da minha blusa.

Tiro sua mão e me viro de frente para ele.

— Melhor ainda, posso beijar sua boquinha gostosa.

— Como foi que você e Jayde chegaram a morar juntos?

— Estudamos juntos desde crianças. Jay tinha uma banda, um dia me chamou para tocar com eles, aceitei e...

— E...

— Aceitei porque achava ela... — ele ri, sem graça.

— Gostosa — completo e faço sinal para ele continuar.

— Tivemos um entrosamento legal, bacana no início. Apesar dela ser meio ausente.

— Ela usa drogas? — pergunto, já sabendo a resposta.

Maycon fica desconfortável, mas responde.

— Na época, só a via com erva. Hoje nem sei mais o que ela usa, para ser sincero, não pergunto.

— E por que ela veio morar com você?

— Diziam que Jayde gostava de dar uns tragos e outras coisas, e... Bom, eu cheiro e ela passou a cheirar algumas vezes, mas não se apegou, seu lance era outro. Hoje, a vejo sempre com erva.

Maycon não olha nos meus olhos, a realidade dele é tão oposta ao que quero que me amedronto.

— Você a induziu ao vício? — pergunto receosa.

— Eu dizia para ela não usar, mas ela nunca me escutou, e quando eu estou cheirando, pouco me importo se quem está do meu lado usa ou não. Ai já era, ela

está nessa até hoje — fala meio sem jeito.

— Mas como chegaram a morar juntos?

— Elena, eu realmente não gosto de falar e nem me acho no direito de falar sobre a vida dela. Mas para saciar sua curiosidade, digamos que ela teve alguns problemas com os pais e veio morar comigo.

— Ela perdeu o contato com eles?

— Não a pergunto sobre isso, na verdade, eu não pergunto sobre nada, acho meio chato esse lance de ficar querendo saber da vida dos outros, sabe! — Ele me encara e dá uma risadinha cínica.

— Isso é uma indireta?

— Não, pode continuar a entrevista — Maycon sorri.

Começo a rir ao lembrar-me da entrevista.

— Fiquei tão sem graça no dia da entrevista. Você parece que nem ligou.

— Qual entrevista?

Olho-o incrédula, mas em seus olhos há sinceridade.

— Você não lembra que me deu uma entrevista sobre drogas?

— Eu? Está de brincadeira, né?

— Maycon, para, você me viu no ponto próximo à faculdade, foi a primeira vez que conversamos. Não se lembra do cigarro, da entrevista?

— Lembro que te vi lá, mas não me lembro de entrevista, rolou isso?

Sorrio sem graça.

— Você não parecia estar drogado.

— Você aprende a disfarçar com o tempo. Mas, às vezes, misturo muita merda e isso me faz esquecer o dia anterior...

— Não tem como disfarçar.

— Não tem como, se cheirar pra caralho, aí já era, mas se for pouco, sim.

— Você fica fungando o nariz — sussurro sem graça.

— Na hora que cheiro, depois passa. Vamos mudar de assunto, já deu por hoje — ele me dá um beijo. Correspondo um pouco chateada por ele não se lembrar de tudo, e me pergunto se vai ser sempre assim.

— Já ficou com Jayde? — questiono direta e o deixo sem graça com a pergunta. Porém responde:

— Já, no início. Hoje não rola.

— Por quê?

— Ela gosta do que eu gosto. Simples assim — coloca alguns fios de cabelo atrás da minha orelha.

— Então, como ficou com ela?

— No começo, me empolguei, mas Jay é foda, me assustei na primeira vez que fiquei com ela. Como eu te explico, bom... — pensa alguns segundos. —

Hum, ela meio que quer controlar como se ela fosse o homem e eu a mulher. Entende? Tipo, não tenho preconceito, mas fiquei imaginando que estava com um homem pelo jeito dela. Aí fodeu, não rolou mais. Lógico que não falei isso para ela, só que mulheres geralmente são delicadas por natureza, Jay é bruta, grossa, fora que bate igual homem. Deu para entender? — ele sorri. E eu começo a rir também. — Sério, na boa, ela bate igual homem. Quando está viajando, eu nem olho para o lado dela.

— Quem usa mais, você ou ela?

— Nunca me preocupei em saber!

— Você fuma muito, bebe muito e... — fico sem graça em continuar.

— Cheiro muito — ele conclui.

— Por que tudo isso?

— Porque não queria fazer discriminação — começa a rir.

— Como assim?

— Em uma das vezes que meus pais me internaram, cheguei lá e o cara me perguntou: *Por que acha que está aqui?* Falei que não sabia. Perguntou se usava narcóticos. Disse que não. Ai, ele me deu uma ideia federal, disse que a coca acaba com cérebro, coração, vasos sanguíneos, danos irreversíveis. Na época, eu não bebia muito, aí para não rolar discriminação, decidi não deixar os rins e pulmões de fora — ele conclui rindo.

— Fala como se fosse piada, está acabando com sua vida e ri disso? É filho único?

Maycon se levanta, dá alguns passos.

— Ah, qual é, Elena? Sou filho único sim, mas não gosto de falar sobre meus pais e muito menos sobre o que faço com minha vida. Você não conseguiria entender, já tem sua opinião formada. Então, não vamos tocar mais nesse assunto. Pode ser?

Não respondo. Maycon muda seu temperamento assim que questiono seu estilo de vida. Ele sai, fuma um cigarro, volta com suco e coloca o filme novamente. Deita ao meu lado e a tarde passa. Acabo cochilando e quando acordo, sinto seu braço envolto em mim. Abro os olhos, ele está dormindo. Viro-me delicadamente e dou de cara com Jayde sentada à minha frente, fumando maconha. Seu olhar é frio, começo a me perguntar quanto tempo ela está ali. Jayde fica parada, totalmente imóvel, olhando para mim. Levanta-se e vem em minha direção. Chega próximo, agacha e me encara, solta a fumaça bem na minha cara e encosta o dedo em mim como se testasse se sou real. Fica novamente de pé. Estou tremendo por dentro. Antes que eu possa falar algo, Maycon acorda e se assusta ao vê-la.

— Jay, voltou cedo!

— Tinha hora para eu voltar? — ela pergunta, e pelo tom da voz, percebo que não está muito satisfeita.

— Não disse isso, sua potranca.

Ele sorri, mas ela não retribui o sorriso.

— Para que tem a porra de um celular? — Jayde pergunta próxima a nós.

Ela tem um corpão. Cabelo longo e liso, mas com os lindos cachos nas pontas. Está de boina branca, baby look de caveira, short e bota. Tenho que admitir, ela tem estilo.

— Por quê? — Maycon questiona confuso.

— Eu estava curtinho com a galera, te ligo para saber se está vivo, a porra do telefone toca dez vezes, mas ninguém atende.

— Não vi, Jay, deve ter descarregado. Foi mal. Não precisava ter voltado por isso.

— Não? Lembra que a última vez que apagou, o médico disse que se exagerar de novo não volta mais?

— Jay, depois a gente conversa sobre isso. Está tensa; vai dormir, vai!

— Puta que pariu, eu preocupada e você aqui bancando o príncipe encantado. Vai para o inferno Maycon, qual é o seu problema?

Ele levanta e me olha sem jeito.

— Só um minuto, Elena.

— Tudo bem — respondo.

Jay sai pisando duro, sobe as escadas, e acho que vai para o quarto. Maycon a segue. Quando ele parece entrar, escuto ela gritar.

— Cai fora! — A porta bate.

Escuto a voz dele ao fundo, dizendo para ela parar de drama.

— Como tem coragem de trazer ela aqui depois do que essa sem noção falou do Robert? Cheirou tanto pó que esqueceu, é? — grita.

— Para, Jay! Nada a ver, esquece isso.

— Idiota, acha que vai ser diferente com você. Ela só está te usando para ficar bem na fita na faculdade.

Maycon responde, mas não consigo escutar ao certo o que ele diz.

— Ah, me poupe, vai para o inferno, e quer saber, espero que você morra e que essa patricinha de merda faça o que fez com ele no seu velório. Sai do meu quarto agora ou faço você sair! — Grita novamente.

Após mais alguns segundos, ele volta.

— Desculpa, ela está meio descontrolada.

— Acho que o problema sou eu.

— Não, ela anda misturando tanta coisa que fica nervosa mesmo, tem cada viagem que eu prefiro ficar longe. Vamos nessa?

— Vamos, sinto muito por isso.

— Vou conversar com ela depois, mas agora é inútil, ela está paranoica. Tem que esperar passar.

Maycon sobe as escadas, volta trazendo a minha bolsa. Não vejo mais Jayde.

— Ela vai ficar bem?

— Vai. Fica tranquila, já está deitada.

Ele me beija. Entramos no carro e vejo o da Jayde estacionado na garagem. Um Hyundai Hb20, é, ela tem estilo. Admiro o carro.

Saímos. Quando voltamos ao Campus, Keven está sentado no banco próximo à entrada com Any. Há outros estudantes.

— Quer esperar eles saírem? Não te viram ainda — Maycon sugere e fico constrangida.

— O que você quer fazer?

Ele não responde. Apenas estaciona o carro um pouco distante da entrada e me puxa para seu colo.

— Vai ficar bem com a Jayde?

— Não se preocupa, sempre ficamos bem depois. Sabe o que quero fazer? — muda de assunto. Olho em seus olhos e Maycon me dá um sorriso bem safado. É estranho, porque tem estudantes não muito distante.

Maycon inicia o beijo e eu esqueço o resto do mundo. Beijos, beijos e mais beijos. Ele levanta minha blusa.

— O que é isso? — pergunto ofegante.

— Meu lema é nunca retroceder, agora é daqui para frente — ele sorri e beija meus seios, um depois o outro.

Perdemos a noção do tempo. Quando volto à realidade, olho as horas; são oito da noite.

— Estou com fome! — Digo, me afastando.

— Eu também!

Ele diz e sei muito bem a que ele se refere, e não é uma refeição.

— Você é muito safado.

Ele se aproxima e morde minha orelha.

— Não deixa ninguém separar a gente, Elena. Promete para mim?

— Acho que a única que quer nos separar é a Jayde — sorrio.

— Jay é só fogo de palha. Depois ela aceita.

— Acho que ela gosta de você.

— Ela me ama, assim como eu a amo, mas é como irmãos.

Gargalho com a resposta dele.

— Imagino.

— Tem um trailer aqui perto, quer comer hambúrguer?

— Hoje não. Mas aceito amanhã!

Maycon sorri.

— Isso é só para garantir que eu venha te ver, não é?

Sorrio e volto a encostar meus lábios nos dele. Seu beijo é um verdadeiro vício.

— Amanhã virá que horas?

— Que horas quer que eu venha? Se falar cinco da manhã, eu venho, se quiser que eu venha para dormir, nem vou embora — ele brinca e me faz rir.

— Idiota.

— É cedo para dizer que curto muito ficar com você?

Escuto suas palavras e sorrio feito boba.

— Curte mesmo? — pergunto, olhando em seus olhos.

— Sim, estou até pensando em, tipo, quando jogamos, tem aquelas barrinhas de vida e missões que você faz e vai enchendo. Sabe do que estou falando?

Confirmo que sim.

— Vou dar um jeito de fazer uma dessas para você.

— Por quê?

— Não tem essa paradinha de esperar o tempo certo?

— E?

— Aí eu vou concluindo as missões para encher a barra do tempo certo! Quando encher e você ver a potência, já era, apaixonou-se mesmo! — Ele sorri e morde a língua de um jeito muito sexy e gostoso.

— Você é tão bobo e idiota. Meu idiota!

Ele dá um selinho em minha boca e arruma minha blusa.

— Acho que esse povo não vai sair daqui enquanto eu não for embora. Parece que estão brotando! Tinha uns dez, agora tem uns quinze — me encara. — E então?

— Não sei. Keven ainda está aqui fora. Estou sem graça por isso!

— Quem é Keven?

— Meu colega de quarto.

— Interessante! Por isso não quer sair?

— Não é isso, mas é que não falo sobre você com ele.

Maycon vira o rosto.

— Tenho que me preocupar com esse idiota?

— Para, ele é tão legal, não fala assim dele.

— Ok!

Ele me afasta. Ajeito-me e abro a porta. Vou saindo quando escuto a porta dele bater atrás de mim. Maycon vem em minha direção, me abraça, e todos ficam surpresos. Seguimos abraçados até a entrada. Keven fica horrorizado ao

nos ver juntos. Maycon pouco se importa com os olhares, eu sigo encarando o chão.

— Oi — sorrio para Keven.

— Oi — ele e Any respondem juntos.

— Maycon, esses são Keven e Any.

— Beleza? — Maycon cumprimenta, sem tirar o braço à minha volta.

— Joia, cara! — Ele responde e Any apenas sorri.

Fico sem palavras.

— Vou lá — digo, olhando em direção ao nosso quarto.

— Nos encontramos lá! — Ele conclui. Maycon e eu voltamos a andar. Na porta do meu quarto, ele me puxa e me dá um beijo. Correspondo. Tem alunos perto de nós.

— Até amanhã — ele diz entre selinhos.

— Até amanhã depois do almoço. Tudo bem?

— Tudo — ele vai embora e fico observando até ele desaparecer.

Volto para meu quarto, e quando Keven entra, fecho os olhos e finjo dormir para não ser bombardeada com perguntas...

Capítulo 8

Será mesmo minha perdição?

Abro os olhos pela manhã e dou de cara com Keven sentado à minha frente. Sei bem o que ele está esperando.

Sorrio. Ele levanta a sobrancelha, me encarando.

— Oi! — Digo sorrindo.

— Estou esperando há uma hora por respostas — ele sorri, mascando um chiclete.

— Sobre qual matéria? — jogo meu travesseiro nele. Keven o agarra. Corro para o banheiro, escovo os dentes e volto ao quarto.

Ele ainda está com o travesseiro, sentado na cadeira, me esperando. Sorrio e finjo correr, ele levanta, me pega e se joga comigo na cama. Damos risadas.

— Que lance é esse com o Maycon?

— É isso. Um lance.

— Qual é, Elena? Vai esconder de mim, não somos mais amigos?

— Foi de repente, mas estamos juntos.

Ele me olha, tentando acreditar. Segura meu rosto delicadamente e me encara.

— Está com ele por causa da sua palestra "*Odeio defunto e viciado, e mais ainda viciados defuntos*", ou rolou antes?

Ambos damos risadas.

— Rolou antes e eu não odeio defuntos...

Olho para o lado. Ele puxa meu rosto novamente.

— Elena, tem certeza disso? Tipo, seu pai é policial e ainda que esteja a quilômetros daqui, quando souber, vai matar o cara de lá mesmo.

— Meu pai não vai saber, e outra, não é tão ruim assim, Maycon é um cara legal...

— Ruim não, imagina, não é ruim, seu pai vai até querer fumar um baseado com ele, talvez até sua mãe acompanhe — sorri irônico.

— Para, deixa de ser chato, meu pai não vai saber, não agora.

Faço biquinho.

— Elena, você não está raciocinando direito, cara, seu pai veio me conhecer antes de dividirmos o quarto para saber se, como ele diz: Se sou um cara do bem. Se ele descobrir, já era sua faculdade. Quer isso para você?

— Não estou me casando com ele Keven, são só uns beijos e nada mais. Relaxa!

— Tudo bem, está entrando numa furada, mas se quer, vai fundo! — Ele diz, levantando.

— Você mesmo disse que ele é gente boa. Lembra? — sorrio.

— Ele é, mas nem por isso você tem que se envolver com ele. Olha! Jayde não era o que é hoje antes de se envolver com ele, fora que tem ela nessa história toda. Como eles ficam?

— Eles não têm nada, só dividem a casa, assim como nós dividimos o quarto! Keven dá uma risada forçada e irônica.

— Foi isso que ele disse?

Confirmo com a cabeça.

— E você acreditou?

Sorrio, confirmando com cara de idiota!

— Ok, não falo mais nada, mas que fique claro que se eu ver você com um cigarro de maconha, juro que eu mesmo ligo para o seu pai e dou o endereço do Maycon!

— Tudo bem, senhor vigia, sem maconha, está combinado!

Falo, imitando a voz do meu pai; ele ri e joga o travesseiro em mim.

— Gosto de você Elena, é sério, cuidado. Sabe que isso é furada.

— Keven, relaxa, eu sei o que estou fazendo. Maycon não é assim.

— Não mesmo, é um santo! Já disse o que penso, agora é com você!

— Está tudo sob controle, relaxa.

— Ah, e não se esquece da camisinha, hein! Viciados injetam, o que os tornam um número a mais no mundo de doenças sexualmente transmissíveis!

Ele diz e me deixa vermelha de vergonha.

— Para, não vou chegar a esse ponto.

— A não, está apaixonadinha pelo cara e não vai chegar? Jura? — ele ri.

— Não estou apaixonada, só gosto de beijá-lo, nada mais. Agora dá um tempo, vai!

— Ok. Boa sorte nesse novo romance sem futuro — conclui, sorrindo.

— Obrigada, já anotei todos os conselhos e prometo seguir.

Retruco e saio para trocar de roupa. Quando volto, Keven me chama para almoçar. Ele é discreto e não toca mais no assunto, nem quando voltamos a ficar sozinhos.

À uma da tarde, ele me observa enquanto me arrumo. Não diz nada.

Olho-me no espelho: um short, camiseta e rasteirinha. Nada extravagante. Normal, mas fazer o quê? Eu sou normal!

— Está linda! — Ele se aproxima e me dá um abraço.

— Obrigada! — Lhe dou um beijo no rosto.

— Elena, aquele dia da festa, eu voltei. Te procurei igual louco, mas não encontrei, vim ao nosso quarto, a vi dormindo e agradeci a Deus por isso. Não me perdoaria se algo tivesse te acontecido. E seu pai também não! — Brinca.

— Ah, seu chato! Por que não me contou?

— Você fica linda quando está com raiva. Por isso não contei.

— Você é um bobo, Keven, um bobo dos grandes!

Meu telefone toca. É o Maycon. Fico um pouco sem graça.

— Vai lá! — Ele diz, sorrindo. Dou-lhe um abraço.

— Depois eu volto — pego minha bolsa.

— Qualquer coisa, liga para a polícia, ok?

Dou uma risada sem graça.

— Idiota!

Mostro a língua e saio. Caminho até o ponto, percebendo os olhares das pessoas, mas ignoro.

Assim que chego, o carro do Maycon já está esperando. Entro e ele sorri ao me ver.

Damos o primeiro beijo e suspiro ao sentir o gosto delicioso dele.

— Jayde ficou bem? — pergunto, ainda próxima a ele.

— Hoje de manhã bati na porta dela e perguntei se estava tudo bem, ela mandou eu ir me ferrar, então está tudo bem!

Ele sorri. Damos mais alguns beijos. É tão gostoso beijar Maycon. Ele é todo

gostoso.

— Ela é tão temperamental assim? — questiono. Ele sorri.

— Não viu nada ainda! Quando está de TPM então... Nem chego perto.

Trocando o disco, então, para onde quer ir?

— Tem um parque ecológico por aqui, não tem?

O olho esperando a resposta.

— Puebla Costo? — diz com charme.

— Acho que é esse mesmo. Podemos ir e passar a tarde lá, o que acha?

Maycon não faz uma cara muito boa, mas não protesta e arranca com o carro. Liga o som. Reparo que ele não está fugando, mas isso não quer dizer nada.

Chegamos, o lugar é lindo. Dia ensolarado, paisagem digna de filme, cascata que desagua em uma lagoa, árvores por todos os lados e o vento delicadamente em nossas peles.

Assim que ele estaciona, nós entramos. Maycon coloca óculos de sol, fica lindo. Apesar de não assumir que é por minha causa, ele não está mais usando touca.

Sentamos em um banco próximo à lagoa, debaixo de uma árvore.

— Aqui é lindo, não é?

— Legal! Não sou um cara muito diurno. Prefiro a *nigth*.

Sorri. Sento e ele deita colocando a cabeça em meu colo.

Como está de óculos escuros, não sei para onde exatamente ele está olhando. Não demora e ele me puxa para um beijo. E por mais que eu tente, sei que é impossível resistir ao seu beijo. Acho que Keven tem razão, estou me apaixonando por Maycon, e isso me assusta. Como, em tão pouco tempo, posso estar tão envolvida por ele? Ele se levanta e rapidamente segura meu rosto entre as mãos e volta a me beijar com tanto desejo que agradeço mentalmente por estar em um parque. Está mais que claro para ambos, que não vou resistir muito tempo com isso de *o tempo certo*.

Ele para e eu o puxo para mais um beijo.

— Calma. Vamos trocar uma ideia, garota.

— Não pode ser depois? — digo, lhe dando selinhos, e ele sorri.

— Elena, é sério!

— Então fala! — Sussurro ainda entre selinhos.

Ele volta a me beijar tão gostoso, e no fim, morde meu lábio inferior, puxando um pouco, me fazendo gemer baixo. Fecho meus olhos, absorvendo cada toque dele. Quando abro, Maycon está sem os óculos, dou de cara com seu olhar malicioso. Sinto-me uma boba por deixar tão claro como eu o quero.

— Para o seu bem, acho melhor nós não ficarmos juntos na faculdade — ele diz, um pouco sem graça.

— Como assim? Por quê?

— Olha a minha fama, se souberem que estamos juntos, não vai demorar a te encaminharem para o conselheiro. E estou falando sério.

— Está exagerando...

— Não estou. Você é a queridinha dos professores, podem até mesmo chamar seus pais por isso.

— Lógico que não, isso é ridículo.

Assusto-me com o pensamento.

— Não é ridículo! É sério. No mínimo, vão achar que quero te levar para o *caminho da perdição*... — brinca.

— E você, não quer?

Pergunto com charme e ele entende o que quero dizer. Maycon sorri.

— Mais que tudo, só que me refiro às drogas, cigarro, e a longa lista de tudo que eu uso...

— Eles vão saber de um jeito ou de outro, não acha?

— Vamos deixar do outro, porque não quero que ninguém fique enchendo sua cabeça de merda, senão, aí já era tudo que consegui encher na barrinha.

Ele explica e dá uma gargalhada!

— Ah, está bem, acha que já conseguiu encher?

— Garota, eu não jogo para perder. Tipo, não sou Hollywood, mas tudo que faço vira sucesso — ele ri e coloca meu cabelo atrás da orelha.

— Cantada barata a sua.

— Sei que é, mas funciona!

Voltamos aos beijos. As horas passam e eu pouco me importo com elas. Maycon busca sorvete para nós. Lógico que aproveito para lambuzar o rosto dele e depois lambar sedutoramente.

— Você me excita tanto, sabia? — ele sussurra no meu ouvido e tremo por dentro, porque esse desejo é recíproco.

— Acho que você também.

Deixo as palavras saírem e me sinto idiota por isso. Maycon sorri com malícia e esse olhar dele me dá um certo receio, não consigo decifrá-lo.

— Você me faz sentir algo que há tempos eu não me importava mais.

— O quê? — pergunto, curiosa.

— Me faz sentir normal, me faz sentir bem.

Desvia o olhar.

— Me sinto bem ao seu lado também. Sinto-me segura em seus braços.

Ele me olha intensamente, e quando vem me beijar, meu telefone começa a tocar, interrompendo meu momento perfeito com Maycon. Fico um pouco frustrada, quando olho a tela, vejo que é Keven!

Lembro-me de tudo que ele me disse, inclusive sobre doenças sexualmente transmissíveis. Isso me incomoda. Me dá receio.

— Quem é?

Ele interrompe meus pensamentos, e antes que eu fale, Maycon vira a tela e vê quem é.

— Keven... — falo, sem graça.

— Por que esse cara te liga? — questiona, incomodado.

— Somos amigos.

— Só amigos?

— Tipo, ele meio que cuida de mim, conhece meus pais.

— Ele é o cara que anda sempre com você, não é? O mesmo que te deixou pra trás?

Confirmo com a cabeça.

— Somos apenas amigos, ele tem namorada.

— Sei!

Ele pega um cigarro.

— Maycon, queria te falar algo. Duas coisas. Primeiro, eu tenho asma, pode tentar não fumar perto de mim? Segundo, é que tenho que perguntar, e espero que não se ofenda.

— Pode falar.

Ele diz, guardando o maço e o isqueiro.

— Você injeta?

Ele me olha meio confuso, sem graça pela pergunta.

— Por que a pergunta? — retruca, ainda com espanto.

— Nada, é que...

— Fala a verdade, Elena.

— Keven falou a respeito disso — concluo meio sem graça.

— Está com medo que eu te passe alguma doença, é isso?! — Pergunta, saindo de sua passividade.

— Não! É que...

Ele me olha frustrado:

— Não precisa terminar, já entendi — diz, magoado.

— Maycon, não é isso, só me responda.

— Fodeu, a barrinha voltou à escala zero — ele conclui e dá um sorriso irônico. Fico em silêncio.

— Esse cara é a fim de você — murmura, chateado.

— Não! Somos só amigos, como você e Jayde.

— Ele fica com outros caras, tipo, ele é gay?

— Não, mas...

— Elena, corta essa, não sou trouxa.

Levanta-se.

— Maycon, desculpa se ficou magoado.

— Vamos embora, já está tarde. Vou passar algumas músicas com Jay hoje...

Ele dá alguns passos. Seguimos viagem em silêncio. Maycon me deixa no ponto e vai sem se despedir. Sinto-me idiota por ter dito isso a ele. Foi uma pergunta sem noção.

Volto para o Campus. Não encontro Keven, provavelmente está com Any. Após o jantar, escovo meus dentes e tento dormir. Eu deito pensando em cada beijo, cada toque, cada momento nosso. Acho que estou me apegando mais a ele do que ele a mim.

Tudo fica pesado. Acordo com o despertador. Levanto e me arrumo para a aula. Quando chego ao corredor, que dá para minha sala, vejo Maycon e Jayde vindo. Ele está lindo, — ele é lindo. Parecem discutir, quando de repente ele a vira contra a parede e diz algo no seu ouvido. Jayde sorri, se viram novamente e ele pega em sua mão e isso me incomoda. Toda a situação me incomoda. Quando finalmente me vê, — porque no momento, me sinto invisível para eles —, Jayde me ignora e Maycon sorri. Quando passa por mim, dá um aperto na minha mão de leve. Ninguém nota essa proximidade.

Entro na minha sala e não os vejo mais durante todo o dia. Quando tudo termina, volto para meu quarto chateada. Ele não manda mensagem alguma. Fico igual boba esperando por um sinal de sua parte. Sinto-me boba por isso e por todos os sentimentos em relação a ele. Às sete, meu celular vibra. É o Maycon.

— Estou te esperando aqui fora! Tem cinco minutos?

Penso em não ir, mas a ideia me abandona em dois segundos e sigo para minha perdição!

Capítulo 9

Estou ficando louca, mas sei que quero ficar!

Saio e não vejo seu carro. Caminho até o ponto, e vejo que ele está no carro da Jayde.

Fico sem graça ao entrar.

Maycon me beija. Correspondo. Afasto-me um pouco e o encaro. Ele está com uma blusa preta meia estação, calça e tênis.

— O que falou com Jayde hoje no corredor?

— Que horas?

— Maycon, não se faça de bobo — ele sorri.

— Eu falo com ela o tempo todo. Mas acho que está falando de manhã. É isso?

Afirmo com a cabeça.

— Ela estava meio estressada por causa de uma garota. Não entendo, Jayde é meio louca, falei para ela sair fora, mas não me escuta.

— Jura? Acha que acredito?

— Você é cismada com ela. Jay é foda, mas é o cara. Só curte garotas, é sério. Se dependesse dela para molhar o biscoito, podia virar padre — brinca.

— Então ela não está com ciúme?

— Lógico que está um pouco, mas naquele momento falamos sobre isso, e falei também para continuarmos como casal, para ela segurar a onda e não sair beijando a boca de todas que vê pela frente.

— Não vejo sentido algum nisso.

— Elena, vai por mim, não vai aguentar a pressão que vão fazer na sua cabeça quando souberem.

— Isso é ridículo, parece mais uma desculpa idiota.

— Sério? Já andou com um viciado?

Nego com a cabeça.

— Comece a andar e amanhã aparece gente até das quintas para te aconselhar. É sempre assim.

— Então não quer que ninguém saiba?

— Não é questão de não querer, a questão é se você vai levar numa boa isso. Sabe que não suporta as pessoas falarem de você.

— Não dou motivos para isso.

— Mas se passar a andar comigo, dará.

— Tudo bem! — Digo chateada. — E onde Jayde está?

— Não sei, peguei esse carro, se ela quiser, sai com outro; provavelmente foi o que fez.

— É dela?

Ele sorri.

— Praticamente sim.

Suspiro frustrada.

— Ah! Trouxe uma coisa para você.

Ele sorri.

— O quê?

Maycon me entrega um papel, com um login e senha.

— O que é isso?

— Meu login e senha do laboratório onde faço exames toda semana, pode acompanhar se quiser. Só entrar no site do *laboratório*.

— Maycon, não precisa.

— Relaxa, está tranquilo, apenas você, meus pais e eu temos a senha. E meu médico, lógico.

— Por que faz isso? Sempre vai ao médico?

— Neura da minha mãe.

— Por que ela tem tanta neura?

— Pela vida que levo, e porque o médico enche a cabeça dela de merda.

— É sobre o que a Jayde falou.

— Mais ou menos, não ligo para isso. Vem aqui, me dá um beijo agora!

Ele me puxa e iniciamos beijos deliciosos. Suas mãos percorrem meu corpo tão precisamente, ele é a mistura de depravação e carinho. Quente, intenso. Estou a ponto de enlouquecer. Ele para de me beijar e começa a passar a língua safada em meus lábios. Tento não o morder, mas é quase impossível. Volta sua atenção ao meu maxilar e pescoço. Começo a gemer. A tensão que sinto é tão gostosa. Quero ser dele, é a única coisa que penso no momento, e que se dane os conselhos. Estou de saia e isso me deixa um pouco desconfortável, molhada devido à excitação. Não quero que ele sinta. Maycon afasta o banco e me faz sentar no seu colo, ficando entre as minhas pernas. Arrepio ao senti-lo excitado e tão próximo à minha intimidade. Mas ele está de calça e acho que estou segura. Ele me deixa completamente sem juízo, perco totalmente os sentidos do meu corpo, e sinto apenas seu toque, parece que preciso disso para continuar.

Ele tira minha blusa. É excitante, tem pessoas passando na rua, e nós estamos loucos dentro do carro, que se torna cada vez mais quente e os vidros embaçados.

Ele olha meus seios e sorri. Passa a língua delicadamente entre eles, chupa um e depois o outro. Tira sua blusa e me abraça. Geme ao sentir meus seios em sua

pele quente. Beija meu pescoço e volta a beijar minha boca com tanta sede. Segura meus quadris e faz pressão contra ele. Estou perdendo o fôlego e não quero parar para recuperá-lo. É algo maior do que nós, mais forte do que êxtase. Vai além de prazer, é uma necessidade. A necessidade de ser completamente dele.

— Você me leva à loucura — ele sussurra, segurando agora meu cabelo, mas se afasta frustrado.

— O que foi? — pergunto, ofegante.

— É melhor darmos um tempo.

— Por quê?

Ele ri.

— Porque você tem que ter certeza.

Ele sorri maliciosamente. Fico em silêncio. Maycon está jogando comigo, é óbvio, como ele pode tirar meu fôlego e depois simplesmente parar? Ainda o sinto excitado, mas ele não volta a me tocar. Pega minha blusa do lado e me entrega. Olho com desdém. Odeio essa atitude dele, e para ser sincera, não entendo.

— O que você quer de mim, Elena?

Ele me pergunta, me olhando sedutoramente.

— Quero que você me ame intensamente, quero que sinta necessidade de mim.

Maycon desvia o olhar.

— Geralmente, as pessoas que eu amo, costumo abandonar.

Ele me encara. Não acredito que escutei isso dele. Ele realmente tinha que dizer isso?

— Como assim? — pergunto confusa.

— Quando as pessoas me amam, elas passam a querer que eu mude e isso me faz deixá-las para trás.

— Quer isso para nós?

— Não, mas vai muito além do meu querer.

— Por que, Maycon?

— Se eu te deixar invadir meu espaço, não vai conseguir lidar com essa vida. Você é frágil.

— É tão ruim assim?

— Tenho momentos ruins, quase insuportáveis, de loucuras totais. A única que ficou até hoje foi a Jay.

— E se eu quiser ficar?

— Não vai entender minhas escolhas.

— E o que posso fazer se não conseguir entender?

— Deve tentar, mas se ainda não conseguir, não pode tentar interferir, não aceito que ninguém interfira na minha vida.

— Seus pais conseguiram entender?

— Não dei escolha a eles e não vou dar a você. Estou sendo sincero, porque você merece que eu seja.

— Não terei escolha alguma?

— Pode decidir se quer ficar comigo ou não!

— E se eu ficar? Como vai ser?

— Vai ser a única, só minha, e eu vou amar você como você quer que eu ame.

— E se com o tempo sua *vida louca* for demais para mim?

— Não pode me abandonar se decidir ficar, vai ser para sempre — ele diz e depois sorri.

Fico sem saber o que responder, estou perdida; o quero, mas não quero o mundo autodestrutivo dele. Questiono-me se o amor realmente muda as pessoas, ainda sim, Maycon parece ser a exceção disso. Não quer mudar, não quer mesmo. Antes que eu responda, ele volta a me beijar. É nesse momento que eu me rendo e toda dúvida desaparece.

— Quero continuar — digo entre selinhos. Maycon rir.

— Quero que fique, mas acho que por querer que você fique, não estou te mostrando a realidade da minha vida, e vai por mim, não é boa.

— Podemos dar um jeito nisso! — Sorrio. Maycon volta a me beijar. Ficamos naquela loucura por horas até ele não suportar mais e me levar de volta.

Não tem ninguém em frente ao Campus, já é meia-noite, precisamente quinze para uma. Ele sai do carro e me dá mais beijos quentes.

— Essa semana não vou poder vir — sussurra.

— Por quê?

— Semana de provas, e se me der mal, já era minha liberdade.

— Como assim?

— Meus pais são divorciados, fiz um acordo com meu pai, medicina pela minha liberdade. Enquanto estiver indo bem, eles não podem dar palpites na minha vida.

— E sua mãe?

— Ela ainda dá, mas não ligo para sua opinião.

— E ficamos assim? Você e Jayde se amando na faculdade — falo fazendo manha. Ele sorri.

— É melhor assim — me dá o último beijo e nos despedimos.

Quando entro, Keven está acordado. Olha-me de relance, sorri, mas não diz nada. O que me alivia muito. Troco de roupa e deito.

Penso em tudo que conversamos. Apesar dos motivos dele, não confio em

Jayde e não a quero tão perto assim.

Penso em um plano e logo sorrio com minha brilhante ideia. O bom de sempre ser a boa garota é que as pessoas nunca veem suas atitudes com maldade.

Pela manhã, os vejo vindo, juntos, mas mal os cumprimento, e Maycon fica sem entender. Não demora e ele me manda uma mensagem.

O que foi? Aconteceu alguma coisa?

Respondo:

Não, concordo com você a respeito do anonimato e prometo ser compreensiva.

Ele não responde. No intervalo, coloco meu plano em prática. Compro um pudim de chocolate. Detalhe: é o preferido do Keven.

Ele entra com alguns colegas e Jayde, que agora vem à faculdade todos os dias, para me infernizar e estar ao seu lado como uma garota apaixonada.

Olho de relance para ver se ele tem uma boa visão da minha mesa. Confirmo, e ele nem percebe.

— O pudim está ótimo, Keven — digo, dando-lhe um sorriso mais lindo que o sol.

Keven retribui.

— Acho que acabou, senão compraria outro — ele diz em contrapartida.

— Como assim? Somos amigos, posso dividir com você.

Keven agradece e começa minha cena. Uma colher na boca dele e outra na minha.

Jayde dá uma risadinha irônica ao ver.

Maycon me olha irritado e finjo nem perceber, fazendo cara de sonsa.

Continuo naquela cena até o pudim acabar, lógico que a cada colherada faço charme para o Keven, que inocentemente não percebe nada.

Assim que termino, sinto meu celular vibrar.

Que palhaçada é essa?

Maycon me envia e quando o olho, ele parece irritado. Jayde se diverte ao vê-lo assim.

Não sei a que você se refere, perdi alguma coisa?

Respondo fingindo inocência, e ele responde.

Elena, para, por favor. Detesto esse tipo de coisa.

Não respondo e saio abraçada com Keven.

Maycon não me liga, mas na quarta, faço novamente cenas de ciúme, não com a sobremesa, mas redobrando a atenção com Keven, tipo, olho no olho, atenta a cada detalhe, sorrindo sempre.

Maycon parece odiar isso, à tarde ele me liga, mas não toca no assunto. Na quinta, ele não chega de mãos dadas com Jayde, e acho cômico. No fim, esta

dando certo. Conversamos bastante por telefone e a essa altura já estou louca para agarrá-lo. Mas ao contrário de mim, ele se mantém no controle... Isso me frustra, parece que só eu tenho necessidade... por fim, passo a contar os dias para chegar sábado.

Maycon não entende ou fingi não entender. Mas eu pouco me importo com a opinião dos outros. Quero apenas poder estar com ele sem me preocupar se as pessoas gostam ou não.

A sexta chega e já desisti de provocá-lo. Após o intervalo, estou com Keven conversando, distraída. Como ele já tem o costume, enquanto eu guardo os livros no armário, ele faz uma trança no meu cabelo. Começo a rir ao sentir suas mãos. Fazem cócegas.

— Pode nos dar um minuto?

Escuto Maycon falar. Fecho meu armário, me viro e o olho sem entender. O corredor está cheio e ele não se aproxima de mim nessas ocasiões.

— Tudo bem, Elena? — Keven pergunta e sinto o sangue de Maycon ferver pela pergunta.

— Cai fora, idiota! — Ele diz, bruto, e Keven continua do meu lado; nenhum deles vai ceder, sei disso.

— Está tudo bem, Keven. Pode ir! — Sorrio, o fazendo acreditar.

Keven se afasta com receio, e antes que eu possa perguntar, Maycon me encosta ao armário e começa a me beijar. O mundo para, não vejo mais ninguém, apenas sinto seu beijo, e parece que algo volta a viver dentro de mim. Continuamos a nos beijar. Sinto alguém passar a mão nele. Sei que é Jayde, mas nenhum dos dois para. Quando finalmente paramos, todos estão olhando sem entender.

— Dorme comigo hoje? — ele sussurra no meu ouvido, enquanto encaro os olhares das pessoas. Elas parecem chocadas.

— Talvez! — Finjo desdém.

— Não faz isso comigo, Elena, estou a ponto de matar aquele idiota. E a culpa é sua.

Sorrio e ele finalmente fica de frente para mim. Damos mais uns beijos.

— E então? Posso te buscar hoje? — ele sorri.

Não consigo dizer não. Não estando tão próximo a ele, sentindo sua respiração se misturar com a minha. Se ele pudesse ler meus pensamentos, saberia que iria nesse momento.

— Tudo bem, eu vou.

Ele sorri, me dá mais um beijo e segue com Jayde pelo corredor. Maycon entrou tão fundo em mim que sei que morro se ele sair. Estou ficando louca. Sorrio com o pensamento. Talvez esteja mesmo. Mas quero continuar louca,

louca por ele.

Capítulo 10

Novas sensações.

Não consigo mais me concentrar em nenhuma aula, fico apenas pensando em Maycon e eu. Olho para meu professor falando, mas não posso ouvi-lo.

Quando termina, saio e vou em direção ao dormitório. Vejo Maycon e Jayde irem embora, ela está dirigindo e ele fumando ao lado dela. Acho que vou ter que me acostumar com isso.

Engraçado que nunca a vi fumar cigarro, mas isso é o mínimo, já que usa tanta coisa. Ele dá um sorriso ao passarem por mim. Jayde segue com o carro, parece estar apressada. Tomara que ela não esteja em casa hoje. Sorrio com o pensamento.

Chego ao meu quarto e encontro com Keven.

— Vamos almoçar?

— Pode ir, depois eu vou — digo sorrindo e o vejo desaparecer.

Nem acredito que aceitei dormir com Maycon. Meu bad boy lindo. Fico sem saber como me preparar, já havia me depilado há dois dias. Estou tão tensa, não sei por que nós mulheres temos isso. Provavelmente Maycon está fazendo qualquer coisa que não seja relacionada a nós. Por curiosidade, eu ligo e ele me atende.

— O que está fazendo? — sorrio.

— Almoçando uma gororoba que a Jay fez — ele ri e escuto algo ser jogado contra ele.

Que porra, Jay, por que fez isso?

Fiz para mim, já que é gororoba, vomita então. Ela grita e Maycon ri.

— Por que está perguntando?

— Nada, só uma curiosidade — digo sem graça, mando um beijo e desligo.

Homens! Aff!

A tarde passa e quando a noite chega, fico na expectativa de Keven sair, mas as horas voam e ele continua jogando no computador.

Arrumo-me casualmente: um vestido floral de alças não muito justo, sandálias e cabelo liso sem graça de sempre. Passo uma leve maquiagem, arrumo minha bolsa.

— Vai sair?

— Vou sim, mas não me espere, é provável que volte tarde — sorrio sem jeito.
— Vai dormir com Maycon — ele diz e me pergunto quando ele se tornou tão atrevido. Antes que responda, meu telefone toca, é o Maycon.

— Já vou!

Pego minha bolsa, dou um beijo no seu rosto e escuto:

— Usa preservativo, e boa sorte com o príncipe — ele diz brincalhão.

— Tchau Keven, se por acaso meus pais te ligarem, diga que estou dormindo e ligo amanhã.

— Pode deixar.

Sorrimos um para o outro e vou de encontro ao Maycon.

Ele está em frente ao Campus. Sai do carro. Está lindo no seu estilo casual. Camiseta, bermuda e chinelo, sem touca.

— Você está linda! — Diz, me dando um beijo. Sorrio sem graça, estou tensa e ele aparenta estar tão calmo.

Quando entro no automóvel, o som está ligado, então seguimos em silêncio.

Em pouco tempo chegamos. Assim que ele estaciona, vejo Jayde passar de um lado para outro.

— Ela vai ficar em casa?

— Está de saída. Vai fazer uma apresentação com uma amiga.

Sorrio, não acreditando muito.

Entramos e ela me dá um oi estilo Jayde: seco e forçado.

— Já vou — diz, pegando sua mala.

— Vai pela sombra e volte viva — ele dá um sorriso. Pergunto-me se isso não foi combinado, mas o telefone dela toca. Jay atende e diz que já está a caminho. Maycon a ajuda com a mala e os dois se abraçam. Eles realmente se gostam, dá para notar pela maneira que olham um para o outro. Tem carinho, tem uma ligação. Parece coisa de irmão, e realmente quero acreditar que é.

Finalmente, ela tira o carro da garagem e desaparece. Agora, apesar dos seguranças do lado de fora, estamos sozinhos dentro de casa.

Ele se aproxima lentamente de mim e isso vai me deixando cada vez mais tensa. Coloca suas mãos em meu rosto, sorri e me acaricia com seus polegares. Fecho os olhos ao sentir seu toque.

— Sei que está tensa — me dá um selinho e continua olhando em meus olhos.

— Mas não tem motivos para isso, não vamos fazer nada que não queira. Já conversamos sobre isso. Lembra?

Confirmo com a cabeça.

— Não gostou do resultado dos meus exames? — ele diz brincando.

— Não é isso, é outra coisa — digo envergonhada.

— Qual é então? — levanta os braços e estrala os dedos. Sorri.

— E se você não gostar? Se eu não for o que você espera?

Maycon tenta segurar o riso, mas acaba gargalhando e sua atitude me faz querer lhe dar um soco. Deixa-me sem graça, muito mesmo.

Ele para, me puxa pela cintura e me beija de um modo que tira meu fôlego. Respira fundo e olha em meus olhos.

— Desde o nosso primeiro beijo, fico me perguntando como uma pessoa como você veio parar na minha vida, e apesar de não acreditar em destino ou sorte, sei que isso foi um acidente, e Jay me disse isso também. Porque não sou o cara que merece uma garota tão meiga, sincera e... Linda! E apesar de saber que você deveria estar com outro cara, não vou deixar você ir embora — sorrio sem jeito. — Não fique chateada porque eu ri, mas me incomoda um pouco, saber que você pensa mais em mim do que em você mesma. É perfeitinha demais. Deixa rolar naturalmente, é nosso momento, e você vem em primeiro, e não eu — ele me puxa colando nossos corpos — É só nós agora, garota, podemos criar nosso mundo. Você e eu. E depois que você for intensamente minha, não vai mais poder fugir. Vai ser para sempre, mesmo que o sempre não dure muito — sorri.

— Acho que sou sua desde nosso primeiro beijo. Maycon, estou completamente apaixonada por você — sussurro e ele me puxa para um novo beijo. Passo meus braços em volta do seu pescoço e acaricio seu cabelo. Ele geme tão gostoso. Pega-me no colo e continua o beijo. Maycon é o meu delírio, literalmente estou viciada nele.

Chegamos ao seu quarto. Ele me deita de forma carinhosa. Para o beijo e olha em meus olhos.

— Tem certeza que quer continuar? Sou louco por você, e já estou me controlando há um bom tempo, e se formos mais adiante, não sei se vou conseguir parar.

Ele fica parado esperando minha resposta, estou tão excitada e ofegante que não sei se encontro forças para responder. Maycon não se move. Respiro fundo.

— Tenho certeza, é o que eu mais quero — falo e ele sorri.

— Agora já era, entrou na cova do leão! — Ele sussurra e sorri.

— Você é o leão? — pergunto brincando.

— Não, é a Jay, eu sou só um felino inofensivo.

Ambos rimos, sei que ele está tentando me descontrair.

— Não quero que se arrependa, Elena. Promete que não vai se arrepender?

— Não vou.

Digo sussurrando e isso é tudo que ele precisa para continuar. Ele volta a me beijar tão docemente, tira meu vestido e inicia beijos mais quentes em minha pele. Correspondo na mesma intensidade com gemidos. Ele tira sua blusa. Não

consigo conter o desejo. Ficar em contato com sua pele quente me leva à loucura e deixa meu coração tão rápido quanto minha respiração. Sinto como se descargas elétricas percorressem meu corpo, o toco delicadamente enquanto sinto seus beijos. Estou tão rendida a Maycon. Ele para e me olha intensamente. Acaricio seu cabelo, depois seu rosto, passo minhas mãos carinhosamente por suas costas. Ele volta a me beijar e me sente arrepiar. Nunca temos o suficiente um do outro. Ele beija meus seios e logo após os chupa, me fazendo gemer mais alto.

Apesar de desejá-lo, ainda estou um pouco insegura. Ele passa a percorrer sua mão em cada centímetro da minha pele, cada curva. Quando afasta a minha calcinha e toca em minha intimidade, eu congelo. Ele percebe minha tensão. Volta sua mão ao meu seio e começa a massageá-lo. Beija meu pescoço, e quando relaxo um pouco, Maycon lentamente retira minha calcinha. Apenas a luz de um abajur está acesa, o que, de certa forma, me conforta.

— Você é tão linda, Elena — ele sorri.

Maycon tira sua bermuda e cueca. O vejo nu e não sei descrever as sensações, eu o quero, mas por outro lado, sei que vai doer. Desvio o olhar com vergonha. Ele é tão perfeito, tudo nele é, inclusive a parte que acabei de conferir. Sorrio sem olhá-lo e o ouço dar um risinho também. Ele pega a camisinha e a coloca em seu membro. Nesse momento, o receio misturado ao prazer e medo me domina. Ele se encaixa entre as minhas pernas. Sinto excitação ao sentir seu membro ereto entre minhas coxas.

Ele se apoia nos cotovelos e deita sobre mim.

— Se doer muito eu paro, tudo bem?

Apenas confirmo com a cabeça. Quando ele inicia, eu quase choro. Sempre fui tão fresca em relação à dor, e agora não consigo evitar essa sensação.

— Vai devagar, por favor — digo ao senti-lo tão excitado. Maycon me olha de relance.

— Prometo que eu vou bem devagar.

Ele se posiciona mais precisamente entre minhas pernas, e quando tenta me penetrar, o interrompo segurando seu membro ereto. Fico morrendo de vergonha pela atitude, e rapidamente o solto, nem sei como minha mão se atreveu a tanto. Só que estou com mais medo do que realmente gostaria.

— O que foi? — ele pergunta, ofegante.

— Vai doer muito, não vai?

Ele respira fundo e se afasta um pouco.

— Elena, sei que rola toda essa apreensão por ser sua primeira vez, mas prometo que se você se sentir desconfortável, eu paro... Não vou machucar você, tudo bem? — ele sorri pra mim e me sinto uma idiota por isso.

— Tem certeza que quer continuar?

— Tenho, desculpa — digo sem graça.

— Está tudo bem, garota, não precisa se desculpar por isso.

Ele volta à sua posição e começa a me beijar. Adoro seus beijos e eles me relaxam. Começa a brincar com a língua dentro da minha boca. Sorrio. Ele coloca minhas mãos em suas costas. E quando eu menos espero, o sinto começar a me penetrar. Dói, dói muito. Mas ele, como prometeu, está indo bem devagar. Para um pouco e me enche de beijos. Continua e ainda sinto dor. Ele vai até me penetrar por completo e espera que eu me acostume com ele dentro de mim. Maycon está suando, ele sorri e eu forço um sorriso. Ambos estamos ofegantes e sinto seu suor em minha pele. Ele volta a me beijar e inicia movimentos de vai e vem. A princípio, a dor continua, mas me acostumo a ela. A primeira vez não é uma caminhada ao parque, penso de imediato. Começo a relaxar e finalmente sinto prazer. Começo a gemer, ele também geme. É gostoso, é bom. Finalmente, sinto um êxtase enorme, me sinto bem mais molhada também, a sensação é maravilhosa. Chego ao meu limite e amo a sensação. Maycon goza e após um tempo sai de dentro de mim. Deita ao meu lado, pingando suor. Está com os olhos fechados, respirando ofegante. Minha respiração também ofega. Ele me puxa para seus braços. Ficamos um tempo em silêncio e sinto minhas lágrimas rolarem, acho tudo tão mágico, tão perfeito.

— Está sentindo alguma coisa? — me encara.

— Foi tão perfeito para mim.

— Para mim também — dá um sorriso.

— Agora eu sou intensamente sua? — pergunto em seus braços.

Maycon ri:

— Agora é!

— Por que diz intensamente sua?

Ele dá uma gargalhada.

— Se eu te contar vai estragar o momento!

— Por quê?

Ele não responde, apenas continua me olhando.

— Tem alguma coisa a ver com drogas? — pergunto desconfiada, mas não me importo com a resposta.

— Tem sim, com isso e Jay, mas deixa isso para lá.

Ele pega um controle do lado, acho que é a televisão, mas liga o ar condicionado. Depois apaga o abajur e aparece um céu estrelado no teto. É lindo. Parece real.

— Desde criança, sempre fui obcecado por estrelas.

— É um retroprojeto de imagens?

— Sim, meu pai me deu há um tempo. Gosto de olhar para elas. Ainda que não sejam reais — me dá um beijo e rapidamente ele se torna mais intenso — Quer repetir? — sugere carinhosamente.

— Pode ser mais tarde?

— Pode ser a hora que você quiser.

Maycon fica olhando para o teto estrelado, pensativo. Quero saber o que ele está pensando, mas não me atrevo a perguntar, o momento parece perfeito demais e não precisamos de muitas palavras. Ele quebra o silêncio.

— Acho que amo você, Elena — ele diz e me faz rir feito boba.

— Eu tenho certeza — retruco. Ele me beija tão docemente. Tão terno.

— Por que você surgiu só depois que eu me perdi? — ele sussurra me olhando de relance.

— Porque eu tinha que te encontrar — sorrio e o faço sorrir.

— E quando as coisas ficarem complicadas, promete que vai ficar, ainda que eu te magoe? Ainda que eu não cumpra minhas promessas?

— Não existe outro lugar para mim além de estar ao seu lado — nos olhamos intensamente e voltamos a nos beijar mais uma vez. — Me acha muito fresca? — falo com a cabeça em seu peitoral.

Maycon sorri:

— Não! — Vejo a mentira em seu olhar. — Você é delicada, é diferente de fresca.

Sorrimos. Olho para ele e sinto muito desejo. Maycon sorri maliciosamente e não demora a estar dentro de mim novamente, me levando à loucura. E a segunda vez é bem mais intensa que a primeira, me solto mais e ele aproveita isso. Sinto tanta necessidade de ser dele, como se precisasse somente disso: de estar com ele. Estou tão louca que sei que não sobrevivo se ele me deixar, e no íntimo, desejo que o sentimento seja recíproco. Sei que o amo mais que a mim mesma. Ele é o meu único vício.

Depois de um tempo, tomamos um banho, e após muitas carícias, acabo dormindo.

Capítulo 11

Não há luz na escuridão.

Acordo. Maycon não está ao meu lado. Enrolo-me em um lençol e me levanto, seguindo para o banheiro. Após terminar minha higiene, visto minha roupa e volto ao quarto. Vejo uma mancha no lençol que cobre a cama. Vou até as gavetas em busca de um limpo, abro a primeira e vejo um pó branco sem identificação num pa. Não preciso examinar para saber o que é. Congelo e quase choro com o que vejo. Ao lado, na mesma gaveta, tem notas de dinheiro enroladas como canudos e seringas, algumas abertas, outras fechadas. Uma em especial parece ter sido recém usada, o sangue está fresco. Não toco, apenas fico olhando perplexa. Sempre odiei agulhas, e ele faz consigo mesmo, por um maldito vício. Agora sei por que ele não anda fungando o nariz. As lágrimas caem sem ao menos poder evitar.

— Procurando alguma coisa? — escuto o Maycon e fico sem reação, a gaveta ainda está aberta.

— Um lençol — digo, sem graça. Afasto meu cabelo e enxugo meus olhos antes que ele veja. Viro-me e o encaro sem jeito.

— Em uma estante? Geralmente encontramos no closet, não acha? — ele diz, desconfiado.

— Desculpa, eu...

— Tem costume de mexer nas coisas dos outros assim? — pergunta, sério.

— Não! Desculpa — fecho a gaveta.

— Se é pelo lençol, trocamos depois. Fiz um chocolate quente, você gosta?

— Adoro! — Sorrio, tentando disfarçar. Ele, por fim, sorri e minha tensão passa.

— Vamos descer? — pergunta, e eu sigo em sua direção.

Desço contando os passos. Graças aos meus pais, eu nunca estive tão perto de drogas antes, mas agora estou.

Sento na cadeira da ilha que ele tem na cozinha. Maycon me serve chocolate. Tomo o primeiro gole e sorrio:

— Parabéns! Está ótimo, obrigada.

Ele se serve, e após o chocolate, seguimos para a sala. Ele deita no sofá e me puxa para deitar com ele.

— Está frio. Amanheceu bem gelado — sorrio e lhe dou um beijo, que Maycon corresponde.

— Quer uma blusa?

— Da Jayde? — pergunto, desconfiada.

— Não, não mexo nas coisas dela sem permissão. Pode ser uma minha? — ele me desarma. Estou sem graça, apesar de que realmente estava procurando por um lençol. Não respondo.

— Dormiu bem? — sussurra carinhosamente e beija meu pescoço.

— Dormi. E você?

— Não muito bem, mas desta vez foi graças à porra do cachorro que não parou de latir.

— Realmente, eu escutei, é seu?

— Bom, é e não é! — Ele sorri.

— Como assim?

— Desde criança, tenho trauma de cachorro, tipo, para mim é igual a cobra. A Jay é meio louca. No aniversário dela fazemos uma tattoo igual, mas no meu, ela geralmente me dava uma blusa; no ano passado, quis fazer uma coisa diferente. Sabia que ia dar merda. O foda é que ela sabe que odeio cachorro. Mas aí o dia chegou e advinha o que ela me deu?

Começo a rir.

— Um cachorro?

— E não é um cachorro que ela foi no petshop, viu um bicho bacana e comprou. Achou o lazarento na rua, levou no veterinário, pagou com meu cartão de crédito. E no dia, me deu. Na hora que vi, quase enfartei. O cachorro começou a latir e veio para cima de mim, não é filhote. Quase me mordeu.

Continuo rindo, não acreditando.

— Cara, ela é foda, quando chego e ele está solto, saio correndo, senão ele avança de imediato. Só gosta dela.

— Mas então você aceitou o cachorro!

— Eu aceitei? Você pergunta se aceitei? Não aceitei, mas não fez diferença alguma para ela. É louca, quando eu disse que não queria, me xingou todinho e diz que presente não se escolhe. Falei: *Jay, mas não gosto de cachorros*. Para quê! Ela me xingou mais ainda e disse que ele tinha sentimentos, se eu não tinha vergonha em ofender um animal indefeso e blá blá blá... Até hoje essa porra está aí, e a praga não morre de jeito nenhum, ela sai e ele fica nessa latição do caralho.

— Às vezes é fome.

— Então vai morrer, não vou lá de jeito nenhum — sorri.

— Eles são tão fofos, tenho dois, estão na casa dos meus pais — sorrio olhando em seus olhos.

— Credo, eu odeio. Na boa, comigo sem chance. Trocando o disco, o que você quer fazer hoje?

— Não pensei em nada, a não ser ficar aqui com você — lhe dou outro beijo.

— Adorei o plano — me dá um beijo.

— Mas voltando a falar da Jayde, o que ela significa para você?

— No início, a gente ficava; um dia, ela veio dormir comigo, eu não curti muito não, já te contei. Ela continuou por dois dias. Quando viu que eu morava sozinho, me perguntou se podia ficar e eu deixei. Não rolou mais nada, contudo, na convivência, descobri nela uma pessoa maravilhosa. Jay me aceita como eu sou, tipo, não escondemos nada um do outro, rola muita confiança. A gente meio que se apoia. Nesses três anos vivemos tantas aventuras. Não faz ideia. Jay é completamente louca, mas eu gosto da loucura dela — ele termina, com o pensamento longe.

— Mas são como irmãos? — pergunto, desconfiada. Maycon sorri:

— Ela é minha versão feminina, apesar de ser praticamente um homem.

— Você se prendeu a ela, não é isso?

— Jay nunca ficou chocada como você ficou ao ver minhas paradinhas.

— Porque ela usa.

— Porque ela respeita.

— Ela também não quer sair, não é mesmo?

— Olha, eu já tive lá minhas loucuras de intoxicação, de porre, mas hoje, eu aprendi a dosar, consigo me controlar.

O olho com receio.

— Usa todo dia?

— Uso.

Sinto um aperto no coração ao ouvir.

— Injeta sempre?

— Na verdade, não, mas você parece ficar incomodada quando eu cheiro. Por isso acho menos incômodo para, você eu injetar.

Fico sem palavras.

— Dilui com água? Sei que há várias formas, mas qual você usa?

Ele sorri:

— Não, limão ou vinagre, o efeito é mais intenso, às vezes com sangue. Depende da necessidade.

— Não acaba com os vasos sanguíneos usar líquidos tão ácidos?

Ele respira fundo e ri novamente:

— Sério que está me perguntando isso? Elena, de todos os males, os diluentes são os mais inocentes — sorri, e antes que eu possa me pronunciar, ele continua:

— Como eu estudo Medicina, me sinto na obrigação de te alertar — diz zombando. — Hum-hum — limpa a garganta como se fosse fazer um discurso.

— Não use drogas, garota. Veja-me como exemplo, eu uso há um bom tempo,

provoquei danos irreversíveis nos vasos sanguíneos coronários e cerebrais, tenho pressão arterial elevada, o que significa que posso ter um ataque cardíaco, derrames vasculares cerebrais e morte súbita a qualquer momento. Fora os danos no fígado, rins e pulmões. E por aí vai uma longa lista, fez um trabalho, deveria saber disso.

— E você, sabendo disso tudo, não tem intenção de parar, não é mesmo?

— Todo mundo morre, só basta estar vivo para isso.

— Maycon, você não vê a gravidade da situação? — pergunto, perplexa.

— Elena, eu passo mal sem a coca, sinto dor, fico paranoico, não consigo, não mais. Sinto muito, mas essa conversa não vai nos levar a nada — ele me dá um beijo.

Sinto-me mal ao ouvir isso, mas tento disfarçar aparentando uma falsa tranquilidade. Ele assinou a própria sentença de morte e quer que eu me conforme com isso.

— Você vai se acostumar a isso — ele diz, passando a mão no meu cabelo.

— Em ver você se matando aos poucos? A Jayde pode até ter se acostumado, mas eu não.

— Pois é. Por isso prometemos que nós dois vamos juntos.

Ele dá um sorriso irônico e me deixa sem palavras. Fico magoada, pois Maycon não tem planos, só pensa nele, no seu vício e no hoje, mas, infelizmente, seu estilo de vida não lhe dá muitas esperanças no amanhã.

Começo a chorar e ele muda sua expressão.

— Elena, para, por favor.

— É isso que quer para nós? Fico com você sem planos, apenas amando você e te perdendo, e me conformando em te perder aos poucos todos os dias?

Ele não me responde.

Meu telefone toca, enxugo as lágrimas, fico em pé e o pego na bolsa. Maycon se levanta e me abraça por trás. É meu pai.

— Oi, princesa!

— Oi, pai.

— Dormindo até agora? Que preguicinha hein!

Sorrio e continuo com algumas lágrimas pelo Maycon, mas tenho a desculpa de ser por sentir falta de casa.

— Está tudo bem, amor?

— Tudo pai, por quê?

— Nada, sábado que vem é o aniversário da mamãe, estamos te esperando, tudo bem?

— Vou na sexta, não esqueceria nunca. Sabe disso.

— Eu sei, princesa! Ah! Convidei o Keven para vir.

Meu pai diz e fico sem graça.

— Como assim? Deveria ter me perguntado antes.

— Pelo pouco que o conheci, sei que ele gosta de você. Fora que ele é um rapaz de índole, caráter. Dará um ótimo genro — gargalha.

— Pai, para! Não temos nada a ver e ele tem namorada.

— Mas você é a garota mais linda da faculdade, e sei que vocês têm futuro juntos. Percebo pelo modo como ele fala de você.

Antes que eu responda, ele conclui: — Querida, estou indo levar suas irmãs no parque, mamãe te mandou um beijo.

— Ela não está?

— Hoje está de plantão na delegacia. Beijos, meu anjo, fica longe dos sem caráter, e mais tarde te ligamos. Te amo, princesa.

— Também te amo, pai.

Desligamos. Não consigo olhar para Maycon, ele escutou toda a conversa. Estou sem graça.

— Você é a princesinha do papai, quem diria! — Ele diz no meu ouvido. Apenas sorrio.

— Três filhas, sou a mais velha.

— Sua mãe trabalha na delegacia?

— Ela é..., quer dizer, ambos são policiais, ela é Tenente e meu pai Sub-tenente.

— O quê? Como assim? Por que não me contou antes?

— Faz diferença?

— Não muita, mas acabo de reduzir minha estimativa de vida para assim que ele descobrir sobre nós. Agora entendo porque você é tão perfeitinha.

— Ele vai gostar de você — digo, sem graça.

— Um policial gostar de um cara como eu? Você sonha demais.

— Quando verem que eu gosto, eles vão gostar.

Maycon sorri e me dá um beijo bem confortador. Continuamos até perdemos o fôlego.

— E quando você se for? Como eu fico? — pergunto, olhando em seus olhos. Ele desvia o olhar, sei que minha pergunta o chocou.

— Um dia, ouvi dizer que a morte separa apenas os corpos, mas não pode separar as almas quando o amor é verdadeiro. Ele costuma ir além da vida. Quando isso acontecer, você sempre terá a melhor parte de mim. Porque eu sei que amo você e de alguma forma sinto que me ama também. Não gaste seu tempo esperando por uma mudança que nunca vai acontecer, Elena. Isso é ilusão — ele sorri, sem jeito.

— Por que precisa tanto disso? Por que continuar usando, se sabe que ela está

te matando?

— Como a coca interfere na maneira que o cérebro processa produtos químicos, eu preciso de cada vez mais para me sentir "normal". O prazer que eu sinto, o êxtase, ainda que momentâneo, é necessário para que eu me sinta vivo. É inexplicável, sinto euforia, sensação de que posso tudo e posso mais que todos, me sinto livre, não sei para quê, mas sinto. Não consigo ficar sem, não mais. Hoje, eu tento controlar a quantidade, mas mesmo que cheire pouco, normalmente são algumas gramas por dia. Sei que meu dia não será igual se não cheirar. Às vezes, não é o suficiente e sinto que preciso me desconectar, aí são dias só cheirando. Em uma dessas eu apaguei e acordei três dias depois no hospital. O médico falou aquilo que escutou da Jay. Por isso estou tentando controlar. Quero pelo menos entregar o diploma para o meu pai, foi um acordo, e gosto de cumprir minha parte.

— Mas você não sente prazer comigo? Não sou o suficiente para você?

— É diferente, lógico que sinto, só que com você a sensação é oposta. Eu me sinto confortável, me sinto seguro, não preciso provar nada, sinto que não sou só um viciado. Você me faz bem, me faz sentir bem. A coca é minha distração, a liberdade que entra nas minhas veias e...

— E leva a sua vida — digo, enxugando minhas lágrimas. — Amo você e acho que estou ficando louca, porque não tem explicação você amar alguém com tanta intensidade como eu te amo, Maycon, e não quero te perder.

Maycon me puxa para seus braços, iniciando um beijo intenso. Continuamos a nos beijar com tanta loucura, que em questão de segundos estamos nus. Ele me encosta na porta e me penetra sem preservativo, é uma sensação tão louca, estou chorando por ele, e gemendo pelo prazer que ele me faz sentir. Ele não goza dentro de mim, tira antes. Pega-me no colo e se joga comigo no sofá.

— Meu mundo é escuro demais, Elena, mas com o tempo, você percebe que não precisa de luz para enxergar na escuridão.

— Comigo não funciona assim, eu não enxergo no escuro — digo, ofegante, o tendo entre minhas pernas.

— Não precisa de luz para me enxergar. Só precisa me sentir, que eu te mostro o caminho — ele sussurra e volta a me beijar.

Sei que há muita loucura no amor, mas pela primeira vez começo a acreditar que na loucura há também a razão...

É contraditório, porque tudo que Maycon diz sentir ao usar cocaína, eu sinto ao ser tocada por ele...

Sinto êxtase, prazer, me sinto viva. É inexplicável, sinto euforia, sensação de que posso tudo e posso mais que todos, me sinto livre, e assim como ele, sei que preciso de mais, cada vez uma dose mais forte, não nas veias, mas no meu

coração...

Capítulo 12

Conselhos? Quem liga para eles!

Continuamos na mesma loucura. Após horas, tomamos um banho e ele pede pizza.

— Frango à bolonhesa? — pergunta, me olhando.

— Pode ser.

— Ok, frango à bolonhesa e uma Coca — diz ao telefone.

Voltamos a ficar deitados abraçados.

— Seu pai parece gostar do Keven — comenta. Fico sem graça.

— Ele brinca muito.

— É só brincadeira para você? — não retruco. Dou-lhe um beijo. Ele olha em meus olhos e não pergunta mais.

A pizza chega e nós comemos. Passamos o dia todo juntos. Quando a noite chega, apesar de dizer que tenho que ir, Maycon não deixa. Acabo ficando e ele consome toda minha energia. Cochilo e quando acordo, estamos deitados em sua cama. Olho o relógio, é meia-noite. Ele parece estar dormindo. Sinto seus braços em minha volta e sua respiração está calma. Estou nua e ele também. Mas o edredom me impede de sentir frio. Viro e fico olhando para seu rosto, seu peitoral está descoberto. Observo algumas tatuagens. Uma, em especial, no antebraço, me chama atenção: *"Por amor às causas perdidas."* Qual seria o significado, ou o intuito? Ele é meio louco, e eu mais ainda por querer alguém assim. Não resisto e lhe dou um beijo. É o suficiente para ele sorrir. Seus olhos ainda estão fechados. O quarto está iluminado pelo abajur ao seu lado.

— Te acordei?

— Não, geralmente durmo mais tarde.

— Hoje não teremos estrelas? — pergunto, sorrindo.

— Sempre tem, garota dos neurônios — diz zombando. Desliga o abajur e liga o seu céu estrelado; ele aperta o controle e muda para o universo. É tão perfeito. Tão lindo.

— Gosta de Albert Einstein?

— O físico?

— Físico-cientista. Einstein, aos vinte e um anos, era considerado um fracasso na faculdade e para o seu pai. Ninguém esperava muito dele, inclusive ele chegou a lamentar a sua existência. Seu pai morreu acreditando que ele era uma vergonha para a família. Olha que ironia, ele mudou a física, com suas teorias — ele me olha e sorri. — Mas, para provar sua teoria da relatividade, ele teve que

derrubar a teoria de Isaac Newton, que era praticamente um deus nos dias de Einstein, inclusive, seu ídolo. Um dia, ele teve uma visão de um homem caindo de um prédio, essa visão que lhe mostrou que não existe força da gravidade, mas uma inclinação no espaço, contrariando Isaac Newton sobre a força da gravidade que te puxa; no fim, ele provou estar certo e derrubou anos de estudo revolucionando a física. Mas ele queria ir além. Queria explicar o universo com apenas uma equação simples. Hoje, por exemplo, a ciência consegue transportar a voz pelo telefone, não importa a distância, você conversa com alguém e esse som viaja pelas dimensões. Por aí, você deduz que há um caminho...

Maycon continua falando e olhando para seu universo. Não presto atenção e fico perdida sem entender sua linha de raciocínio, mas impressionada com seu conhecimento e interesse...

— A ciência evoluiu ao ponto de conseguir transmitir imagens e sons pelas dimensões, mas o grande avanço que todos esperam é a matéria — ele me olha, esperando que eu diga algo. — Não consegue entender? — confirmo que não. — Se conseguirem esse avanço, poderemos ultrapassar as dimensões na velocidade da luz...

— Mas até então ninguém conseguiu.

— Na verdade, os Maias foram grandes estudantes da astrologia e misteriosamente eles desapareceram sem deixar rastros, talvez eles tenham descoberto o caminho. Tudo está na matemática, tudo é matemática, serão necessários cálculos precisos, estudos minuciosos. Robert e eu sempre conversávamos sobre isso. Às vezes é necessário desafiar nossos deuses para obtermos resultados e respostas, Elena.

Fico sem graça quando ele se refere ao garoto e tudo me vem à mente sobre o que fiz, mas Maycon parece não se importar. Continua falando e dizendo coisas que fazem sentido e muito, mas vão além do meu raciocínio lógico e interesse; ele fala das leis da física e como tudo está intercalado, inclusive a religião.

Quando termina, eu não sei o que dizer por não ter acompanhado, e, sinceramente, não sei se isso tudo é para me fazer sentir idiota ou mostrar que ele é bem mais inteligente que eu.

— Isso não te intriga? — ele pergunta, sorrindo maliciosamente.

— Acho que estou um pouco perdida.

Ficamos em silêncio, mas ele o quebra.

— Você é hilária, é totalmente contra a cocaína, mas o pai da Psicologia defendia seu uso e era um usuário. Inclusive, fez um estudo sobre seus efeitos.

— Sei disso — digo, não muito contente.

— Quer mudar de assunto? Acho que as Leis da Física, e estudos sobre cocaína não te interessam muito.

— Por que estuda Medicina se parece mais interessado em física?

— Na verdade, essa seria minha primeira opção, mas como não espero viver muito, devido a isso, deixei que meus pais fizessem a escolha, e cá estou eu, aluno de medicina. — ele conclui irônico.

— Você é um prodígio, Maycon Sebastian — sorrio.

— Não, Elena das... Não me lembro do seu sobrenome. Sou apenas um viciado.

— Ah, para!

— Estou brincando.

— Você está muito irônico, perdi alguma coisa quando dormi?

— Não, apenas fico deixando as ideias fluírem e acaba que minhas ideias têm ideias, sabe como é! Sou um cara viajado — diz com ironia.

— Por que não aproveita e faz algo para revolucionar o mundo? — sugiro e ele ri.

— Esse mundo já está fodido. Não quero melhorar esse mundo, quero sair dele. Algumas pessoas não se encaixam, ou como eu, elas não nasceram para esse mundo.

— Qual o problema com o mundo para você?

— As pessoas perderam a noção, a receita está vencida, e eles continuam usando como se fosse algo inovador, mas apenas mentes não cauterizadas que percebem a verdade.

Gargalho e ele também.

— Se sabe uma nova receita, cadê?

— Não funciona, elas querem a velha e eu me nego a usar sempre a mesma. Vou dar um claro exemplo. Você gosta de romances? — diz com cinismo.

— Gosto.

— Os ingredientes são os mesmos, o cara problemático, a mocinha ingênua que precisa salvá-lo oferece seu amor, e no fim chega o tão perfeito feliz para sempre — ele diz, sorrindo.

— Está querendo me ofender?

— Jamais, mas fico pensando... Por que o cara tem que ser salvo, e se ele quiser se perder? Há quem goste de luz, há quem não goste. Mas aí, eles produzem uma merda pior que a outra, personagens irreais, as mulheres amam, a porra faz um sucesso do caralho e eu me pergunto se não estou vivendo entre zumbis. Só que fiz uma análise e cheguei à conclusão que nasci em uma época errada. Hoje, as pessoas aceitam qualquer porcaria e engolem em seco. Nego-me a ser como eles... — O observo, ele está diferente.

— Você é muito crítico, cada um tem seu gosto e devemos respeitar.

Ele ri com deboche.

— Eu sei, esse é o pior argumento, quando faltam palavras sensatas. Por isso que os grandes estão mortos, os bons estão debaixo das estantes e os idiotas recebendo glória como heróis inspiradores.

Ele me olha ironicamente. Não tem como discutir com ele, Maycon sempre tem uma carta na manga, e ainda que não tenha, ele é inteligente o suficiente para usar a minha contra mim mesma. O quarto está iluminado pelo universo.

Fico em silêncio e ele simplesmente cede. Iniciamos mais beijos e não demora para ele estar dentro de mim novamente.

O fim de semana perfeito acaba. Domingo à noite voltamos ao Campus. Depois de muitos beijos, ele vai e me deixa com aquela sensação chata de saudade.

Keven me vê entrar e não diz nada, apenas dá um sorriso malicioso. Sorrio também e não me atrevo a iniciar uma conversa. Preparo-me para dormir e assim o faço.

Acordo pela manhã e rapidamente me arrumo para a aula. Assim que entro na faculdade, vejo Maycon conversando com uma garota loira, e quando ela vira, vejo que é Rebeca. Continuo andando normalmente. Tento repudiar essa sensação de achar que ele não pode conversar com ninguém, ainda que se eu pudesse, não deixaria, mas isso já é demais.

Ele me vê, se aproxima, me dá um abraço e nos beijamos.

— Dormiu bem? — Maycon pergunta sorrindo.

— Dormi — sorrio e ele faz caras e bocas com minha resposta.

— Nossa! Eu dormi péssimo sem você, bom saber que dormiu bem sem mim — ele diz e coloca meu cabelo atrás da orelha.

Aproximo-me e sussurro em seu ouvido:

— Dormi bem, mas se fosse ao seu lado, seria maravilhosamente bem.

— Espertinha, se safou bem. Posso te roubar hoje?

— Virou ladrãozinho agora?

— Por você, eu viro até anjo, meu bem — sorri e morde a linguinha gostosa dele.

— Te amo — digo e lhe dou um beijo. Nesse momento, meu professor passa e me olha surpreso. Mas acho que todos estão nos vendo juntos.

— Também te amo. Bom, como a Jayde não trouxe meu boneco de vodu, acho que vou ter que ir assistir à aula — diz, brincando.

— Até mais tarde — lhe dou outro beijo, mais um e mais um. Ele se vira e vai. Sorrio o vendo ir, após, entro na sala.

A semana segue, o sexo rola solto. Estou me tornando uma pervertida dentro do carro dele.

A quinta chega e todos da faculdade já sabem sobre nós. O que, de certa forma, me irrita, porque quando ele andava com Jayde, o assédio das garotas não era tanto, com certeza deveria ser por medo de apanhar, visto que ela parece um cão raivoso. Sorrio com o pensamento. Mas ao contrário de mim, que corro de uma briga, elas não se importam e ficam em cima, o que me dá raiva. Mas ele justifica dizendo estudar com elas...

Na sexta, para minha surpresa, após o intervalo, o conselheiro da faculdade me chama. Já prevejo o motivo, mas, mesmo assim, vou sem protestar.

— Sente-se, senhorita Elena Tyner.

Sento-me e agradeço.

— Tudo bem? — ele pergunta me encarando.

— Tudo — sorrio.

— Sabe por que está aqui? — nego com a cabeça — Fez um excelente trabalho sobre drogas ilícitas, inclusive mandamos para o conselho da faculdade. Foi notório seu desempenho.

— Obrigada.

— Pois bem, logo após você deu um discurso em forma de nota de falecimento ao nosso aluno Robert, foi duro, no entanto, necessário e realista.

— Olha, se é por isso, eu me arrependi muito e...

— Sei que muitos alunos a oprimiram por falar a verdade, mas ela sempre deve prevalecer.

Começo a ficar nervosa, não sei aonde exatamente ele quer chegar.

— Logo após o fato, você iniciou, pelo que me consta, um romance com Maycon Sebastian.

— Mas o que isso tem a ver?

— Senhorita Elena, você é uma garota prodígio, tem um belo futuro pela frente, acho que está cometendo um grave erro ao se envolver com ele.

— Maycon é uma pessoa maravilhosa, não consigo entendê-lo.

— Não duvido disso, nem questiono, mas todos nós sabemos que ele escolheu o caminho errado, infelizmente tem muita verdade no ditado: *diga-me com quem tu andas, e te direi como és*. Se continuar, não prevejo um bom futuro para você, entende?

— Sei que ele tem problemas, mas isso não me dá o direito de recriminá-lo. Muito menos querer dizer que eu vá para o mesmo caminho que ele, isso soa ridículo.

— Não estou dizendo que se tornará uma dependente, mas, com certeza, se tornará uma codependente. Inclusive fez um trabalho e relatou sobre os riscos da

codependência. Pense no que eu estou te falando, não desperdice sua vida, é triste ver alguém como você cair nesse mundo, e, infelizmente todos sabem que o Maycon não quer mudar. Alguns professores me procuraram para lhe falar, e o faço com a melhor das intenções. No entanto, agora é com você. Obrigado pela atenção — ele sorri, e eu agradeço apertando sua mão.

Quando saio, dou de cara com Maycon. Ele me olha sem graça. Provavelmente já imagina o motivo, afinal, ele me alertou. Apenas sorrio e vou em direção à minha sala. Justamente, esse é o assunto na aula de psicopatologia. O problema é que a cada exemplo, a professora olha para mim e nem me atrevo a olhar para os outros alunos. Novamente, eu sou o assunto do momento. Assisto mais uma aula e assim que acaba, volto ao meu quarto. Keven está esperando para o almoço.

— Tudo bem? — pergunta, me olhando.

— Tudo uma droga, não sei por que as pessoas se preocupam tanto comigo.

Keven suspira.

— Elena, é complicado, embora você fique chateada, eles só querem evitar que você caia em uma cilada, sabe disso.

Keven diz, e como sempre, se mostra sensato.

— Que horas vamos sair hoje?

— Pode ser às nove? Vou ver Any antes, quero conversar com ela — ele diz, sério.

— Tudo bem — confirmo e não questiono o motivo, afinal, cada um tem o seu.

Almoçamos, depois arrumo minhas coisas. Não convidei Maycon e sei que no fundo ele ficou chateado, mas meus pais não estão preparados para a explosão Maycon em minha vida, fora que assim que souberem, não adianta nem mentir, meu pai vai descobrir tudo sobre ele e não estou preparada psicologicamente para a torrente de questionamentos em minha cabeça. Está ficando chato isso. Os professores na faculdade, Keven, e ainda tem meus pais. Oh, vida!

Evito esses pensamentos. Às sete, Maycon chega. Vou direto para o seu carro que está no ponto próximo ao Campus. Ele não desce.

Entro e ele inicia:

— Se você quiser, eu posso te levar para a casa dos seus pais amanhã.

Sorrio sem graça e o beijo.

— Não precisa, já combinei com Keven.

Ele não me olha, mas é obvio que está magoado.

— Posso te deixar próximo. Não quero que vocês vão juntos.

— Isso levantaria suspeitas, vou falar sobre você, quero que eles saibam, mas tem que ser por mim, entende? — falo, tocando seu rosto.

Ele me beija.

— Recebeu muitos conselhos hoje?

Não respondo, ele já está magoado, e falar só vai fazê-lo se sentir pior.

— Sabe, não quero perder você, mas acho que o universo conspira contra nós — ele sorri sem jeito.

— Maycon, eu passo pelo corredor e sei que todos estão olhando, os professores acham que estou ficando louca e sempre jogam alguma indireta. Mas não me importo com o que dizem, eu estou apaixonada por você. Eles podem tentar nos afastar, porque não sabem a verdade. Não conhecem você como eu conheço. E nunca vão conseguir ver que é verdadeiro o que sentimos.

Ele me abraça forte.

— Eu te amo. Desejo que todos se danem e que o Keven morra, só para constar.

Ele diz e não consigo não rir.

— Ele não existe para mim, não como você existe.

— E se seus pais não me aceitarem?

— Eles vão, sei que vão.

— Será que, um dia, vai querer me apresentar a eles? — ele pergunta e não tenho a resposta no momento. — Não quero perder você — parece chateado.

— Não vai me perder.

Ele continua me abraçando.

— Promete que se o Keven tentar alguma coisa, você me conta?

— Ele não vai fazer, mas eu prometo.

— Elena, por favor, diz para mim que não vai cair na lábia desse perfeitinho idiota.

Ele pega meu rosto entre as mãos e me beija, tenho vontade de ficar a noite toda com ele.

Meu telefone toca; é Keven:

— Estou te esperando em frente ao Campus — ele diz e desliga.

Olho para Maycon. Estou com o coração na mão.

— Não vai não, fica comigo! — Fala com manha.

— Prometo que faço o possível para vir antes — beijamo-nos.

Ele me leva em frente ao Campus. Keven está esperando ao lado do seu carro. Saio e sorrio para ele. Keven abre a porta, antes que eu entre; Maycon vem e me puxa para me dar o último beijo.

— Qualquer coisa me liga — ele sussurra me dando um abraço.

— Vou sentir saudade — lhe dou outro beijo.

— Eu te amo — falamos juntos. Saio de seus braços e entro no carro. Maycon fica parado escorado ao seu. Lindo, perfeito para mim! Mas parecendo um

cachorrinho abandonado, e me parte o coração vê-lo assim. Nesse momento, percebo que eles nem sequer se cumprimentaram.

Keven arranca e seguimos viagem. O olho e dou um sorriso.

— Agora somos só nós — ele sorri e me faz rir também. Liga o som e inicia a música de *Bon Jovi, It's My Life*.

Capítulo 13

Os seus sentimentos bem lá no fundo...

Conforme nos aproximamos da minha casa, velhas lembranças veem a minha mente. Quando finalmente chegamos, faltam algumas horas para amanhecer, são três da manhã.

Keven estaciona o carro em frente a casa. Aquela sensação boa de estar ali me faz sorrir feito boba. Ele sai do carro e pega nossas coisas. Adentramos pelo portão e toco a campainha.

Minha mãe abre a porta.

— Amor, que saudade! Estava esperando por vocês — ela diz me abraçando, e instantaneamente choramos.

Após esse momento, me lembro do Keven que está atrás de mim.

— Keven, entra e fique à vontade — lhe dou passagem — Mãe, lembra do Keven?

— Não tem como esquecer um garoto tão lindo! — Ela sorri e deixa Keven sem graça.

Meus pais são ótimos, minhas irmãs maravilhosas. Percebo como sinto falta deles. Papai e minhas irmãs ainda estão dormindo, então levo Keven ao quarto de hóspedes. Ele guarda suas coisas enquanto vou ao meu quarto.

Entro, o cheiro é tão familiar. Ele é lilás com papel de parede campestre. Vejo algumas fotos em porta-retratos que estão na cômoda e logo minha mãe entra e deita comigo na cama.

— Está tudo bem, querida?

— Está — sorrio.

— E o coração? — ela sorri, sugestiva.

— Para, mãe, está batendo normalmente — brinco.

— Estou te achando com uma carinha de apaixonada — a escuto e meu pensamento vai até Maycon, penso no que ele está fazendo agora. Mas não tenho pistas. Sorrio feito boba — Keven é um rapaz perfeito, vai dar um ótimo marido

— escuto sua voz me chamando à realidade.

— Mãe, com certeza, mas ele tem namorada e não sou eu. Então evita me deixar sem graça, por favor — falo com manha.

— Tudo bem, e como vai a faculdade?

— Tudo normal. Por quê?

— Nada, meu anjo. Parece um pouco apreensiva, achei que fosse algo relacionado à faculdade.

Penso um pouco.

— Como teve certeza que o papai era o cara certo? — ela abre um sorriso e sei que pensa que falo em relação à Keven.

— Você sente, querida, é diferente com ele, sabe que precisa estar com ele mais que tudo, e quando chegar o momento em que não conseguir passar mais um minuto sem ele, terá certeza que esse é o seu príncipe. E acho que eu também já tenho certeza — ela diz sorrindo e começa a me fazer cócegas.

— Mamãe, por favor! — Sorrio sem jeito.

— Tudo bem, mas não engana sua mãe. Sei que está apaixonada.

Não desminto, mas não confirmo. Continuamos conversando sobre diversos assuntos. Minhas irmãs finalmente acordam, Kayla de dez e Ashley de quinze. Todos se identificam bem com Keven, e após o café, meus pais continuam com as brincadeiras e indiretas que nos deixam bem sem graça.

Almoçamos juntos, o dia custa a passar. Sinto-me desconectada, falta algo em mim... falta o Maycon. Olho constantemente meu celular. Mando uma mensagem para ele, mas não obtenho resposta. Fico magoada. Às cinco horas, ligo, mas ele não atende. Fico preocupada e Keven nota isso.

— Se quiser, podemos ir após os parabéns — sugere.

— Como vou dizer isso a eles? — olho para meus pais que recebem amigos íntimos. Minha mãe sorri para mim. Correspondo.

— Eu digo que tenho compromisso. Eles não vão questionar.

— Fará isso por mim?

— Isso e muito mais.

O ouço e fico sem graça.

— Tudo bem, vou jogar a culpa em você então — lhe dou um murro, brincando.

Keven me abraça. Mas sinto algo a mais nesse abraço. Ele olha em meus olhos, tento desviar, mas não o faço.

— Elena, eu sei que está com o Maycon, mas, sinceramente, não desejo isso para você e me sinto um pouco culpado.

— Como assim? Não te entendo.

— Seu pai me disse que quando você me conheceu, ficou muito entusiasmada.

Mas se desapontou ao saber que tinha namorada.

— Ai meu Deus! Como ele teve coragem de falar uma coisa dessas. Isso foi algo momentâneo, passageiro. Não liga para isso... — explico, ainda em seus braços, e fico desconfortável porque não estou mais correspondendo e ele me mantém presa neles.

— Se tivesse notado isso, você não entraria nessa fria agora.

— Maycon não é assim, Keven, você pensa como eu pensava porque não o conhece.

— Elena, para de sonhar, ele é viciado em cocaína. Entre você e a droga, sempre vai escolher a droga. Não se iluda, sua situação é realmente delicada, mas tenho certeza que você pode voltar atrás, independente do que tenha feito. Essa vai ser a melhor decisão da sua vida. Não tenha dúvidas, o Maycon só te arruinará, arruinará seu futuro, sua autoestima e seus sonhos.

— Keven, você está exagerando — fico sem graça.

— Não estou exagerando. Maycon não quer sair dessa vida e te levará junto. Você está tão iludida que não percebe que está entrando no inferno achando que é o paraíso.

— Keven, por favor, você está indo longe demais. É minha vida, consequentemente são minhas escolhas... — digo séria, ele desvia o olhar e me solta.

Quando me viro, ele me puxa e me dá um beijo. Fico chocada. Paralisada.

— Você é louco, por que fez isso? Somos só amigos — o empurro e me afasto.

— Desculpa, não consegui me controlar — ele se vira de costas para mim.

— Keven, o que está acontecendo? Tudo isso é para me afastar dele?

— Não, é e não é, vai além disso.

— Eu amo o Maycon, não vou me separar dele. Quero até mesmo me casar com ele...

Keven se vira e me olha chocado:

— Meu Deus! Você está louca mesmo. Entendo você achar que podem dar certo, mas Elena, não estou dizendo que não haja mais solução para ele, ou até mesmo para vocês dois. Porém, o fato é que ele precisa se resolver antes de vocês partirem para uma relação mais profunda e duradoura. Dói-me dizer isso para você, mas isso não vai acontecer. Ele não vai mudar por você. De todo modo, vou sempre estar do seu lado. Porque não tem ideia de onde está entrando, mas quando acordar, eu ainda estarei aqui esperando por você. É uma promessa — ele conclui e me deixa sozinha.

Conforme combinamos, iniciamos nossos planos. Sinto-me horrível por Keven ter me beijado. A sensação de culpa me tortura. Após os parabéns, nos

despedimos e meus pais aceitam a desculpa dele.

Seguimos em silêncio durante toda a viagem. Ele parece estar magoados. Talvez esperasse outra reação de mim. No momento, só penso em Maycon e me pergunto por que ele não me respondeu, não ligou. Sinto uma dor por isso. Começo a chorar.

— Elena, se está chorando pelo que fiz... Olha, me perdoe, não vai acontecer mais, eu prometo.

— Está tudo bem, não é por isso.

— É pelo Maycon? — ele pergunta e não respondo. Quando nos aproximamos da cidade, já são onze da noite.

— Pode me deixar na casa do Maycon? — pergunto e ele fica apreensivo — Não se preocupe, não vou falar sobre o que aconteceu. Prometo — sorrio.

— Ele está te esperando?

— Sim — minto e ele não questiona. Muda de direção e seguimos para a casa do Maycon.

Chegamos. Por sorte, o segurança que está no portão é o mesmo que me levou na ocasião da festa.

Ele me deixa entrar.

— Vou com você.

— Keven, acho melhor não...

— Sem chance, se ele não estiver normal, não vou te deixar aí — ele sussurra e entra comigo. Os dois carros estão na garagem, dele e da Jayde.

Toco a campainha, e após longos minutos, vejo Jayde descer a escada com um rolo enorme de maconha na mão. "Ótimo! Está explicada a demora." Penso, irônica. Ela abre a porta com uma camiseta branca totalmente transparente e Keven tenta disfarçar, mas até eu olho para seus lindos seios. E logicamente com um short que mais parece calcinha. A diferença é que não está maquiada e isso revela seu delicado rosto, grandes olhos azuis e pele de porcelana. Ela me olha torto.

— Maycon sabe que está aqui? — não respondo e ela dá uma risada irônica.

— Ele está no quarto?

— Olha! Ele está no pó desde sexta à noite, acho melhor você não ir.

— O quê?

— Cheirando coca, garota idiota. Nem eu entro no quarto quando ele está assim. Se eu fosse você, não entraria — sorri torto.

— Quero vê-lo e não me importo com o que você diz.

— Elena, por favor, vamos embora. Se ele está assim, nem vai te reconhecer. É melhor irmos antes que ele nos escute.

— Não, eu vou ficar. Pode ir você. Obrigada pela carona.

— Elena, não seja idiota — Keven diz, me segurando pelo braço.

— Eu falo para todo mundo que essa garota é idiota, mas ninguém acredita. Ai! O amigo está confirmando isso e ninguém está aqui para ouvir. Oh, vida — ela diz rindo.

— Keven pode ir. Vou ficar e você não vai me impedir.

Ele suspira frustrado.

— Elena, seja racional, Jayde não vai te defender se ele ficar louco.

— Não vou mesmo, quem manda ser idiota. Espera uns dois dias que ele volta ao normal. É sempre assim. Eu já me acostumei, se quer continuar com essa história de *in love* com ele, pode se acostumar também — debocha e solta uma baforada de maconha no meu rosto.

— Keven, pode ir.

Ele suspira novamente, frustrado.

— Parem com essa merda logo de uma vez e decidam se vão ou não entrar. Só informo que o baseado acabou. E não vou poder dar atenção, porque tenho coisas a fazer — Jayde diz irônica.

— Qualquer coisa, me liga que venho te buscar. Tudo bem?

— Tudo — ele me dá um abraço e sai.

A casa cheira a maconha. Jayde pouco se importa comigo. Ela sobe a escada e subo junto com ela. Para na porta do quarto dele.

— Vai dar merda você entrar aí.

— Qual a quantidade que ele usou?

— Pediu para eu conseguir uma pura pra ele, é bem mais cara, mas nada é impossível pra mim. Entreguei na sexta e em uma noite ele usou tudo. Foi na boca e comprou mais, usou tudo e agora está louquinho porque acabou e não tem dinheiro.

— Mas ele pode ter uma overdose?

— Relaxa, o conheço, não vai ter — ela diz calma, como se fosse normal. Fico em silêncio e ela continua. — Não está injetando, tá cheirando, difícil apagar assim. Os pais dele colocaram limites para sacar dinheiro, só pode três mil por dia, o que dá pouco para ele. Trouxe sexta, acabou, a de hoje acabou. Já falei, se continuar, vai falir os pais assim, a droga é cara, mas é a que ele ama. Fazer o quê! Agora tem que esperar dar mais de meia-noite para poder sacar mais grana e ir comprar. Então, se eu fosse você, não entrava antes disso — ela repete o que já havia dito antes e sorri.

— Como tem coragem de conseguir droga para ele se sabe que ele pode morrer com isso? — digo, indignada.

— Ah, vai à merda com sua lição de moral. Sabe como ele fica quando está sem? Imagino que não, então não me critica.

Jayde entra em seu quarto, me deixando sozinha, e me aproximo da porta do Maycon. Tenho medo do que posso encontrar, visto que ele usou muito. Começo a chorar ao saber que talvez ele nem me reconheça.

Entro silenciosamente. Apesar do quarto escuro, as cortinas estão abertas e a iluminação do jardim adentra. A cena me choca: Maycon está jogado de bruços na cama. Ao lado tem um canudo de nota, resíduos do pó que ele tanto ama e um cartão de crédito usado para fazer carreirinhas.

Assim que percebe a porta aberta, ele grita:

— Porra Jay, fecha essa merda e me deixa sozinho — bufa irritado e logo em seguida joga o relógio na parede. Fecho a porta — Onde você conseguiu aquele pó? Ele é mais forte, entra rapidinho — não respondo. — Já falei para fumar a desgraça dessa erva lá fora, está enfumaçando a casa toda, sua porra. Você não tem jeito mesmo, hein!

Ele pega o celular e confere as horas. Está visualmente alterado. Não sei se saio correndo ou fico. Maycon se vira, me olha desconfiado, acho que não consegue ter certeza que sou eu. Levanta e sinto medo ao vê-lo se aproximar. Para na minha frente.

— O que faz aqui? — suas pupilas estão tão dilatadas que quase não dá pra ver a cor de seus olhos.

— Para que isso? Por que precisa disso? — pergunto, magoada.

Ele ri:

— Por que está aqui, Elena? Por que precisa de mim? — pergunta e dá um sorriso irônico.

— Porque amo você.

— Porque é idiota. Não deveria ter vindo, mas já que veio, vamos curtir — ele diz e me puxa pelo braço tão forte que me machuca. Se joga comigo na cama e começa a me beijar.

— Maycon para, por favor! Você está me machucando!

Ele me ignora. Começa a passar a mão no meu corpo e eu odeio essa sensação de prazer e medo que sinto. Tão pequena e impotente...

— Por favor, para. Está me sufocando com seu peso! — Ele sai de cima de mim. Deita ao lado e confere o relógio.

— Já usou muito, não acha que é o suficiente?

— Cala a boca, sua voz é irritante! — Grita irritado e me assusto — Merda de horas que não passam!

— Eu vou embora — tento levantar e ele me puxa com brutalidade novamente.

— Agora você vai ficar — me encara tão friamente, não há nada que me lembre do meu Maycon. Nada... Continuo assustada, deixando as lágrimas

correrem. Ele me mantém presa, segurando meu braço — para de chorar Elena, ainda estou sob controle. Não vou machucar você, prometo.

— Já me machuca te ver assim. Alguma vez tentou parar?

Ele me olha irritado, mas desvia o olhar.

— Ninguém entra nessa porque quer. Entra porque acha que de alguma forma vai te ajudar, e me ajuda, a coca me ajuda a seguir numa boa.

— Por que entrou?

Ele respira fundo, fazendo arrepender-me pela pergunta. Temo sua reação.

— Tinha doze anos quando minha mãe soube de uma traição do meu pai. Eles diziam se amar tanto, e blá, blá, blá. Mas o amor desapareceu assim que ela soube que ele teve uma filha. Sempre me dei bem com ele. Aquela velha história de pai herói, sabe? Nós éramos assim, até aí tudo bem, mas eles começaram a brigar demais, o divórcio saiu, ambos queriam a guarda. Aí, complicou minha vida. Optaram por guarda conjunta. E não sei quem inventou essa porra. Eram três dias ouvindo merdas sobre meu pai, dois ouvindo merdas sobre minha mãe, fim de semana com meus avós. Minha vida virou de cabeça pra baixo, nem sabia onde eu morava mais. Não estava aguentando aquele inferno na minha cabeça. Um dia conheci um cara que conhecia outro cara e comecei a usar maconha, mas maconha deixa a pessoa burra, lerda. Já percebeu que a Jay fala devagar quase parando? É a erva que ela tanto adora que faz isso. Queria algo que me deixasse alheio a toda a confusão. O cara soube que meus pais têm dinheiro, e como eles estavam naquela luta de se difamarem para mim, como se eu não os conhecesse, conseguir dinheiro era fácil. Com grana rolando solta, conheci o pó, comecei com treze e aos quinze já estava viciado, eles só foram descobrir aos dezesseis. Aí, as brigas acabaram, e apesar de ambos estarem separados, se uniram para me "ajudar", olha que ironia. Aos dezessete, eles já não suportavam mais me ver *drogue*. E como ambos pertencem à alta sociedade, também não queriam me ver pelas ruas, nem em bocas, muito menos que as pessoas soubessem. Resultado: depois de negociar com eles a respeito da faculdade, consegui minha liberdade. Não aguentava mais minha mãe ficar enchendo minha cabeça. Compraram essa casa e até hoje moro aqui. Encontrei o que precisava na coca. Já tentei largar, mas rola um amor platônico, entende? — diz irônico e ri.

— É uma doença crônica. Se fizer o tratamento certo... — falo com receio, mas ele me corta.

— Não estou a fim de sair. Não sou viciado. Às vezes, eu abuso um pouco, mas posso controlar.

— Pode controlar agora? — sussurro para não irritá-lo, tentando passar uma falsa tranquilidade.

Ele me olha com ironia.

— Posso, duvida? — ele liga seu céu estrelado e fica em silêncio por minutos — Lembra-se daquele dia na chuva? Eu te vi entrar no bar e fiquei curioso. Saí fora da galera e fui atrás de você. Tive uma sensação de *déjà vu*, apesar de não estar no meu normal, foi como um imã. Algo em mim mudou naquele momento. Eu nunca me importava com aquele ponto de ônibus. Mas pela primeira vez, eu fui até ele. Durou uma eternidade e terminou tão cedo. Você estava sozinha olhando para o nada. Mostrou-se tão indiferente a mim, tão fria. Mas no momento que olhei em seus olhos, desejei ter tido outra vida só para poder me aproximar de você — ele começa a chorar. — Desculpa, Elena, sei que te assustei, detesto dizer isso, mas eu acabei com minha vida, cheguei ao ponto de não conseguir ficar sem drogas. Queria que ficasse comigo, mas não posso fazer isso com você. Não merece. Na sexta, quando vi você e o Keven entrarem juntos no carro e como ele olha para você, percebi que vocês se merecem. Você merece um cara que seus pais vão aprovar, que os professores acharão bacana. Que a sociedade vai aceitar bem. Amo você, e por amar, não posso destruir sua vida como destruí a minha. Liga para o Keven e pede para ele te buscar. Desejo realmente que você seja feliz, agora vá embora.

— Por que está me dizendo isso?

— Porque o efeito da droga está passando e minha consciência me obriga a isso.

Ele continuou chorando, me aproximo e olho em seus olhos. Não há dois Maycons como eu insisto em acreditar, há apenas um, a diferença é em estar sob o efeito de drogas ou não. Ele está sofrendo tanto, parece sentir uma dor tão forte

— É horrível chegar ao fundo do poço como eu, sabia? Não consigo continuar sem cheirar. Minha vida depende dela para seguir. E não quero isso para você... — ele continua chorando, quero abraçá-lo, quero fazer isto ir embora, essa dor. Quero poder ser suficiente para ele, mas parece algo tão inalcançável, tão irreal. Fico imóvel, não consigo falar — Vai embora. — Ele repete e me olha esperando a resposta.

Olho em seus olhos e me vejo neles, sei que sinto com ele tudo que minha mãe sentiu com meu pai. É tão doloroso, ele está desolado.

— Se eu ficar, promete tentar parar?

— Eu não consigo, não faz isso com você, não acaba com sua vida ficando com um cara como eu. Você vai desmoronar, Elena. É frágil, não está pronta para uma vida desse jeito, e não merece isso — ele diz com tanto pesar, e isso me mata.

— Talvez eu seja idiota por isso, mas preciso de você comigo, ainda que não seja fácil. Sei que você nunca vai ser o cara que queria para mim, mas amo você e isso não vai me afastar.

— Está cometendo um erro, por favor, não faça isso com você.

— Não estamos cometendo nenhum erro, porque juntos nunca estaremos errados. Preciso de você e vou precisar sempre — ele me abraça e nada mais faz sentido. Apenas nós dois e juro que posso ficar eternamente abraçada a ele. — Vamos vencer isso juntos — choro.

Maycon mantém seus olhos fixos em mim. Está confuso, deprimido, não me responde.

O beijo novamente e sinto suas lágrimas. Agora inicia o efeito contrário da droga, o depressivo... Começa para ele e começa para mim...

Capítulo 14

Sem saída.

Ele fica um bom tempo em meus braços, não diz nada e deita ao meu lado. Deito-me também e coloco a cabeça em seu peito. Maycon me abraça:

— Perdoe-me, Elena.

— Eu te amo e quem ama sempre perdoa — digo e dou um sorriso.

— Não queria que me visse assim, desse jeito. Jay é foda, cara.

Toco seu rosto e acaricio.

— Está tudo bem — sorrio.

— Posso te beijar agora? — ele sorri e me beija.

Ainda que eu queira continuar, ele para. Volta a ficar em silêncio.

— Seu pai se casou com a mãe da filha dele?

— Casou, uns três anos depois. A puta se chama Jennifer.

— Tem raiva até hoje?

— Não, mas uma vez puta, sempre puta.

— Sua mãe se casou também?

— Sim, só que ela se casou só depois que eu saí de casa. Ele dormia lá, às vezes, mas casar mesmo foi só depois que vim morar sozinho. Minha mãe é advogada, Erik, promotor de justiça. Só rola lei na casa dela... Ninguém merece.

— Nossa! — Digo, surpresa.

— Ele é gente boa, a mulher do meu pai também é, a menina deles se chama Jéssica. Nenhum dos dois nunca implicou comigo.

— E seus pais?

— Isaac e Emily.

— Quando souberam do vício, não tentaram te tirar?

Maycon suspira.

— Ah, tentaram, tentaram muito. Meu pai, depois de muitos fracassos, acho que se conformou. Aí passamos a nos dar melhor, as brigas por causa do pó acabaram. Já minha mãe, está tentando até hoje, o foda é que a vida dela gira em torno disso, por mais que eu tente desligar, ela sempre está por perto. O problema é que só tem eu de filho. Acho que por isso não vai desistir nunca. Digo que sou uma causa perdida. Mas ela fala que ama as causas perdidas. A amo, amo muito, e acho foda ela ter que passar por isso. Fazer o quê, ela não desapega.

— E quem te sustenta?

— Os dois, só que minha mãe não me dá grana nem a pau. O que pedir, ela compra na hora, mas ela compra, entende? Já meu pai, não dava. Liguei e fiz uma pressão, ele fica com dó e cede. Pede para não contar para minha mãe, para eles continuarem de boa. Os cartões de crédito foi ele quem fez, sem limite. Quer dizer, quase isso, tem limites de gasto por dia. Mas minha mãe nem sonha com isso, se souber, é briga na certa.

— A empresa do seu pai é a Aché Callier! A que patrocina as pesquisas no Campus?

— É. Laboratório de produção farmacêutica, esse mesmo.

— Jayde diz que vai falir seus pais — sorrio.

— Nem se eu vivesse cem anos. Se a mulher e a filha dele não fazem isso, eu nem se quisesse conseguiria. Remédios vendem igual água. Todos precisam, independente de classe social. Jay fala demais, por isso nunca a levei na casa de nenhum deles.

— Por quê?

— Ela já gasta muito, não me importo com isso, mas se Jay conhecer a realidade deles, vai passar a gastar o dobro. E sustentar meu pó e a erva dela já é o caralho — ele ri.

— Seus pais não se importam com ela?

Maycon suspira, novamente frustrado. Sei que ele está odiando essas perguntas, olha para mim e depois desvia o olhar.

— Não! Meu pai não liga, minha mãe não gostava dela, hoje não fala nada... Olha, sei que adora isso de saber da minha vida, mas estou sem muito ânimo para continuar conversando. Amanhã continuamos a entrevista! — Ele me dá um sorriso sem graça. Sorrio, ficamos em silêncio, mas quando não suporto mais e volto a falar, Maycon se vira e me beija.

— Você fala demais, se eu não te cansar, não vai me deixar dormir — diz, irônico, e tira minha roupa.

Seu olhar é tão possessivo, aquele ar de que se acha superior a mim, como se fosse mais inteligente que eu, e meu dono. Sua língua passeia por meu corpo, em

segundos estou excitada com os bicos dos mamilos enrijecidos. Ele dá um sorriso safado ao perceber como o quero em mim.

— Você é bem safadinha, Elena — ele diz me olhando de canto. Tira sua roupa e pega a camisinha.

Sorrio para ele com ar inocente e isso o faz rapidamente se afundar em mim. É gostoso, é um delírio. O ar tenso desaparece e só penso nos beijos delirantes dele em mim; penso em ser cada vez mais dele e só dele.

— Você me deixa assim! Sem controle — sussurro, me rendendo.

— E se eu não conseguir mudar... Vai me deixar? — ele sussurra, me penetrando, me fazendo dele e me levando à loucura.

— Isso é impossível, para deixar você, eu tenho que esquecer completamente de mim primeiro.

— Eu te amo demais...

Sorrio ao escutá-lo e começo a gemer mais alto. Ter Maycon é como estar no paraíso, sua pele quente sobre a minha, o suor, o ar quase faltando. Senti-lo em mim... É mais forte que eu, é tudo que preciso para não desistir... Meu coração bate forte. É insano, é intenso... É amor...

— Elena, a Jay está aí, não grita — ele diz, ofegante, me fazendo voltar à realidade.

Quando terminamos, estou exausta. Maycon pega um lençol, nos cobre, e rapidamente durmo. Durmo por horas e quando começo a acordar, sinto ele por cima de mim, beijando meus seios.

Escutamos uma voz ao longe, é desconhecida para mim, mas estou com tanto sono que não quero abrir os olhos, quero continuar apenas sentindo seus beijos...

— Maycon! — Ele se vira assustado e rapidamente me cobre.

— Mãe! — Diz sem jeito e não me atrevo a abrir os olhos.

Ai, meu Deus! Que vergonha! Finjo dormir.

— Quem é essa garota?

— Nossa, que porra! Por que entra assim no meu quarto e ainda vem sem avisar? Isso é pré-histórico, sabia?!

— Sou sua mãe, nada é pré-histórico para mim.

— Merda! O que faz aqui?

— Quem faz as perguntas sou eu, não você. Na última vez que vim aqui, o que faz apenas um mês, se não me engano, encontrei uma loira deitada com você. Já está com outra, e ainda tem a Jayde! Qual é o seu problema? — ela pergunta e imediatamente dou um beliscão nele. Maycon dá uma risada sem graça e segura a minha mão.

— Está confundindo. Não era eu.

— Imagina, é o irmão gêmeo que você não tem. Ah, esquece. Vim porque

estou tentando falar com você desde sexta. O que aconteceu?

— Telefone descarregou — diz, tentando ser convincente.

— Ah! Sério. Engraçado, estava chamando.

— Por acaso está participando do programa: Como acabar com a vida do seu filho em segundos? — pergunta sério, ainda segurando minha mão por baixo do lençol.

— Não, do programa: salvando seu único filho — ela diz no mesmo tom. Sua voz é meiga, porém firme.

— Dê dois minutos e conversamos — Maycon conclui.

— Seu pai está te esperando lá embaixo.

— O quê?! Por quê? Morreu alguém?

— Eu tentei falar com você sexta e não consegui, o segurança me informou que estava em casa. Seu pai tentou sábado e não conseguiu. Viemos conversar com você. Não está funcionando desse jeito.

— Oh, merda! Puta que pariu, viu.

— Olha a boca, Maycon Sebastian, sou sua mãe, não essas garotas que costuma dormir com você. Dois minutos, hein! Se não descer, eu subo e te faço levantar — ela diz e escuto passos saindo do quarto, logo a porta é fechada.

Assim que ela sai, o olho, indignada.

— Como assim dormiu com outra há um mês? — pergunto magoada.

— Ei, calma, foi na festa da Jayde. Lembra que me chutou?

— E isso foi motivo para você ficar com outra?

— Você terminou comigo, lembra? Não estávamos mais juntos. Eu vou explicar direito isso, mas primeiro me deixa ver porque o comitê da Casa Branca veio — ele se levanta e veste uma bermuda. Visto-me também. Fazemos nossa higiene. Estou magoada.

— Vem!

— Não, não quero ir — Maycon me puxa e me dá um beijo.

— Quero te apresentar para meus pais.

— Apresenta a loira — bufo com raiva e ele ri.

— Ela não está aqui — diz zombando e isso me mata de raiva.

— Idiota.

— Um idiota que te ama. É diferente — me dá mais alguns beijos.

— Para, Maycon, que raiva.

— Elena, vai brigar por algo que aconteceu há cinco milhões de anos? Não faz sentido. Sabe que é a única. Vamos rápido, se não vai dá B.O.

— Não vou com você.

— Se não vier, minha mãe vem te buscar — ele sorri e acabo cedendo.

Descemos, estou morta de raiva e vergonha. Um homem que aparenta ter uns

quarenta e oito está sentado no sofá, tem uma mulher loira de beleza chamativa ao seu lado, se veste muito bem, ambos se vestem. Estão de mãos dadas. Maycon não se parece com eles. Adentro mais a sala e vejo outro homem, e quando ele se vira, vejo que é a cópia do Maycon, até no modo de se vestir: bermuda, chinelo, óculos de sol e blusa de manga. Com certeza, é seu pai. Bem charmoso, por sinal.

— Chama a Jayde, Maycon. As coisas vão mudar por aqui — a mulher diz.

— Mãe, essa é a Elena, minha namorada.

— Prazer Elena, sou Emily, mãe do Maycon — diz rapidamente.

— Esse é meu pai, e esse é o Erick, esposo da minha mãe.

— Prazer — eles falam juntos.

Os dois homens me olham sem entender. Fico tão sem graça que nem sei o que responder, apenas sorrio sem jeito. E eles retribuem. Isaac se vira e fica observando pela janela da sala.

— Jay, vem cá! — Ele grita e Jayde aparece com dois copos na mão. Entrega-me um e dá outro ao Maycon.

— Chocolate — ela diz, como sempre em seu jeito seco. Se senta em uma poltrona.

— O que está acontecendo, Maycon? — sua mãe inicia.

— Não sei, estou por fora das notícias. Sabe de alguma coisa, Jay? — ele diz, sarcástico.

— Sem gracinha, Maycon — seu pai interrompe, retirando os óculos. Ele me parece muito preocupado.

— Vocês são loucos, não conseguem falar comigo e vêm igual doidos. Não morri, ainda não. Relaxa, uma hora eu ia ligar.

Sua mãe se aproxima e o encara com uma expressão nada satisfeita.

— Sei que anda abusando — ela diz e tenta não chorar.

— Mãe, estou de boa. Sério!

— Está mentindo. Em vez de diminuir como nos prometeu, está aumentando seu vício gradualmente. Prometeu e não está cumprindo.

— Como não? Jay, fala aí. O cara me ofereceu um pó puro, eu neguei. Falei na alta que não estou cheirando mais. Jay é testemunha — ele dá um sorriso irônico.

— Acha que nos engana? Se continuar, vamos te internar em uma clínica.

— Mãe, eu cansei de andar na contramão, não quero mais. Estou me esforçando, é sério.

— Então volta a morar comigo. Prove que não está mais usando — ela o confronta.

— Ah, qual é, fizemos um acordo, Medicina por liberdade. Lembra?

— Não está cumprindo sua parte — seu pai diz, sério.

— Como não?

— Fez um trabalho sobre drogas medicinais, seus prós e contras. E qual remédio você escolhe? Porque era remédio para você escolher, Maycon. E você apronta só para nos envergonhar.

Maycon gargalha.

— Para mim é um remédio.

— Você escolheu cocaína, falou sobre os prós que só existe na sua cabeça, disse que não existem malefícios e que deveria ser legalizado. E ainda por cima indica onde comprar... Quer nos matar de vergonha?! — Seu pai diz, nervoso.

— Tinha que ser trabalho completo. Por isso indiquei onde comprar. Óbvio que era mentira...

— Maycon, você não está tentando — seu pai bufa.

— Como não, eu tento todo dia. Todo santo dia, vou naquela porra de faculdade só para vocês poderem colocar Dr. Maycon na minha lápide. Se isso não é tentar, não sei mais o que é — ele conclui, irônico.

— Não terá mais festinhas, ouviu Jayde? — sua mãe diz séria.

— Sem problemas, sem festas para mim — ela responde.

— Você usa drogas? — seu pai me pergunta.

— N-não, não uso — digo, sem jeito.

— Que ideia fraca hein, pai. Se anda comigo é por que cheira?

Seu pai o ignora.

— Usa ainda, Jayde? — ele a olha, esperando resposta.

— Não, não uso mais, só maconha! — Ela diz séria e Maycon solta uma risada. A mãe dele leva a mão à cabeça e seu pai desvia o olhar sem paciência...

— Maconha é igual cigarro, idiota — ela olha para Maycon com raiva.

— Tudo bem, não vou discutir isso com vocês. As regras mudaram. A partir de agora vai ser assim, se não nos atender, Maycon, vamos vir direto para sua porta. E nas férias, você vai para a reabilitação e isso não é uma escolha sua. Eu e seu pai já decidimos.

— Mãe, não faz isso. Você gosta de mim ficando lá naquele inferno? Naquela depressão do caralho?

— Não vai me convencer, não dessa vez.

— Vou fazer vinte e um e vocês não mandam mais em mim. Só lembrando.

— Enquanto precisar do nosso dinheiro, mandamos sim.

— E a porra da faculdade que faço para vocês me deixarem em paz? Não conta mais não?! — Diz, irritado.

— Abaixa o tom, Maycon! — Sua mãe o enfrenta.

— Fazer faculdade é bom para você, para o seu futuro, sabe disso — seu pai

conclui e o padrasto não interfere em momento algum.

— Mas eu não tenho merda de vocação nenhuma para Medicina.

— Poderia ter escolhido outra. Não quis escolher. Já conversamos sobre isso e está decidido.

— Vamos ver, então! — Retruca, rude.

— Vamos ver! — Sua mãe sorri.

Eles se despendem e vão embora. Maycon está irritado e me pergunto por que ele acha tão ruim ir para uma clínica, se lá ele poderá se tratar. Sobe a escada, me deixando com Jayde.

— Aí, está vendo, falei que ia dar merda se envolver com essa garota. Mas, como sempre, ninguém me escuta — diz me olhando com ironia.

— O quê? — pergunto chocada.

— Foi com o amigo para o castelo da princesa, deixando o cara doido de ciúme e dá nisso... E quem paga o pato? Eu, que não tenho nada a ver com isso. Agora, nem festa vai poder rolar mais. Oh, merda! — Diz, ainda sentada na poltrona.

— Ah, Jayde, vai para o inferno! — Retruco pela primeira vez e me sinto bem por isso.

Nós duas ficamos em silêncio até Maycon descer novamente.

Capítulo 15

Um novo sentimento.

Jayde continua me olhando com tanta ironia, parece querer dizer alguma coisa, contudo, mantém silêncio. Estou perdida, dói saber que enquanto eu estava chorando, ele estava com outra. E agora me pergunto se todo esse desejo e amor não têm me cegado.

Maycon desce. Está arrumado, lindo.

— Jay, vai se arrumar, vou levar vocês para almoçarem no Alegretto. O espaguete lá é ótimo — ele sorri. Jayde levanta e o obedece.

Maycon se aproxima e ajoelha, se apoiando nas minhas pernas. Desvio o olhar.

— Você parece muito bem para quem admitiu ontem que não consegue ficar sem — murmuro, desconfiada.

— É... — ele retruca sem graça, não me encara, então levanta. — Meus pais vão gostar de você — muda de assunto no mesmo instante.

— Acho que já causei uma péssima primeira impressão.

— É impossível você causar uma péssima impressão — ele sorri, como sempre um sorriso lindo. Jayde desce. Maycon se aproxima, me levanta e me dá um abraço. Logo após, me beija. Percebo Jayde desconfortável e me surpreendo ao vê-la tão diferente. Está com o cabelo solto, sem maquiagem, saltos e vestido Coco Chanel, bem casual. Estou parecendo um trapo perto dos dois e isso me incomoda.

— Vamos? — ela quebra o silêncio.

— Maycon, obrigada, mas não quero ir, prefiro que me deixe no Campus, se não for incomodar.

— Não, lógico que você vai com a gente.

Seu telefone toca, ele pede licença e sai para atender.

Jayde se aproxima.

— Maycon está muito bem sem usar, não acha? — pergunto, olhando em seu rosto à espera de uma resposta. Não obtenho. Ela sorri:

— Antes, eu achava que você se fazia de sonsa, mas não se faz, você é. Tão inocente e fácil de enganar. Não sei o que ele vê em você. Sinceramente, não quero que soe como ofensa, mas você é tão sem graça, Elena — me olha de cima a baixo.

— Qual é o seu problema comigo? Na verdade, eu sei, você gosta dele — disparo, irônica. Jayde ri.

— Amo o Maycon, mas não é como você. Eu o aceito como ele é, não tem que mudar por mim.

— Quero o melhor para ele... — insisto.

— Se conhecem há um mês ou dois e acha que sabe o que é melhor para ele? — encara-me com deboche.

Escutamos passos e ele sobe novamente a escada. Ela se aproxima e passa a mão no meu cabelo. Jayde é fria e intimidadora.

— Não notou algo estranho? Ele te cansou, a princesinha dormiu, mas quem te garante que ele dormiu? Não é tão idiota, pensa um pouco... Quando você acordou de manhã, não tinha nenhum caco do relógio no chão, sem notas, sem resíduos do pó. Tudo tão perfeitamente arrumado. Estranho, isso. Será que ele tem uma fada madrinha que resolve tudo num passe de mágica? — zomba.

— Você foi ao quarto?

— Não, querida, Maycon é apaixonado pela coca, assim que você dormiu, ele não perdeu tempo em se arrepender e foi buscar prazer na sua velha garantia. Ela não é sem graça como você, o prazer é intenso e garantido. Desiste, princesinha, não tem chance contra ela. Não sou como você, não me atrevo a me colocar entre ele e o amor da sua vida, é por isso que estamos há três anos juntos. Já vocês, nem me atrevo a apostar quanto dura... — ela dá um sorriso frio e para de falar ao escutar passos. Maycon entra.

— Vamos! — Ele pega a chave do carro e joga para Jayde.

— Maycon, eu realmente não vou. Pode me deixar no Campus? — falo, segurando para não chorar.

— Está assim pelo que minha mãe falou? — ele pergunta enquanto Jayde se afasta.

— Espero vocês no carro — ela diz, já distante.

Ele se aproxima, me olhando em busca de resposta.

— Quero ir embora, por favor — toco seu rosto e dou um beijo para soar calma e convincente.

— Jura que não tem nada a ver com o que minha mãe disse? — olha-me preocupado e beija minha mão carinhosamente.

— Não tem, sou apenas eu e minha vontade de dormir — sorrio.

— Quer passar em algum lugar para comprar algo para você comer?

— Não, não precisa — sorrio.

— É até idiota perguntar isso, mas fiz alguma coisa que... ? Ah, tudo bem, deixa pra lá. Eu a levo embora — ele diz, frustrado. Vamos ao carro. O da Jayde em questão. Maycon senta comigo no banco de trás e ela vai dirigindo. Ficamos todos em silêncio. Maycon me abraça, e vez ou outra, beija meu rosto.

Chegamos e ele desce comigo, nos despedimos com secas palavras. Ele me dá

um beijo no rosto e entra no carro ao lado de Jayde.

Eles se vão, mas Maycon continua dentro de mim. Entro no meu quarto com o intuito de me esconder e me afogar em lágrimas. Fico pensando quantos males esse relacionamento me trará.

Não encontro com Keven, ele não está. Enterro-me na cama, mas quando fecho meus olhos, vejo Maycon em meu íntimo. Questiono-me se ele está pensando em mim. Isso é tão irracional, esse sentimento que me consome. Sinto seu cheiro em minha pele, isso me assusta, me paralisa. Esse vazio, essa dúvida do incerto, me abate.

As horas passam, Keven volta e me vê debaixo das cobertas.

— E então? Como foi? — ele pergunta, sentando ao meu lado.

Volto a chorar e o abraço. Ele fica em silêncio, me confortando em seus braços. Olho em seus olhos, mas não consigo falar. Está tudo tão confuso. Respiro profundamente e finalmente consigo romper o silêncio.

— Estou seguindo um caminho problemático, sem muitas esperanças, e sei que minhas possibilidades são imensas, e vou sofrer muito se continuar nele. Mas não sei o que faço. Estou no escuro — enxugo as lágrimas.

— Elena, eu não sei o que te dizer. Se eu pudesse remediar isso que você está sentido, eu faria. Se pudesse tomar decisões por você, tomaria, mas isso é apenas você com você mesma. Talvez aja sentido nisso tudo, talvez não. Não queria te ver assim. Não dormi a noite pensando que algo poderia ter te acontecido. Mas respeitei sua decisão e não te liguei.

— Acha que tem algo entre ele e a Jayde?

— Ontem, eu percebi que ela gosta dele, mas ama a vida que ele proporciona a ela. Por isso nunca vai tentar fazê-lo mudar. Odeio dizer isso, porém, talvez você seja a luz que ele precisa para sair desse mundo.

Fico surpresa ao ouvir Keven, principalmente em relação à Jayde.

— Mas não acha que ela o ama? Digo, como homem, entende?

— Talvez, é difícil perceber, ela é muito fria.

Lembro-me do que ela me disse e tento mudar de assunto, essas lembranças me machucam, me mostram como fui idiota.

— Estava com Any?

— Com meus pais, almocei com eles hoje. Escutando conselhos... — ele ri.

— Que bom!

— Que monotonia, isso sim.

— Que horas são?

— Quase seis.

— Nossa, perdi a noção do tempo. Tomei apenas um chocolate durante todo o dia.

— Ótimo, vamos comer um hambúrguer.

— Ah, não, estou desanimada — espreguiço.

— Não é um convite, é uma intimação — ele ordena em tom divertido, e meu estômago ronca dizendo que devo aceitar.

— Tudo bem, já que é intimação, não tenho escolha — arrumo-me rapidamente e em quinze minutos estou pronta.

— Linda! — Keven diz sorrindo.

— Mente bem.

— Comprei uma coisa para você hoje — dá um sorriso sincero.

— Ah, não, pode parar. Deixa-me sem graça assim, Keven.

Ele me mostra uma pulseira com trevos da sorte, na cor prata.

— Linda, Keven! — Sorrio com seu gesto e ele coloca em meu braço.

— Te desejo sorte — beija meu rosto. Sorrio em agradecimento.

Chegamos ao trailer, sentamos em uma mesa e Keven faz os pedidos à garçonete. Ela traz refrigerante e nos serve. Conversamos sobre tudo, mas evitamos falar de Any e Maycon. Os hambúrgueres chegam e devoro o meu antes dele.

— Calma, dona onça. Posso ficar aqui? — ele sussurra, brincando. Sorrio, me limpando.

Passa alguns minutos e vejo um rapaz chegar ao trailer, está de costas para minha mesa, mas lembra-me o Maycon, usa uma blusa vermelha meia estação, jeans e tênis; o cabelo está curto, e não tem brincos. Desvio o olhar, Keven nem percebe.

De repente, o rapaz senta ao meu lado. É o Maycon!

— Atrapalho alguma coisa? — ele pergunta, me olhando.

Assusto-me.

— Maycon, cortou o cabelo?

Ele sorri. Está tão lindo, diferente, mas um diferente perfeito.

— Liguei para você durante todo dia.

— Desculpa, acho que hoje foi meu dia de não atender ao telefone — sorrio sem jeito e me arrependo por não ter me arrumado melhor.

— E sua namorada, Keven? Vai bem? — Maycon o encara com o mesmo olhar irônico.

— Terminamos — ele responde de supetão.

— Ah, que pena! Pareciam almas gêmeas — Maycon retruca.

— Conhece a Any? — o pergunto, surpresa.

— De vista, mas estou tentando tirar a concorrência que não se toca de jeito nenhum — pisca para Keven, que fica sem graça.

— Maycon, hoje eu não estou legal, podemos conversar depois? — o reprimo

e ele suspira.

— Elena, por favor, me escuta? — nego. Ele insiste — Cinco minutos, pelo menos.

Sorrio ao lembrar que cinco minutos, para nós, nunca são cinco minutos.

— Amanhã, te dou.

— Desculpa insistir, sei que isso é chato e me faz ser insuportável. Só que eu amo você, amo mesmo e não vou desistir, não sem me deixar falar.

Keven faz movimento para se levantar.

— Keven, não, o Maycon já está indo.

— Não estou! Pode ir, Keven, vou ficar com Elena.

Maycon retruca, Keven se levanta.

— Pode deixar que eu pago — Maycon diz, o olhando, e ele vai embora.

— O que quer conversar?

— Elena, por favor, a ideia de ter você e me sentir todo seu me fez passar o dia todo vendo seu rosto.

— Para, Maycon, me sinto uma boba ao seu lado. Não é sincero comigo.

— Sou sim. Por que está dizendo isso?

— É sincero com a Jayde, não comigo — falo, irritada. Ele suspira.

— Assim que você dormiu, eu saí com a Jayde e compramos — respira fundo.

— Porque a ideia de não ter em casa me deixa paranoico.

O olho, indignada.

— Por que não me contou? — não espero resposta — É demais para mim, não posso. Está além do meu limite. Desculpa...

— Quem gosta de contar suas fraquezas? Sei que não é fácil, mas não faz isso comigo, por favor. Eu nem me lembro da garota, Elena! Depois que você foi embora, eu bebi tanto que, quando acordei no outro dia, com minha mãe chamando, fiquei surpreso ao vê-la na minha cama, pelo menos ela não foi comigo. Nem sei como amanheceu lá. É sério, não estou mentindo.

— Não tem como acreditar em você, Maycon.

— A única pessoa que me faz ser sincero é você, não sou com mais ninguém.

— Ainda assim, não acredito...

— Então, olha nos meus olhos, vai ver a verdade neles.

Ele me vira delicadamente e me faz olhá-lo. A primeira coisa que procuro são indícios que denunciavam que ele esteja drogado. Não consigo perceber.

— Elena, eu vou ser sincero com você. Depois que me falou que não andava com pessoas como eu, decidi ficar com você por orgulho, simples capricho e sexo, era só sexo.

— Sabia... — sussurro, indignada.

— Mas isso foi no início, as coisas mudaram, você é tão sincera que me fez

ser sincero também — ele sorri.

— Seu sorriso denuncia a mentira — retruco irônica.

— Não, não é mentira. Estou parecendo um idiota, só que quando olho em seus olhos, sei que nunca vou sentir o que sinto com outra garota. E se não puder ter você, nada mais faz sentido para mim. Eu te amo, apesar do pouco tempo.

— Não sei, Maycon, o amor muda as pessoas, e se você não quer mudar, sinceramente, isso não é amor para mim.

— Você sabe que o que sentimos um pelo outro é amor sim, mas acho que você também tem que começar a me aceitar como eu sou.

— Está aí o que nos separa, não posso aceitar... Porque você sou eu, Maycon, e eu nunca irei me destruir. E te deixar seguir nesse caminho é me destruir também. Se fosse o Keven, ele tentaria por mim...

— Ei, para! Não me compare com ele, isso machuca. Não sou ele e nunca vou ser, mas se acha que pode suportar passar esse caminho comigo, prometo que, pela primeira vez, eu vou tentar. Se você prometer que não vai me deixar por nada.

— Vai aceitar ir para a clínica nas férias?

— Aquilo é um inferno, Elena. Mas se for para ficar com você, acho que posso ir ao inferno. Só que eu volto — sorri.

Beija-me e correspondo. Assusto-me com o barulho de um trovão.

— O céu fechou, vai cair uma tempestade. Acho melhor irmos embora — sugiro.

— Tem medo de tempestade?

— Desde criança. A escuridão que ela produz, o barulho... Tudo me assusta.

— A faz sentir desprotegida? — ele me interrompe.

— É essa sensação.

Maycon levanta sem dizer nada e paga a conta. Volta e me dá a mão. Pegó minha bolsa e seguimos rápido para seu carro, devido à chuva.

Entramos, estamos meio molhados. Ele se aproxima e me beija muito loucamente. E isso me faz morrer e viver umas cem vezes.

Paramos e ele tira sua blusa para me secar.

— Não precisa.

— Precisa — ele insiste e o faz.

Termina e joga a blusa no banco de trás.

Liga o carro e vai em direção oposta ao Campus.

— Não quero ir para sua casa. Já tive muito da Jayde por hoje.

— Ela te fez alguma coisa?

— Não, mas nossos santos não combinam — satirizo.

Ele me leva a uma região montanhosa, mas a tempestade atrapalha e muito a

visão. Freia o carro.

— Vamos!

— Debaixo dessa chuva, nem sonhando.

— Vou te mostrar que não precisa ter medo. É só uma chuva.

Ele para o carro e sai. Após alguns relutantes minutos, saio, e em segundos, estou encharcada. Maycon me abraça. Segura minha mão e me faz sentar em uma clareira.

— Não é tão assustador assim, não é?

Não respondo. Estou com frio, muito frio, e isso é tudo que penso.

— Olha — levanta meu rosto em direção ao céu. Os raios produzem uma claridade perfeita.

— É lindo... — sussurro, tremendo.

— Como você.

Ele me beija e continuamos assim. O desejo e a excitação chegam e o frio já não faz mais sentido. Só nós.

— Elena, eu não sei as palavras certas para te convencer, nem como fazê-la entender o quanto eu te amo, só sei que estará sempre em mim, no meu coração. Eu te amo, mas vai além de ser só amor — sorri — Sei que é loucura, mas ter você me faz sentir que descobri um sentimento mais intenso e mais forte que o amor, mesmo não estando ao seu lado, eu te sinto em mim. Sinto seu...

— Seu cheiro, seu olhar, seu calor... — Completo e ele volta a me beijar...

— Posso tentar por você, mas tem que prometer que não vai me deixar se eu não conseguir...

— Vai tentar de verdade? — espero a resposta.

— Vou, por você. Quero você e quero mais do que quero a mim, é o meu mundo, a garota dos neurônios... — brinca — Nada disso parece fazer sentido ou sensato, sendo que te conheço há apenas uns dois meses, só que quando olho nos seus olhos, essas mesmas palavras loucas ganham vida e passam a fazer sentido pra mim. Você é a principal pessoa da minha vida agora, e prometo que será sempre só você...

Capítulo 16

Revelando-se

A chuva não dá trégua, e após minutos, acho melhor irmos embora.

— Você está sem blusa, vai adoecer... — sussurro entre beijos.

— Quando chegar à minha casa, tomo um "remédio" e ele resolve o problema — ele pisca, se levanta e me ajuda a levantar... — agora vai ter que passar comigo em casa para tomar banho, garota — Maycon sorri e não protesto. Entramos no carro. Dizer que estamos encharcados é pouco, é mais que isso.

Ele liga o aquecedor do carro, para tentar me aquecer, e seguimos entre olhares apaixonados e sorrisos bobos.

Chegamos e não vejo Jayde, o que é um alívio para mim. Subimos a passos largos para seu quarto, quase caio quando me deparo com a porta, mas Maycon me segura.

Entramos no banheiro e ele tira minha roupa; são mais amassos e beijos que banho. Quando saímos, ele me leva ao closet. Pergunto-me para que tantas roupas. Imagino uma disputa entre o pai e a mãe, seria a explicação mais óbvia, porém não levanto as questões.

Visto uma blusa dele. Fica enorme... Parece mais um minivestido, nada sexy, mas fazer o quê?

— Terá que me levar embora hoje. Não posso chegar amanhã assim. Seria o mico do ano.

— Relaxa... Não vai chegar, mas, por hora, pode ficar assim, não me importo... — ele sorri maliciosamente. Deitamos na cama, Maycon volta a me beijar e retribuo cada beijo com desejo e excitação. A loucura toma o lugar da razão e rapidamente o sinto dentro de mim...

Depois de recuperarmos o fôlego, ele me abraça e sussurra.

— Elena, vamos esclarecer alguns pontos... Prometi que vou tentar por você, mas vai ser nas férias, agora, sem chance... Sabe como é... — diz olhando em meus olhos.

— Não tem medo de morrer, Maycon?

— Tenho muita sorte e pouco juízo, acho que isso ajuda a não ter medo...

— Quando se deu conta que era viciado?

Ele para e fica em silêncio pensativo...

— Ah, acho que quando passei a usar todos os dias, mas tem muito rótulo em cima de um "viciado". Essa porra de sociedade com seus princípios moralistas e

hipócritas colocam na cabeça das pessoas estereótipos de que, quem usa drogas, é algum tipo de marginal, sem estrutura familiar, bandido, que rouba e vende as coisas de casa para consumir. Ainda que essa possa ser a realidade de muitos, nem sempre é bem assim. Eu, por exemplo, nunca roubei ou vendi algo para comprar. Recebi uma excelente educação, falo três idiomas, além do nosso, e estudei em um dos melhores colégios. Você pode até achar que não, mas depois que entra nesse mundo, fica pasmo com a quantidade de pessoas que usam... Pessoas consideradas "de bem", "de princípios"... E isso é a grande piada da situação.

— Mas nunca passou mal?

— Uma vez, eu cheirei vinte gramas, comecei a suar demais, a pressão subiu rápido e minha temperatura também, meu corpo tremia todo e tive aquela vontade enorme de morrer, uma depressão sem explicação que veio do nada. Coração quase saindo pela boca, fui para o meu quarto e fiquei deitado. Achei que fosse morrer mesmo. Tinha dezesseis anos na época...

— O que fez?

— Esperei. Estava sozinho, fiquei uns trinta minutos. Depois, do mesmo jeito que veio, passou. Não sei como não morri. Nesse dia, eu tive medo. Mas não era pura, e esse é o lance ruim de usar, você nunca sabe o que está cheirando mesmo, eles misturam muita porcaria. Por isso meu nariz sangra sempre. Hoje, aprendi a usar, uso apenas socialmente — ele ri. Surpreendo-me com sua explicação.

— Existe isso? — pergunto, decepcionada.

— Lógico, uma grama do pó dá para fazer algumas "carreirinhas", dependendo do usuário. Se for um usuário iniciante, ele faz várias, se for um usuário mais qualificado, ele fará umas oito ou dez carreiras no máximo, e vai usar num período de quatro a seis horas mais ou menos. Agora, se for um usuário profissional como eu, ele faz quadro carreiras federais e usa em vinte minutos.

— O quê? Então, você é profissional?

Ele me olha sorrindo, aquele sorriso que me mata:

— Quase doutorado, querida. Aprendi muito nesses anos, praticamente um especialista no ramo. Jayde veio com um lero-lero que conseguiu uma pura para mim. Realmente, é melhor do que a que eu compro, admito, mas pura, pura não era...

— Como sabe?

— A cocaína pura é linda; branca, brilhante, sem cheiro, parece uma espécie de flocos de neve. Você cheira uma carreira bem-feita e passa bem o dia... Vai cheirar de novo só no fim do dia... Essa sim tira o sono... Mas só pode usar de

meia a uma grama e, ainda sim, pode dar uma overdose na hora. Só que essa é cara, cara mesmo, e rara, só na Bolívia e Colômbia para conseguir e olhe lá... E como a coca é um produto em falta no mercado, me contento com essas merdas que me vendem — olho para ele. Maycon fala como se fosse algo tão normal... Corta-me o coração ver como ele é obcecado pela droga.

— Geralmente, eles pegam um quilo dela pura e fazem virar cinco misturando pó de giz, talco, bicarbonato e até pó de mármore... Aí fode tudo. Me fode mesmo, e minha mãe fica louca... Hoje aprendi que tudo depende da quantidade e tempo que leva para cheirar... Cheirar muito em tempo recorde, leva você para sete palmos debaixo da terra... Já usei da boa, mas a maioria é batizada.

— É estranho, você não parece querer sair dessa vida...

— Elena, é relativo, querer sair não é o mesmo que poder sair, acho que já me acostumei e aceitei minha situação. Já fui internado em reabilitações umas quatro vezes. Não funcionou. Odeio todo o processo; primeiro é a porra da abstinência no organismo, aquilo é tortura. Depois, vem a abstinência psicológica. Não sei se consigo sobreviver a isso. É como se tivesse um relógio em mim, se não uso, ele desperta e me deixa louco. Enquanto não cheiro, não me sinto bem.

— Já usou hoje? — olho em seus olhos.

— Relaxa, já tomei minha dose diária.

— Tem que ser todos os dias? — deixo as palavras saírem.

— Incluindo feriado e Semana Santa — diz irônico e ri.

Desvio o olhar e deixo transparecer minha frustração.

— Ei, mas eu vou tentar por você. Prometo...

— Aí está a diferença, tem que ser por você também.

Ambos ficamos em silêncio.

É estranho e medonho... Há pouco tempo eu não sabia nem como se usava cocaína. Agora, estou aprendendo até as diferenças, e o pior é que Maycon fala como se fosse uma vitamina que ele necessita tomar todos os dias, como se fosse algo bom.

— Pela primeira vez, não desejarei que as férias cheguem, e a culpa é sua — ele sussurra e me dá um beijo no pescoço, continua, e isso é como um relaxante para mim — e essa pulseira? — pergunta e nem sei quando sua mão foi parar no meu pulso.

— Keven me deu.

Maycon se afasta um pouco.

— Já está ficando bem chato isso com esse cara.

— Nada a ver, ele é só um amigo — retruco sem jeito.

— Por favor, para... Qualquer um percebe que vai muito além disso — ele

volta para perto de mim e me vira, fazendo-me o encarar. Muda o tom de voz — ele tentou alguma coisa?

— Maycon, por favor, para! — Desvio o olhar.

— Sabia... Até onde ele chegou, Elena?

— Ele me deu um beijo, mas me afastei e disse que ele estava entendendo errado. Keven aceitou e pediu desculpas depois.

— O quê? Espera aí, como assim ele te beijou?

— Na festa da minha mãe...

— E quando você ia me contar?! — Sua voz está bem alterada e me assusto com sua agressividade.

— Maycon, calma, ele me deu um selinho e eu o afastei, você e Jayde fazem isso constantemente.

— Não vem não, eu parei e você sabe disso, não se finja de boba. Fora que se tiver que escolher entre me beijar e beijar você... Ela escolhe você.

— Não faz diferença para mim, por que está estressado por isso?

— Que porra, Elena! Que merda! Para mim faz diferença. Achava aquele cara idiota, mas o idiota sou eu, ele está jogando, e muito bem, por sinal. Se eu vê-lo com você de novo, eu o mato, entendeu? — ameaça.

— Maycon, para. Está me assustando.

— Eu?! Você que está me assustando. O cara faz isso e você ainda sai com ele? Por acaso gostou do beijo e queria repetir, é isso?

— Não foi um beijo, eu o afastei, só encostou em mim.

— Cala a boca, sério, é melhor sair de perto para não escutar tanta merda — ele se levanta frustrado, veste a bermuda e sai do quarto.

Volta minutos depois e parece estar mais recomposto.

— Pode me levar embora?

— Não, vai dormir comigo a partir de hoje. Não vou aceitar você dormir no mesmo quarto que ele.

— Ele dorme em uma cama e eu em outra, e não tem como eu vir todos os dias.

— Foda-se, Elena! Se eu vou para a porra de uma clínica por você, por que não pode aceitar dormir aqui comigo? Agora, se me disser que prefere dormir com o cara, aí a conversa é outra.

Sento na cama, apoiando a cabeça em meus joelhos, evitando encará-lo no estado em que ele se encontra. Para minha segurança, é melhor evitar discussão. Quando o olho novamente, ele está escorado na parede, me encarando. Aproxima-se e senta à minha frente. Passa a mão em meu cabelo.

— Desculpa por gritar com você.

— Já me acostumei. Toda vez que se irrita, grita.

— Elena, você não entende, não é? Eu te amo... E não sinto segurança nenhuma nesse amor que você diz sentir por mim.

— Acho que já provei para você que te amo.

— Sério? Só porque dormiu comigo? Já dormi com muitas e hoje elas nem lembram meu nome...

— Não sou como elas!

— Por acaso, parou para pensar que quando eu for para a clínica, durante quinze dias, no mínimo, não vou poder sequer falar com você? Do jeito que minha mãe é louca, vai escolher uma tipo presídio mesmo... Já até imagino... Mas o pior para mim, será ficar sem você, essa vai ser a pior parte, a princípio. Mas parece que você nem sequer pensou nisso. E agora, eu estou achando que assim que eu for, esse cara vai te tirar de mim.

— Acha que vou te esquecer? Quando fico longe de você, a primeira coisa que me vem à mente é se está pensando em mim. E essa solidão de horas parece eterna. Então, Maycon, pode ter certeza que ainda que você fique meses, eu vou continuar te amando e esperando por você.

— Fala isso agora... — ele olha para o vazio. Está magoado, é notório.

— Sempre vou esperar por você, o que sinto vai além do agora, é para sempre... Vou ser sempre sua e você sempre meu.

— Eu te amo...

Ele me beija e me entrego totalmente ao beijo...

— Você é possessivo e agressivo demais.

— Nunca tive que dividir nada e você não será exceção.

Ele me abraça. Escutamos passos e risadas loucas. É Jayde. Ela parece conversar com alguém ao telefone. Acho tão estranho eles não terem nada e morarem juntos.

— Ela tinha saído?

— Acho que sim, ultimamente temos tido nossos problemas...

— Por quê?

— Jay está estranha, quando chego perto para conversar, ela desconversa e sai, me deixando sozinho.

— Mas quando está precisando, vocês se procuram — digo, me referindo às drogas.

— Antes ia bem, além disso. Ela está diferente da Jayde que conheci. Mas como eu não faço perguntas, não sei o que anda acontecendo.

— Tem certeza que ela não gosta de você?

— Ela gosta, mas não é isso. Acho que, no fundo, ela tem medo de que eu a troque por você. Entende? Acha que a qualquer momento posso mandar ela embora.

— E pode? — pergunto, com uma leve esperança.

— Não, jamais. Não abandono meus amigos.

— Você diz que não tem amigos...

— Jay é a exceção disso. Quando todo mundo me crucificava e o céu fechava para mim, Jay sempre me dava uma força. Sempre esteve aqui quando eu precisei...

Escutamos mais gargalhadas.

— Ela está no normal dela?

— Não... Mas não vou lá. O aniversário dela está chegando, hoje perguntei o que ela quer fazer, e ela respondeu que comigo nada...

Não consigo segurar o riso.

— Ela disse isso?

— Disse, e eu fiquei calado.

— Quantos anos ela vai fazer?

— Dezenove.

— Ela tem dezoito anos?

— Tem.

— Então, ela veio morar com você quando estava com quinze?

— Foi, ela quinze e eu dezessete, fazia apenas uns meses que morava sozinho, então, no fim, achei bom ter companhia.

— Mas uma hora vai acontecer dela ir embora, não acha?

— Não penso nisso, me apeguei a ela, me sinto bem com ela aqui...

Escutamos mais algumas risadas; depois, o barulho de porta se fechando.

— Por que ela sente tanta insegurança se já demonstrou que gosta dela?

— Porque você está ocupando meus fins de semana e não estou tocando mais com ela... Só que, ainda assim, depois de tanta coisa que passamos, não acho que seja motivo para ela fazer isso. Ela arranja outro guitarrista rápido. Mas se quer fazer drama, azar é o dela. Sabe que eu não aturo.

Ele volta a me beijar. Acabamos dormindo. De madrugada, acordo subitamente. Quando abro os olhos, vejo uma sombra passar por mim. Levo um susto, tento ver novamente, sei que há alguém. Sinto os braços de Maycon, ele resmunga algo. Viro-me para olhá-lo. Quando volto a olhar, não vejo ninguém, mas a porta está aberta e tenho certeza que não estava...

Fico alguns minutos com medo, mas logo sou vencida pelo sono. Quando acordo, vejo ao lado da cama uma calça jeans e uma blusa Giorgio Armani, provavelmente custou uma fortuna. E como se não bastasse, tem um conjunto de lingerie Victoria Secrets vermelho, de renda, lindo e delicado. Levanto e me visto. Maycon comprou até um tênis feminino Giorgio Armani e meias. Após me arrumar, desço sem fazer barulho. Os escuto na cozinha, me aproximo devagar, e

apesar de saber que é errado, paro há alguns passos para escutar. Os vejo, mas eles não me veem. Jayde está falando, parece alterada.

— Era só você e eu, Maycon, todos os dias, só nós, e agora tem essa garota sem graça...

— Jay, para com isso, você está levando para o outro lado. Eu amo a Elena e amo você, já deixei claro para as duas. Seu problema é que está exagerando na erva e fantasiando coisas. Fica o dia todo enfumaçando a casa! — Diz, alterado. Ela enxuga os olhos.

— Não dá para acreditar, ela está mudando você. Sinto que estou te perdendo, e parece que você está deixando isso acontecer... E se isso é o fim para nós, então não quero mais ficar no mundo real.

— Jay, sabe que amo você, amo mesmo, mas é diferente; amo a Elena como mulher e você como uma irmã. Não me faz escolher entre vocês duas, por favor! — Ele tenta abraçá-la, mas ela não permite.

— Nós estamos morrendo, Maycon, Elena está matando a gente e você não vê isso. Não precisa mudar por causa de mim, tem mil garotas que nunca tentariam mudar você, você é maravilhoso como é, e se essa imbecil não enxerga isso, há muitas que enxergam. Mas ela não, ela quer tirar seu melhor e o transformar no cachorrinho dela.

— Não é nada disso, Jay. Você está ficando paranoica.

— Não, eu conheci um Maycon que andava como se fosse digno, não abaixava a cabeça para ninguém, um Maycon que deixava qualquer garota louca, e não um que se tranca no quarto e fica se achando um Zé Ninguém porque uma vadiazinha preferiu levar o amiguinho perfeito ao invés dele para a casa dos pais.

Maycon desvia o olhar, depois coça a cabeça. É frustrante a situação.

— Você se lembra, Maycon, quando costumávamos dividir nossos sentimentos? Nossos segredos? Lembra que ríamos de tudo, que viajávamos sem destino, apenas pegávamos a estrada e nunca chegávamos a lugar nenhum, mas estávamos juntos e isso valia a viagem. Era perfeito, apenas eu e você...

— Lógico que lembro, foi bom, foi intenso, e cada memória nossa está em minha mente. Mas passou, Jay, ambos estamos vivendo outras aventuras, mas o bacana é que ainda estamos juntos. Sabe que amo a Elena e quero ficar com ela. Isso não significa que tem que ir embora, eu nunca quis e nunca vou querer isso. Só que quero ficar com ela. E seria foda demais se você conseguisse me entender... O que está acontecendo com você, Jay, por que está assim?

— Vejo você se perdendo por ela, sorri quando está perto, mas se sente um fracassado quando ela está longe. De repente, o cara mais foda que conheço não se acha mais o cara. Está tentando ser o Keven por causa dela. E não posso ver você se arruinar sem fazer nada. Sem ao menos tentar te acordar desse sonho

louco...

— Agora você viajou mesmo.

— Cortou o cabelo no estilo dele, está mudando até suas roupas, e como seus pensamentos gritam na sua cabeça, sei que não vê a hora de conhecer os pais dela. Mas deixa eu te falar uma verdade: não é o príncipe que ela quer e nunca vai ser. Quando a família dela souber que não passa de um viciado, eles não vão te aceitar, se é que ela vai te apresentar a eles, porque eu duvido que isso aconteça. Ainda sim, deixe que ela fique com o prêmio, viva sua aventura, estarei te esperando quando ela o largar... Porque, um dia, você vai voltar e me dar razão. Só espero que o Maycon que eu conheço ainda esteja aí, mesmo que sejam apenas resíduos — Jayde está em lágrimas e Maycon abatido.

— No fim, é isso que você pensa também, não é, Jay? Que sou mais um viciadinho de merda. Mas foda-se cara, ainda sim quero que você fique, mas se quer ir, não vou insistir, a decisão é sua. Fim de papo, eu tenho que ir... Vê se para com a porra dessa erva e vai estudar.

Ela retruca, mas não fico para escutar. Volto alguns passos e subo a escada antes que ele me veja. E é a conta de chegar próximo à porta para Maycon me alcançar...

— Tudo bem? — pergunto, fingindo não saber nada.

— Tudo. A roupa ficou ótima em você. Comprei há um tempo, achei que um dia iria precisar — fala meio sem jeito.

— Obrigada, foi gentil de sua parte — lhe dou um beijo e ele retribui.

Entra no quarto, pega suas coisas e seguimos para o carro. Não vejo Jayde. Mas Maycon está apreensivo, e um tanto ressentido, sinto isso. Porém, ele mantém silêncio. Próximo ao Campus, pergunto:

— Aconteceu alguma coisa?

— Não, está tudo bem, você está comigo... — sorri.

Maycon estaciona em frente à faculdade em sua vaga habitual. Saio e há poucos alunos. Ainda está cedo.

— Vou para a sala. Depois nos falamos — ele me dá um beijo.

— Eu te amo, Maycon.

— Eu te amo também, garota... — dá um sorriso tímido e vai em direção à entrada.

Vou ao meu quarto, mal cumprimento o Keven, mas como ele está se arrumando, não dá atenção a isso. Pego minhas coisas, tomo um chocolate e sigo para minha aula.

As horas passam e no terceiro horário, meu celular vibra. É Maycon:

Não me sinto muito bem, mas tenho um trabalho para apresentar no quinto horário, se importaria se deitasse um pouco na sua cama?

Respondo:

Jamais, já estou saindo para levar a chave... eu te amo.

Pego minhas coisas e saio. Quando chego à área dos dormitórios, vejo Maycon em frente a minha porta.

Ele sorri quando me aproximo.

— O que está sentindo? — pergunto, abrindo a porta, mas, assim que entramos, ele a fecha e me agarra.

— Saudade...

Voltamos a nos beijar.

— Hoje fiquei tão desatento, fiquei olhando sua foto dormindo e não prestei atenção em nada — ele diz, olhando em meus olhos.

— Qual foto?

— Uma que eu tirei enquanto você dormia.

— Não acredito, deve ter ficado horrível. Vai apagar.

— Não mesmo, ficou linda. Qual cama é a sua?

— Engraçadinho, a que está com ursos, lógico.

Maycon sorri, tira o tênis e se joga na minha cama. Como fico imóvel, ele dá leves tapas na cama, me chamando.

Não resisto muito e deito ao seu lado.

— Por que está fazendo isso? — o questiono.

— Marcando território. Macho alfa.

Ele dá um largo sorriso.

Olha para o lado e vê uma foto minha com Keven.

— Acha que eu estou parecido com esse cara?

— Nada a ver, por quê?

Finjo-me de boba.

— Nada, Jay é louca... Só isso.

Ele para seu olhar em mim e tira meu último fôlego, se aproxima e me beija, começa a passar sua mão possessiva pelo meu corpo...

— Você é louco, Keven pode entrar a qualquer momento.

— Relaxa! — Ele beija meu pescoço lentamente, levando minha razão.

— Maycon, por favor... — digo, ofegante.

— Fica sem graça se Keven nos ver juntos?

— Não é isso...

— Sério, então me prova...

O olho sem jeito. Deito por cima dele e começo meu jogo, mas logo perco... Mas confesso que amo perder para ele...

Capítulo 17

Meus fragmentos...

Maycon continua com beijos, é como se tirasse e me devolvesse à vida. E ainda que o desejo esteja nítido, não chegamos a lugar algum, apenas beijos e mais beijos. Após longos minutos, ele percebe que seu plano fracassou, vai-se o terceiro horário e o intervalo... O quarto inicia, e como ele tem um trabalho para apresentar no quinto, se levanta frustrado. Fico olhando-o calçar o tênis. É tão lindo, tão perfeitamente louco.

— Você deve ser bruxa, Elena, o cara não veio nem no intervalo. Puta que pariu — diz sorrindo e joga um ursinho em mim.

— Seu plano de me deixar constrangida foi por água abaixo, bem feito! — Sorrio. Ele veste a blusa — Maycon, não vai dar para dormir com você, não todos os dias.

— Por que não?

— Se meus pais descobrirem, são capazes de me tirarem da faculdade — explico, ele bufa frustrado.

— Não quero você dormindo perto do Keven. Simples assim!

— Já faz um ano que dividimos o quarto e ele nunca tentou nada... — rebato.

— Elena, mas eu não quero. Não tem o que discutir — faz cara de poucos amigos — Vamos?

— Vamos. Mas ainda sim, não dá todos os dias! — Imponho firme.

Levanto e ajeito minha roupa. Ele me puxa para mais um beijo. Pego minhas coisas e abro a porta para sairmos. Assim que fecho, Maycon me dá mais um beijo.

— Vai dormir comigo hoje, pelo menos hoje, não vai? — faz charme.

— Não sei, vou pensar — acaricio seu rosto.

— Como assim dormir com ele, Elena? — escuto uma voz bem familiar atrás de mim e me viro. É meu pai. Fico transparente, Maycon sem entender.

— O que está acontecendo? Por que está aqui, pai? — pergunto, assustada.

— Elena, não acredito, então é verdade... Meu Deus, eu não acredito, justo você, Elena! — Diz, magoado, levando as mãos à cabeça. Maycon me olha confuso. Só de ver a expressão do meu pai, meu desespero vem à tona.

— Pai é... Não sei o que você está sabendo, mas posso explicar!

— Explicar o quê? Eu e sua mãe te alertamos tanto para não se envolver com esse tipinho e em poucos meses já cai nas garras de um! — Bufo, irritado.

— Espera aí! O quê? Isso é comigo? — Maycon interrompe, sem entender.

— Maycon, é melhor você ir, depois conversamos — disparo, frustrada. Meu pai me pega pelo braço.

— Abra a porta Elena, pega suas coisas, vamos embora agora! — Ordena.

— Pai, não, tenho prova essa semana e sabe que é meu sonho ser psicóloga.

— Sério? Mas ao invés de estudar, você estava trancada no quarto com esse...

— suspira, evitando falar o nome do Maycon — Elena, que decepção! Justo você? Nós confiamos em você. Sempre foi uma boa filha. Por que está fazendo isso? Quer acabar com sua vida ou com a minha vida e a da sua mãe?

— Por que está assim? Eu nem te conheço. Não sei qual seu problema comigo! — Maycon mais uma vez interrompe.

— Meu problema é você se envolver com a minha filha. Mas já estou cortando o mal pela raiz — diz, ríspido.

— Pai, você não conhece o Maycon, está entendendo tudo errado.

— Sério? Então diz para mim que ele não é um usuário de drogas... — ele encara-me esperando resposta.

Gaguejo muito para falar...

— Ah, ele tem alguns problemas, mas não é viciado — tento parecer convincente.

— Aprendeu a mentir agora? E o pior, vai mentir para mim?

— Pai, eu gosto dele...

— Imagino, e é por isso que quero você longe, tem ideia do quanto me decepcionou? — começo a chorar, me dói ver meu pai arrasado por minha causa.

— Isso não é motivo para levá-la embora. Está exagerando! — Maycon tenta acalmar a situação, mas pelo olhar do meu pai, sei que o ouvir só piora.

— Qual seu nome? — meu pai o encara.

— Maycon.

— Então é o próprio mesmo. Escuta aqui, sei quem você é, e esse é o principal motivo para querer a Elena longe de você, não criei minha filha para se envolver com pessoas do seu tipo! — Vocifera.

— O quê? Espera aí! E qual é o meu tipo? — Maycon questiona, irônico, não abaixa o tom de voz. Abro a porta para não chamar atenção. Entro, meu pai entra logo atrás e é seguido por Maycon.

— Se enxerga, garoto. Elena não é para você — meu pai diz ao se virar e vê-lo entrar.

— Foda-se, se não concorda, na verdade, não faz porra de diferença nenhuma para mim. Ainda sim, eu e sua filha estamos namorando e vamos continuar juntos — retruca na mesma ironia, e isso começa a me irritar.

— Minha filha não namora com viciados de merda como você...

— Pai, para! Por favor?

— Elena, cala a boca! Pegue suas coisas e vamos embora, pode não entender agora, mas sabe que sei o que é melhor para você... — me diz, rude.

— Pai, eu não uso drogas, e nunca vou usar, sabe disso. Não traí a confiança de vocês...

— Não se envolvia com pessoas desse tipo e agora está dormindo com um. Dói-me ver o caminho que você tomou e me pergunto onde eu e sua mãe erramos... Então, sim Elena, você traiu a nossa confiança — ouvir as palavras do meu pai me faz chorar feito criança. Começo a arrumar minhas coisas.

— Elena, não vai embora com ele. Fica comigo! Eu te amo... — Maycon diz, ignorando meu pai...

— Acha que vai tirar minha filha de mim? Quem você pensa que é para dizer o que minha filha vai ou não fazer? — meu pai diz, apontando-lhe o dedo, mas Maycon continua o ignorando. Nesse momento, me posiciono entre eles, meu pai está muito alterado e Maycon pouco se importa com isso, pelo contrário, seu sarcasmo só piora tudo...

— Elena, eu te amo, não deixa ele separar a gente assim... — insiste.

— Acha que vai levar minha filha para esse caminho e vou ficar de braços cruzados? Fique longe dela ou juro que vai se arrepender, seu drogado imbecil!

— Não estou levando ela para caminho nenhum, sua porra, e foda-se para o que você pensa a meu respeito — olho para Maycon, assustada. Ele não deveria ter falado assim com meu pai.

— Maycon, por favor, vai embora — peço.

— Olha que tipinho hein, Elena, não tem o mínimo de respeito.

— Respeito não se exige, conquista. — Maycon enfatiza, e isso só faz meu pai ficar mais irritado.

— Cala a boca, seu viciado de merda! E que fique claro que isso entre vocês dois acaba agora! — Meu pai grita, e logo olha em meus olhos — Elena, esse caminho é sem volta, não sei como foi cair nessa com toda a instrução que eu e sua mãe lhe demos...

— Amo sua filha e não vai me separar dela, só depois que eu morrer.

— Não vai ser difícil, já que está morrendo mesmo pelo seu vício. E, quando morrer, vai livrar o mundo de mais um inútil.

— Pai, por favor, vou com você, mas pare de insultá-lo. Não o conhece e Maycon não merece isso — tento afastá-los, mas é inútil.

— Você está tão cega, meu anjo. Esse garoto não merece você. Não ele — suspira.

— Elena, não vai, por favor, esquece esse idiota, vem morar comigo?

— Maycon, para, não está ajudando, ele é meu pai — digo, frustrada, e viro-

me para pegar minhas coisas.

Mas quando menos espero, meu pai empurra Maycon e tento segurá-lo.

— Pai, para, por favor!

— Se me conhece, sabe que se encostar a mão em mim de novo, eu te mato — Maycon revida irritado, temo pela agressividade de ambos...

— Minha filha não vai ficar com você, seu drogadinho de merda, aprendiz de marginal. Acha que vou permitir isso? Quando me ligaram e me contaram, eu não acreditei, não quis acreditar. Vim às pressas torcendo para ser mentira. Mas quando chego, vejo a verdade estampada na minha cara... Não vai mais voltar para cá, Elena, pode ter certeza! — Ele grita, me encarando com raiva. Keven entra no quarto, assustado com toda a situação.

— Sabia disso, Keven? — meu pai pergunta, alterado. Maycon apenas continua olhando para mim, está alheio aos insultos do meu pai, está alheio a presença de Keven. Mas sei pelo seu olhar que está sofrendo ao me ver arrumando as coisas.

— Ele sabia, mas não concordava — falo de antemão.

— Vai embora, Elena? — Keven me pergunta. Enxugo as lágrimas.

— Vou, Keven — encaro Maycon, ele não diz mais nada, apenas sai do quarto. Desabo em lágrimas. Keven me abraça.

— Rápido, Elena! Não temos tempo para isso! — Meu pai ordena, pego minhas coisas, depois abraço Keven.

— Diz para ele que eu volto, por favor, é apenas por essa semana — sussurro. Keven confirma que sim, magoado. Quando saio, não vejo Maycon. Levo uma mochila com algumas roupas. Apenas para despistar. Entro no carro. Nunca vi meu pai nesse estado, tão nervoso, tão alterado.

— Quem te contou, pai?

— Não te interessa, Elena. Não isso — bufa, rude. Sigo olhando a estrada. Não me atrevo a pegar meu celular.

As horas passam...

— Um dia você vai me entender — ele por fim quebra o silêncio incômodo. Não retruco, continuo apenas tentando conter as lágrimas.

Quando chegamos, já é tarde da noite. Minha mãe está à espera. Entro, jogo-me em seus braços e choro.

— Então é verdade? — ela pergunta, olhando para meu pai, que confirma que sim.

— Mãe, eu não estou usando drogas — digo de antemão...

— Elena, depois conversamos, amanhã. Vai para o quarto, toma um banho e tenta dormir. — Faço como ela diz. Assim que entro em meu quarto, pego meu celular. Jogo-me na cama e ligo para Maycon. Ele não me atende.

Mando uma mensagem.

Amor, por favor, me atende?

Ele responde alguns minutos depois.

Maycon: Por que foi embora?

Elena: Era a única maneira de acalmar meu pai, ele não ia desistir.

Maycon: Eu também não. Mas você desistiu!

Elena: Espere por mim, amor, eu vou voltar para você, para nós... Por que não me atendeu?

Maycon: Estou horrível, me sentindo um idiota! Desculpa.

Elena: Amor, eu também estou, mas quando fecho os olhos, eu sinto seus braços ao meu redor. Sei que a distância não pode nos separar.

Maycon: Mas não é fácil, não acredito que ele te tirou de mim...

Elena: Não tirou, ninguém pode tirar.

Maycon: Estou sentindo uma angústia tão grande, nessa escuridão do meu quarto, busco resíduos de você, mas não tem. Quero dormir e acordar só quando você estiver ao meu lado de novo.

Elena: Vou convencê-los de que você é diferente, que eu te amo e preciso de você.

Maycon: Seu pai é idiota, e eu não sou diferente Elena, sabe disso.

Elena: Ele só é pai, e como todo pai, se preocupa, e ainda convive com o lado obscuro das drogas todos os dias, acho que tudo foi por medo, mas ele exagerou, não tinha o direito de te tratar assim. Peço desculpas por ele.

Maycon: Não o odeio, porque tenho você, e você veio dele, ainda que o ache idiota... Já sabe quem contou?

Elena: Não, ele disse que não me interessa, rsrs.

Maycon: Perdoe-me por fazer você passar por isso, eu te amo tanto. Estou me sentindo tão mal sem você aqui. Se não voltar até quarta, juro que encontro seu endereço e vou te buscar...

Elena: Eu te amo, amor, estou chorando feito boba, não posso ficar longe de você, não sei se vou sobreviver. Mas não quero que você venha agora, vamos esperar até sexta, enquanto isso, continua assim... Promete que vai me esperar?

Maycon: Como não vou te esperar, se meu coração foi junto com você, Elena? Estou implorando para te ter aqui, mas sei que não vai chegar por essa droga de porta. Olho as horas e fico nervoso por ver o tempo passar e não poder passá-lo ao seu lado. Estou me sentindo como uma criança, impotente sem você, e não sei o que fazer para acabar com essa angústia...

Elena: Queria estar aí, mas não há nada que posso fazer, a dor é forte, e não sei viver na sua ausência... Quero acreditar que está aqui comigo!

Maycon: E estou, assim como você está aqui. Um dia minha mãe me disse que eu iria me arrepender por cheirar coca. Sei que é por um breve momento, mas estou arrependido agora, se pudesse apagar tudo só para ter você aqui, eu faria sem protestar... Tem ideia do quanto eu te amo? Do quanto sinto sua falta?

Elena: Estou horrível, me sentindo um lixo, acho que deveria ter ido com você, mas não sei magoar meus pais... Perdoe-me? Eu magoei você.

Maycon: Está tudo bem, eu não esperava que você me escolhesse mesmo... De certa forma, agradeço a Deus por você não poder me ver agora, estou sem chão. Desejando você sem ter você... Olhos fixos na parede e implorando para que você realmente sinta o que estou sentindo por não tê-la... Sinto tanto a sua falta, que se tivesse tido a opção, teria ido com você...

Elena: Sinto-me péssima por isso. Eu te amo mais que tudo e vou voltar para você...

Maycon: Volta para mim, Elena, por favor... Te amo.

Continuamos conversando até eu ser vencida pelo sono. Quando acordo pela manhã, deparo-me com vinte e sete mensagens...

Você dormiu... Te amo...

Elena, eu te amo...

Tenha bons sonhos, espero que eu esteja neles...

Eu morro se você não voltar, se é que já não morri...

Eu te amo...

Eu te amo...

Você é linda... Eu te amo

Espero que isso seja um pesadelo e que eu conte para você amanhã e você rirá por esse sonho louco, quero acordar do seu lado. Quero te beijar, quero fazer amor com você...

O dia está amanhecendo, o céu está azul e lindo e eu morrendo... Assistindo as horas passarem aqui sem você. Perdendo meu tempo, o tempo que deveria estar ao seu lado... Te amo Elena.

Não sei se sabe que eu te amo...

Nada traz você para mim.

Sinto sua falta... Tanto que não sei se ainda estou respirando...

Eu te amo... Não sei sobreviver sem você, nem mesmo sobreviver... Fecho os olhos e vejo você... Acho que perdi meu coração, não sinto ele bater... Você o levou. Pode me devolver? Já são sete e meia, vou para a faculdade...

E assim por diante. Chorei ao ler cada uma. E quando penso que pior não poderia ficar, minha mãe entra no quarto.

- Mãe...
- Elena, você está usando drogas?
- Não, eu juro!
- Posso te pedir para fazer um exame, então?

Olho nos olhos da minha mãe, sei que ela esteve chorando. Não protesto; levanto, me arrumo e vou com ela. Faço o exame, duas horas depois o resultado sai, provando que estou falando a verdade. Ela suspira aliviada. Entramos no carro novamente, minha mãe me leva a uma clínica de dependentes... Segue comigo de um a um e pede para que eles me contem sua triste história com o vício. Quando paramos na hora do almoço, já estou esgotada. Quando ela conta que estou namorando um, em sua maioria eles me aconselham a terminar, dois ou três me dizem para apoiá-lo e ajudá-lo a sair desse mundo... Comovo-me com cada história. A luta é árdua. Mas por mais que tente me concentrar, Maycon toma todos meus pensamentos.

— Realmente, isso tudo é necessário? — pergunto, remexendo a comida. Não consigo comer, não sinto fome.

— Tudo é válido para te livrar desse caminho — minha mãe diz desviando o olhar. Sinto por causar isso a eles. Não questiono e o resto do meu dia é assim. À tarde, voltamos para casa. Como achei que fosse rápido, não havia levado meu celular. Entro no quarto. Tem mensagens do Maycon.

Estudar é inútil, todos meus pensamentos são tomados por você, não sei por que vim nessa porra! (Maycon- 08h30min da manhã).

Estou olhando sua foto, seu olhar é tímido. (Maycon- 09h00min da manhã).

Tenho uma prova agora, quando acordar me manda uma mensagem, estou morrendo de saudade... Estou tão desesperado, Elena, me responde, por favor... (Maycon 09h40min da manhã).

Você já deve imaginar a situação, está ficando pior a cada segundo. Mas ainda estou respirando. Acho que ninguém mais pensa em você tanto quanto eu... Te amo. Mas vai além disso.

Respondo:

Desculpe-me, comigo nada está fácil, já deve imaginar, me conhece bem... Sigo apenas te amando e chorando, é inevitável... Ainda respiro, não sei por quê... Não estou vivendo, estou sobrevivendo... Não acredito que estou longe de você... A solidão se transforma em um imenso vazio... Te amo Maycon... Pode vir me ver amanhã?

Não demora a resposta vir.

Maycon: Quero te ver hoje. Onde você mora?

Elena: Amor, hoje não tem como, meus pais vão conversar comigo. Amanhã é melhor. Meu pai chegou, beijos, eu te amo, sua Elena.

Maycon: Tudo bem, espero sobreviver até amanhã. A solidão está me fazendo muito mal, odeio passar por isso, mas vale a pena se puder ter você de novo. Acho que sua falta me faz mais mal que a coca, a dor é inexplicável. Eu te amo... Do sempre teu, Maycon.

Capítulo 18

Espero que possa me ouvir - Jayde

Na segunda, Maycon chegou, subiu para o quarto e não saiu mais. Na terça, o vejo indo para a faculdade, volta cedo, sei que está cheirando, cheirando muito. Agora sua vida se resume a cheirar, ir à faculdade, voltar, cheirar mais e continuar cheirando trancado no quarto. Haja pó para tanta depressão, aff... O motivo: vadia da Elena. Eu disse que ia dar merda, mas, como sempre, ninguém me escuta...

E depois, ele ainda tem a audácia de falar da minha erva.

Quase não conversamos e prefiro evitá-lo, detesto vê-lo assim. Aprendi a ser alheia ao sofrimento dos outros e até ao meu mesmo, mas com ele não consigo, ele sofre e eu sofro junto... Odeio vê-lo tão vulnerável... Distante, perdido no seu próprio mundo. Então, fico apenas observando ele se matar aos poucos, fingindo ser forte, mas falhar entre quatro paredes.

Depois do jantar, subo para o quarto, passando pelo dele. Maycon não para de tossir há uns dois dias... Pergunto-me se ele está bem, mas não me atrevo a bater. O problema do pó é isso, você nunca sabe qual será a reação da pessoa, pode estar depressivo ou eufórico, se encher a porra do saco no momento errado, dá merda grande...

"É, Elena, aí está seu príncipe, usando mais do que deve e pode, e onde você está para salvá-lo?"

Entro no quarto e termino de arrumar minhas roupas. Estou de mudança e acho que deveria falar com ele, devo isso a ele, mas não consigo, odeio despedidas...

Arrumo os últimos detalhes, pego apenas o que é meu, ou seja, que comprei com meu dinheiro. Tudo cabe em duas mochilas, mas foda-se, é o suficiente para mim...

Maycon não é mais o Maycon, ele agora é como uma caixinha de surpresas que oscila a cada vez que fica longe da Elena... E eu odeio surpresas... Olho uma foto nossa, ainda me lembro de quando o conheci. Maycon era o cara, nunca me interessei por garotos, são hostis e idiotas... Mas devido a "alguns motivos", ele me chamou atenção... Só que não foi recíproco, hoje tenho certeza.

Termino e o escuto bater na porta, ele entra sem que eu responda.

— Está indo a algum lugar, Jay? — pergunta, e pelo tom da voz, sei que está nervoso.

Levanto-me e o encaro:

— Jay, eu estava aqui pensando, o pai da Elena descobriu sobre nós, na verdade, alguém avisou — me fita.

— Por isso está nessa depressão, por que ele a levou? Fala sério, Maycon — digo com ironia.

— Como sabe que ele a levou? — Maycon retruca e me assusto. Merda! Ele não deixa passar nada.

Ele dá dois passos e eu recuo igualmente.

— Realmente queria ter acreditado que foi o Keven, mas ele não ganha nada com Elena longe. Mas quem ganha com Elena longe? Tipo, quem não nos quer juntos? Sabe de alguém, Jay?

— É melhor ele ter descoberto agora que depois, por que a tempestade? Uma hora ia acontecer, não?

— Com certeza, mas quem ligou?

Fico em silêncio...

— Por que está indo embora?

— Acho que já deu para nós, não suporto você e...

— Elena juntos... Sei disso, aí falou com o pai dela. E agora está indo porque não queria ter que me encarar e dizer que foi você — ele tosse. Está pálido, está mal, muito mal, qualquer um pode notar.

— Não é por isso. Apenas acho que chegou a hora de trilhar meu caminho, fazer minhas apostas. Você mudou, Maycon, não acrescentamos mais um ao outro em nada. Porém, antes, vou confessar que realmente liguei, por tolice, ou um desespero banal de ter você de volta. Só que não se pode ter o que não é seu, e você não é meu... Aprendi isso... Então, adeus...

Ele me olha decepcionado, está abatido, respirando com dificuldade, parece aquelas pessoas asmáticas. Está com pijama de frio... Só que toda essa depressão não é por mim, provavelmente é por ela.

— Dói saber que foi você, de longe essa é minha pior decepção, Jay...

— Doeue perder você para ela também.

— Que porra Jay, você é burra mesmo né... — volta a tossir — Como me perdeu se eu estou todos os dias com você? — grita.

— Grita mais alto, talvez consiga me assustar... — digo em tom calmo.

— Se quisesse te assustar, minha atitude seria outra, me conhece e sabe disso. Estragou tudo, conseguiu, deu seu showzinho barato, só que ele falhou, não vou me separar da Elena... Que decepção para você... — ele ri com ironia, mas volta a tossir, seu estado passa a me incomodar — Por que fez isso, Jay? Por que fez isso comigo? Onde eu errei com você?

Diz, magoado, e tento não chorar.

— Não me faça perguntas que já tem respostas.

— Não vai embora sem me dar essas merdas de respostas, porque não sei como encontrá-las. E não vou assumir a culpa dessa vez.

— Achei que era o melhor, achei que quanto mais cedo ele soubesse, seria melhor para você, não ia sofrer tanto... Mas errei e sinto por isso. Não suportei a ideia de ver Elena tomar meu lugar.

Maycon me olha com tanto ódio e dor, que acho melhor ir embora rápido.

— Ela não tomou seu lugar, não é a mesma coisa, porra...

— Para mim é!

— O quê? — pergunta, confuso.

— Não faz diferença mais, sentimentos que nunca foram ditos se tornam inexistentes. Achei que era para sempre, mas eu perdi você para ela...

— Você é louca... Não me perdeu para ela, perdeu para o seu egoísmo, para sua loucura. Acabou para mim, Jay...

— Você me esqueceu, Maycon, esqueceu tudo que passamos em dois meses que passou ao lado dela — deixo as lágrimas caírem.

— Isso não tem nada a ver com a Elena, isso é entre mim e você. Não pensei que fosse capaz de me trair assim... — volta a tossir e se apoia na porta.

— Maycon, eu...

— Cala a boca, porra! Machuca ouvir você, sei o que está pensando e não preciso das suas razões. Pelo menos foi sensata ao querer ir embora... Boa sorte, segue seu caminho...

Ele se vira para sair...

— Você é bom, Maycon, você realmente é bom. Nunca pense o contrário...

Ele se vira novamente e me olha, mas não diz nada. Sigo em sua direção, quando passo por ele, sinto sua respiração dificultosa, sinto que está mal. Mas o orgulho não me permite voltar atrás...

— Não vai ser fácil me acostumar à sua ausência Jay, mas vamos confessar que ambos já estávamos meio ausentes.

Viro-me ao ouvi-lo.

— Acreditava que eu era mais que alguém nessa casa... — Choro.

— Você sempre foi, estou magoado por estar longe da Elena, porque a amo e ela me ama. Mas estou morrendo pelo que me fez Jay, é foda. No fim, sabemos que o para sempre pode durar anos, dias ou horas... Mas uma hora acaba também... Eu estou cansado, Jay, estou cansado de tentar segurar as pessoas ao meu lado. Estou cansado de tentar provar que sou bom, que também mereço. Cansado de lutar. Não há mais porque continuar, não vou mais prendê-la ao meu lado. Pode ir... Se chegou ao ponto de fazer isso comigo, é porque a amizade, o respeito e o amor se foram... Espero que seja feliz e encontre seu caminho. Realmente, desejo a você o melhor da vida — ele se vira, mas quando vai abrir a

porta do quarto, cai. Desespero-me. Vou em sua direção, e quando o toco, vejo que está com febre, e bem alta, por sinal.

— Maycon, Maycon acorda... Está me assustando, acorda, por favor, merda... Acorda!

Continuo gritando desesperada, mas ele não reage. Olho a pulsação, está fraca, mas está vivo... Respira com dificuldade... Ligo para a emergência. As lágrimas correm sem cerimônia. O abraço, implorando a Deus que ele não morra. É horrível a sensação que sinto agora. Ligo para sua mãe, mas não consigo explicar direito:

— Não sei o que está acontecendo, mas Maycon está mal... — digo e escuto seu choro.

— Estou indo — É tudo que ela diz. Estou desesperada. Os seguranças sobem e rapidamente a emergência chega. Eles o examinam e o levam para a ambulância. Vou ao seu lado, segurando sua mão. Eles o colocam no oxigênio.

— Pouca oxigenação no sangue — escuto um dizer ao outro.

— Pressão alta.

Eles o colocam no soro.

Sei que não é overdose, e me assusta não saber o que é. Os minutos passam e ele não acorda.

Chegamos e eles o levam para a emergência. Não me deixam seguir com ele. Só o vejo desaparecendo pelo corredor.

Sua mãe e seu padrasto chegam.

— O que aconteceu, Jay? — ela pergunta, desesperada...

— Ele parecia estar gripado, mas parecia ser só isso. Hoje a noite ficou pior, estávamos conversando e ele desmaiou — digo, chorando.

— Foi overdose? — sua mãe murmura para mim.

— Não...

— Tem certeza?

— Nunca vi uma assim. Acho que tem a ver com essa gripe. Não sei.

— Ele andou exagerando?

— Sim...

Ela parece perder as forças ao me ouvir. Erick a abraça. Após longas horas, o médico aparece.

— Acompanhante de Maycon Sebastian?

Aproximamo-nos dele.

— Os dois pulmões estão tomados, os primeiros resultados demonstram ser pneumonia. Está em estado bem avançado. Foram detectados altos níveis de concentrações de toxicológicos no sangue. O manteremos no respirador, para poupar os pulmões. Infelizmente, seu sistema imunológico está bem fragilizado.

Estamos fazendo o possível, e já iniciamos o tratamento com antibióticos. Ele foi transferido para a UTI, se quiserem podem esperar no andar, fica no sexto. Quando for liberado, podem vê-lo. Devido à gravidade da infecção, o induzimos ao coma para melhor administração do tratamento. Alguma dúvida?

— E quando vão tirá-lo da sedação? — sua mãe pergunta, ela parece odiar a palavra coma. E como é induzido, na verdade, ele está sedado mesmo.

— Assim que obtermos melhoria no seu quadro, o faremos. Porém, agora é necessário mantê-lo assim.

Eles continuam conversando por mais um tempo, não presto atenção em nada, não consigo. Apenas choro, pensando na merda que fiz ao ligar para o pai da Elena.

— Muito obrigado — seu padrasto agradece.

Subimos para o sexto andar. É surreal, estava conversando com ele há pouco tempo e agora ele está assim.

Sua mãe não para de chorar, nem eu...

Passam-se alguns minutos e seu pai chega. Assim que vê Emily, Isaac a abraça... Maycon riria disso. Agora não existe a droga do divórcio que ele nunca superou, não existem intrigas. Existem apenas os pais do Maycon e a dor que sentem por vê-lo assim.

Ainda chorando, Emily explica o que aconteceu. Seu pai está desolado, todos estão. Provavelmente, ele não reclamou antes por causa do pó. Que idiota, com pneumonia e cheirando coca. Por isso não sentiu dor.

Uma enfermeira aparece e diz que, de um a um, podemos vê-lo.

Primeiro entra sua mãe.

Os minutos passam, a dor é tão real, o medo de perdê-lo me desmorona. Não sei o que fazer.

Sua mãe sai, chora tanto que não sei se quero vê-lo... Não nesse estado.

Seu pai entra, não fica muito tempo, sai mais abatido do que entrou.

— Pode entrar, Jay, entro depois de você — Erick diz.

Não reluto, entro, a sala é fria, muito fria... Maycon está imóvel, ligado a aparelhos.

Fico ao seu lado. Seguro em sua mão.

— Maycon, espero que você possa me ouvir, sinto sua falta, e é tão ruim. Não posso te esquecer, porque você me ensinou a ser feliz, a ver além dos problemas... Ensinou-me que não importa o quanto o céu se feche, as estrelas estão sempre lá... Ainda que não as veja. Eu fui egoísta, eu sei, mas quem quer perder o melhor da vida? Está escutando? Você é meu melhor, meu herói, meu tudo... Ah! Que porra, isso é tão triste, sabe que não sou uma boa perdedora, não sei perder e não quero perder, não você... — enxugo as lágrimas, mas outras

tomam lugar. Não sei se consigo me perdoar — Se é questão de confessar, vou ser direta. O dia que você chegou com a Elena em casa, eu vi como você olhava para ela, eu descobri naquele dia que eu não seria mais a mesma... Dói perder você, dói ver como a ama e como não me ama. Fui egoísta, eu sei... Mas ninguém quer perder você... E se fosse você no meu lugar, e se estivesse perdendo a Elena, não faria o mesmo? — choro desesperadamente — Na verdade, eu tenho a resposta, você não faria, porque não joga sujo... Esse é seu problema, deixa que as pessoas te magoem, mas não tem coragem de magoá-las. Você é bobo, Maycon, um idiota, tem tanto a oferecer, mas ao invés disso, se reprime... Aceita o que as pessoas falam de você, mesmo sabendo que não é verdade... Quero gritar, mas ainda que grite, não pode me ouvir, porque está longe, tão longe, em algum lugar, e eu não posso te trazer de volta... Ah, meu Deus! Por que, Maycon? Agora vejo que três anos da minha vida não fizeram sentido algum... Nós morremos... Sinto muito por tudo... Espero que volte dessa viagem, que volte para Elena, espero mesmo. Eu sei que uma parte sua, uma parte nossa, sempre vai ser real e eterna... Tem que voltar, Maycon, tem que melhorar, sua mãe está tão inconsolável, me dói vê-la assim e sei que doeria em você também. Porque esse é um dos motivos que te faz chorar também, causar dor a ela... É isso, acho melhor eu ir. Eu te amo, fica bem, certo?! — Dou-lhe um beijo na mão, enxugo as lágrimas e saio do quarto.

Como não podem ficar acompanhantes, todos vão embora, ainda que seus pais o façam relutante. Despeço-me, seu pai me deixa em casa.

Odeio-me por ser tão egoísta, era para eu ter percebido que ele estava mal... Mas essa ideia louca de tirar ele da Elena me cegou. Choro por vários motivos. Vou ao quarto para pegar minhas coisas. Quando passo pelo corredor, escuto o telefone dele tocar.

Entro em seu quarto, apesar de tudo, está organizado. Maycon é organizado e me ensinou a ser também... Seu telefone está ao lado da cama. Tem mensagens e chamadas perdidas da Elena.

Abro apenas para responder... As mensagens dela não me interessam.

Elena, é a Jayde. Infelizmente, Maycon não pode responder, ele passou mal e está internado, nada grave, não se preocupe, me passa o seu endereço que vou te buscar. Que fique claro que isso não é por você, mas estou devendo uma ao Maycon e acho que é minha chance de pagar.

Espero um tempo, acredito que ela não vai me responder. Pego minhas coisas e quando vou saindo, escuto o telefone vibrar.

É Elena passando o endereço, ela finaliza com um "obrigada por isso."

Esse será meu castigo, trazê-la direto para os braços dele...

Porra de vida!

Capítulo 19

Sinto sua falta...

Entro no pequeno escritório da casa para uma conversa nada satisfatória com meus pais. Pergunto-me se há uma forma de convencê-los que amo o Maycon e ele me ama... Tudo que eles querem ver é que ele é usuário de drogas e que se eu não me afastar, vou entrar para o mesmo caminho. Meu pai quase não conversa comigo e só me resta apelar para minha mãe, e mesmo a ela está sendo difícil de convencer...

— Elena, realmente quer essa vida para você? — minha mãe insiste em um tom mais alterado.

— Não, mas amo o Maycon, mãe, e não vou desistir dele por causa disso.

— O "isso" vai arruinar sua vida, não percebe, Elena?! — Meu pai diz, alterado.

— Eu posso ajudá-lo a sair dessa vida, posso mostrar para ele outro caminho.

— Os pais dele têm muito dinheiro, se quisesse sair, ele já teria saído — meu pai conclui irritado.

— Seu pai tem razão, Elena, ele não quer.

— Mãe, ele quer sim, me prometeu que vai — insisto, tentando não chorar.

— Depois de tudo que te mostramos, ainda assim quer continuar? — meu pai me pergunta.

— Não quero, eu vou, não pode escolher por mim, pai. Já fizeram o suficiente me orientando e agradeço muito por isso e amo vocês... Só que já tem dois meses que eu e Maycon estamos juntos, fiz exames e viram que não estou usando drogas... Se tivesse que acontecer, já teria acontecido.

— Então você nunca o viu drogado? Nunca o viu usar? — minha mãe pergunta direta, e apesar de odiar mentir, não me resta escolha.

— Não, nem dá para acreditar que ele usa — tento ser convincente...

— Não tem como te convencer do contrário, então? — ela insiste.

— Não vão me fazer terminar...

— Tudo bem, Elena, lavo minhas mãos! — Meu pai bufa, irritado.

— Pai, eu...

Ele sai, me deixando sozinha com minha mãe.

— Mamãe, por favor?

— Elena, me dói ver como está cega, esse relacionamento não tem futuro. Não posso te impedir... E ainda que doa dizer isso, sei que vai sofrer, vai sofrer

muito, só que sou sua mãe, não vou abandoná-la por isso...

— Mãe, se você o conhecer...

Ela me corta, rude.

— Não quero conhecê-lo, não insista, não quero ter um rosto para odiar quando eu te ver desiludida por perder tempo com alguém que não merece... Nem o quero perto das suas irmãs.

Ela sai, saio em seguida e vou para o meu quarto. Pego o telefone, não há mensagens do Maycon, o que me deixa confusa.

Mando mensagens, mas nada, ligo e ninguém atende. Continuo insistindo. Quando estou quase vencida pelo sono e desespero, o telefone vibra.

Para meu alívio, é o Maycon, mas quando abro a mensagem, é da Jayde...

Choro ao ler a mensagem. Maycon está internado, quero estar lá, quero ir ao seu encontro, mas ela diz que ele está bem, quero acreditar nisso, preciso... Jayde diz vir me buscar. Tento me recompor e respondo passando o endereço. O sono desaparece.

Mando outra mensagem a Jayde, perguntando se posso falar com ele, mas ela não responde. Em meu desespero, mando uma mensagem para ele, ainda que saiba que ele não vai ver:

"Até amanhã, meu amor, seja sempre meu..."

As horas passam, e um novo dia nasce. Jay não confirma se virá mesmo me buscar, ainda assim, arrumo minhas coisas. Quando desço, vejo minhas irmãs. Meus pais não falaram com elas o motivo de eu estar em casa novamente, e acho melhor que não saibam, apenas justifico dizendo que vim passar uns dias por saudade.

Converso com minha mãe e explico o que aconteceu.

— Overdose?

— Não! Não foi.

— O que foi então?

— Não sei...

— Então pode ser — meu pai interrompe.

— Uma amiga está vindo me pegar. Assim que ela chegar, eu vou...

— Não podemos te proibir, tem dezenove anos, mas espero que saiba o que está fazendo — minha mãe conclui e engulo o choro, nunca tive uma despedida tão fria, não escutei o caloroso *volte logo* do meu pai. Tento não chorar, não na frente deles. Estou perdida, sem saber se encontrei ou perdi meu caminho.

Vou ao ponto de ônibus próximo à minha casa. O tempo passa e leva a manhã com ele, meu coração sangra por estar tão dividida entre meus pais e Maycon. Sei que quando eles o conhecerem de verdade, vão se arrepender, eles sempre foram os melhores pais do mundo e sei que isso é por querer me proteger. Vejo

as pessoas passarem por mim, umas pegam condução, outras apenas passam. Cada um com sua história, seus sonhos. Olho-me no reflexo da placa e ele não mente; me vejo tão diferente, me vejo sem o Maycon e sinto-me incompleta.

— *Você me faz falta.* — sussurro para mim mesma ao pensar nele.

Resolvo encarar as horas, já são duas da tarde, estou há quatro horas esperando por alguém que talvez nunca chegue.

Quando estou prestes a voltar para casa, vejo o carro dela apontar na esquina.

Jayde estaciona e desce, roubando os olhares de todos.

— Com tanto fim de mundo para morar, não podia morar em um mais perto? Fiquei horas rodando por esse lugarzinho dos infernos — ela diz, irritada.

Apenas sorrio. Todos me olham surpresos, são vizinhos dos meus pais, e em sua maioria me conhecem. Finjo normalidade ao ouvir as reclamações da Jayde.

— Vamos — ela fala, entrando, e apenas quando entro é que vejo meu pai na esquina. Sorrio e dou um tchau, ele corresponde, e isso, de alguma forma, me faz sentir bem.

— Obrigada por vir — digo a ela. Jay está de óculos escuros, apesar do tempo nublado.

— Não é por você, já disse — responde ao seu estilo.

Respiro fundo.

— Jayde, eu sei que não gosta de mim, mas acho que deveríamos tentar, pelo Maycon.

Ela me corta:

— Elena, olha, eu não gosto de você, não quero ser sua amiga e não precisa tentar puxar assunto, porque não to a fim de conversar.

— Ah... É... Me desculpa, eu...

— Não tem que pedir desculpas, já disse que é pelo Maycon e você não me deve nada — dá um sorriso torto.

O tempo passa, precisamente horas.

— Como o Maycon está? — pergunto e ela suspira.

— Mal... — ela confessa e começa a chorar.

— O quê? Por que não me disse?

— E do que ia adiantar, por acaso poderia fazer alguma coisa?

— Eu tinha o direito de saber. Sou sua namorada, nos amamos e deveria ter sido franca comigo.

— Elena, olha, tira um pouco o peso das minhas costas, já tá difícil para mim, Maycon vai sair dessa, sei que vai...

Ela diz, chorando, tirando os óculos. Quando vejo seus olhos, me desespero pensando o pior.

— Jayde, ele não... Ele não... — Choramingo.

— Não, ele não morreu! — Ela grita.

Continuo chorando.

— Para com isso, vai, ele está com pneumonia, mas já estão tratando e ele vai ficar bem para vocês voltarem a brincar de príncipe e princesa juntos.

Ela retruca, mas não é irônica, é apenas seu jeito de me convencer que tudo vai ficar bem. O problema é que seu rosto me diz o contrário e não sei o que pensar.

— Se está tudo bem, por que você está assim?

— Porque falta pouco tempo para eu ir embora, e pela primeira vez, estou me sentindo uma criança indefesa.

— Por que está indo embora? Maycon morreu, é isso? — pergunto desesperada, não faz sentido ela ir se ele está vivo.

— Ai, que porra! Ele não morreu, mas se ficar repetindo isso, é capaz que o cara morra mesmo.

— Ele está muito mal, não está?

Ela liga o som tão alto que não consigo escutar mais nada. Passa a correr. Acho que ela não suporta ficar muito tempo ao meu lado. Continuo chorando, pensando no pior. Mas se isso tivesse acontecido mesmo, ela não estaria aqui. Jay também chora, parece até uma competição idiota, no entanto, assim como eu, sei que ela está sofrendo. De repente, ela desliga o som.

— Quer tirar ele dessa, não quer? — ela pergunta e me pega de surpresa.

— É o que eu mais quero.

— Então, um mês não resolve... No mínimo, uns quatro a seis, não vai ser fácil, na verdade, ele vai te odiar quando tiver que encarar a abstinência, ele vai ficar louco, depressivo, insultá-la e tentar te afastar de todas as formas, mas esse não vai ser o Maycon, vai ser a falta da droga o fazendo agir assim... Vai ser bem doloroso, mas quando você achar que não suporta mais, quando achar que não dá pra ficar pior, aí que vai ficar pior. Mas não pode abandoná-lo, não pode desistir, porque se fizer, ele volta pior. E lembre-se que quando estiver a ponto de desistir, é aí que começa a aparecer a luz no fim do túnel. Vai ter que aprender a ignorar todas as vezes que ele te insultar, porque isso vai acontecer, e muito. Tem que ser forte, forte mesmo. Não se fingir como você faz... O problema dele, é que Maycon viu seu porto seguro ruir quando os pais separaram, ele sempre desejou ter uma família de volta. A chave é essa, mostre a ele que pode ter isso com você. Mostre o quanto o ama e que existe outro caminho além desse. Assim ele vai querer sair também, porque não adianta se ele não quiser... Acha que pode fazer isso? Acha que pode ser forte por vocês dois?

— Posso, mas ele também te ama, pode ajudar também.

— Já estou ajudando, não percebeu? Estou saindo do caminho dele. É o

melhor que eu posso fazer e desejo e torço que você consiga o resto... Não sou necessária na vida dele, nessa situação, só atrapalharei, vai por mim — diz as últimas palavras e volta a ficar em silêncio. Entramos na cidade, e logo depois, Jayde estaciona em frente ao hospital. É o principal do centro.

Desço, mas ela não desce.

— Sexto andar, Maycon Sebastian...

— Vem comigo, por favor? — imploro e ela desce, apesar do receio.

Passamos pela portaria e nos identificamos. Após a liberação, vamos ao elevador.

Assim que as portas se abrem, vejo seus pais. Seu pai está com uma mulher bem mais jovem, linda, muito linda, e pela proximidade deles, imagino ser a madrastra, que também está abatida. Sua mãe está com Erick, os dois me cumprimentam.

— Como ele está? — pergunto quando me aproximo de sua mãe.

Ela me olha meio confusa devido à situação, olhos vermelhos e inchados de tanto chorar.

— O médico está vindo para nos atualizar de seu quadro — Erick se adianta.

Passa alguns segundos e o médico vem nos informar. Ele se aproxima dos seus pais.

— De acordo com os resultados, é pneumonia bacteriana. Estamos dando continuidade com o tratamento de antibióticos, a infecção ainda não regrediu, mas não avançou, o que é um bom sinal. Se continuar assim, talvez amanhã, com quarenta e oito horas, nós o tiraremos da sedação, mas vai depender do desenvolvimento do quadro clínico. Pode acontecer, como também pode não acontecer. No entanto, tudo caminha dentro da normalidade, o que é um bom sinal.

— Graças a Deus! — Sua mãe diz, aliviada — Podemos vê-lo?

— Podem sim, mas que seja breve e no máximo três, para evitar danos maiores. Ele já está fragilizado e o melhor é precaver.

Eles fazem mais algumas perguntas.

Obviamente, sei que seus pais vão entrar, mas o médico sai e ninguém diz nada. Porém, antes de alguém protestar, Jayde interrompe.

— Vamos usar o bom senso e deixar Isaac, Emily e Elena entrarem — ela diz secamente, Erick não se opõe, nem Jennifer. Agora entendo um pouco o Maycon, sua madrastra deve ter no máximo uns vinte e oito. E olha que nem isso aparenta, ela é tão linda, parece modelo. Apesar do seu pai também ser muito bonito, está na cara que ela é bem mais nova que Isaac e Emily.

Eles entram, cada um a sua vez. Quando chega minha vez, ninguém protesta.

Entro e sinto uma dor tão forte no coração ao vê-lo tão debilitado.

— Oi, amor! Não disse que voltaria para você, eu voltei — tento não chorar, mas é impossível — Maycon, sou eu, Elena, disse que aquela chuva ia te fazer mal, você não me escutou — sorrio e enxugo as lágrimas. Toco sua mão, está fria.

— Você vai ficar bem, porque eu não vim aqui para te perder. Voltei para você e agora quero que volte para mim. Deixei de viver nesses dias que estava longe de você, as horas pareciam tão iguais, sempre as mesmas. Mas nesse tempo cruel e absurdo, percebi que não há outro caminho, que não há outra escolha. O amor é raro, tão raro, que quando o encontramos, não seremos mais os mesmos se o deixarmos escapar, e não vou te deixar escapar. Porque meus medos se acabam ao seu lado, meu coração encontra acalento, encontra lugar em seus braços. Agora entendo o seu *eu te amo Elena, mas vai, além disso*. Porque eu te amo, Maycon, mas vai além disso. Eu te amo muito e espero estar sempre ao seu lado — enxugo as lágrimas.

Uma enfermeira entra, me informando que o tempo acabou.

Dou-lhe um beijo, peço mais uma vez para voltar para mim e saio. Volto à sala de espera, sua mãe e Erick já haviam ido. Ela provavelmente está esgotada. Seu pai e sua madrastra se despedem de mim e de Jayde.

— Vamos? — Jayde me chama. Enxugo as lágrimas.

— Ele vai ficar bem, não vai?

Ela dá um sorriso estilo Jayde.

— Maycon? Com certeza, ele é duro na queda.

Saímos do hospital, ela segue para a casa deles.

— Jayde, pode me deixar no Campus, por favor?

Ela me olha sem entender.

— Ir para lá é inútil, não vai conseguir estudar. Vem comigo, pode dormir no quarto dele, vai se sentir melhor lá. Fora que amanhã pode ir vê-lo mais cedo, é só pedir para um dos seguranças te levarem.

— Não pode me levar?

— Estou indo embora, já te disse.

— Pode ir depois que ele acordar... Não quero ficar sozinha.

— Estando comigo ou não, vai ficar sozinha do mesmo jeito. Não vou conversar com você, nem quero.

— Ainda sim, prefiro que fique comigo, por favor, pelo Maycon?

Ela pensa um pouco.

— Tudo bem! — Bufo.

Não demoramos a chegar. Jayde estaciona, olho para ela e sinto-me fraca. Jayde parece tão forte, mesmo chorando parece determina, parece que nada é capaz de desmoroná-la. Queria ser assim, mas não sou. Sou só a Elena, como

minha mãe diz... A frágil Elena.

Entro e sento no sofá, sinto-me estranha em estar aqui sem o Maycon.

Jay desaparece e não demoro a escutar o som de um piano sendo dedilhado.

Vou em direção ao som e me deparo com uma sala com vários instrumentos. Jayde está no piano, as lágrimas escorrem dos seus olhos enquanto ela toca.

Melodia triste; surpreendo-me quando ela começa a cantar *When You're Gone* de Avril Lavigne, e por segundos acho que é um anjo, sua voz é doce e linda.

Sei que é para o Maycon, a música diz tudo que está sentindo, ela e eu...

Capítulo 20

Conhecendo-o mais a fundo...

Ela termina a música, não me olha, simplesmente levanta e vai às pressas para o seu quarto. Jayde é estranha, muito mesmo... Sinto-me meio sem lugar, tento não ter pensamentos negativos, queria ter ficado com Maycon, o quero aqui perto de mim.

Subo a escada, passo pela porta do quarto de Jayde, mas não escuto nada, nem um ruído sequer. Mas sinto o cheiro de maconha. Respiro fundo e entro no quarto do Maycon, é horrível estar aqui sem ele. Sento na cama, seu telefone está ao lado. O pego e vejo nossas últimas mensagens. É sem sentido, estou mais sozinha do que quando estava com meus pais, talvez seja porque sei que ele não está vindo me encontrar.

Deito, mas quando fecho os olhos, me sinto inquieta, não consigo, simplesmente não consigo... Tudo aqui é dele, o cheiro, a quietude, tudo... E estar aqui sem ele aumenta mais minha ansiedade em ouvir sua voz. Como dói não o ter aqui. As horas passam lentamente, o tempo é cruel. Em momentos como esse, ele meio que perde o sentido.

Levanto-me, sei que ele odeia isso, mas preciso procurar algo que me distraia. Abro a gaveta do lado esquerdo da cama... Nada relevante; abro a outra, nada; vou procurando nas seguintes e assim por diante. Encontro um caderno meio escondido, então começo a folheá-lo. Há escritos que parecem ser músicas, que acredito ser dele, e algumas frases soltas. Vou lendo até que algo me chama atenção. Parece ser um desabafo:

Acho ridículo as pessoas me dizerem o que tenho que fazer, o que tenho que ser... Cada um segue sua vida e pronto. Falam que tenho que pensar nos meus pais, não tenho que pensar, sou só um produto de uma união que não deu certo. Produtos de projetos inacabáveis não são aceitos no mercado. Eles geralmente apresentam falhas... Está aí meu problema, por isso as pessoas não conseguem aceitar o que eu sou, mas me sinto bem sendo o que sou. Eu até tentei me encaixar no molde, mas ele não se encaixa em mim. Então comecei a ser quem eu realmente sou, e foi aí que percebi que não se deve parar para levar discussões a sério. É perda de tempo. Quando alguém me contesta, ou tenta me menosprezar, não desperta mais minha raiva. E isso é bom, sinto que pela primeira vez estou alheio às críticas, e elas só servem para esvaziar a mente; por isso, prefiro dispensá-las. Prefiro gastar meu tempo com coisas que me

satisfazem, ainda que a maioria seja injetável ou inalada... Ainda que me deixe meio paranoico.

O mundo não está preparado para pessoas como eu, eles preferem os falsos, os perfeitinhos. Não querem os que são verdadeiros, os que jogam suas hipocrisias na cara, que não aceitam suas regras, que se mostram como são e falam palavras sinceras. Esses, geralmente, são materiais descartáveis. Mas o mundo em si é idiota, não sabem o que estão perdendo. Enxergar a vida de um jeito bem mais louco e anormal é muito mais emocionante. Não sabem que atrás de cada pensamento ruim se esconde o desejo de ser feliz. Felicidade a gente conquista através do que somos e do que fazemos, não posso tentar ser o que não sou, não posso me iludir com uma vida cheia de promessas tentadoras, porque, no fim, elas não são cumpridas. Não me prendo a algo que não posso controlar. Achava-me importante até perceber que fui substituído. Minha mãe, com toda sua classe e diplomas, foi substituída. Depois de MUITO, eu aprendi isso. E agora, que me vejo morrer aos poucos, e vejo a dor refletida nos olhos de quem me fez conhecê-la, posso dizer que voltei a ser feliz. Para alguns, um único desejo: espero que a cada dia que eu morrer, vocês também morram...

Palavras de um viciado sob efeito de cocaína.

Ps: Acho que estou morando com uma garota suicida, ela é completamente louca, mais que eu... Adora uma erva, será que conto que a erva a deixa lenta demais? Não, deixa assim mesmo. Algumas noites, ela entra no meu quarto, fica me olhando, não sei se pensa que estou dormindo. Jayde, você é o cara, amo sua loucura depravada e essa sua obsessão pela morte. Amo você e quero ter o prazer de um dia te ver desaparecer, já que diz que vai ser lindo e raro, quero presenciar essa raridade.

Mais algumas letras de músicas, frases soltas... Continuo lendo:

Às vezes, eu faço sentido, às vezes perco o sentido... Liguei para o meu pai, a porra da Jeniffer atendeu. Sabe, querida Jeniffer, sei que anda dizendo para todo mundo que é a esposa do meu pai, pode fingir, sua puta, não vai casar com ele enquanto eu estiver vivo, mas sabe o que vou fazer, vou espalhar isso também, afinal, quem não gosta de um boato? Meu pai pira quando falo que sou usuário de cocaína, por que pai? Você me dizia que era feio mentir... Estou seguindo seus passos e sendo sincero. Conheci uma garota chamada Elena, suas ideias são idiotas, seu QI baixo, e ela deixou claro que não me quer em seu círculo de amizades, e olha que no máximo são doze, ou menos. Sabe, Elena, eu poderia te ignorar e fingir que o que me disse hoje não me magoou, porque você nem me conhece, imbecil... Mas quero mudar as regras do jogo, e não vou ser ignorado dessa vez. Pior para você que vai ter que me engolir.

Agora tem folhas em branco, mais folhas em branco...

Nas últimas, ele volta a escrever:

Amo você, Elena, e eu quero que sinta que te amo, mas não importa o que eu faça, não posso te convencer a acreditar que isso é real para mim... Então, deixo acontecer, fico observando você virar as costas como sempre faz, como todo mundo faz. Abaixo meu rosto e finjo que está tudo bem e que não me importo com o fato de você dizer me amar, mas levar o idiota do Keven para casa dos seus pais... E ainda que me doa muito te ver escolher qualquer outra opção que não seja eu, sempre estarei aqui te esperando, porque você é tudo que tenho agora. Odeio depender de uma pessoa que conheço há um mês e meio. Elena, você me perdoa por isso? Pode me perdoar por ser o cara errado e ainda sim amar você? Sabe, não consigo sentir as coisas da mesma forma que sentia antes, talvez seja por causa do pó. Mas não posso evitar que todos me vejam assim, frágil. Quando acho que finalmente me curei, você vem com seu ressentimento por não aceitar que eu não passo de uma porra de um viciado e me corta de novo e volto a sangrar. Só que eu estou cansando e você vai ter que me ouvir agora, goste disso ou não. Sou um viciado e não vou deixar de ser, mas eu amo você, sua porra... Espero que o Keven morra, mas se ele te tirar de mim, juro que mato vocês dois. Está escutando, Elena? Pode me ouvir agora? Não, você não pode... Estou imaginando você e isso é apenas uma viagem. Não é real, não está aqui. Está em alguma cidadezinha com seu amigo perfeito e eu aqui cheirando pó, e sentido cada vez menos a dor de perder você, mais duas carreiras e você nem vai existir para mim, apenas por hoje... amanhã você volta a me atormentar, a me amar e odiar, e eu, bom, eu volto para nós. Estou desconectando por hoje. Só por hoje... Eu te amo, minha cocaína de nome Elena.

Começo a chorar, não pensei que isso o magoaria tanto. Odeio-me por ter causado isso a ele. Porque eu o amo, e sempre vou amar.

Em meios às lágrimas, viro a página e na última folha vejo mais frases soltas. A última me chama atenção:

O desconforto eterno mora dentro de mim, e por mais que eu tente, não vejo razão para continuar, acho que cheguei ao ponto de implorar pela morte, não suporto mais me sentir assim, confundindo a realidade, o medo me domina, e sei que toda essa dor não vai ter fim. Essa falta de autocontrole não vai passar nunca. Sei o que preciso, eu preciso morrer e por um fim nisso. Como me dói a sua ausência, Elena. Como sinto falta da sua voz... Doí estar vivendo, doí mais ainda morrer assim... Amo você, Elena, amo minha mãe e amo a Jayde... Amo meu pai também... Ainda que não demonstre.

Choro por horas, fico imaginando como vou poder salvar ele de si mesmo. Pego uma blusa dele no closet, visto e acabo dormindo sentindo seu cheiro.

Acordo com Jayde batendo na porta.

— Eles tiraram o Maycon do coma, vamos lá? — ela diz, sorrindo.

Quase não acredito, me arrumo rapidamente. Entramos no carro, Jayde não corre, ela voa... Chegamos em minutos. Encontramos com seu pai. Parece ter acabado de chegar.

— Ele já acordou? — Jayde é a primeira.

— Sim, está melhor e sendo transferido para o quarto — ele responde, sorrindo. Meu coração acelera, não vejo a hora de vê-lo. Começo a suar frio.

Sua mãe aparece.

— Já está no quarto, vamos? — ela diz, sorrindo.

Todos seguimos para o décimo andar. Esperamos a enfermeira nos liberar para entrar. Finalmente, ela vem até nós.

— Quarto 403, ele está acordado, continua no oxigênio, pode conversar, mas é bom evitar. O médico já informou seu quadro clínico? — ela pergunta simpaticamente.

— Sim, está tudo bem agora, é só recuperação mesmo — seu pai conclui.

Vamos direto ao quarto, sua mãe é a primeira a entrar, seu pai entra em seguida. Jayde me para e diz que não vai entrar. Não consigo entender o motivo, espero alguns segundos. Seus pais têm esse direito. Quando finalmente bato a porta e entro, choro e sorrio ao vê-lo. Ele está conversando com sua mãe e atento a ela. Quando me vê, ele para.

Aproximo-me. Sua mãe se afasta um pouco.

— Você voltou — ele sussurra e o abraço. Mesmo pálido, Maycon é lindo.

— Não vou mais embora — sussurro, ele me olha não acreditando.

Faz sinal para sua mãe. Ela se aproxima.

— Pode me dar dois minutos com ela, por favor? — diz lentamente, mas ouvir sua voz acalenta meu coração.

Eles saem, e assim que o fazem, Maycon me beija, e como todas as vezes, tudo para e só existimos nós.

— Não faz mais isso comigo, por favor, sei que não sou a melhor opção, mas não suporto ficar sem você. Não me faz passar por isso de novo porque eu te amo, Elena — voltamos a nos beijar.

— Você é a minha única opção, a melhor da minha vida, e eu te amo mais que tudo... Prometo que não vou embora novamente.

Continuamos a nos beijar, até que escutamos sua mãe entrar. E pela sua cara, sei que não gosta de me ver debruçada em cima do Maycon. Afasto-me um pouco, mas Maycon segura firme a minha mão.

Seus pais nos olham sem entender.

— Jura que vai ficar aqui comigo? — ele me pergunta. Fico sem graça, sei

que sua mãe quer ficar.

— Podemos ficar nós duas, Elena — ela se adianta e vejo que sua resposta não agrada tanto a Maycon.

— Podemos revezar também — sugiro para não a contrariar.

— Não, pode ser as duas, acho melhor — Maycon interrompe.

Continuamos no quarto. Seus pais parecem aliviados agora. O médico entra e Maycon é transparente, quando o médico o examina, ele não faz cerimônia e diz que é viciado em cocaína, que não consegue ficar mais que três dias sem usar e pergunta quanto tempo ele vai permanecer. Toda a situação deixa seus pais constrangidos. Mas esse é o Maycon. Agora estou aprendendo a aceitá-lo assim, não que eu vá aceitar a cocaína em sua vida, mas aceito seu modo direto e o fato de não querer esconder.

É engraçado, seus pais se dão bem, conversam bastante a respeito de tudo. Os três juntos têm uma ótima sintonia e Maycon parece tão feliz em estar apenas com eles. Esse era seu tudo, o tudo que ele perdeu sem ter dado motivos. Por estudar psicologia, sei que uma criança não entende os motivos dos adultos, mesmo que explique várias vezes. E ele não entendeu o motivo de ver seus pais separando-se, isso foi imposto a ele, e de uma forma cruel, ele teve que aceitar que sua família não seria mais uma família. Aceitar que não teria mais os pais juntos a todo momento com ele, teve que aceitar que agora teria horários e dias marcados, ainda que uma criança não aceite isso.

Pergunto-me se seus pais não perceberam nada de anormal, porque crianças dão sinais... Mas talvez eles estivessem tão focados em sua própria dor, que não perceberam a dor do filho. E hoje, todos sofrem as consequências, ainda que o maior preço quem pague seja ele.

— Maycon, a Elena já está muitas horas segurando sua mão, em pé. Deixa-a sentar, deve estar cansada — seu pai sugere, calmo.

— Pode sentar aqui, pega uma poltrona reclinável e coloque do meu lado, por favor.

Seu pai sorri, é o mesmo sorriso do Maycon. Ele faz como o filho pede.

— Quando saíamos, Elena, Maycon nunca se contentava em segurar só a minha mão ou a do pai, tinha que ser a dos dois... Lembra? — sua mãe pergunta a Isaac.

— Não tem como esquecer. Era pirracento, viu Elena, fazia de tudo para chamar nossa atenção. Fora que tinha muito ciúme, eu não podia pegar ninguém que não fosse ele — seu pai completou.

— Vão mesmo ficar cortando meu barato com histórias velhas? Isso era antes, eu mudei — ele diz na mesma vagareza.

— Elena, todo dia quando eu chegava da empresa, tinha que brincar com ele

— seu pai continua. — Ele esperava todo dia... Não era, Emily?

— Todo dia, e mesmo quando Isaac chegava cansado, tinha que brincar ou eram duas horas de choro.

Maycon me olha sem graça...

— Para que isso, né. Só para me deixar sem graça... — ele diz e sorri.

O telefone do seu pai toca. Ele pede licença e sai para atender. Volta e se despede dizendo que tem que ir, mas que voltará no dia seguinte. Despede-se de Emily com um abraço e um beijo no rosto.

— Qualquer coisa me liga, independente da hora, pode me ligar. — lhe dá outro beijo e ela corresponde.

Aproxima-se de Maycon e dá um beijo em sua cabeça.

— Fica bem, garotão!

Maycon apenas sorri.

— Tchau, Elena, uma hora vai à minha casa com Maycon.

Sorrio, e ele se vai. As horas passam e a enfermeira traz almoço. Sua mãe insiste para dar na boca dele. Ele fica envergonhado, mas acaba aceitando.

— Elena, ele é meu bebê ainda...

Ela diz e eu sorrio. Almoço e Emily também. A tarde passa. Maycon está pensativo...

— Adivinha quem me trouxe? — digo, enquanto sua mãe cochila no sofá-cama que tem no interior do quarto.

— Keven? — ele sugere contrariado.

— Não, errou, foi a Jayde, ela me buscou na casa dos meus pais... — sorrio e ele me lança um olhar confuso.

— Ela não quis vir me ver?

— Na verdade, foi ela que te socorreu e esteve ao seu lado todos os dias, assim como eu e seus pais...

Maycon quase chora ao me ouvir, mas se faz de forte. Sei que ele quer falar, mas por algum motivo, se mantém calado.

— Quer vê-la?

— Quero, mas acho que ela não quer me ver... Sabe se já foi embora?

— Não sei, ela me disse que iria, mas como eu pedi, ficou comigo na sua casa até você acordar... O que aconteceu entre vocês?

— Não sei, acho que falhei em não demonstrar o quanto ela é importante para mim... — olha para o lado, magoado. Não hesito e ligo para Jayde do telefone dele. Ela não atende. Mando uma mensagem.

Maycon quer te ver... Quer muito mesmo, está com saudade

Elena

Maycon não diz nada. Aproximo-me e voltamos a nos beijar. Ele acaricia meu

rosto.

— Amo você mais que tudo, espero que não tenha mexido nas minhas coisas... — ele sorri.

— Eu? Acha que sou capaz disso?

— Não, imagina — ele diz, irônico.

Voltamos aos beijos e só paramos quando a enfermeira entra para trocar seu soro e aplicar mais antibióticos.

Agora meu coração está calmo, porque estou aqui, Maycon está bem, e está ao meu lado...

Capítulo 21

Imprevisível

Apesar de Maycon não querer, ele acaba se entregando ao sono devido aos fortes medicamentos.

Cochilo também...

Quando acordo, sua mãe está sentada, lendo. Quero saber mais sobre Maycon e como ele lidou com o divórcio na época, mas sei que não tenho intimidade para perguntar sobre um assunto tão delicado.

Ela olha-me e sorri, depois volta para sua leitura. Seu telefone toca, ela pede licença e sai para atender, apenas a escuto dizer o nome de Erick. Olho para Maycon, ele está dormindo tão profundamente, tão calmo. Batem na porta, acho que é a enfermeira, mas quando me viro, vejo Jayde entrando. Sorrio ao vê-la.

— Ele está bem, né?

Confirmo que sim com a cabeça, levanto-me e ela se aproxima, dá um beijo nele e acaricia seu rosto. Maycon abre os olhos. Segura em sua mão. Jayde sorri.

Vou em direção à porta, mas ela me interrompe.

— Pode ficar, vai ser rápido.

Detenho-me. Sento na poltrona que antes sua mãe estava.

— Vai me abandonar mesmo? — Maycon pergunta, ainda segurando sua mão.

— Você conhece meus motivos e eu conheço os seus. Pode ser que eu volte, ou não. Não sei, mas não gosto que insista, sabe disso.

— Não estou insistindo, só perguntei, e na verdade, foi apenas uma pergunta, não estou te pedindo para ficar. É diferente... — ele sorri.

— Melhor assim. Fica tranquilo que não vou sair espalhando nossos segredos

— ela diz, esnobe.

— Sei que não. Não estou insistindo, é apenas uma pergunta, não entenda errado...

— Fala logo!

— Está indo para onde? — Jayde sorri.

— Por aí, pegar a estrada com os The Intruders... — deixa transparecer certo orgulho.

— Pilantra! Por que não me contou antes, sua porra?

— Porque não tinha confirmação, tive agora — dá uma piscadela.

— Eles são bons, muito bons mesmo... Vai abrir os shows?

— Sim...

— Arrumou um guitarrista?

Jayde sorri.

— O PlayIII...

— Puta que pariu Jayde, não precisa humilhar... O que fez para ele deixar a banda dele?

— O cara olha para essa potência chamada Jayde e não precisa mais nada para convencê-lo — gargalha.

— Quanto tempo?

— Seis meses...

— Muito tempo, posso morrer antes e você nem vai ficar sabendo.

— Ah, qual é, Maycon!? Que porra é essa?

— Não a quero assim tão longe de mim, apenas uns metros, tipo seu quarto e o meu... Fora que quem vai conseguir a boa para mim agora?

— Coloca a princesinha para fazer correria para você. E eu, bom, quando sentir saudade, eu volto para nós, sabe disso.

— Tudo bem, então, vai e arrasa... A quero bem, Jayde, mas quando cansar, volta para mim...

— Eu também te quero... Muito.

Ela olha-o carinhosamente.

— Elena, para socorrer o Maycon, eu tive que fazer boca a boca e enfiar minha língua goela abaixo para puxar a dele. Foi tão foda e sexual... — ela sorri, eu apenas engulo em seco.

Maycon desvia o olhar.

— Cuidado com os docinhos e balinhas... Se misturar muito, já era, Jayde.

— Relaxa, não vou morrer, não antes de você. Sabe que só posso depois de você, para não ficar perdida no caminho — ambos riem.

Eles conversam mais um pouco sobre assuntos que não entendo, usam muitas

gírias e isso me deixa bem perdida. No fim, ela diz algo em seu ouvido e se despede me dando um mero tchauzinho.

— O que ela estava te dizendo?

— Nada relevante. Vem aqui...

Aproximo-me. Maycon me beija no momento que a sua mãe entra.

— Demorou, mãe...

— Vi a Jayde entrando e esperei ela sair... Espero que ela não tenha trazido nada para você.

— Quem dera, seria pedir demais — ele retruca.

A noite passa, conversamos mais um pouco até o momento em que a enfermeira entra para fazer mais exames. Fico chocada quando Maycon a interrompe.

— Tenta essa próxima ao pulso, ela não falha, é a melhor — ele segura a mão dela e a faz sentir. A enfermeira ri e pega a veia que ele indicou — Te falei. Ela nunca falha.

Ao contrário de mim, ele não se sente nem um pouco incomodado. Não demora e ele volta a dormir. O médico entra e o examina, anunciando depois que amanhã ele terá alta. Assim que o médico sai, sua mãe me chama.

— Quero que ele fique comigo até se recuperar totalmente, pode me ajudar a convencê-lo? Ele parece gostar muito de você, e isso é bom, você parece ser diferente, Elena. Espero que possa me ajudar com Maycon — ela me dá um sorriso.

Após o jantar, conversamos por mais um tempo. Tomo um banho e quando volto, Maycon ainda está dormindo, assim, decido fazer o mesmo.

Acordo às três da manhã com ele e sua mãe conversando, estou sonolenta, mas o escuto dizer, de forma rude, que não vai ficar em sua casa.

— Maycon, por favor, só até você melhorar — insiste carinhosamente.

— Não! — Responde irritado.

Ele está visivelmente alterado, acho que começa a sentir falta da droga no organismo.

Quando vê que eu acordei, ele silencia.

— Vou com você — digo, ainda sonolenta. Ele não responde. Levanto e me aproximo dele — Não quer que eu vá?

— Ah, se quiser, então nós vamos. — Diz, sem jeito.

Sua mãe sorri para mim, mas pela sua expressão, sei que está tensa. Acabo voltando a dormir. Pela manhã, quando acordo, não vejo o Maycon. Emily me diz que ele está no banho. O médico entra, espera ele sair, assim que o faz, o examina, diz que já pediu para tirarem o soro e passa instruções para ele e sua mãe, assim como a receita de medicamentos que ele vai continuar tomando.

Assim que o médico sai, ela se aproxima.

— Vai ser um prazer para mim vocês ficarem na minha casa. Assim que tomar o café — olha para Maycon — vamos embora. Erick esta vindo nos buscar, eu já avisei a seu pai. Ele irá te visitar a noite.

Maycon é liberado às dez da manhã. Ele ainda está bem abatido, porém, melhor. Após sua mãe assinar os papéis da alta, descemos para a portaria onde Erick nos espera.

Entro no carro depois do Maycon, por sinal, eu nunca andei em um desse modelo, é tão confortável. Sento ao seu lado. Ele me beija docemente. Erick nos cumprimenta e pergunta como ele se sente. Maycon diz que se sente bem, secamente, e não fala mais nada. Erick não insiste.

Chegamos à entrada de um condomínio de luxo. O outro lado da sociedade o qual eu não conheço. E até então nem sei como é.

Erick para em frente a um grande portão preto. Aperta o controle e ele se abre revelando uma luxuosa mansão.

A casa é enorme. Bem arquitetada e luxuosa.

— Cresci aqui — ele me diz, ao descer do carro.

A casa do Maycon é linda, mas a da sua mãe é estupenda, digna de filmes. Adentramos à sala e antes que sua mãe possa dizer alguma coisa, ele me puxa pela mão e me faz subir a escada com ele.

— Fique à vontade, Elena! — Escuto sua mãe dizer ao longe.

Passamos por três portas. Na quarta, ele abre e vejo um quarto oposto ao dele. Bem mais confortável, com mobílias impecáveis e simétricas.

Maycon puxa o lençol, vai ao closet e pega um edredom. Fecha as cortinas e se joga na cama, se cobrindo.

— Era meu quarto.

— Está com sono?

— Muito. Vem dormir comigo.

Deito sem protestar e ele me abraça.

— Odeio essa casa... — ele sussurra para mim.

— Por quê?

— Porque sim. Ela conta histórias que não estou a fim de ouvir...

Antes que eu responda, ele começa a me beijar, continuamos assim. Maycon tira minha blusa.

— Você não trancou a porta, sua mãe pode entrar... — digo, ofegante. Ele se levanta e o faz. Volta para a cama e retoma de onde parou.

Tento interrompê-lo.

— A Jayde vai ficar bem?

Ele me olha sem entender.

— Qual o problema? Você quer ou não quer?

— Maycon, você acabou de sair do hospital, ainda está fraco. Além disso, que o que sua mãe vai pensar? Acabamos de chegar e você se tranca no quarto comigo.

Ele suspira.

— Por que preocupa com o que as pessoas vão pensar? Foda-se para o que elas vão pensar, problema delas. Problema da minha mãe...

— Por que está tão estressado?

— Porque estou, e nesse momento, eu estou tentando esvaziar a minha mente e pensar só em você, mas não está me ajudando.

Volta a me beijar com desejo. Assim que me sente preparada, ele se posiciona sobre mim.

— Camisinha. Cadê? — sussurro.

— Vou lá pedir para minha mãe — ele diz, irônico, seu humor está péssimo.

— Maycon não dá...

— Olha, amanhã eu compro a pílula do dia seguinte para você e resolvemos o problema. Relaxa e curte o momento.

— Isso não vai dar certo...

— Vai sim, relaxa.

Volta a me beijar. Senti-lo anula qualquer negação da minha parte. Seus beijos me fazem perder a razão, meus conflitos internos e o medo de uma gravidez indesejada... É aquela mesma sensação de me perder e me encontrar nele. O sinto me penetrar e isso é mais que perfeito, é sublime, gostoso e intenso, não sei quando me tornei essa pervertida e amante de sexo, mas é isso que eu sou agora, porque adoro ser dele.

O roçar de sua pele quente na minha, sua boca macia e sua língua safada se movimentando livremente pela minha pele me fazem enlouquecer. A pressão que ele faz em meus quadris, seus movimentos... Tudo exala desejo e loucura! Sua mão percorre cada curva do meu corpo de maneira tão possessiva, tão hábeis e precisas. E são nesses momentos que imploro para ser eternamente dele e ele meu... Seremos apenas um e que nada possa nos separar. Continuamos nessa deliciosa entrega, ele goza e eu gozo junto. Deita ao meu lado, molhado de suor e ofegante. Puxa-me para seus braços e eu coloco a cabeça em seu peitoral. Fico ali, por minutos, sentindo seu doce cheiro que é um acalento para mim.

— Eu te amo — ele sussurra e dá um beijo na minha cabeça.

— Acho que cheguei ao ponto de ser tão sua, que desisti de voltar a ser minha.

Acabamos dormindo. Acordo ao ouvir sua mãe bater à porta. Maycon não está do meu lado, mas escuto o som de água bem próximo. Deduzo que ele está no banho. Olho as horas. São oito da noite.

Maycon? — ela continua chamando.

— Está no banho! — Finalmente crio coragem e digo, envergonhada.

— Desçam quando terminarem, por favor. Temos visitas.

Vou em direção à porta que acredito ser o banheiro. Quando entro, fico encantada com tamanha perfeição. Ele está submerso na banheira. Emergi e me chama. Entro, a água está uma delícia, em uma temperatura bem confortável. Ele me beija, e o beijo termina com ele em mim novamente. Cada experiência é tão única e perfeita que me faz querer sempre mais.

Passado o momento, me lembro de que ele tem visitas e saio às pressas. Ele me olha, confuso.

— Você tem visita, sua mãe avisou há uns vinte minutos. Ela vai pensar que eu não dei o recado.

Maycon ri do meu desespero. Não diz nada, se levanta, veste o roupão e me joga a toalha. Enxugo-me e o sigo ao closet.

Depois que ele se arruma, sai, pega minha mochila e me entrega. Visto um short e uma camiseta. Bem casual, mas Maycon também está. Ele é lindo de qualquer maneira. Sorri ao me ver pentear o cabelo.

Quando termino, ele me abraça em frente ao espelho, na verdade, é uma parede espelhada.

— Amei esse espelho, acho que combina comigo — sorrimos.

Descemos a escada. A casa é tão oposta à minha realidade, tão perfeita, que juro que nunca imaginei que Maycon havia sido criado em uma mansão desse tipo.

Porque ele é oposto a todo esse luxo.

Chegamos à sala. Seu pai está acompanhado de sua esposa e filha.

Ela é linda como a mãe, mas lembra muito o Maycon, os olhos verdes e o sorriso são dele. Ela está no colo de seu pai. Sua madrasta é a primeira a nos cumprimentar.— Oi... — Ela sorri, vem em minha direção e me dá um abraço. Sorri para Maycon, que retribui forçando um sorriso torto.

— Jess fez uma torta de chocolate para você, Maycon — seu pai inicia.

— Ah, meu Deus! Foi ela quem fez? — Emily pergunta, sorrindo surpresa.

— Sim, ela adora culinária. Quando contamos que o irmão estava doente, ela disse que ia fazer, para ele melhorar — o pai de Maycon fala e Jeniffer se adianta, retribuindo o sorriso, orgulhosa.

— Até eu vou querer dessa torta, ainda mais sendo feito por essa princesa linda — Erick conclui, brincando com Jess.

Maycon me puxa para sentarmos no sofá. Seu pai se aproxima com Jessica. Ela parece um anjinho. Fica olhando para nós meio desconfiada. Já Jeniffer e Emily não param de conversar, elas se dão bem. Assim como Erick e Isaac.

— Elas não param de falar. Vai falar muito assim quando crescer, Jessica? — seu pai pergunta à menina com ela em seu colo.

Ela apenas sorri.

— Vem se enturmar, Elena! — Jeniffer me chama, sua energia jovial contagia a todos. Quando vou me levantar, Maycon me abraça forte.

— Coitada da Elena. Maycon não dá um segundo para ela — sua mãe responde.

Maycon está distante, ele se mantém olhando o tempo todo para as decorações chiques da sala, como os quadros de arte moderna, e se perde nos detalhes.

— Está tudo bem? — sussurro, enquanto seu pai e Erick conversam. Maycon, além de mal cumprimentar, não agradeceu pela torta. Seu pai se levanta e vai até sua esposa. Jessica fica sentada próxima a nós, encarando como uma garotinha curiosa de sete anos. Ele confirma com a cabeça, olha para sua mãe e Jeniffer.

— Elas frequentam a mesma academia e clínica de estética, ela é gente boa, Elena, eu que não sou — Maycon responde, carregado de ironia.

Erick se levanta ao escutá-lo.

— Bom, Elena, a casa é do Maycon, e se é dele, é sua também, fica à vontade —

ele sorri e vai em direção a Emily. Assim que se afasta, Maycon olha para Jessica.

— Foi você quem fez a torta ou sua mãe?

— Eu... — Ela responde, distraída.

— Eu sou alérgico a chocolate — ele retruca e sorri maliciosamente.

Ela não responde.

— Para Maycon! Ele está mentindo, adora chocolate — digo e ela sorri. É o mesmo sorriso do Maycon. Tímido e encantador.

Maycon morde minha orelha.

Não demora e Jeniffer senta perto de nós.

— E como você está, Maycon? — Jeniffer tenta se aproximar. Ele a encara.

— Seguindo minha vida sem me preocupar com a dos outros — sorri, deixando Jeniffer sem graça. Ela olha para a filha e lhe dá um beijo. Maycon se levanta e sai da sala.

— Ele me odeia — fala, sem jeito.

— Não acho que ele te odeie — digo da mesma maneira.

— Às vezes fazemos coisas das quais nos arrependemos muito, e eu me arrependi muito, Elena. Não foi um caso nem nada do tipo, foi coisa de uma noite — ela diz como um desabafo.

— Você não precisa de me...

Ela me corta suavemente.

— Por favor, Elena, eu queria tanto que ele soubesse como realmente foi — ela diz, segurando em meu braço. A encaro sem jeito. Jessica levanta e vai para o colo do pai.

— Era secretária do pai dele, tão boba... Acabei me apaixonando por ele, sempre foi muito educado e atencioso. Tinha dezoito anos. Segui conselhos errados e você sabe, a paixão cega tanto a gente. Aconteceu... No outro dia ele me procurou e disse que amava Emily e seu filho e não queria se separar. Mas eu acabei engravidando. Meus pais não aceitaram e me expulsaram de casa. Fui morar com uma amiga. Quando Isaac soube da gravidez, ele comprou um apartamento para mim e disse que me ajudaria, mas que não queria se separar porque amava sua família. Eu entendi e aceitei. Não voltamos a ficar, mas depois, parece que Emily não o perdoou. Eles se separaram, e só quando Jessica estava com três anos que passamos a morar juntos. Mas ele sempre foi um pai presente e maravilhoso. Maycon nunca aceitou, ele culpou o pai... Eu errei, mas não tinha a intenção de separá-los, e estou sendo sincera... Na época eu me afastei ao máximo. Mesmo assim, aconteceu a separação. Isaac não se perdoa até hoje pelo que Maycon se tornou, ele sabe que o divórcio o arruinou. O tempo passou, Emily reconstruiu sua vida, mas o fato do Maycon não aceitar Jess e eu, acaba com o pai dele. E geram muitas brigas, ele não se aproxima mais de Isaac, só quando precisa de alguma coisa, ou dinheiro. Sempre falamos com Jessica sobre ele, a ensinamos a amá-lo, mas Maycon não nos quer por perto...

— Olha, eu sei que deve ser bem complicado, e também acho que todo mundo tem direito a uma segunda chance, mas eu realmente não converso sobre isso com o Maycon, e na única vez que ele falou de você, disse que era legal... Jeniffer apenas sorri, muda de assunto e passamos a falar sobre moda, cabelo e coisas de mulher. Uma coisa é certa: ela é bem mais receptiva que a mãe dele. Continuamos até escutarmos gritos.

Vamos à outra sala. É o Maycon, está de costas para nós.

— Eu falei com você que não queria receber visita! Para de fingir. Fora que para mim visita é assim: oi, oi, e tchau... Continua na boa aí, eu vou ficar no quarto, amanhã volto pra minha casa, você querendo ou não! — Fala alterado.

— Maycon, calma. Vamos conversar — sua mãe insiste.

— Eu estou calmo, só não quero jantar, muito menos estou a fim de conversar, vão vocês.

— Sua irmã veio te ver, Maycon, nunca jantamos com ela, por favor... — Emily diz em súplica.

— Minha irmã porra nenhuma! Para de show, mãe — ele pega uma bebida no bar.

— Jura que vai fazer isso? Acabou de sair do hospital e vai beber?

— Cala a boca, para de encher a porra do saco, quem vai beber sou eu! — Ele grita de novo e seu pai e o padrasto entram por outra porta.

— Maycon, é só um jantar, Jessica quem pediu, queria conversar com você... — seu pai interrompe, vendo sua agressividade com Emily.

— Sêrio? Ela quer conversar, então por que não falou antes? — ele olha para Jessica, que está com o seu pai — Aproveita seu pai e sua mãe até seus doze anos, porque assim que fizer, uma puta vai abrir as pernas para ele, e ele vai fodê-la, engravidar e largar vocês como se abandona cachorro. Aí você não vai entender que merda está acontecendo. Vai ficar esperando seu pai como sempre faz, mas um dia descobre que ele não vai mais vir. Porque mesmo com sua mãe em casa, ele teve que comer uma puta e engravidá-la. E depois que você virar um noiado de merda, ele vai visitá-lo junto com a puta, trazer sua irmãozinha bastarda e querer jantar com o filhinho viciado e fingir ser uma família de novo! Porque a vida é assim, tudo se repete! — Ele diz, furioso.

Todos ficam em silêncio. Jessica fica assustada e corre para o colo da mãe. Maycon ri da situação.

Sua mãe se aproxima para pegar a garrafa de sua mão, mas Maycon a arremessa longe. Ela quebra na parede. Emily para, assustada.

— Para de tentar me controlar, sabe que odeio isso... Que porra!

Sua mãe começa a chorar.

— Jeniffer, me desculpa, eu sinto muito fazer vocês passarem por isso...

— O quê? Você está pedindo desculpa para ela? — ele pergunta em tom de deboche — Por acaso ela te pediu desculpa por ter acabado com seu casamento? Agora virou piada nacional. Não sei como você tem coragem de conversar com ela, ou com ele que te trocou por uma mulher que tem idade para ser sua filha. Sou eu que cheiro e vocês que ficam loucos — ele olha para Jeniffer com muita raiva. Pega outra garrafa. Sua mãe continua chorando.

— Sabe que não pode beber por causa dos remédios — ela fala, o olhando. Estou chocada, ele está tão fora de si. Aproximo-me devagar.

Maycon evita me olhar.

— Foda-se, eu que estou bebendo e não você — diz, alterado.

— Maycon, está tudo bem. Já que não quer jantar, nós podemos subir... — pego a bebida e ele solta, me entregando, ainda que meio relutante. Começa a chorar...

— Eu estou ficando louco, tenho que cheirar ou então vou pirar...

O abraço e ele corresponde. Passo a mão em seu rosto, o fazendo me olhar.

— Está tudo bem.

— Não, não está tudo bem, Elena, que porra de vida!

Coloco meu dedo em sua boca em um movimento delicado. Sei que está

nervoso e por isso tento soar o mais calma possível.

— Está sim. Está tudo bem... Vamos para o quarto, eu também não quero jantar — o pego pelo braço, ele abaixa a cabeça, não encara ninguém, e me segue.

Quando entramos no quarto, dou-lhe um beijo que ele corresponde.

— Me desculpa, estou ficando paranoico.

— Amor, eu te amo, você está cansado, eu também, só precisamos dormir um pouco. O que acha?

— É, eu acho que você tem razão — ele deita e me deito ao seu lado. Estou tão assustada como todos. É a primeira vez que o vejo tão nervoso e explosivo. Sei que ele estava a ponto de agredir alguém.

— Você vai embora, não vai? Vai me deixar, assim que eu dormir.

— Não, eu não vou, pode dormir, vou ficar aqui do seu lado. Maycon, eu não voltei para te abandonar, estou aqui porque eu acredito em você, acredito em mim, e no nosso amor, e ainda que seja difícil, minha fé não vai falhar agora, nós vamos vencer... Sabe por quê? Porque eu amo você e você me ama, e o amor é a força mais forte que existe no mundo... Ele muda tudo, ele transforma pessoas, ele acaba com guerras... Então, meu amor, pode dormir, porque quando acordar, eu ainda estarei aqui, porque eu nunca vou sair do seu lado.

Ele me abraça e chora por um bom tempo.

— Eu não mereço você, Elena...

— Como não merece, se eu sinto o melhor da vida através de você? Eu te amo, Maycon e nada vai mudar isso... Nada...

Capítulo 22

Ponto de ruptura

Os minutos passam, Maycon levanta assustado, me olha estranhamente e vai ao banheiro. O ouço vomitar, não sei o quê, porque assim como eu, ele não comeu quase nada, inclusive, estou com fome.

Levanto-me e vou em sua direção, mas assim que escuta meus passos, ele bate a porta do banheiro. Volto e sento na cama, estou confusa.

Quando ele sai, está mais pálido que antes, se é que isso é possível. É horrível vê-lo assim. Para olhando para fora da janela, mas em seguida se volta para mim.

— Elena, eu vou lá comprar a pílula.

— Não precisa, está passando mal.

— Eu estou bem — ele diz e corre de volta para o banheiro, fica mais de meia hora vomitando. Começo a me desesperar por ele. Não sei se chamo sua mãe, não sei o que fazer. Maycon volta, vai ao closet e veste uma blusa de frio com capuz. Não me diz nada e sai; eu o sigo.

Desce o lance de escada rapidamente, seu pai e madrasta estão conversando com sua mãe, que não para de chorar. Maycon passa por eles, vai à mesa e pega a chave de um carro.

— De quem é? — ele pergunta, olhando para eles.

— Meu — seu pai responde, o observando.

— Estou pegando emprestado, mãe, onde está minha carteira?

— Só peguei seus documentos — ela diz, enxugando as lágrimas.

Erick está ao seu lado, fico na escada e acho que nenhum deles nota minha presença.

— Então, onde está a sua?

— O que você precisa? Posso comprar para você.

— Não, não pode. Não tenho tempo, me fala onde está, rápido! — Diz, já alterado.

— Precisa tanto disso, Maycon? — sua mãe o pergunta ainda, abalada.

— Mais do que eu preciso de você.

— Onde eu errei com você? Onde nós erramos? — sua mãe questiona, magoada.

— Isso é piada, não é? Vocês não pensaram em mim, só enxergaram sua dor. Não perceberam que era demais para mim? O jeito que vocês fizeram, em vez de

serem racionais e tentarem fazer com que fosse o menos traumático possível para mim, fizeram o oposto. Eu fingia dormir, mas te escutava chorar toda noite, e pela mesma merda eu chorava também. Tentaram me disputar como se eu fosse um prêmio ou um produto barato. O jeito que você fez, mãe, você me machucou, e eu aprendi da maneira mais difícil a lidar com essa porra. Encontrei uma forma de escape, e estou bem. Já você, quero que se lembre de quando tinha uma vida, volte a cuidar dela e pare de se preocupar comigo. É só isso que eu peço, para de se meter e me deixe em paz. Porque seu sofrimento não me incomoda mais, mãe, me tornei insensível à sua dor, me tornei frio, mas muito mais consciente sobre mim. Durante todo o processo, eu fui forçado a fingir um sorriso, a fingir que estava bem. Agora não preciso mais, não vai mais me fazer engolir o que não quero. Não ando mais sobre suas regras e pouco me importo com o que você ou meu pai querem para mim. Não conta mais, agora é só o que eu quero. E é isso que vale!

— Por que tanta revolta, Maycon? — Emily pergunta, magoada.

— Eu tentei minimizar a sua dor, mãe, tentei ser forte por você, e graças a isso, minha vida se tornou vazia, sei que me tornei seu pior pesadelo. Mas fodasse, meu caminho está no fim mesmo! — Ele termina irritado e sai em busca do que, creio eu, seja dinheiro. Seu pai vai atrás dele. Não demora e Isaac volta. Escuto Maycon saindo de carro. Acho estranho o fato de ninguém se opor às suas vontades, ou até mesmo tentar impedi-lo.

— Elena, pode vir aqui um minuto?

Desço os últimos lances da escada. Estou abalada. Sentindo-me inútil em meio a pessoas que mal conheço, e ainda sinto-me idiota por achar que podia detê-lo.

— Percebe como ele está alterado? — seu pai me pergunta.

— Acho que não está bem... Vomitou muito agora.

— Não usa drogas, não é?

— Não...

— Maycon está há três dias sem drogas. E se não voltar a usar é daí para pior... E vai por mim, o que você viu não é nada. Ele fica paranoico, agressivo. Pode até pensar que somos irresponsáveis, porque sei que ele foi comprar drogas e mesmo assim não o impedimos. Mas se não deixássemos, ele ficaria louco, poderia agredir, ou até mesmo matar um de nós, inclusive você! — Seu pai me diz, preocupado. É evidente sua dor pelo Maycon, e parece que somente ele e Emily compartilham desse sentimento. Jeniffer e Erick parecem apenas preocupados com a situação.

— Não acho que ele faria isso — respondo de imediato.

— Então você é muito ingênua. E não sabe onde está entrando — Erick

interrompe

— Emily, não dá mais para aceitar essas crises dele, temos que resolver esse problema rápido, ou ficará cada vez pior — Erick conclui firmemente.

Fico surpresa, então Maycon agora é um problema?

— Elena, é a primeira vez que ele deixa alguém que não pertence ao seu ciclo de amigos viciados se aproximar assim. Nunca levou nenhuma garota a sério. E acho que ele está se tornando dependente de você. Mas não quero que ele sofra mais do que sofre e nos faz sofrer. Se for para você deixá-lo, prefiro que vá embora antes que ele volte — sua mãe me diz francamente.

— Não vou deixá-lo...

— Se fosse racional, deixaria. Mas tem algo bom nisso, ele parece te escutar. Queremos interná-lo em uma clínica de reabilitação, porque os últimos exames dele revelaram que seu coração está como uma bomba relógio devido à cocaína, e a qualquer momento ele pode “explodir” se não fizermos nada — Isaac conclui.

— Elena, quando ele estiver em momentos de psicose, tem que se afastar, porque se tentar pará-lo, pode morrer. Não pode fazer o que fez... — Jeniffer me diz, atenta.

— Se fosse sua filha, se afastaria? — pergunto e ela não responde.

— Não tem como tirarmos ele dessa sozinho. É necessário uma equipe especializada em casos como o dele para ajudá-lo. Emily já escolheu a clínica, de início, ele ficará seis meses. O problema é que eles não aceitam internação sem consentimento do dependente. Entende? — Isaac continua.

— Entendo...

— Mas é aí que você entra, pode convencê-lo a ir.

— Ele me disse que vai, mas quer ficar só um mês — respondo pacificamente.

— Um mês não faz diferença alguma para ele, Elena. É meu filho, o conheço. — Seu pai alerta.

— Mas já é o começo. Ele vai por vontade própria, e o mantemos os seis meses, Maycon não precisa saber — Emily sugere.

— Mas isso vai fazer ele nos odiar — digo, olhando para eles.

— Provavelmente, ele não vai querer nem te ver depois disso, ele odeia qualquer um que tenta ajudá-lo. Infelizmente, acho que já passou da hora de vocês aceitarem que é isso que ele quer — Jeniffer interfere.

— Jeniffer, cala a boca, não é seu filho, não tem que dar opiniões — Isaac a repreende e ela se cala sem graça.

— Não me importo com isso, quero meu filho vivo, apenas isso, ainda que ele me odeie — Emily retruca, um pouco rude.

Fico calada.

— Desculpa, Elena, eu estou tão desesperada que não sei mais o que fazer, não quero que me entenda mal...

— Tentaram terapia, digo, antes, na época do divórcio?

— Na época, ele não questionava, não discutia, a única diferença é que de um menino falante e sociável, ele passou a se isolar. E foi se isolando cada vez mais. Levei ao psicólogo, mas foi inútil. Ele se fechou totalmente para nós — Emily explica e chama todos para jantar. Aceito porque estou com fome. Mas todos comem em silêncio.

Termino o jantar. Maycon ainda não chegou.

Peço licença e volto ao quarto. Eles continuam esperando.

Após algum tempo, Emily entra.

— Elena, com licença — ela me olha, sei que está desesperada — Se ama mesmo o Maycon, me ajude a tirá-lo dessa.

— É o que eu mais quero, mas acho que precisamos ser sinceros com ele.

— Talvez você não entenda a gravidade da situação — suspira — Eu não durmo mais, fico aflita à noite, implorando a Deus para protegê-lo. Todas as noites coloco meu celular do lado, morrendo de medo que ele toque e alguém me diga que Maycon morreu. Estou desesperada... Não sei mais o que faço... Sabe, doeu ver meu lindo filho se transformar no que é hoje... Dói vê-lo se autodestruir, e se houvesse como, eu faria de tudo, daria até mesmo minha vida, para vê-lo livre. Ela chora tanto que é impossível não se comover com sua dor.

Pega fotos do Maycon, desde bebê à adolescência. Mostra-me uma por uma, conta tantas coisas, sei que é apenas um desabafo. Quando conclui, deixa os remédios dele, me pede para fazê-lo tomar, me agradece e sai do quarto.

As horas passam, estou aflita, não consigo dormir. Quando se aproxima das onze, Maycon entra no quarto.

— Trouxe a pílula para você — ele me entrega e rapidamente eu tomo.

— Tem que tomar seus remédios.

Ele não protesta e assim o faz.

Estou com raiva, raiva porque ele foi atrás de drogas, raiva por ter me deixado sozinha, e por ter voltado com a cara mais lavada do mundo como se nada tivesse acontecido, raiva porque quero confrontá-lo, mas sei que já cheguei ao meu limite por hoje.

Deito e ele deita ao meu lado. Não me abraça nem tenta uma aproximação. Vira-se para o lado oposto e fica em silêncio. Levanta-se, vai até a sacada e acende um cigarro. Parece piada, uma pessoa com pneumonia, fumando. Queria que fosse, mas não é. Ele termina, escova os dentes, troca de roupa e deita. Tento ignorá-lo.

— Você está com raiva ou coisa do tipo?

— Não! Imagina! Não tenho motivos para estar!

— Você está sendo irônica ou sincera? Não consigo definir.

Olho para ele, está diferente do Maycon de algumas horas, o outro parecia frágil, esse está esnobe e com o seu "ego" habitual.

— Melhorou? — pergunto o olhando.

— Novinho em folha — ele diz e sorri.

— Você é bem rude quando quer ser.

— Pessoas hipócritas necessitam que sejamos rudes — diz irônico.

— Eu preciso?

— Não fui rude com você, pelo menos não me lembro, mas se está se referindo a eu ter batido a porta do banheiro, só estava te poupando de ver uma cena deplorável — dá um sorriso.

Não respondo.

— Comeu alguma coisa? — ele me pergunta.

— Já... E você?

— A torta da minha irmãzinha. Não é que ela cozinha bem?

— Agora você está sendo hipócrita.

— Às vezes precisamos ser hipócritas para nos encaixarmos a toda essa merda — diz, sorrindo. Desvio o olhar — Elena, você é chata, mas sabe, eu amo até seus defeitos — me dá um sorriso tão lindo que me faz derreter.

— Você deve pedir desculpas para sua mãe, foi muito ofensivo com ela... — tento me concentrar.

— Amanhã eu peço, fica tranquila.

Ele se aproxima, deita por cima de mim e me dá um beijo. Sinto desejo, muito, mas finjo não sentir.

— Comprei camisinha — ele sussurra sensualmente e me irrita por mexer tanto comigo.

— Não era necessário — retruco com raiva, o afastando.

Maycon ri e acaricia meu rosto.

— Se continuar assim, com esse biquinho lindo, vou ter que usar minha melhor arma, e ela é fatal — pisca.

— Eu não entendo, por que tem que ser tão agressivo como foi?

— Porque me irritam.

— Você se acha com a razão, não é, Maycon? Acha que todos têm que aceitar seus motivos! — Vocifero.

Ele se aproxima novamente e me beija intensamente.

— Estou te implorando, para, Elena. Se não entende, não questiona. Você não disse que acha que pode me salvar, que acha que pode me mudar, que acredita que nosso amor vai vencer? — confirmo com a cabeça — Se acha que existe

uma maneira, então me salva, Elena, pode me salvar, mas evita essa falação, porque eu não tenho paciência — sorri.

— Não pensa pra falar e depois diz que sou eu...

— Tudo bem, eu estava errado, estou errado, ainda que pelos motivos certos.

Volta a me beijar, e como sou viciada nele, acabo correspondendo com mais desejo do que quero demonstrar. Maycon segura minhas mãos, as conduzindo para cima da minha cabeça. Olha em meus olhos, e todo receio desaparece. O tempo passa, o tempo para e eu continuo apenas olhando em seus olhos.

— Eu tenho medo, Maycon, tenho medo de onde nós podemos chegar, nosso futuro me assombra.

Ele me beija e sussurra para mim:

— Eu também tenho, e não é pecado sentir medo. Como ser corajoso se andamos no escuro e não conseguimos ver um passo à nossa frente? Meu coração acelera quando penso nisso, mas nesse momento, eu me lembro que tenho você, algo me fortalece e já não me importo mais por não enxergar o caminho, não me importo com o amanhã. Porque eu só me importo em sentir você... Estar perto de você... Eu estava morto antes de te conhecer, ainda que por algum motivo, estivesse no mundo dos vivos. Só que eu te conheci e tudo passou a fazer sentido, passei a me sentir vivo. E o único passo que quero dar agora, é um passo para mais perto de você. Sei que eu já te amava antes de te conhecer, e vou continuar te amando, não por toda a vida, mas por toda a eternidade. Porque a vida é irrelevante perto do amor... Me perdoe por hoje, Elena, me perdoe pelo amanhã. Me perdoe sempre, porque o seu perdão é tudo que eu vou precisar daqui para frente... Do seu perdão e do seu amor... Você pode fazer isso? Pode me amar incondicionalmente?

— Mas vai tentar parar, não vai? — digo entre beijos.

— Amor, eu vou, mas não funciona assim, tenho que tomar remédios que ajudam a controlar a fissura em querer usar, calmantes, e por aí vai uma lista enorme — ele diz tão calmo, que em nada lembra o Maycon de antes. Volta a me beijar e assim continuamos nessa entrega louca.

Capítulo 23

Carácter, princípios e promessas... E o amor? Onde se encontra?

Escuto uma voz ao fundo, escuto e sinto beijos em minha pele.

— Eu te amo... Te amo muito... Adoro te ver dormindo, mas o dia está lindo e quero passá-lo ao seu lado...

Sei que posso ficar aqui apenas escutando e sentindo seus beijos, como o fôlego de vida, eles são tudo que preciso, mas Maycon puxa o edredom, abre as cortinas e a claridade adentra o quarto, me obrigando a abrir os olhos. O faço preguiçosamente.

E assim que o faço, vejo Maycon com uma bela bandeja de café da manhã. Sento e ele a coloca sobre meu colo. Apenas sorrio.

Chocolate quente, torradas com geleia, frutas e um suco natural.

— Você quem preparou?

— Eu e minha mãe. Setenta por cento ela e trinta eu...

Suspiro lembrando a noite desastrosa. Sinto-me um pouco envergonhada.

Maycon se aproxima e beija a ponta do meu nariz.

— O que faz para acordar tão lindo? Acho injusto, enquanto acordo parecendo um espantalho, você acorda todo perfeitinho — digo, tentando espantar qualquer pensamento negativo.

Ele sorri.

— Jura que acordo assim? Para mim é o contrário — ele pega uma torrada e leva à minha boca, que mordo sem protesto. Em seguida, pega o chocolate e me dá. Apenas sorrio em retribuição, ele continua e apenas o deixo conduzir, e me mantenho atenta a seus olhos. Lindos olhos, por sinal.

Quando terminamos, já fizemos mil declarações apenas entre olhares e sorrisos.

Levanto-me, vou ao banheiro, tomo um banho rápido e me arrumo. Quando saio, Maycon está sentando em frente ao computador, respondendo a alguns e-mails.

O abraço por trás e lhe dou um beijo.

Ele retribui, passando a mão carinhosamente sobre a minha.

Depois que ele termina, descemos. Emily está tão linda, sorri para mim e abraça Maycon, lhe dá um beijo, que ele retribui. Ninguém comenta nada sobre a noite anterior.

Passamos o dia com eles, é estranho. Emily agora se comporta indiferente a todo o acontecimento, e trata Maycon como se ele fosse o centro das atenções.

Na verdade, ele é, não só para ela, mas para mim também.

Maycon está extrovertido, alegre, e todos compartilham dessa alegria, ambos estão em sintonia. Fazemos um pequeno churrasco no jardim, e ele é simplesmente divino, nem em lindas histórias poderia descrevê-lo. Maycon me mostra sua casa na árvore, que ele e seu pai construíram juntos, seu playground. Está tudo como ele o deixou, seus olhos se perdem em lembranças, posso ver tristes recordações através desses lindos olhos que no momento estão distantes... Emily se aproxima, o abraça e conta muitas histórias engraçadas. Tudo perfeito demais! Porém, soa como uma felicidade irreal. E por mais que ela tente disfarçar, sei que está magoada, sei, porque eu também estou.

Como ficamos uma semana sem ir à faculdade, correção, eu fiquei, pois na segunda assistimos as duas primeiras aulas, antes do meu pai nos flagrar. E terça, Maycon foi. Por causa dessas faltas, sei que terei que correr atrás de tudo que perdi, visto que Maycon tem um atestado que já foi entregue. E eu, bom, eu só tenho meras desculpas que espero serem aceitas.

Domingo, após o jantar, nos despedimos. Ele promete a sua mãe que irá tomar os remédios, e diz que vai se cuidar. Apesar de querer dormir com ele, tenho que voltar ao Campus, apenas hoje para me organizar.

Explico e Maycon aceita até bem, pelo menos não protesta.

São quase dez da noite quando ele me deixa em frente ao Campus.

— Vai ficar bem? — pergunto e ele sorri.

— Não tão bem, vou estar sem você, mas acho que sobrevivo até amanhã.

— Só até amanhã. Eu te amo — lhe dou um beijo, ele corresponde com paixão. De alguma maneira, toda essa confusão mudou algo em mim. Continuamos os beijos e acabamos ficando até às onze e meia.

— Está frio, Elena, é melhor você entrar — diz, passando as mãos em meus braços para aquecê-los. Ele me beija.

— Tudo bem — pego a minha mochila.

O vejo ir, detalhe: está com o carro de sua mãe, mas como ela tem outros, não se importou em deixar com ele.

Abro a porta com minha chave. Keven, quando me vê, fica surpreso. Vem rápido em minha direção, nos jogamos nos braços um do outro. Isso é reconfortante. Gosto da sensação que ele me passa, de comodidade.

— Que loucura toda foi aquela? — ele me pergunta e nem sei o que responder.

— Uma loucura, apenas isso... Mas e aí, todos sentiram minha falta? —

pergunto, sorridente. Keven sorri sem jeito.

— Na verdade, sentiram do Maycon que desapareceu depois de você, depois soube que estava no hospital. Você ficou sabendo?

— Sim, estava com ele.

— Então continuam juntos? — pergunta, deixando transparecer sua decepção. Sorrio, confirmando. Ele apenas retribui com um sorriso forçado.

Conversamos mais um pouco, preparo minhas coisas, e em seguida me preparo para dormir. Quando deito, Keven vem e deita ao meu lado, me dá um beijo no rosto e me puxa para deitar em seu braço. Apaga as luzes e acende uma lanterna. Antes de dizer algo, meu celular vibra.

Te amo muito, boa noite e sonhe comigo, porque eu vou sonhar com você. Até amanhã meu anjo salvador.

Respondo dizendo amá-lo muito também.

— Parece que todos os amam... — Keven me diz e o encaro sem entender. Ele continua — Sério! Mesmo quando não vem, ele ainda é o assunto do momento. Entrou uma garota na turma dele, acho que ela veio transferida, não sei, mas já ouvi falar que não vê a hora de conhecer o Superstar da faculdade — sorri sem jeito — Mas eu senti sua falta, senti muito e inclusive te liguei, se não viesse, iria te ver no próximo sábado, só que não sei se isso faz diferença para você.

— Lógico que faz, é meu melhor amigo. Mas, mudando de assunto, e essa garota, é verdade mesmo? — pergunto curiosa.

— Não diria se não fosse verdade. Desculpa, Elena, não quero preocupá-la, mas ela é mais gata que a Jayde... Fiquei até pensando, por que ninguém quer me conhecer? O que o Maycon tem que eu não tenho? Além de dinheiro, uma legião de fãs, um carro da hora, uma banda, e etc, etc e etc...

Ele diz e nós dois rimos iguais idiotas. Ficamos em silêncio. Olho para Keven, ele está pensativo, brincando com a lanterna.

— Prazer! Me chamo Elena Tyner e adoraria te conhecer...

Ele se vira e sorri. Gosto do seu sorriso.

— Keven Marcony! Prazer, Elena, quer dividir o quarto comigo?

— Adoraria, você parece ser legal.

— Acho que sou...

Ele olha em meus olhos, e quando começa a ficar intenso, parece que quer falar algo, mas ao invés disso, Keven se vira sem graça, me tira de seus braços, dá boa noite e vai para sua cama.

Os minutos passam e o silêncio se instala. Começo a pensar em tudo que aconteceu. Depois que vim, meus pais não me ligaram... Algumas lágrimas rolam, rolam pelos meus pais e o modo como foram contra, pelo Maycon que não facilita, por mim... Ninguém disse que seria fácil, mas não esperava que

fosse tão difícil e complicado. Começo a pensar em como ele é com as drogas e sem drogas e suas mudanças drásticas de humor...

É estranho, porque agora sinto aquela pontada de dor, e mesmo que eu tente ignorá-la, sei que está aqui... Dói porque não sei o que está diante de mim, não sei até onde eu ou Maycon podemos chegar... Não sei quem vai exceder o limite primeiro... Todas essas questões pairam no ar, me deixando completamente louca e temerosa... Meu coração está acelerado, estou confusa nessa luta sem fim entre meu caráter, princípios e minhas promessas. Todos os receios que somem quando estou com Maycon, voltam como fantasmas para me assombrar, e não me resta nada a não ser chorar.

Quero tanto acreditar nas promessas dele, quero me agarrar a esse fio de esperança, no entanto, ele não parece querer cumprir...

As horas passam, os pensamentos se tornam distantes, estou me sentindo como o último soldado vivo em uma guerra perdida, mas quero manter a fé, quero continuar a lutar, a ser forte... Quero continuar me mantendo firme, ainda que o meu chão esteja desabando...

Meu celular vibra. Olho a tela com os olhos pesados:

"O sono está me vencendo, mas simplesmente resisto, porque estou incompleto, me falta algo... Me falta você, te amo.

Maycon, seu único para sempre."

Estou com tanto sono que não respondo. Fecho os olhos, e quando volto a abri-los, as horas anunciam uma nova manhã.

Arrumo-me normalmente, saio mais cedo, tenho que correr atrás do prejuízo. Quando estou para abrir a porta, Keven se levanta para se arrumar.

Converso com cada professor cuja matéria tenha perdido algo importante. Tem suas vantagens em ser uma boa aluna, e esses momentos são uma delas. Passo os três primeiros horários atenta a cada palavra que sai da boca dos meus professores, qualquer pessoa comum acharia exagero, mas quero provar para meus pais que minhas notas continuarão as mesmas... Que ainda sou a mesma. As horas voam e lá se vão os três primeiros horários. Chega a hora do intervalo e meu estômago grita em protesto.

Saio às pressas, Keven me segue no mesmo ritmo.

Quando entro no refeitório, Maycon já está sentado, tão lindo, tão perfeito, com seu grupinho de sempre, mas um detalhe me chama atenção: ao invés de ter a Jayde ao seu lado, quem está? A tal novata, pelo menos eu acho que é. Bem animada, por sinal. Mato-os por dentro, mas por fora, visto a carapuça de mulher autoconfiante e apenas dou um sorriso que nenhum dos dois vê. Sento na mesma mesa de sempre, só então percebo que me atrasei um pouco e quase todos estão saindo. Maycon se levanta e sua turma também. Antes de Keven chegar com

nosso lanche, ele para em minha mesa. Entrega-me um refrigerante e salgado.

— Comprei pra você, fiquei te esperando, mandei mensagem, mas não respondeu.

— Estava um pouco atarefada — digo e forço um sorriso.

— Elena, essa é a April. April, essa é minha namorada, Elena — ele sorri para a garota, que me encara sem entender.

Ela ri.

— Isso é piada, né?

Ambos riem.

— Não, por quê?

— Porque vocês não têm nada a ver...

— Se acha piada, fica sendo, mas ainda sim, é verdade — Maycon responde em seu estilo.

— Tudo bem, não está mais aqui quem falou... — April diz simpaticamente e se afasta.

— Estou te esperando lá fora, quando terminar, vai lá — confirmo com a cabeça; ele sai e Keven se aproxima.

— Acaba de ganhar um lanche extra, Maycon comprou para mim — digo, sorrindo para ele.

— Valeu, Maycon — diz, brincando.

Engulo rapidamente. Meu ciúme me obriga a isso, quero ver como Maycon se comporta com a tal novata. Ela parece chamar atenção de todos, até do Keven... Homens... Aff! Não podem ver carne nova que se empolgam... Mas April parece adorar isso, porém, tendo um corpo estilo Beyonce, quem não olha?

Saio e Maycon está no pátio em meio à sua velha turma. Quando a vejo perto com outras garotas, que nem sequer me cumprimentam, sinto falta da Jayde... Pelo menos, com ela, elas se afastavam, visto que seu humor é de cão. também, quem se aproximaria, só Maycon mesmo.

E, olhando para ele, percebo que está tão sociável, em nada lembra o depressivo ou o agressivo. Pergunto-me se todos suportariam suas crises, que pelo visto parecem ser constantes, ou, pelo menos, na falta da droga. Meu ponto de vista sobre ele começa a mudar. Afinal, se você precisa de algo para se sentir bem, para se sentir forte, você realmente é forte? Ou finge ser? Ele me vê, se aproxima e me beija. Não me leva próximo a seus amigos. Andamos para perto de uma árvore.

— Conseguiu se organizar?

— Estou indo bem, e você? — pergunto, acariciando seu rosto. Maycon beija minha mão.

— Só terei que fazer dois trabalhos, e vão repetir uma prova, mas nada muito

relevante...

— Ficou íntimo da novata bem rápido — digo, indiferente, e ele sorri com deboche.

— Para! — Falo com raiva. Ele volta a rir e me puxa, me roubando um beijo que, em segundos, deixa de ser roubado e passa a ser correspondido.

— Sou todo seu, todinho, nenhuma delas tem chance — ele sussurra e me beija novamente.

— Deixou isso claro para elas?

— Mais claro, só se for escrever.

— Pode escrever, juro que não me importo — Ele me abraça, olhando em meus olhos.

— Que horas posso te buscar hoje?

— Às sete!

— Não, às cinco e meia...

— Por que pergunta se você quem marca a hora?

— Para você achar que está no controle. Olha como eu sou legal!

Sorrimos.

— Não me imagino sem você, Elena. Sempre estarei conectado, à espera de nós.

Ele beija meu nariz. Faço o mesmo com ele.

— Acho que o tempo me odeia, porque quando estou com você, ele voa bem mais que o normal — ele me diz e sorrio. — Vamos! — Ele pega a minha mão e seguimos de volta.

Quando termina o último horário, fico para pegar algumas anotações com o professor; finalmente as finalizo, mas quando chego à entrada, Maycon já se foi. Volto ao meu quarto, me perco no tempo repassando matérias, quando alguém bate a porta.

Vou com as canetas no cabelo e abro, sei que meu estado não é o melhor... Camiseta velha, short também, descalça e um coque mal feito, mas estou estudando e pouco me importo com isso. Concordo com Maycon, porque começo a acreditar que o tempo é inimigo dos estudantes em geral. Sério! Abro sem interesse.

— Oi...

É April...

— Oi.

— Provavelmente não está entendendo eu vir aqui, mas eu fiquei um pouco sem graça, não sabia que isso entre você e Maycon era sério, me desculpe se fui atirada ou coisa do tipo...

— Ah não, tudo bem, sem problemas.

Ficamos naquele silêncio desconfortante.

— Elena, ele gosta de você, qualquer um percebe...

— Também gosto, na verdade, nos amamos, é diferente de gostar.

Ela sorri mais sem graça.

— Não se importa se eu tentar fazer amizade com ele? Apenas amigos... — me pergunta, desconfiada.

— Jamais, acho que fazer inferno por amizade é meio que crueldade para mim, pode ficar tranquila que não me importo. Agora, se não se importa, estou estudando...

— Ah, desculpa...

— Não, tudo bem.

— Não, desculpa mesmo, foi mal... Então tchau, nos vemos por aí...

Dou um sorriso, dispensando palavras. Ela sai, fico na dúvida se está morando no Campus, mas essa dúvida vai ficar para depois.

Continuo estudando, quando estou ao fim desse dia, — lógico, amanhã tem mais — Maycon me liga.

— Estou te esperando... Vem rapidinho! — Desliga. Arrumo minhas coisas em tempo recorde. Saio, tranco a porta e sigo para meu destino chamado Maycon. Entro no carro, e ele me beija acariciando meu cabelo...

— April parece interessada em você... — digo, tentando ser indiferente. Maycon coloca óculos escuros, está perfeito como sempre.

Arranca o carro, mas dá um sorriso ao me ouvir. Não diz nada, então eu insisto, enciumada.

— Ela é bonita, tem um corpo bem atraente e...

Ele para o carro, encostando-o à beira da estrada, tira os óculos, me olha de relance, se aproxima, me puxando para seu colo. Sento e fico olhando em seus olhos. Ele coça a cabeça, sorri mordendo a língua. Suspira... Acho que uma piada está vindo por aí... Fico à espera...

— Elena, olha, vou ser sincero, houve um tempo que se uma garota como ela se aproximasse, na mesma noite eu fazia sexo com ela; isso era irrelevante, eu queria só curtir e achava que não precisava de ninguém, que a vida era apenas isso... Mas esse tempo se foi no dia que eu conheci você. E depois desse dia, essas garotas, são apenas garotas e mais nada... Você é a única, sempre vai ser. Sei o que é se sentir inseguro, porque me sinto assim perto do idiota do Keven, só que você não tem motivos para se sentir assim... Olha, eu erro demais e vou continuar errando com você, mas sofri muito com a traição do meu pai e senti o quanto isso machuca. Então, tira qualquer insegurança que tiver da sua cabeça, porque apesar de todos os meus erros, eu te amo, e não farei isso com você. Não sou esse tipo de cara... Sou o cara errado, mas não o que trai. Então, toda vez que

se sentir insegura, me liga, nós conversaremos e vou te mostrar que não tem motivos para isso... Para você ter uma ideia, eu nem pensava em me casar, e agora sonho com isso todas as noites. Não quero te assustar com esse pensamento bobo, porque você só tem dezenove anos e sei que ninguém quer casar nessa idade, mas se esse dia chegar, só me casarei se for com você...

— Jura?

— Meu anjo, todos os dias eu amaldiçoo os segundos que passamos longe um do outro, porque cada segundo longe é um pouco da minha felicidade que está sendo roubada... Então, sempre vai ser só você, porque eu te amo...

Maycon me dá aquele sorriso que tira meu fôlego e olha para o lado, sem jeito pelo que me disse. Não há palavras que exprima tudo que ele me faz sentir, é mais que amor e felicidade juntos, então apenas o beijo e deixo nossos corpos falarem por nós. Nesse momento, sinto seu amor me dizendo que podemos lutar contra tudo, que não sou apenas um soldado nessa luta, somos dois com uma vontade imensa de vencer. Vontade imensa de encontrar nosso caminho de plena felicidade, nosso para sempre, nosso enfim juntos. O lugar onde ninguém, onde nem mesmo a maldita cocaína, poderá nos separar...

Capítulo 24

E a dor grita estourando meus tímpanos...

Chegamos a sua casa. Maycon é o primeiro a descer, o faço logo após ele. O carro da sua mãe e da Jayde estão na garagem. Cumprimento os seguranças, que apenas acenam. Ele abre a porta.

— Casa sem a Jayde significa sem cheiro de erva... — Maycon diz, sorrindo.

— Tem notícias dela?

— Conversamos ontem, conversamos hoje... Todos os dias, ela me manda vídeos, fotos... está bem, arrasando na voz e na erva — sorri. Realmente, a casa cheira bem melhor, pelo menos para mim.

Maycon dá dois passos, se vira e me pega no colo. Dou um gritinho de surpresa com sua atitude.

— As férias começarão daqui a duas semanas... — digo, passando as mãos em seu cabelo e ele revira os olhos, frustrado. Sentamos no sofá, parece que quanto mais os outros mostram o problema e o mal que a cocaína está fazendo a ele, menos Maycon consegue ou quer enxergar.

— Estou contando os dias, vou até dar uma festa para comemorar — diz, seco.

— Maycon, você não quer mudar? Não quer ser uma pessoa totalmente livre, sem ter que depender de nada?

— Temos que conversar sobre isso agora?

— Eu preciso, porque quero continuar acreditando.

— Ah, para com isso, Elena, papo chato cara, já disse que vou. Você está começando a ficar igual aos meus pais. Me colocam como o ruim da história.

— O quê?

— Fica chato isso, todos querem salvar o Maycon e ele mesmo não quer...

— Então, você não quer, é isso?

Levanto-me, frustrada, Maycon puxa meu braço e caio direto em seu colo. Segura meu rosto, não havia notado, mas suas pupilas estão um pouco dilatadas... A droga do amor te cega também, por isso não havia notado...

— Há quanto tempo você usou? — pergunto direta.

— Por favor, amor para...

Olho para o lado.

— Você foi tão rude com sua mãe, trata seus pais de uma maneira que eu nunca nem em um pesadelo penso em tratar os meus. Não se arrepende, Maycon? — pergunto, olhando em seus olhos.

— Lógico que sim, são meus pais, mas eles perdoam porque sabem que são em momentos de raiva, estamos bem, vou te mostrar — diz, indiferente, e manda uma mensagem para Emily.

"Oi mãe, tudo bem? Quer dizer, nós estamos bem? Sei que às vezes sou um canalha e não posso modificar o que eu faço, mas eu te amo muito, sabe disso não sabe? "

Ela responde de imediato:

"Maycon, você é o amor da minha vida, o melhor e mais lindo filho do mundo, eu te amooooo muito meu bebê, e sempre estaremos bem... Tenho uma audiência no tribunal agora, te ligo quando terminar... Te amo amor, beijos... "

— Está vendo? Disse que estamos bem. Não se preocupa.

— Como foram suas internações anteriores? — pergunto, ignorando sua tentativa de me fazer acreditar que está arrependido.

— Sem sucesso — ele responde sem jeito.

— Por quê?

— Eu não levava a sério, mas teve uma mais relevante, foi quando tinha dezessete, por isso quis sair do condomínio que minha mãe mora. Meus pais não me avisaram, foi aquela cena patética, todos vendo o viciado sendo levado à força para reabilitação... Foi ridículo e péssimo.

— Quanto tempo ficou?
— Quinze dias...
— Por que só quinze dias?
— Foi até muito, geralmente não fico nem uma semana
— Mas como consegui sair?
— Fiz drama, muito drama, não cooperei e minha mãe acabou me tirando, ela não suporta me ver chorar.
— E você usou isso a seu favor... Mas não entendo, por que não cooperava se é bom pra você?
— Porque não queria parar.
— Então, por que quer agora?
Maycon pensa um pouco...
— Porque não quero perder você...
— Se não fosse por mim, não pararia?
— Não — retruca direto. Suspiro.
— Maycon, meus pais não aceitaram nosso relacionamento, mal estão falando comigo e eu jurei que você quer mudar. Que vai mudar, entende?
Começo a chorar.
— Sente falta deles?
— Muito, amo você e quero que mude, assim vou provar que estou certa a seu respeito e eles vão passar a aceitar você.
— E se eu não conseguir, Elena? — ele diz, procurando a resposta em meus olhos...
— Vai conseguir, Maycon. Amor, você vai porque nunca tentou de verdade. Mas agora vai...
— Não é fácil como você pensa. Não é um passeio no parque ou coisa do tipo, acha que não quero sair, lógico que quero... Mas não é assim... Elena, eu cheiro há mais de seis anos, meu corpo se acostumou à droga, meu cérebro implora por ela... Fico louco só de pensar em não usar. Mas as pessoas adoram julgar, acham que eu não quero, que não me esforço... Eu passei mau, só de ficar dois dias sem, dois dias... É horrível, meu corpo fica ruim, me sinto péssimo, muito mesmo. A única diferença entre eu e um viciado que mora na rua, é o dinheiro... No mais, é a mesma porra, se você pudesse sentir como é difícil sair, se alguém tivesse me contado antes, juro que eu nunca teria entrado! — Diz, alterado. Sinto desconforto pela sua alteração um tanto agressiva, devido a ela, evito falar — Quer comer alguma coisa? — pergunta, mudando de assunto.
— Às vezes, você me assusta...
— Não quero te assustar, não quero nada além de paz e felicidade... O que se resume a você. Desculpa se a faço sentir isso, mas não precisa ter medo, eu te

amo...

— Jura que vai mudar, Maycon? Promete para mim que vai tentar mais que tudo!

— Prometo que vou tentar mais que tudo... Por nós, juro que vou tentar...

— Acredito em você. Mas, voltando à sua pergunta, quero brigadeiro; se não se importa, eu mesma vou fazer...

— Tudo bem, fica à vontade, vou subir e concluir um trabalho.

Levanto do seu colo e sigo para a cozinha, o vendo subir a escada. Seu celular vibra, tocando, e volto para pegar. É um tal de Jong.

Tô com uma boa aqui, vem pegar, não demora, tô marcando...

Não sou idiota, sei o que é. Não aviso, apago a mensagem e deixo o celular no mesmo lugar. Não demora e ele desce.

Pega o telefone, me olhando com aquele ar desconfiado.

— Escutei meu celular tocar, você mexeu? — não respondo, ele continua me olhando com ironia — Você é muito intrometida, Elena — diz, olhando o telefone, e liga para o que imagino ser o cara. Diz que está indo. Desliga.

— Vai buscar?! — Digo, irritada. Como a pessoa jura que vai mudar em um minuto e no outro quer sair para comprar droga?

— É rápido, o cara mora aqui perto, não vou demorar, só estou garantindo a semana, será a penúltima mesmo — diz sorrindo, mas o sorriso logo se desfaz ao me ver com cara de poucos amigos.

Não se aproxima de mim. Apenas me olha de relance e sai.

Isso é demais, não posso me submeter, não a isso, talvez não deva tomar minha dose diária de Maycon por hoje. Pego minhas coisas e ligo para o primeiro táxi. Antes de Maycon estar de volta, o táxi chega e agradeço a Deus por isso. Não posso simplesmente arriscar todo meu relacionamento com meus pais se Maycon não se dá ao trabalho de me poupar um pouco. Peço ao segurança para abrir o portão, já são seis e meia. Entro no táxi e tento não chorar enquanto volto ao Campus. Pago a corrida e dou passos largos para meu quarto. Não demora para meu celular tocar. Não olho. Sei que é Maycon. Quando entro, Keven está no computador. Olha-me assustado.

— Achei que ia dormir com o Superstar...

Não digo nada e Keven percebe que algo está errado. Ele se aproxima e me abraça. Choro.

— Só queria que ele demonstrasse interesse em parar — digo, enxugando meus olhos.

— Ah, Elena, nem sei o que dizer... Sinto muito por isso...

— Keven, meus pais não querem ele na minha vida, poxa, eu estou arriscando tanto por ele, mas Maycon pouco se importa... Acha que está com a razão, não

facilita, sabe...

— Elena, olha pra mim — ele diz e o faço — Por que ele vai querer parar, tem tudo fácil, tem tudo o que quer, inclusive você. Não o vejo se quer comentar com alguém que quer parar... Desculpa, mas a única que não quer enxergar isso é você.

— Mas eu o amo, Keven, o que eu faço?

— Esquece ele, Elena, se afasta, Maycon não merece você...

— Como, se eu o vejo todos os dias? Como eu vou esquecê-lo, se antes de pensar em mim, ele me vem à mente?

— Como vai lutar por alguém que já desistiu, que não quer lutar por você?
Continuo chorando e Keven me abraça forte.

— Não é questão de abandoná-lo, Elena, mas vai se acabar... Ontem escutei você chorar e sei que está passando uma barra por isso, sei como é apegada a seus pais...

Continuo abraçada a ele, não sei o que fazer. A porta se abre, quando viramos, damos de cara com Maycon.

— Então é por isso que você veio, por causa desse idiota?! — Diz rude, já vindo para cima do Keven...

— Maycon, não é por isso que vim e sabe muito bem o porquê... — me posiciono entre eles.

— Por que não deixa a Elena em paz? Sabe que faz mal a ela! — Keven se adianta.

Maycon ri.

— Para você ter sua chance, né! Você é péssimo Keven, desiste cara, não vai conseguir tirá-la de mim. Teve tempo pra isso, e olha que em semanas eu consegui dela o que você não conseguiu em meses... — Maycon diz, debochando, e me irrita.

— Pelo contrário, Elena tem essa bondade nela em querer salvar as pessoas, quando viu como sua vida é deprimente, achou que poderia te salvar — Keven responde no mesmo tom e é o suficiente para Maycon vir para cima dele, dando um murro nele, que Keven revida. Tento separá-los, mas é inútil, Maycon é agressivo demais, e apesar de Keven aparentar ser mais forte, a agressividade de Maycon lhe dá vantagem. Fico fora de mim quando Maycon empurra Keven, o fazendo cair no chão, o vejo dar um chute tão forte no abdômen do Keven que na hora me vem a cena do cara que vomitou sangue apanhando dele. Antes que isso aconteça, grito com Maycon.

— Para agora, se o machucar chamo a polícia para você!

Maycon para e me olha indignado.

— Sério, Elena, e vai fazer mais o quê? Porque isso não me incomoda...

Keven está gemendo no chão, continuo chorando e sinto-me péssima por ele. Maycon fica olhando para ele com ironia. Quando vou me aproximar, ele me segura pelo braço.

— Prefere ele, não é?

— O quê? Você é louco?

— Não sou louco, mas estou cansando desse cara ficar sempre em cima de você, só que estou começando a achar que você gosta... E isso muda a questão.

— Ele é meu amigo e você não manda em mim! Você não passa de um inconsequente, acha que todos são obrigados a aceitar os seus erros porque é um viciado. Um viciado que não quer mudar. Não dá Maycon, sinto muito, mas isso é demais...

— Por favor, não me deixa, juro que estou tentando...

— Mentira! — Grito — Não está tentando, perdi totalmente a confiança dos meus pais, perdi a credibilidade com alguns professores e todos acham que estou louca. A única coisa que pedi a você foi que tentasse, mas me acha idiota, pensa que me engana, mas não me engana. Não diz que está tentando, porque não está!

— Seu problema é viver no mundo da lua. Sabe que não é fácil e finge que é... — ele rebate no mesmo tom.

— Eu sei que não é fácil, só que você poderia ao menos me poupar, porque só faltou usar drogas na minha frente, todo o resto você fez...

— Elena, você prometeu que não iria me deixar.

— E você prometeu tentar...

— Nas férias!

— Seja sincero, um mês resolve seu problema? Fora que se fosse eu, imploraria para me ajudarem, quereria sair dessa de todas as maneiras. Mas você não, sei que só vai porque estamos te forçando a ir. Amo você, e no princípio, quando as pessoas me disseram que era um caminho escuro, eu ignorei, e depois de tudo, não sei porque ainda estou desapontada se fui avisada... Elas estão certas, Maycon, suas promessas não passam de fábulas vazias que não enganam nem a si mesmo...

— É isso que pensa, acha que tudo é mentira?

— Tenho certeza.

— Elena, por favor, não me abandona, vou tentar eu juro...

— Não se abandone *você*, Maycon, mostre que todos estão errados, inclusive eu. Seus pais não merecem isso, você não merece isso. Não seja mais um a morrer pelas drogas, seja um que lutou e conseguiu vencer. Mas não vença por mim, vença por você, porque deve se amar antes de amar qualquer outra pessoa... Agora sai do meu quarto!

— Elena, por favor.

— Sai do meu quarto, já me machucou muito por hoje! — Grito e ele leva um choque.

— Calma, vamos conversar...

— SAI DO MEU QUARTO AGORA! — Grito e até Keven se surpreende. Maycon não diz nada, ele sai e ajudo Keven a levantar, não sei se enlouqueço ou desapareço...

— Keven, me perdoa, eu sinto muito por isso, foi tudo minha culpa...

— Está tudo bem. Elena, pelo amor de Deus, me escuta, sai fora desse cara, viu como ele é agressivo, já imaginou que uma hora essa agressividade pode ser contra você?

— Ele não faria isso comigo.

— Você está cega, tão cega. Não acredito que vai continuar com ele...

— Keven, por favor, eu não sei o que vou fazer, não quero falar sobre isso agora, apenas quero um tempo para mim mesma. Quero me encontrar e tentar aliviar as minhas feridas, porque a dor está me matando. Se não se importa, quero realmente ter esse tempo para mim.

Keven não protesta e sai do quarto.

Meu coração não quer entender, ele simplesmente se nega a aceitar que é melhor me afastar do Maycon. Oh, meu Deus! Estou tão magoada. Como ele pode ter ido comprar drogas comigo lá? Como ele pode ter agredido o Keven? Deito na cama e me cubro, tentando esconder a dor... Mas é uma dor tão forte, tão real. Não quero perdê-lo, não quero deixá-lo, mas ele nem ao menos quer tentar... Começo a acreditar que Jayde tem razão, porque eu amo o Maycon, eu amo muito, mas ele ama a cocaína... E acho que não tenho chance contra ela...

É exatamente nesse momento que meu desespero me destrói, e começo a me cansar de ouvir o som das minhas lágrimas. Fecho os olhos e sinto os braços de Maycon em volta de mim, eu preciso dele, preciso ouvir que tudo vai ficar bem, mas ele não está aqui para dizer isso. Estou assustada, desmoronando sem uma corda se quer para segurar...

Se ele ao menos tentasse, se ele me abraçasse forte e me fizesse acreditar, seria o suficiente para manter minha fé...

Sinto que estou ficando sem forças, estou começando a desistir, não por não ter coragem de lutar, mas sim por não ter mais condições de continuar a sofrer e a me enganar. Não posso me causar tanta dor, não por alguém que não enxerga os próprios erros. Não por ele, não pelo Maycon, meu maior vício.

Capítulo 25

Abstinência e recaída também existem no amor?

As horas passam ou fingem passar, pouco me importo, apenas continuo presa em meu esconderijo nada secreto. As lágrimas persistem, e, junto com elas, a dor... Dor por não tê-lo aqui, dor essa, cujo tempo deve ser o melhor amigo, pois nesses instantes, ele me crucifica com lembranças que me fazem morrer por vezes sem fim. Qual o sentido em amar alguém que não se ama? Alguém que se autodestrói, mas, muito além disso, Maycon se permite morrer e eu morro junto, tudo por causa da droga do amor que me consome, tudo por causa da droga da cocaína que o consome. Sinto um calafrio, até respirar torna-se difícil e doloroso... Não tem como explicar para sua alma que é melhor assim, que é melhor sofrer agora que depois, ela simplesmente se nega a aceitar, e por agora, sinto que a minha está me abandonando para ir ao encontro dele. Quero apenas deixar tudo queimar, tudo consumir, apenas esperar pelo amanhã, mas é inútil, o amanhã não vai mudar nada para mim. Será apenas mais um triste dia...

Keven volta e pega algumas coisas.

— Quantas noites ainda vai perder chorando por ele, que promete e nunca cumpre?

— Keven, por favor, já está bem difícil, não faz isso comigo, por favor... — imploro.

Ele se aproxima, beija minha cabeça e sai novamente.

Olho o relógio, não consigo vê-lo girar, porque para mim, ele parou no momento em que eu mandei Maycon ir embora... E é inútil fingir que vou ficar bem, porque sem ele estou incompleta...

Meu celular vibra. Não quero olhar, mas, por fim, desisto de tentar lutar contra a dor e deixo ela me consumir. Levanto e o pego na bolsa, olho a tela, é Maycon...

Sei que quer seguir em frente, e se tem vontade, vou deixar você ir... Desculpa, sabe, não quero te incomodar, não mesmo... Mas poderia me dizer como isso pode terminar? Como posso calar a falta que você me faz? Você me fez acreditar em promessas novamente, não me faça perder a fé, não em você... Me dá uma chance de te mostrar que não estou mentindo, não me deixe morrer aqui tão sozinho esperando por você. Diga que posso dar mais um passo em sua direção, diga que me ama e está arrependida, que foi tudo da boca para fora, que acredita em mim, que acredita no nosso amor e que ele vai vencer. Essas

não são apenas palavras, eu estou te implorando...

Não respondo, não posso, ainda que queira...

Tento dormir, mas é inútil. Apelo para calmantes e eles funcionam. Acordo com uma dor de cabeça bem incômoda.

Levanto-me e me arrumo mesmo sem vontade.

Sigo sem ânimo. Dou passos largos pelos corredores, evito olhar para as pessoas, entro na sala e sento na fileira dos primeiros lugares.

Aos poucos, a sala vai enchendo e o professor inicia a aula. Nada faz sentido, simplesmente não consigo prestar atenção, meus pensamentos estão em Maycon e eles não pedem permissão para mim, apenas vão onde querem...

O professor faz uma pergunta, que não presto atenção.

— Elena... Elena? — ele me chama.

— Sim! — Respondo assustada.

— Algum problema?

— Não, nenhum...

— Pode me responder a pergunta então, por favor? — olho para o quadro em busca de alguma pista da resposta, mas não tem nada...

Fico em silêncio, escutando algumas risadinhas.

— Alguém pode responder? Obrigado, responda Maycon... — ele diz e congelo, a voz que responde me faz congelar. É o Maycon, claro que é, nós fazemos aulas de Psicofarmacologia juntos. Não olho para trás. Quando a aula termina, o vejo indo de costas, sigo para minha próxima aula e não o vejo mais.

Assim que entro, April senta do meu lado.

— Oi!

— Oi — respondo.

— Deve estar se perguntando o que faço em uma aula de Psicopatologia? Já deve saber que estudo Medicina, na verdade, escolhi como matéria extra... Sabe como é, interesse em entender a loucura humana — ela sorri e eu retribuo sem graça.

A aula inicia.

— E então, soube que você e o Maycon não estão mais juntos, é verdade? Isso é demais, uma garota que vi apenas duas vezes me pergunta sobre minha vida pessoal.

Minha vontade é de dar uma bela má resposta, mas não fui educada para isso.

— Acho que você tem razão, não somos compatíveis, mas quem te contou? O Maycon? — digo, indiferente.

— Não, Rebeca disse que brigaram ontem e ela a escutou o mandando embora.

— Ah, a Rebeca...

— Sabe o que é, Elena, vou dar uma festa na minha casa.

A interrompo...

— Não mora aqui?

— Aqui? Não! Moro no mesmo condomínio do Maycon, mas acho que ele não percebeu isso ainda, ou finge não perceber.

— Ah... — finjo desinteresse.

— Então, como estava falando, vou dar uma festa e quero chamá-lo, não vai se importar, não é? Não estão mais juntos.

— Não, não mesmo, boa diversão pra vocês...

— Obrigada!

Idiota, tem coragem de dizer que quer convidar meu namorado, quer dizer, ex, e ainda não me convida, eu o faria, ainda que fosse por educação... Assisti mais uma aula e finalmente o intervalo chega. Vou ao meu armário guardar alguns livros e pegar os próximos. Estou distraída me organizando. Quando me viro, vejo Maycon vindo, me fazendo sentir uma sensação de *déjà vu*. Mesmo não o olhando, sinto cada passo que ele dá, sinto seu perfume, sua respiração... É torturante demais essa conexão. Fecho o armário e meus olhos encontram os dele. O tempo para, as pessoas se tornam inexistentes, e eu começo a implorar para ter controle sobre meu próprio corpo, mas é inútil, estou ligada a ele, e por mais que finja que não, essas correntes invisíveis nos mantêm presos...

Ele continua vindo, até parar em frente a mim. Seguro firme meus livros. Tento vencer essa enorme vontade de me jogar em seus braços e beijá-lo.

— Elena...

— Maycon, por favor, por favor... — fecho os olhos, implorando para ele ir embora, estou a ponto de ceder. Quando volto a abri-los, não o vejo mais, fico pensando se foi mesmo real. Mas sinto seu perfume em mim dizendo que sim. A dor me consome, estou rastejando no escuro... Não lancho, não tenho fome. Quando termina a última aula, saio correndo. Vejo-o entrar no carro, está no da Jayde, April se aproxima e entra no banco do passageiro.

Suspiro de raiva e ciúme. Sigo para meu quarto e lá me tranco.

Após uma hora, Keven chega.

— Trouxe almoço — sorri.

— Keven, não precisava.

— Lógico que precisava! Ah, tem sobremesa, sua favorita. Torta de morango. Ele me entrega e almoço satisfeita, eu agradeço, e meu estômago mais ainda.

— Vamos comer fora hoje à noite?

— Keven, primeiro você compra meu almoço e agora quer me levar pra sair à noite?

— Não vou ser médico, portanto, não teremos assuntos em comum, mas vou

ser engenheiro, poderemos falar sobre engenharia e psicologia... O que acha?

— Tudo bem, acho que não vai aceitar um não, não é mesmo?

— Só aceito sim como resposta, não vou deixar você aqui, chega de noite de lágrimas.

— Tudo bem, você tem razão...

O dia passa e eu continuo estudando, na verdade, insisto em fingir, porque nem sobre meus pensamentos eu tenho controle. Tento ler, e até as letras me contam que eu quero Maycon.

Passo um bom tempo com Keven, conversamos sobre tudo. Olho para ele e fico pensando porque não aconteceu, se tivesse acontecido, hoje estaria tudo bem. Sem lágrimas, sem Elena chorando e sem cocaína. Chegamos e escolhemos uma mesa para sentar. Não demora e o hambúrguer chega, estamos no trailer próximo à faculdade e as coisas estão indo bem.

Não vejo Maycon, mas quando terminamos, o vejo chegar de carro. Quero ir a seu encontro, Keven percebe meu desconforto e rapidamente paga a conta e seguimos para o carro dele. Maycon sai do carro, ele está tão lindo, tão perfeito, e com April, para minha decepção. Fica me olhando seguir com Keven, olho para ele, e ele me olha... Não sei o que fazer, na verdade, luto contra todos meus desejos de correr para ele. Eles se aproximam, dou um sorriso tímido, que ele não corresponde, mas sei que está arrasado por me ver com Keven. Entra no trailer com April. Não sei até quando isso vai se prolongar, não quero chorar... Eu o amo, ele me ama, mas estamos com as pessoas erradas. Que droga! Ele também é o cara errado e nada vai mudar isso. Olho a paisagem enquanto Keven dirige, quero fugir, quero correr, penso neles juntos e meu coração sangra.

Chegamos ao Campus. Converso com Keven mais um pouco, ele acaba dormindo primeiro que eu. Reviro minha cama, pego meu telefone. Instintivamente, entro no facebook e vou ao perfil do Maycon, parece ridículo, mas ainda não mandamos solicitação de amizade um para o outro. A mesma foto de perfil com Jayde... Tem um status novo, foi atualizado ontem, precisamente à meia-noite...

Acho desumano a pessoa virar as costas quando você mais precisa... Será que alguém consegue me entender? Por que eu já vivi metade da minha vida e tenho consciência disso, mas e se você estivesse na minha pele, se vivesse tudo que eu vivi, você faria diferente? Você ao menos iria me compreender? E eu me pergunto: Você me ama? Ama o que eu realmente sou agora? Gosta de mim aqui, sozinho? Você percebe? Você ao menos sabe que promessas devem ser cumpridas e que eu estou disposto a fazer minha parte? Mas alguém se

importa? Não, ninguém se importa... Felicidade havia quando eu era criança, não dava importância a nada, porque eu fui educado para ver a vida como diversão e levá-la como pudesse. Lembro que, quando chorava, minha mãe me abraçava e dizia que tudo ficaria bem. Mas ela não consegue dizer isso agora. Ela me amava, mas ela consegue me amar pelo que eu sou agora? Ninguém sabe... Nessa mesma época, meu pai gostava de mim, e hoje, hoje já não sei... Entendo que em parte foi minha culpa, eu os decepcionei, mas olha pra mim, esse não era meu projeto de vida, não quis me tornar isso. Ainda sim, as pessoas me julgam e elas vêm de todo lugar, pensam que sou um fracasso e jogam pedras, porque é mais fácil ser pedra que vidraça. Não estou levantando causas ou me defendendo, porque sei que todos querem ser algo melhor do que eu sou... Só que eu sinto sua falta, porque eu amo você. Percebe isso? Estou perdido e você não vem me encontrar, você diz me amar, mas não ama o que eu sou... Não há coerência nem simetria nisso. Você me disse que o amor vence, mas, ou isso é mentira, ou você não me ama... Estou confuso. Por que, como você pode estar longe se eu ainda estou tão perto? Ainda sim, eu te perdoo, porque qualquer migalha da sua parte é melhor que me queimar aqui sozinho... Percebe que é tudo sobre você, sobre mim e essa porra de vida!? Mas alguém se importa? Não, acho que nem mesmo você se importa...

Meu celular vibra.

Eu jurei, jurei que seria sincero e você também jurou. Então por que você estava com o Keven? Vamos terminar assim? Você estava mentindo o tempo todo? Não mata minha esperança assim, por favor, me responde, eu já cheirei cinco carreiras e a merda do pó não diminui a dor, não tira você da minha cabeça e estou ficando paranoico... Por favor, diz que me ama, diz que me quer de volta, que eu esqueço tudo e volto pra você... Só me responde, Elena, por favor... Se não me queria, por que me fez acreditar que era real? Minha vida já era vazia, não precisa piorar tudo... Estou aqui e tudo se foi porque você se foi... Não quero mais perder a cabeça por você, sua atitude está me matando, está rompendo em mil pedaços meus sonhos... Não sei nem porque eu nasci, nem isso faz mais sentido... Você se converteu no centro e fim de todo meu universo, e todas as leis da física me dizem que temos que ficar juntos... Porque eu sempre vou te amar, e daria minha vida inútil por um último beijo seu... Amor, por favor, só temos mais uma semana antes da clínica, não faz isso comigo... Não rouba meu tempo feliz... Não me mata assim...

Não resisto e respondo:

Amo você mais que tudo, mais que a mim... Só que meu amor é egoísta, Maycon, quero você só para mim, não quero te dividir com seu "pó"... O quero sempre sóbrio, porque você é uma pessoa maravilhosa e não precisa disso em

sua vida. Estou a ponto de enlouquecer, mas não posso lutar sozinha por nós... Não posso fazer isso com minha vida, porque não quero ser uma que te viu se matar e aceitou, não posso aceitar, não quero. Quero sonhar com você, me casar com você e ter filhos com você, e para isso, teremos que viver muitos anos, e seu "pó" não nos permite fazer planos... Desculpa, não se trata de não cumprir promessas, se trata de não querer te ver morrendo.

Ele não responde, os minutos passam, e quando o sono quase me vence, meu celular vibra.

Estou aqui fora, posso te ver?

Respiro fundo. Levanto-me, visto uma blusa e escovo meus dentes as pressas. Saio, ando até a entrada do Campus. Maycon está do lado de fora do carro. Aproximo-me timidamente.

Ele não diz nada e me abraça, começando a chorar.

— Elena, por favor, eu fui um idiota, não sei como demonstrar que quero parar, mas eu quero...

— E me manda uma mensagem dizendo que cheirou cinco carreiras? — o pergunto, mas não o encaro. Ele me mantém em seus braços e sei que preciso disso.

— Infelizmente, minha sinceridade é contra mim — Maycon me olha.

— Foi boa a noite com April?

— Sabe que não faz diferença, estava vindo comer um hambúrguer na esperança de encontrar você, ela me viu quando eu ia saindo e perguntou onde estava indo. Eu disse por que não sei mentir, ela se ofereceu para vir comigo, e como não faz diferença, eu aceitei... — Maycon diz com tanta sinceridade. Olha-me como se pedisse para me beijar.

— Se perguntar se pode, eu vou dizer que não, mas se me beijar sem perguntar, vou aceitar... — digo e ele sorri.

Me beija e nos minutos que minha consciência volta a dar sinal de vida, me vejo no banco de trás do carro com ele sobre mim.

— Estamos bem, não estamos? — ele pergunta, ofegante.

— Não, não estamos, mas se cumprir sua promessa e se esforçar, podemos ficar... — sussurro quase sem fôlego.

Nesse momento, se vai a dor, se vai a dúvida. Sinto sua pele suada e quente sobre a minha e sei que só preciso vivê-lo e ele a mim... Sei que há tantas coisas entre nós, mas nenhuma delas pode nos separar, porque sabemos o que é necessidade. Porque hoje, em minha realidade, tem algo que eu jamais tive, e não posso mais viver sem isso, ainda que não faça sentido. Ainda que todos sejam contra, eu vou continuar, tenho fé que nossos dias iluminados vão brilhar para nós e expulsar toda essa escuridão...

Capítulo 26

Se você ama, você sabe, mas não entende...

Continuo sentindo seus beijos e minha consciência grita, me perguntando qual parte de não voltar eu não consegui entender! Mas, na verdade, eu pouco me importo com ela...

— Estou adorando ficar aqui com você, mas é meio apertado aqui para nós... Não acha? — ele reclama e me arranca um sorriso.

— Vou entrar...

— Ah, qual é, Elena? Jura que vai fazer isso comigo?

— Maycon, estou sendo sincera, não quero mais essa vida para nós, ou você muda, ou é melhor terminarmos...

Ele se levanta, respira fundo, ajeitando sua roupa. Eu sento, o olhando...

— Desculpa, me desculpa pelo que eu vou te falar, mas infelizmente seus pais erraram na sua criação... O Keven bebe, e mesmo assim você não acha que ele precise de reabilitação.

— Você está louco, meus pais não erraram, pelo contrário, eles... — digo frustrada, achando que ele desistiu, mas Maycon me interrompe.

— É surpreendente a hipocrisia da sociedade, não acha?

Sorrio com deboche, e já prevejo um discurso...

— Elena, é sério, por favor, me escuta... Qual a diferença entre drogas lícitas e ilícitas? Diz, porque sei que a maioria das pessoas alguma vez já experimentou determinadas substâncias para alterar o humor, como café, cigarro, Red Bull ou maconha. Até você já tomou. E, mesmo assim, as pessoas com suas bebidas e seus cigarros pensam que são diferentes de mim... Essa é a piada, entende? Agora, se vier com esse papo que o pó está me matando, passo a te incluir na lista dos hipócritas. Porque o cigarro mata mais de cinco milhões de pessoas no ano, e vai além, porque a fumaça dele tem mais de 4,7 mil substâncias tóxicas. Então não mata só a pessoa que fuma, é prejudicial a todos... E a bebida então, ela é responsável pelo maior número de mortes nas estradas, e se for somar, eles matam mais pessoas que as drogas ilícitas... Então, qual a diferença?

— Aonde você quer chegar, Maycon? — bufo, rude.

— Não estou dizendo que não vou, mas quero te mostrar que seu pai está

errado, porque eu duvido que ele discrimine alguém que fuma ou bebe, mas quem usa "drogas ilícitas" não presta, não é mesmo?

— Não estou a fim de debater isso agora, então, o assunto morre aqui.

— Tudo bem, não está mais aqui quem falou, mas no fundo sabe que tenho razão.

— Não quer ir, não é mesmo?

— Não é isso, mas não sei se estou preparado para essa luta...

— Vamos lutar juntos...

— Não, não vamos, não é você que vai ter que lutar contra o desejo, a fissura e toda a merda que acompanha uma abstinência.

— Mas com o tempo você vai se curar...

— Ah, meu Deus, você é tão sonhadora, não existe cura, existe pacientes controlados... Na última vez que eu estive em uma clínica, a psicóloga me falou que sou apaixonado pela cocaína, que meu organismo já se acostumou a ela e que no mínimo seriam necessários seis meses para tentar desacostumá-lo. E se conseguisse, seria um milagre.

— Mas você pode lutar contra isso, Maycon, sei que pode.

— Você não está entendendo, vou te explicar em termos médicos então. Ela libera a dopamina, o hormônio do prazer; o cérebro o produz, mas com o uso da cocaína, ele para de produzir por si só e passa a depender dela, e cada vez mais preciso de mais quantidades para sentir o mesmo efeito...

— Já sei disso Maycon, fiz um trabalho.

— Olha, então vou ser sincero. Para você ter uma ideia, uma carreira de cocaína faz o sexo parecer fichinha perto do prazer que ela me dá! Entende? É minha via de escape e não acho que seja tão ruim como você vê.

— Está querendo me ofender e deixar claro que eu não tenho chance, é isso? Que ela é melhor que eu?

— Não, lógico que não, eu amo você, Elena... Só quero que entenda que não é fácil. Só quero que entenda que isso é uma porra, e que não me abandone como fez... Porque eu não sei se tenho forças. Não contra isso.

Ele olha em meus olhos, esperando a resposta, mas até eu tenho dúvidas se ele vai conseguir... Sei que parece estúpido, no entanto, quando olho para ele e vejo a maneira como ele fala, parece impossível...

— Tudo bem, desculpa. Vou ficar do seu lado sempre, porque eu sei que vai conseguir... Você vai, amor...

Maycon desvia o olhar, fica pensativo, mas logo inicia outro assunto.

— Abril vai dar uma festa sábado...

— E você vai?

— Já confirmei que sim, mas quero que vá comigo, me acompanha?

— Ela não me convidou, mas vou com você.

Ele me dá um beijo.

— Vai ficar os seis meses?

— Não, eu não sei, mas independente do tempo, jura que não vai sair com Keven?

— Lógico que não vou. Mas você vai tentar mesmo, não vai?

— Tentar, eu vou, só que a única certeza que eu tenho no momento é que assim que chegar, vou querer voltar...

Ele volta a me beijar. Quero entendê-lo, mas só quem está em uma situação como a dele é que pode realmente entender... Continuamos com mais beijos. Insisto que tenho que ir e ele acaba cedendo, ainda que relutante. Saímos do carro que já está mais que embaçado e nos despedimos...

As horas passam. Quando finalmente consigo dormir, parece que foram apenas segundos. O despertador me acorda, me arrumo e Keven e eu saímos juntos.

Seguimos conversando animados, e em meio a risos, damos de cara com Maycon. Ele fica irritado, não consegue disfarçar o ciúme, mas finge nos ignorar e faz isso no decorrer da semana. Na faculdade, me esnoba por me ver com Keven e à noite me leva para dormir com ele... Essas são as ironias da vida, fazer o quê? Se bem que, para ser sincera, quase não estou tendo tempo...

Sábado chega e me arrumo feliz da vida ao pensar na cara da April ao nos ver juntos. Keven também foi convidado, pelo visto, ela só não me convidou. "Pilantrinha..."

Keven sabe que eu e Maycon estamos juntos, ele só finge que não. Fico sem graça por isso, pelo que aconteceu com eles, mas amo o Maycon, e essa é a realidade.

— Você está linda! Linda para um idiota como o Maycon.

Fico calada. Ele me ajuda tanto que seria ingratidão respondê-lo mal.

— Você também está um gatinho — sorrio e jogo um beijo para seu reflexo no espelho.

Poderia dizer que estou comum, mas não estou. Pela primeira vez, me visto mais ousada, mais Jayde, digamos assim. Vestido mais curto, tubinho com um generoso decote. Maquiagem mais marcante e meus lindos cachos que vão embora assim que desejarem. Na verdade, meu decote não é tão extravagante, mas Keven parece gostar, ele decora meu corpo como um mapa.

— Está só faltando uma última coisa... — ele diz enquanto coloco os brincos, e quando menos espero, ele esborrifa seu perfume em meu pescoço...

— Keven, seu idiota, por que fez isso? Agora vou ficar cheirando a você... — digo, passando a mão, e isso só piora. O olho, irritada...

— Toma outro banho, já que não pode cheirar a mim...

— Hã, hã, engraçadinho, sabe que não dá tempo, fala a verdade, fez isso de propósito, não foi?

— Presente para o Maycon, acho que ele merece e eu estou devendo uma a ele, quando for te beijar, vai sentir meu perfume e vai se apaixonar.

— Ele nem vai perceber, idiota...

Faço caras e bocas e o ignoro. Pego minha bolsa, Maycon já está me esperando.

Ele sai do carro e abre a porta, suspiro ao vê-lo. Está tão lindo, tão perfeito. Adoro vê-lo de jeans e blusa meia estação.

Ele se aproxima e me beija. Para, me segura em seus braços e fica por segundos me encarando, sei que é por causa do maldito perfume. Ele se afasta, não diz nada, nem sequer um elogio, entra do seu lado e me deixa entrar sozinha no meu.

"Valeu Keven!"

Entro e finjo inocência.

— Aconteceu alguma coisa? — pergunto, dando um sorriso.

Ele fica olhando fixo para o volante.

— Nada, só acho impressionante como você consegue encontrar mil formas de me magoar, e não sei, Elena, mas apesar de dizer me amar, você às vezes me põe tão para baixo, me faz sentir um completo idiota...

— Amor, desculpa, foi uma brincadeira idiota do Kev...

— Para, por favor, se soubesse como essas atitudes idiotas suas acabam comigo, se pudesse sentir o que eu sinto... Ah, foda-se, Elena! Esquece... — ele liga o som e dirige atento à estrada.

Estou mal, me sinto péssima por deixar o Keven ir tão longe às vezes...

Chegamos, pelo menos eu acho. É algumas ruas da casa dele, realmente moram perto... Tudo indica que é uma mansão.

— Ela mora bem... — digo e sorrio, tentando mudar o clima.

— É só a porra de uma casa.

Ele estaciona e desliga o carro. Fica pensativo, magoado...

— Maycon, foi só uma brincadeira sem importância...

— Sabe, você me trata assim só por que cheiro pó, não é? Me acha inferior aos outros.

— Não, para, eu te amo... Está levando as coisas para o outro lado. Olha, eu sei que errei e vou me afastar do Keven um pouco...

— Que porra é essa, Elena? — ele dá um sorriso irônico, chega a ser impressionante e medonho como ele muda de humor tão rápido.

— Maycon, para, por favor, se acalma...

— Olha para mim e diz que ele não te beija, que ele não toca em você de maneira alguma...

— Não... Não nesse sentido... Ele me respeita muito...

Diminuo gradativamente o tom da minha voz, e ela sai quase como sussurro.

— Ah! Ele te toca em outro sentido, entendi... — diz irônico e não respondo. Ele continua — Desculpa, mas não sei mentir como você, uma hora eu posso cansar desse seu joguinho ridículo de triângulo amoroso, porque isso não funciona para mim, e quando acontecer, quem não vai querer mais vai ser o viciado de merda... — o ouço e reviro os olhos. Maycon sai e bate a porta do carro. Abro a porta do meu lado em seguida, ele já está a minha espera; desço, ele fecha a porta e me beija. É gostoso, sempre é. Mas do nada ele para e se afasta rudemente.

— Ah, que porra! O perfume do cara está em você! Depois matam uma praga dessas e ainda tem gente que chora e pergunta por quê... Puta que pariu, viu! — Diz irritado. Fico imóvel. Ele me puxa, segurando minha mão firme. Entramos, a casa é um espetáculo. Música eletrônica, bebida em todos os lados, alguns petiscos na mesa central... A cada duas pessoas que passamos, três cumprimentam o Maycon, é sério... Eles o cumprimentam e me ignoram. Quando April o vê, ela vem bem animada, como está cheio, ela não percebe que estamos juntos. Aproxima-se, se joga em seus braços e Maycon retribui o abraço, sei que é para me provocar, ainda sim, não larga minha mão... E só depois de terminar o eterno abraço, que ela me vê. Fica sem jeito.

— April, eu trouxe a Elena, espero que não se importe — Maycon se adianta.

— Ah, claro que não, acho que te convidei, Elena... — sugere sem graça.

— Na verdade, não, mas parabéns pela festa. Parece perfeita — digo e sorrio. Ela fica mais sem graça. Está óbvio que odiou...

— Fiquem à vontade, espero que se divirtam. Bebidas no bar e quitutes na mesa. Sirvam-se...

Ela dá um sorriso forçado e se afasta. Apesar de sua popularidade, Maycon escolhe um lugar neutro de toda a badalação. Sentamos mais afastados. Não demora e ele busca Coca-Cola para nós. Quando seu colega de turma vê essa proeza, começa a rir.

— Você gosta de uma coca, hein, Maycon!

— A melhor que tem!

O amigo pega o celular e tira uma foto com Maycon apontando para a lata. Ambos riem. Assisto toda a cena e acho graça. Ele volta e senta do meu lado, mas não muito próximo. Fica reparando minha roupa.

— Você engordou.

— Nossa! Que coisa boa de ouvir — ironizo, ele não diz nada.

— Vai ficar a quilômetros de distância de mim? — provoco.

Ele se aproxima, me dando as costas, e o abraço.

— Me desculpa — lhe dou um beijo. Ele não corresponde, mas se vira.

— Deve ser difícil para o cara te ver tão gostosa todos os dias, ficar louco para te comer e não poder passar de amigo.

— Maycon, para, está ficando chato... Para, por favor, detesto quando fala assim...

— Não, não vou parar, vai ficar escutando essa porra a semana toda, até tomar vergonha na cara e se afastar dele, e se acontecer de novo, juro que vai se arrepender.

— O quê? — pergunto, indignada com sua ameaça.

— Elena, você não vai me fazer de idiota — ele diz, me encarando com raiva.

— Nossa, você está paranoico hoje!

— Não imagina o quanto.

Suspiro frustrada. Não demora a ficar deprimente a situação. Levanto-me, acho melhor ir ao banheiro e tentar tirar esse perfume, sei lá...

— Aonde você vai?

— Maycon, não começa.

Ele me segura brutaemente.

— Não vou perguntar de novo.

— Eu vou ao banheiro...

— Vou com você.

— No banheiro? Sério?

— Qual é o problema?

O ignoro e ele me segue. Entro e lavo meu pescoço, odiando o Keven por isso. Quando saio, Maycon está igual um cachorrinho do lado da porta me esperando.

— Lavou? — ele pergunta direto, me fazendo odiá-lo. Ignoro e não respondo, mas ele me puxa e se aproxima do meu pescoço.

— Melhorou — diz e sorri, me escora na parede e me beija. Sei que sou idiota por corresponder, mas o amor nos faz idiotas. Finalizamos com selinhos.

Ele olha em meus olhos.

— Eu te amo...

— Também te amo...

— Vamos embora?

— Acabamos de chegar — fico surpresa.

— Tenho uma festa melhor para nós na nossa casa — ele sorri maliciosamente.

— Nossa casa?

Ele volta a sorrir, não espera minha resposta, segura minha mão e em dois

minutos estamos em seu carro, seguindo para sua casa. Entramos, as cortinas estão fechadas, Maycon quase rasga meu vestido com seu desespero... Me beija com tanto ímpeto e desejo, correspondo demonstrando o mesmo. Me pega no colo, sobe a escada e me leva ao seu quarto. Quando entro, vejo um buquê de rosas vermelhas. Olho para ele e sorrio feito boba. Desço, me aproximo e pego as rosas, são tão lindas...

Sento na cama e ele senta por trás de mim, me deixando entre suas pernas. Começa a beijar meu pescoço, enquanto fico admirando as rosas.

— Comprei outra coisa para você.

— Não precisava, Maycon.

Ele me entrega um perfume, *Chanel Coco Mademoiselle*.

— Não sei se vai gostar, mas minha mãe adora.

Tento não rir, mas é irônico. O cheiro é divino. Coloco-o com o buquê sobre a estante. Maycon deita e fica apenas me observando. Deito ao seu lado e volto a beijá-lo...

— Eu te amo, amo muito.

Estou louca de desejo, mas quando olho em seus olhos, me vem à mente o que me disse sobre a cocaína lhe dar mais prazer que eu... Sei que não quis me ofender, mas isso me magoa um pouco, porque para mim não há nada melhor e mais prazeroso do que ser dele, me entregar a ele e senti-lo em mim. Continuo o desejando, contudo me sinto como o brinquedo velho do ano passado, você até gosta, mas tem melhores...

Tento não chorar, mas isso é como uma faca me cortando, então se torna impossível não chorar... Maycon nem percebe a mudança, nem sei se realmente ela acontece exteriormente. Minha cabeça está confusa, meus hormônios loucos, e minha excitação em níveis altíssimos. É como se ele me levasse ao paraíso e ao inferno ao mesmo tempo. De repente, o sinto entrar em mim e o prazer supera toda a inquietação psicológica. O prazer nos consome, bom, consome a mim, ele, já não tenho mais certeza... Quando chegamos ao êxtase, ele deita ao meu lado. Já não me preocupo com seus pensamentos ou em ser o suficiente para ele, porque já sei que não sou.

Maycon me abraça, me sinto um pouquinho desamparada e deito como uma criança em seus braços. Começo a chorar, ele sente minhas lágrimas, mas não se atreve a romper meu silêncio. Já sabia dos prazeres incomparáveis da cocaína, mas ouvir dele que me ter é fichinha perto dela, me faz sangrar, sangrar muito... Algo dentro de mim grita me mostrando a verdade, grita me dizendo que sou eu quem precisa dele, preciso dessa noite, preciso como nunca precisei de ninguém, e é por isso que não aceito a droga da cocaína, porque ela não vai permitir tê-lo para sempre... E ainda que não tenha forças contra ela, não posso desistir de

lutar.

— Acha que podemos ficar assim para sempre, Maycon?

— Se você quiser, nós ficaremos assim, abraçados para sempre...

Dou-lhe um beijo e ele corresponde com amor.

Passo o fim de semana em sua cama com pizzas, refrigerantes e... cocaína, sim, ainda que ele não use na minha frente, ela ainda está presente... Mas o amor também está, nesses momentos ele se mostra forte ao meu lado, para aliviar minha dor.

Capítulo 27

Vou te esperar, só me resta esperar...

Nosso fim de semana se vai, minha autoestima está mais baixa que roupas de inverno em promoção no verão... Na segunda pela manhã, enquanto ele toma banho, me arrumo... É a última semana juntos antes da reabilitação. Quero que seja a melhor. Então me encaro no espelho e coloco a velha e boa máscara de que está tudo bem.

Antes de vestir minha blusa, reparo meu corpo e não consigo perceber nenhuma mudança, na verdade, tem mais curvas, porém nada relevante. Maycon joga na defensiva, se foi ofendido, de alguma maneira vai tentar ofender.

Ele sai e me abraça em frente ao espelho. Reparo seus traços, me perguntando como uma pessoa tão linda, inteligente, e que pode ter um futuro brilhante, se entrega de tal forma ao vício.

Ele interrompe meus pensamentos com um beijo. Antes de pegar a blusa, fico curiosa do porquê de tantas tatuagens...

— Quantas são?

— Trinta e sete, nesse braço tem vinte e seis.

— Ao menos tem significado?

— Tem sim, cobrir um braço com tatuagens que em sua maioria não me lembro do porque fiz... — sorri e sorrio junto.

— O outro não tem tantas...

— Ando sem tempo para ir ao estúdio.

— Mas não acha que já está demais? — sorrio.

— Não faz diferença.

— Vamos?

Descemos e tomamos chocolate quente feito em sua máquina de café expressos multibebidas.

Fico sem jeito, é por conta daquela velha pergunta que está entalada na minha garganta.

— Pode perguntar, sei que quer e tenho certeza que não é sobre a faxineira — ele me olha pacificamente.

— Por que deixar de usar algo que é infinitamente mais prazeroso que ficar comigo?

Ele pega nossas canecas e leva a pia.

— Quem te disse isso?

— Você disse que sexo é fichinha perto do prazer que ela te dá.

— Por isso está assim? Deprimida e tentando disfarçar?

Olho para ele, mecanicamente meu cérebro passa a ignorar seu nariz sempre fugando.

— É impressionante como se deixa abater por coisas supérfluas.

— Não é supérflua, você disse isso.

— Você interpretou assim, mas eu disse que o sexo é fichinha perto da coca, não disse que ter você é fichinha, na verdade, eu nem coloquei seu nome nessa frase, pelo menos não me lembro...

— Então, qual a diferença?

— Essa pergunta é bem estúpida vindo de uma pessoa que se julga inteligente.

— Por quê?

— Um vibrador substitui um homem?

— Desempenha um bom papel!

— Já usou? — ele me lança um olhar com malícia e ironia.

— Maycon! — Irrito-me, ele sorri.

— É difícil explicar, Elena, eu te amo, gosto de tocar seu corpo, de sentir você, de ter a sua companhia, e isso eu tenho apenas com você, um ser humano... Entendeu? — diz já pegando as chaves. Saio e entro no carro.

Maycon senta ao meu lado e seguimos. Quando percebo, ele liga para alguém, dizendo que chegou. Para em frente à casa da April. Ela sai, mal me cumprimenta e sorri lindamente para Maycon.

Seguimos em silêncio, no primeiro sinal ele pega um cigarro.

— Maycon, por favor!

Ele me olha, abre as janelas e acende o maldito cigarro, soltando a fumaça pela janela. Oferece um a April e ela aceita. Fico surpresa com ela, nunca a vi fumar. Lamento, esse é o tipo de pessoa tão fácil de influenciar.

— Usa cocaína também? — deixo as palavras saírem sem pensar e logo me arrependo.

Maycon me olha com raiva. April ri.

— Ganhei meu dia! — Ele diz, sarcástico.

April não responde. Chegamos e eu saio do carro às pressas, odiando sua atitude mesquinha com o cigarro.

— Elena, sua bolsa! — O escuto me chamar. Volto, ele termina o cigarro e se aproxima para me entregar — Não se esquece do que te falei sobre seu amiguinho, está bem? — sorri irônico, seu humor está péssimo, fico pensando o que fiz de errado. E não demora a resposta vir. Reabilitação mais o perfume do Keven. Dai-me paciência!

Apesar de querer mandar Maycon ir para o inferno, sei que um passo em falso

agora pode fazer com que ele desista, e voltaremos para a mesma, então tenho que ser paciente e muito... Pego minha bolsa e vou ao meu quarto, quando volto, eles ainda estão conversando, acabam indo juntos pelo corredor. Sinto ciúme e penso em como Maycon é um idiota, viciado de merda. Bom, e eu o amo... Que ódio!

As horas passam e com elas vão as aulas, nos vemos no refeitório, mas ele apenas me entrega o lanche. E eu que estava sonhando com uma semana perfeita, acabo de ver meu sonho ir por água abaixo. Maycon é estranho, não mente, mas joga sujo. E está jogando com April.

Por pirraça, não durmo com ele, afinal, nós dois somos idiotas, ninguém cede, mas não coloca um fim e o ciclo continua.

Na terça, percebo Keven distante, mas não o questiono em nada, nem ele a mim. Apenas me enche de elogios e faz afagos em mim quando estamos sozinhos. À noite, Maycon me busca. Não o beijo quando o vejo, ele dá um sorriso torto, não retribuo e entro no carro trabalhando na melhor carranca. Seguimos em silêncio.

Subo para o quarto antes dele e coloco minha bolsa sobre a estante. April já até postou fotos com ele em suas redes sociais. Na legenda, a biscate diz que são grandes amigos.

Maycon entra e me abraça, mas estou com tanta raiva que tiro seus braços.

— Vamos dormir, estou cansada e quero acordar disposta amanhã.

Ele apenas me encara, me olha de cima abaixo e suspira.

— É, eu estou arrumando a April para Jay...

— O quê? Ai meu Deus! Maycon, cala a boca, é sério, isso é a coisa mais ridícula que eu já escutei!

Ele desvia o olhar.

— Odeio a maneira como eu amo você, odeio de todas as formas possíveis de se odiar, Elena... Porque cedo ou tarde, isso vai acabar, e mesmo assim, eu sendo o idiota que sou, vou continuar te querendo. Acho que fui amaldiçoado a te amar por toda a vida, uma forma de pagar meus pecados... — diz sério e começo a rir. Sei que ele quer rir, mas segura. Sai do quarto, volta em seguida com um violão. Senta na cama e inicia alguns acordes.

Olha-me esperando que eu me sente, mas como estou me negando a fazer a vontade dele, apenas deito na cama e fico olhando.

Começa a cantar tão perfeitamente e eu reconheço a música: *Miss you love*, do Silverchair. Estou chocada porque ele canta melhor que a Jayde, e apesar da música não estar entre as minhas favoritas, porque sempre achei a letra bizarra, estou amando vê-lo cantar e tocar, e acho que começo a amar a música também...

Quando termina, ele sorri e guarda o violão. Não conversamos. Ele deita ao

meu lado e ambos ficamos olhando para o teto, mas não tem estrelas. Ficamos por uns cinco minutos, olho para ele, mas Maycon não cede, fica com um bico enorme e se mantém na mesma posição. Começo a rir e ele me acompanha, se vira e nossos olhos se encontram. Aproximo-me e o beijo. Ele continua.

Não diz que me ama, mas está escrito em seus olhos. Respiro fundo, absorvendo cada toque, sentindo todo meu amor explodindo por ele.

— Eu te amo, me sinto tão segura em seus braços...

— Eu também te amo, amo mais que tudo, mais que a cocaína, e se fosse inteligente, já teria percebido isso. Quero ter forças para abrir mão dela, para vencê-la por você, por mim e pelos nossos bebês... — ele ri.

— O quê? — pergunto confusa e ele continua sorrindo.

— Calma! Os bebês que teremos no futuro.

— Um futuro bem distante — friso, séria.

— Uns cinco anos, talvez mais... — volta a me beijar e correspondo. Sabe aquele ditado de que tudo que é bom dura pouco e acaba cedo? Ele é verdadeiro, passo uma noite maravilhosa com Maycon, mas o despertador me acorda dizendo que já acabou.

Pela manhã, Maycon acorda com mal humor.

— Que porra, hoje já é quarta!

— Bom dia também... — falo, ignorando sua irritação.

Ele se aproxima de mim e eu o abraço.

Começa a me beijar, e apesar de não ter preservativo, acabamos terminando ofegantes e suados.

— Ao invés de me deixar ir sozinho, porque não fugimos para qualquer lugar? — ele diz, acariciando meu cabelo.

— Qual lugar?

— Qualquer lugar que você queira... O importante é estarmos juntos...

Penso em suas palavras, mas estamos atrasados, sei que estamos.

— Sua proposta é tentadora, mas podemos ir depois que nos formamos... — digo assim, para não me referir ao "depois que largar as drogas".

— Acho que não consigo te convencer — faz careta — Promete me amar desde o dia que eu for até o dia que voltar?

— Hoje e sempre — nos beijamos mais uma vez. Arrumamo-nos sem muita vontade e chegamos no segundo horário. Quando vejo April, dou um sorrisinho para ela, sei que é infantil, mas não resisto.

A quarta passa e quando termina a última aula, me encontro com Maycon...

— Amanhã não vou vir, tenho que resolver umas coisas com meus pais. Por isso não venho te buscar hoje...

— Tudo bem — lhe dou um beijo. Despedimo-nos, mas assim que vejo April

entrar no carro, vou até a janela e dou mais um beijo em Maycon. É obvio que ele percebe o motivo, mas corresponde normalmente.

— Até amanhã, te amo...

— Também te amo. Até amanhã.

Ele vai e eu fico.

Passo o restante da tarde com Keven. A noite chega e sinto tanta falta do Maycon que chega a doer. Mando mensagens, mas ele não me retorna. Quando o sono vem com força total, me entrego.

A quinta chega, não quero dizer a Maycon, mas sinto um aperto tão grande no peito. Não é fácil ficar longe de quem se ama, ainda mais sem poder se comunicar, mas é regra da clínica.

A aula inicia, estou com saudade, muita saudade dele. Tento driblar essa ausência ocupando a mente. No último horário, já estou olhando o relógio e o amaldiçoando por não passar rápido como o faz quando estou com Maycon. Nessas horas ele se arrasta.

— Oi... — April me cumprimenta, sentando do meu lado.

— Oi...

— Nossa, tive uma noite perfeita ontem, na verdade estou até com sono...

— Que bom — digo sem interesse.

— Conheci a Jayde.

Olho-a sem entender.

— A Jayde?

— Linda, de olhos azuis, cabelo longo meio cacheado.

— Jayde mesmo?

— A Jayde do Maycon — diz e sorri irônica.

— Onde se conheceram?

— Eu e Maycon passamos a noite com ela no... Ai, como era mesmo o nome da boate? Ah, sim, Rehab, que ironia...

— O quê? — pergunto chocada.

— Chapamos todas, estou custando a aguentar... Sério, nem sei por que eu vim... Ah, sei sim, para te contar... — me diz com ironia. Levanta-se, me dando um sorriso. Pega suas coisas e sussurra para mim.

— Acho que ela postou fotos no facebook. Se ficar curiosa, dá uma olhadinha. Bom, já vou, tchau gatinha! — Manda-me um beijo.

Fico sem acreditar, Maycon não fez isso, não mesmo.

A aula termina, e como meu celular está carregando, corro para o quarto. Entro e jogo minhas coisas na cama. Pego meu notebook e fico sem paciência até em esperar ligar. Assim que o faz, entro no facebook e vou direto na página da Jayde.

Queria confirmar a mentira, mas a verdade está bem à minha frente.

A boate se chama Rehab. E por ironia, Jayde coloca na legenda do álbum de fotos:

“Indo para reabilitação ao estilo Jayde.”

Tem tantas fotos, e elas foram postadas hoje pela manhã. Maycon estava entre as duas, a cada foto ele bebe uma bebida diferente. Agora entendo porque ele não veio... Idiota. Penso duas vezes em não ligar, mas o faço na terceira, movida pela raiva. No quarto toque, ele me atende.

— Oi... — escuto sua voz sonolenta.

— Onde você estava ontem?

— Com a Jayde, por quê?

— Só com ela?

— Não, mas...

— Ah, vai à merda, Maycon! — Disparo com raiva e desligo.

Keven entra, mas em vez de chorar ou coisa do tipo, vamos almoçar e finjo normalidade.

A tarde e a noite passam, e como não atendo suas ligações, às oito horas, Maycon vem. Ignoro suas mensagens, ele diz que está na porta. E não demora para bater.

Keven se levanta para abrir, e mesmo sabendo que é Maycon, não o impeço.

Keven o vê e abre toda a porta.

— Vai atender? — pergunta, irônico. Maycon o ignora e entra. Com isso, ele sai.

— Não tem festinha para ir hoje não? — início sarcástica. Ele se aproxima e senta ao meu lado.

— Como eu falar não vai te fazer acreditar, pode ver as mensagens...

— Não quero ver mensagens, essa era a nossa semana e preferiu dormir sem mim ontem.

— Estou há semanas sem ver a Jayde.

— Não estou nem aí, ela foi porque quis.

— Para, você não é assim. Olha as mensagens, já que acha que aconteceu alguma coisa demais.

Ele me entrega o telefone e vejo. Conversa entre ele e Jayde. Quarta pela manhã:

Jayde 09h00minhs da manhã: - Maycon, jura que vai? A Elena vale mesmo isso?

Maycon - Me ajuda aí, né, Jay, já disse que sim.

Jayde - Acha que vai conseguir sair?

Maycon - Sem comentários, vou tentar pelo menos dois dias para ela parar de

encher a porra do saco... Mudando de assunto, conheci uma garota a sua cara, acho que dará certo.

Jayde - Garota tipo, Elena?

Maycon - Vai à merda. Sabe que não, garota estilo Jay.

Jayde - Ela curte minha praia?

Maycon - Não sei, mas depois de um bom porre passa a curtir...

Jayde - Hoje vou tocar aqui na cidade, depois do show vem me ver no Rehab e traz a garota. Sem Elena, vai ser nossa noite de despedida dos porres. Te amo e estou com saudade.

Maycon - Também te amo, então me marca aí hoje... Quero te ver antes de ir... Agora para de mandar mensagens que estou estudando porra.

Jayde - Foda-se. Vou passar o som agora, te vejo mais tarde... Preparei uma surpresa pra você... Bjs!

Maycon 22:47hs - Jayde, estou aqui fora, já chegou?

Jayde 22:47hs: Entra... Esperando!

— Qual era a surpresa? — pergunto, séria.

— Uma tatuagem com iniciais do meu nome...

Maycon pega o telefone e depois mostra fotos das duas se beijando. April é uma vaca mesmo.

— Satisfeita?

— Poderia ter me falado a verdade.

— Você não me deixaria ir.

— Por acaso eu mando em você?

— Manda, está me mandando ir para a porra da reabilitação.

— Era mentira isso de resolver coisas com seus pais?

— Não, passamos a manhã conversando sobre a clínica e como será o tratamento e assinando papéis. Vamos esquecer isso, são nossas últimas horas... Tem tempo pra me odiar depois — ele diz e me dá um sorriso meigo. Me beija, estou magoada, mas realmente são nossos últimos momentos juntos, e com esperança nessa vida feliz sem drogas, acabo cedendo. Pego minhas coisas e vou dormir com ele. Na sexta, Maycon me convence a não ir à faculdade, passamos o fim de semana grudados entre declarações de amor. Segunda pela manhã, seus pais vêm buscá-lo. Ele me entrega o seu telefone, pede para ficar com ele, passa a senha de suas redes sociais, trocamos fotos e blusas, tudo pelo perfume um do outro que fica nas roupas.

— Promete que não vai me esquecer?

— Sabe que isso é impossível.

— Eu te amo mais que tudo, por favor, quando o idiota do Keven chegar perto e tentar te cantar, tenta se lembrar de mim, lembra que faço por você, por nós...

— Maycon, eu amo você — entro no carro com ele, cumprimento seus pais que me deixam em frente ao Campus. Maycon desce e damos o último beijo, e pela primeira vez dói. Se pudesse, iria com ele. Ficamos um tempo nos braços um do outro.

— Amor, vamos! — Sua mãe chama.

— Não quero que sofra por mim, Elena, não quero que chore, quero que fique bem, que vá passar as férias com seus pais e volte a ficar bem com eles.

— Não é fácil, você sabe... Não sem você aqui comigo — seguro as lágrimas.

— Não é, eu sei... Me espera, prometo voltar pra nós e vamos recuperar esse tempo. Eu juro!

Ele sorri. Vira-se de costas e a cada passo de distância, meu coração se rasga. Ele entra no carro, me direciona seu último olhar, fazemos juras de amor das quais não existem palavras. Maycon se vai.

E ao vê-lo ir, começo a me perguntar quanto mal sua ausência me fará. Pego sua foto e aperto em meu peito, implorando para que ele consiga, implorando para que não sofra, para que volte me amando com a mesma intensidade. O vazio em mim cresce. Agora é real, não vou vê-lo hoje, nem amanhã, nem depois... Maycon se foi e não retorna tão cedo, ele se foi e meu coração se fecha com suas lembranças dentro ao perceber isso, bate forte e começo a sobreviver com sua respiração que está em mim... As lágrimas descem me perguntando como serão minhas manhãs, minhas tardes... Como será minha vida... A inquietude já se faz presente, me dizendo que não posso viver, não sem ele. Minha alma se cala e o silêncio dentro de mim se expande, tornando tudo deserto. Sinto-me mal, minha mente está inquieta, meu coração frio e minha alma sem lugar. Não tenho mais meu abrigo. Agora é certo, entramos em abstinência. E não sei quais os danos que ela irá nos provocar.

Olho sua foto mais uma vez, seus lindos olhos.

Vou te esperar, meu amor, hoje e sempre, porque distâncias não podem nos separar... Vou te esperar. Eu juro...

Capítulo 28

A realidade que bate à porta é oposta a que eu imaginei...

Entro em meu quarto, ainda não acreditando que Maycon se foi e vai demorar para voltar. Não é drama, mas o coração não se importa com razões. Simplesmente sente falta, e faz apenas alguns segundos, e já sinto sua falta. Talvez seja porque sei que, por alguns dias, não o verei, não receberei mensagens, não ouvirei sua voz... Será apenas o meu amor e eu.

Vejo Keven arrumar suas malas, está indo passar as férias com seus pais e primos. Ele educadamente fez o convite e até insistiu, mas vou ficar com meus pais, nesse momento preciso de um lugar familiar.

— Imagino que ele já foi?

Keven pergunta, se referindo a Maycon, enquanto conclui sua mala.

— Já, já sim.

— Dá para perceber pela sua cara.

— Está tão ruim assim? — pergunto, já prevendo a resposta. Keven apenas sorri e não responde.

— Quer uma carona até...

— Não — o corto — vou arrumar minhas coisas e já comprei a passagem, pego ônibus às seis da tarde. Obrigada, Keven.

— Tudo bem, então é isso, nos vemos em alguns dias — ele se aproxima e me dá um abraço; correspondo e ele se vai.

O Campus está quase deserto, não mais que eu, me sinto como uma árvore sem raiz, sem vida. Visto a blusa do Maycon, é como sentir seu abraço, seu perfume me conforta. Aquece o frio que ele deixou em mim. As horas passam e me perco em lembranças, em lágrimas, em esperança. Por fim, começo a arrumar minha mala. Como apenas um lanche. Quando chega o momento, me arrumo e pego minhas coisas.

Saio e tranco a porta, mantenho a foto do Maycon em minha bolsa, acessível a todo instante. À medida que ando, meus pensamentos viajam até ele, até nós e nossas lembranças.

Chego ao ponto. A noite começa a adentrar, em mim ela iniciou cedo, assim como o inverno. Estou presa a nós, presa a nossas lembranças, quando sou desperta de volta. Meu telefone toca, na verdade é o do Maycon.

Olho a tela, é sua mãe...

— Oi... — digo, sem jeito.

— Elena? Oi, tudo bem? É Emily...

— Tudo bem...

— Podemos jantar juntas hoje?

— Aconteceu alguma coisa?

— Não, apenas para te repassar como será o tratamento do Maycon e as regras. Estou próximo ao Campus. Então? Você pode?

— Estou no ponto, iria para a casa dos meus pais, mas posso ir amanhã.

— Não, não, assim que jantarmos, peço ao meu motorista para levá-la, não se preocupe. Só um minuto que estou chegando.

Passam dez minutos e uma BMW 428i para à minha frente. Sua mãe está com Isaac. Entro e ele pega minha mala, guardando no porta-malas.

— Tudo bem? — ele me cumprimenta e apenas sorrio.

Ao contrário de mim, seus pais parecem mais confortáveis, quase não falamos, ambos estão ao telefone.

Chegamos a um restaurante de luxo, me odeio por sempre optar por moletom confortável. Quando entramos, reconheço Jayde em uma das mesas. Eles seguem em sua direção e os acompanho.

— Boa noite — eles se cumprimentam e Jayde apenas diz oi.

Sentamos.

Jayde não me cumprimenta, na verdade, me ignora sem cerimônia alguma. Não sei por que ela me odeia tanto...

— Bom, vamos lá garotas, direto ao ponto — Isaac inicia. O garçom se aproxima e Emily faz os pedidos sem interrompê-lo.

O garçom se retira, volta com bebidas, nos serve e se retira novamente. Jayde, como sempre, está linda, apenas eu pareço esfarrapada. Mas pouco me importo, quero apenas saber de Maycon.

— Primeiramente, a clínica se localiza no interior do Estado, tem regras e, dessa vez, como o tratamento não pode ser interrompido e eles tem êxito em noventa por cento dos pacientes, acreditamos que Maycon finalmente vá se livrar do vício. Mas obviamente contamos com vocês duas para nos ajudar. Alguma pergunta?

— Visitas? — Jayde é a primeira.

— São monitoradas, só com autorização e sempre no segundo domingo do mês; como ontem foi o segundo domingo desse mês, só o veremos em um mês. Além do comprovante de autorização para vê-lo, ambas terão que frequentar semanalmente algum grupo de apoio aos familiares de dependentes químicos, e levar no dia da visita o comprovante de frequência. Aqui está a autorização de vocês. Mas, no dia certo, iremos juntos.

— Há outra forma de comunicação? — pergunto, segurando o choro. É muito

tempo sem poder vê-lo, tempo demais para mim.

— Por cartas, o endereço está no formulário de regras, ambas estão autorizadas a se corresponderem com ele, mas as cartas também são monitoradas pela equipe multidisciplinar, caso esteja escrito algo que atrapalhe no tratamento, não serão entregues. Tanto nas visitas como em cartas, devemos sempre incentivá-lo. Vou entregar o formulário a vocês, caso seja quebrada alguma regra, não podem voltar a vê-lo.

— Quanto tempo é o tratamento? — Jayde pergunta, assustada, contudo, até eu estou, não esperava tanta rigidez.

— O tempo de tratamento é de seis meses, sendo cinco meses em regime de internação, com uma ressocialização de fim de semanas no quarto mês, e um mês em regime ambulatorial. Nos disseram que este é o tempo necessário para a desintoxicação. Alguma dúvida?

— Não... — nós duas respondemos em uníssono. Emily nos entrega o formulário com as regras.

— Ah! Jayde, sei que está escrito no formulário, mas vou frisar para você. É proibido deixá-lo usar celular ou internet, deixá-lo entrar no carro, dar dinheiro, ir drogada ou bêbada. Você não está autorizada a levar nada, exatamente nada a ele, ainda que Maycon te peça. Se for pega, e pode ter certeza que será revistada antes, não voltará a vê-lo — Emily diz, firme.

Estou sem palavras, enquanto eles continuam conversavam com Jayde, começo a ler as regras.

Ao visitante:

*O Horário de entrada é das 11:00h às 12:30h.

*É obrigatório a apresentação do comprovante de frequência em grupos de apoio.

*Poderá almoçar com o residente. As refeições são preparadas por eles.

*É necessário a presença de todos na reunião das 14:30h.

*A visita se encerra às 17h

*Todos os visitantes deverão obedecer ao regulamento para visitantes.

Regulamento para visitantes:

*Todos os visitantes deverão apresentar comprovantes de frequência em grupos de apoio na entrada da clínica.

*Proibido deixar qualquer residente fazer uso de telefone celular ou ter acesso à internet sem a autorização da equipe multidisciplinar.

*Proibido deixar carros destrancados e permitir o acesso de residentes no

mesmo.

*Proibido trazer livros ou revistas de qualquer espécie sem autorização da equipe multidisciplinar.

*Proibido trazer rádio, MP3 ou qualquer outro tipo de aparelho sonoro.

*Proibido trazer bebidas alcoólicas ou outras drogas.

*Todos os visitantes passarão pela revista da equipe multidisciplinar.

*Proibido trazer alimentos que não estejam na relação de lanches para residentes.

*Proibido trazer cigarros, mesmo que o visitante seja fumante.

*Proibido sexo ou namoro abusivo.

*Proibida a permanência de visitantes nos quartos.

*Proibido deixar dinheiro com o residente.

*Proibido entregar correspondência ou qualquer objeto ao residente ou levar correspondência para fora, sem antes passar pela coordenação.

*Proibido ficar sem camisa ou trajes provocantes.

*Proibido sair com o residente das dependências da comunidade terapêutica.

*Proibido entrar alcoolizado/drogado na comunidade terapêutica.

*Proibido ministrar qualquer tipo de medicamento sem conhecimento da equipe multidisciplinar.

Proibido...

É tudo que continuo a ler. Quando inicio a leitura do manual do dependente, me surpreendo e muito. Tem horários rígidos para tudo, desde o banho, a realização da limpeza, manutenção do local, refeições, e até mesmo horários para dormir e levantar. Fora que os dependentes realizam todas as tarefas, o dia é todo preenchido, até mesmo a hora de lazer. Talvez seja o modo de ocupar a mente ao máximo.

Sei que é para o bem do Maycon, mas começo a me perguntar se vou sobreviver, se ele vai sobreviver. Afinal, durante esses quatro meses, o verei apenas quatro dias, ainda sim será com sua família e Jayde, para variar.

Antes que a tristeza da realidade me abata, sou interrompida pela voz de Jayde.

— Maycon não sabia que seria isso. Sabia?

— Não — sua mãe é direta.

— Tem como ele interromper o tratamento?

— Não, ele nem sabe onde está, fomos de jato e ele acabou dormindo.

— Então o enganaram?

— É para o bem dele, Jayde.

Ela me olha, sarcástica.

— Não tem como ele sair ou parar o tratamento? — ela enfatiza a pergunta,

me encarando.

— Não, só com nossa autorização — Isaac responde.

— Parabéns, Elena, ele vai te odiar em menos de uma semana. Você é a melhor namorada do mundo. Fora que, quando souber que está preso, vai querer te matar na primeira visita.

— Elena, não escute o que a Jayde diz. Na verdade, fez o melhor para o Maycon, e estamos imensamente felizes por isso, e como gratidão, pagaremos sua pós-graduação e doutorado, e mesmo se terminarem, vamos pagar para você...

— Não, eu não posso aceitar, não fiz por interesse, fiz porque quero o melhor para ele.

Seus pais insistem, e nesse momento só consigo pensar em como Maycon está reagindo a isso.

O jantar é servido, não tenho fome, apenas reviro o prato. Lagosta ao molho e saladas. Olho a rua, vejo pessoas entrarem com seus trajes chiques e conversas evasivas. Sinto-me um ninguém, não por elas, não pelo lugar, mas porque me sinto assim sem ele, e talvez o tenha perdido para sempre. Não ousa dizer mais nada. Faltam-me palavras durante o jantar, e quando ele termina, já são nove horas. Perdi o ônibus e só pegarei outro amanhã. Terei que voltar ao Campus.

Jayde entra no carro ao meu lado, detesto vê-la porque, no fundo, suas palavras têm mais razões do que gostaria.

— Podem me deixar no Campus?

— Não vai para a casa dos seus pais?

— Sim, mas perdi o ônibus...

— Sem problemas, meu piloto a deixará lá, chegará em duas horas — Isaac sorri.

— Não precisa, eu posso esperar amanhã.

— Deixa de ser idiota, não faz diferença para eles — Jayde interrompe rude; Isaac e Emily riem discretamente.

— Você é um poço de ignorância, Jayde. Uma comédia — Isaac diz sorrindo.

— Ah, Elena, cartas, só após a primeira visita, devido ao primeiro mês ser o mais difícil — Emily diz me olhando.

— Pode me deixar a par de tudo?

— Sim, claro, meu anjo. Ele te mandou um beijo, falando nisso, disse que te ama e para você não o esquecer.

Pergunto-me se isso foi antes ou depois de saber que ficará por meses, obviamente foi antes. Assim como falaram, primeiro Isaac deixa Emily em sua casa e nos despedimos, depois leva eu e Jayde à sua mansão. Ele tem uma pista de pouso no jardim e o jato já está à espera. Pegamos nossas coisas e seguimos.

Não conversamos mais, não faço ideia de onde Jayde está indo. Precisamente duas horas passam quando o copiloto avisa que pousará no aeroporto da minha cidade. Desço e um táxi já está à minha espera. Passo o endereço e em minutos estou em casa.

Minha mãe me recepciona. Fica surpresa e me pergunta o que há de errado ao me ver desanimada.

— Maycon foi para a clínica de reabilitação, ficará lá por seis meses.

— Então ele realmente quer sair?

— Sim, Tenente Natalie — digo e dou um sorriso triste.

— Ouviu isso, Tenente Johnson?

Meu pai a ignora, mas minha mãe me dá um abraço confortador. Preciso disso, preciso mesmo. Não demora e subo para meu quarto, onde me enterro.

Os dias passam e passo com eles. É monótono, sempre o mesmo eco, a mesma canção, sem princípio ou fim, as horas não marcam o tempo e ele perde o sentido. Meu céu não tem mais estrelas, não tem mais nada...

Minha mãe tenta me consolar em minha depressão sem fim. Começo a questionar se Maycon se esconde das pessoas como eu, não come direito, se reprime e prefere se isolar no quarto. Pergunto-me se ele fala sobre mim, se sente minha falta e se minha ausência dói tanto como a dele dói em mim. Quando acho que não suporto mais, que cheguei ao limite, fecho os olhos e o sinto em mim, seu cheiro. Minha mãe reclama porque não tiro mais sua blusa, mas é tudo que me resta dele. Vejo sua foto, seus olhos, seus lábios. Sinto seu beijo, seu abraço... O momento passa e a solidão volta a me assombrar.

A porta se abre e minha mãe entra.

— Elena, já estamos preocupados com você. Mal come, se tranca o dia todo no quarto. Isso é tortura. Faz apenas uma semana que veio e já está em um estado preocupante. Sei que gosta dele...

— Mãe, eu o amo, é diferente. Não me sinto bem, fico pensando como posso sobreviver, porque essa solidão está me consumindo. Hoje seus pais falarão com ele e estou esperando por notícias. Estou esperando que ele me mande um recado... Não sei, quero apenas esperar aqui...

— Meu anjo, se esse rapaz quer mesmo mudar por você, é sinal que ele te ama. Então, por que tanta insegurança? Quando for visitá-lo, ele vai se assustar se continuar confinada no quarto chorando...

— Mãe, eu sinto muito, mas não quero sair, quero continuar aqui.

— Tem alguém te esperando lá embaixo...

— Não quero ver ninguém...

— Nem o Keven?

— Keven está aqui?

— Sim...

Levanto-me sem ânimo. Quando estou saindo, o telefone de Maycon toca, corro para atender. É sua mãe:

— Elena, tudo bem?

— Sim, e o Maycon?

Ela suspira.

— O esperado, primeiro implorou chorando para o tirarmos, quando viu que não adiantava insistir, passou a usar apelo emocional, e depois disse que vai se matar. Resumindo, o esperado vindo do Maycon.

— E o tratamento?

— Ele está tendo náuseas, chegou a ter convulsões, às vezes hiperativo, às vezes depressivo, tem tremores. Nesses dois últimos dias teve alucinações, insônia. Está agitado e se nega a realizar terapia individual e em grupo. Reclama de muito mal-estar, diz que estão dando a dose errada de remédios. E por aí vai, uma longa lista de reclamações.

— Mas vão desistir do tratamento?

— Não, não podemos fazer isso. Maycon chegou ao limite, seu corpo já nos deu todos os sinais que não suporta mais continuar se sucumbindo ao vício. Infelizmente, essa é a realidade de uma abstinência aguda que dura até dez dias após o último uso, depois vem a abstinência demorada, que é a pior, pois nessa pode haver recaídas. Mesmo após meses, anos. É difícil, uma luta sem fim — Emily chora ao telefone, tento me controlar por causa da minha mãe.

— Dói tanto vê-lo assim, mas na última vez, ele chegou ao limite, fora que está emagrecendo e seu sistema imunológico está fraco. Maycon se trancava todo o fim de semana no quarto e ficava cheirando cocaína, não saía nem para beber água, acredita? É impressionante e deprimente como a droga faz a pessoa chegar ao fundo do poço. Sei que já passei por isso, mas é meu filho, e não vou desistir dele. Entende?

— Mas eles estão dando remédio para ajudar?

— Estão, só que essa merda de cocaína é a mais difícil de combater os sintomas, visto que os remédios apenas aliviam um pouco, mas não combatem todos os sintomas. E, ainda sim, ele brigou feio com o médico porque insiste em dizer que as doses estão baixas.

— Mas estão?

— Não, é o máximo, o limite. 400mg de Toripamato para redução da fissura e 400mg de Modafinil para ajuda na manutenção da abstinência. Quero tanto acreditar que ele vai sair dessa. Mas se ele não quiser realmente, não adianta.

— Eu também tenho fé, ele vai conseguir. Mas não existe nada eficaz? Digo, que o ajude melhor.

— Não, estão tentando uma nova vacina, mas não está aprovada para testes. Essa droga veio do inferno, só pode. Dói tanto vê-lo sofrer, mas espero que desta vez seja a última. Sabe, eu e o pai dele esperávamos essa reação, já passamos por isso, e é sempre assim. Só que agora é questão de vida ou morte — ela conclui e me preocupo.

— Desculpa, Elena, sei que esperava que dissesse algo sobre você, mas além de serem dez minutos apenas, a falta da droga lhe ocupa todos os pensamentos. Sinto muito, mas não desista, ainda não é o Maycon, é a abstinência, e uma hora vai passar, ele vai ficar mais racional e vamos tê-lo de volta. Vou ser sincera, quando perguntei por você, ele nem soube responder e disse que eu estava mudando de assunto. Insistiu mais um pouco e finalizou dizendo que odeia o pai e a mim, e que estamos o matando. Desculpa — volta a chorar — É tão difícil escutar todos os insultos. Eu sou mãe, meu filho sofre e eu sofro junto... Vou desligar, querida, semana que vem te dou mais notícias. Cuide-se e viva sua vida, não se mantenha tão presa a ele, tudo bem? Mais uma vez, obrigada por tudo.

Ela desliga e desmorono em lágrimas, minha mãe me abraça sem entender.

— Acho que o perdi, mamãe...

Choro e desespero-me a cada lágrima. Não posso acreditar que sou tão impotente perto da cocaína, não posso acreditar que nosso amor não existe mais para ele, que tudo que vivemos se foi com a falta dela. Começo a me perguntar se era real para ele, se realmente me ama. Começo a perguntar se sou real até mesmo para mim. Minha mãe me deixa na cama e vai pegar um copo com água. Escuto a porta se abrir. Não olho para ela.

— Acredita que ele nem sequer perguntou por mim? Maycon só sente falta da cocaína. Nosso amor não existe, não perto do amor dele por ela — digo chorando. Escuto seus passos.

— Não senti porque ele é um idiota e não merece você. Porque eu senti, por isso estou aqui, porque senti e muito a sua falta...

Viro-me e Keven me abraça, tentando aliviar minha dor e me permito ser invadida em meu esconderijo por ele...

Capítulo 29

Ainda existe?

Saio de seus braços. Estou sem coragem para encará-lo.

— Vai ficar tudo bem Elena, isso passa.

— Já sentiu?

— Você amar alguém e achar que essa pessoa pouco se importa? — Ele me olha e dá um sorriso tímido.

— Está sendo injusto, sempre me importei com você.

— Eu sei, desculpa. Vamos dar uma volta, esse quarto está muito depressivo.

Penso um pouco, olho a minha volta e sou obrigada a concordar com Keven. Peço licença, vou ao banheiro, me olho no espelho e meu reflexo me assusta. Estou horrível, me arrumo sem abandonar a blusa do Maycon. Prendo o cabelo e volto ao quarto.

— Vai ficar por aqui?

— Alguns dias com você, caso queira, é claro.

— Está com você é sempre bom.

— Tem só uma regra?

— Qual?

— Nada de falarmos do Maycon e sem essa blusa porque ela não combina com você. — Ambos sorrimos.

— Tudo bem, acho que posso cumprir isso. — Tiro a blusa e visto uma minha. Seguimos para sala e vejo minhas irmãs darem risadinhas maliciosas. Keven corresponde. Aviso minha mãe que vamos dar uma volta, ela apenas sorrir concordando. Saímos, quando chegamos à calçada Keven pega em minha mão.

— Elena, onde quer me levar?

— Como assim? Você que me chamou.

— Para dar uma volta, mas não conheço nada por aqui.

— Tudo bem, vamos a um lugar mágico então. — Solto sua mão e começo a correr, não sei se Keven faz charme ou simplesmente me deixa seguir a sua frente. Corremos até o parque da cidade. O vento gélido, as folhas caindo das árvores, a paisagem invernal dá a sensação de algo irreal. Esvazio minha mente e deixo lembranças de minha infância do lugar me preencherem. Paro próximo ao lago. Tudo tão perfeito. Sinto os braços de Keven, desejo que fossem os do Maycon, mas não são. Ele não está aqui, e não vai estar. Keven me abraça forte, tão forte. Seu doce perfume paira no ar. Sinto sua respiração quente próxima a

mim.

— Aqui é lindo!

— Passei minha infância aqui. Me traz muitas lembranças.

Keven se senta sobre a grama, sento do seu lado e apoio minha cabeça em seu ombro. Escuto o vento cantar sua canção. Sinto falta do Maycon, é tudo que ela me diz. Me viro e olho nos olhos do Keven.

— Já sonhei com você. — Sorrio e começo a chorar. Ele me abraça.

— Desculpa Elena, poderia ter evitado tudo isso.

— Como faço para acabar com essa dor? Como faço isso deixar de me consumir como um tumor? Me diz Keven, diz que amanhã vou ficar bem, que quando for me deitar, vou amar mais a mim que o Maycon. Desculpa-me, não era para falar sobre ele.

— Tudo bem! Quer falar sobre ele, fale. Mas se permita viver, se permita ser livre. Ainda que seja por motivos irrelevantes. Prefiro ouvir sobre ele a ficar aqui tentando decifrar seu silêncio.

— Estou sentindo nosso amor tão inalcançável, tão intocável agora.

— Dói te ver sofrer por alguém que nem sequer pensa em você. Elena, como posso te ajudar se você nem ao menos se ajuda? Ficar se crucificando por ele não tem sentido. Tente relevar, você é mais forte que isso, eu sei que é...

— Mas a dor é tão real...

— Eu sei, sinto isso ao te ver com ele. Ao te ver sofrendo por ele. Mas não a deixo me dominar.

— Você me ama mesmo? Me ama acima de qualquer coisa?

Olho em seus olhos.

— Muito mais do que possa imaginar.

Me abraça, e começo a me perguntar, se Keven me ama acima de tudo, por que Maycon não pode me amar? Por que não posso ser suficiente para ele? As lágrimas voltam e as enxugo, me negando a aceitá-las.

— Elena, olha para mim...

O olho, ainda chorando.

— Tudo bem, você o ama e está mais que claro para todos nós, mas como vai ser forte para o Maycon, ajudá-lo, se você continuar assim?

— Ele nem se lembra de mim.

— Lógico que ele lembra... — toca meu rosto — Não tem como esquecer de você. Elena, eu sei que é mais forte que isso. Maycon está lá e você aqui, essa é a realidade agora, e até poder vê-lo novamente, tem que seguir seu caminho. Porque toda a dor que há aí dentro não pode anular sua força, não pode anular a Elena que você é. Não poderá nunca apagar o seu caminho.

— Não sei se consigo...

— Então vou ter que te mandar para uma clínica de reabilitação para dependentes de Maycon — ele diz tão sério que acabo rindo.

— Elena, eu estarei aqui, mesmo quando achar que não consegue mais, ainda que seja para te dar um chute. Pode me ligar quando precisar conversar, quando se sentir sozinha e quando sentir falta dele. Apesar de odiar essa parte... — suspira — Vamos tomar um café, sei lá. Ficar aqui não está ajudando. Ah, vou te levar a uma festa hoje.

— Não, nem pensar.

— Vai sim, querendo ou não.

— Não conhece a cidade.

— Não é aqui. E você vai, nós vamos, vou te levar para o mau caminho, só não pode contar para o seu pai.

— Keven, por favor, eu não quero.

— Maycon pode estar em uma festa agora, você não sabe...

Ambos rimos.

— Para com isso, coitado.

— Coitada de você que está pior que ele, mas não vai continuar, não comigo aqui. Está vendo como precisa de mim?

Sorrimos e seguimos para a lanchonete. Passar o dia com Keven é agradável, ele consegue driblar minha depressão e ocupar minha mente.

À noite, nos arrumamos e saímos. Deixo as desculpas para Keven dar aos meus pais, porém, me impressiona como meu pai permite sem objeção alguma. Ele vê em Keven minha última salvação do caminho obscuro chamado Maycon.

— Você está linda!

Diz ao abrir a porta para eu entrar no carro. Keven é bonito, charmoso e extremamente educado, não fala palavrão e parece me amar, parece sincero esse sentimento. Hoje é sábado e quero apenas esquecer o Maycon, nem que seja só por uma noite.

Ele dirige por duas horas, conheço a cidade, é vizinha a minha. Estaciona e entramos em uma casa de show. Conheço o lugar, está cheio, mas o garçom indica uma mesa para nós. Sentamos e Keven pede bebidas. Não acredito que vou tomar uísque. O olho, surpresa.

— Relaxa que tudo tem a primeira vez. Está comigo, está segura — ele diz e ri.

A música é contagiante. Keven me serve o primeiro copo. Enche o dele e me observa.

— Está me desafiando? — pergunto sorrindo, ele apenas levanta o copo.

Nós dois viramos, ele enche novamente, e depois do quarto, paro de contar. Tudo parece perfeito, não sinto dor pelo Maycon, e começo a perceber como a

boca do Keven é linda. Olho seu corpo, ele tem um belo físico. Sorrio feito idiota por meus pensamentos maliciosos.

— Por que está rindo?

— Porque ganhei de você — falo, sorrindo feito idiota. Na verdade, tudo roda e acho que estou bêbada.

— Eu ainda estou sóbrio e bebendo, e para você já acabou, é muito fraquinha — ele debocha.

— Quero dançar. Quer dançar comigo?

— Vai conseguir dançar?

Confirmo com a cabeça, levanto e quase caio, mas sinto as mãos de Keven me segurar.

Vamos à pista e começamos a dançar, me sinto segura, me sinto bem. Continuamos com aquele lance de olhos nos olhos e sorrisos. Keven é tão lindinho e sexy. Dança bem e eu mal. Mas não me importo, hoje é minha noite de foda-se Maycon e sua cocaína. E estou adorando ela. Adoro música latina, amo salsa e toda a sensualidade que ela envolve.

Tudo continua girando e só não caio porque Keven não deixa. Ele me puxa contra seu corpo como a música pede. Olho em seus olhos, acho que vou beijá-lo. Ele percebe isso.

— Elena, você está bêbada. Vamos só nos divertir, nada para se arrepender depois.

— Está me dispensando? — sugiro, já gargalhando.

Keven não responde, mas para de dançar e me puxa de volta para a mesa. Começa a tocar nossa música *Ops!*, da Britney.

— Você é um chato, essa música é nossa.

— Jura?!

Ele diz me ignorando, sentamos e me aproximo dele. Keven ri o tempo todo, mas são aquelas risadinhas que nunca sabemos o que significa.

— Já sonhei com você. Já sonhou comigo?

— Ah, meu Deus! Você é um perigo bêbada — ele ri.

— Foi bom, não quer saber?

— Não, ainda dividimos o mesmo quarto e você tem namorado.

— Por que não foi você meu primeiro? Por que teve que ser o idiota do Maycon, ele é gostoso e tal, mas ninguém merece gostar de um viciado. É injusto, a droga sempre vem primeiro que eu, entende?

— Está bom, Elena, chega... — ele ri, mas fica desconfortável ao me ouvir falar do Maycon.

— Ele tem ciúme de você, Keven, muito... — suspiro — Olha que injusto, se você tivesse me dado uma chance antes, estaria tudo perfeito. Nosso quarto teria

apenas uma cama, o que nos daria espaço para uma estante e outra cômoda.

— Faria sexo comigo todo dia? — ele me pergunta, direto, e me deixa vermelha, muito mesmo. Keven ri debochadamente. Desvio o olhar — Não quer mais falar sobre isso? — ele insiste.

— Quero, eu faria, faria porque te acho gostoso. Tem um corpo sarado e...

Ele continua rindo.

— Tomara que não se lembre de nada disso amanhã, desejo mesmo.

— Talvez eu queira lembrar. Não sou tão inocente assim.

— Eu sei, pontos para o Maycon, né!

— Para, seu idiota, porque tem que me lembrar dele se eu já esqueci por hoje...

— Só por hoje... — ele deixa escapar.

O efeito da bebida começa a pesar em mim, meu estômago embrulha, e acho que é melhor ir embora.

Gesticulo minha intenção a Keven, ele entende, se levanta e paga a conta.

Seguimos para o carro.

— Por que não fica comigo e tenta me fazer esquecer-lo? Por que não minimiza tudo que estou sentindo aqui? — coloco a mão em meu coração.

— Se fosse funcionar, eu faria, e teria prazer em fazer, mas isso só vai agravar sua dor. Eu não quero isso, não quero entrar em sua vida como substituto de uma noite, se não for para ser o único e para sempre.

Ele segue.

Acordo com o sol em meu rosto. Reconheço o lugar, meu quarto. Como vim parar aqui? Não faço ideia, me lembro apenas de sair ontem com Keven e algumas bebidas, eu dando descaradamente em cima dele. Não acredito que disse a ele que o acho gostoso, onde eu estava com a cabeça? Que vergonha. Falando em cabeça, a dor de cabeça me faz não pensar muito. Mas, de alguma forma, me sinto forte com Keven, ele desperta esse meu lado.

Levanto e tomo um banho. Quando desço, Keven está conversando com minha irmã, ele me olha e dá um sorriso, sei muito bem o porquê. Lembro-me do grupo de apoio que tenho que frequentar, ligo para minha mãe e ela diz que conseguirá para mim um comprovante sem que eu tenha que passar por isso. Diz que meu pai não vai me permitir passar por isso. Não me oponho, não quero passar por isso mesmo, ainda mais acreditando que Maycon já deve me odiar.

Tomo café, estou na cozinha lavando louça quando sinto Keven me abraçar por trás. A maneira me lembra Maycon, que ódio de mim por amá-lo, ódio por

dar em cima do Keven. Estou louca, muito louca mesmo.

— Dormiu bem?

— Dormi, obrigada, Keven, e desculpa por ontem.

Ambos rimos.

— Esquece. Não levei em consideração — sorri sem jeito — Mas posso levar se quiser?

— Talvez quando eu for solteira...

— Acha que ele vai terminar com você?

— Segundo Jayde, sim.

— Bom, eles moram juntos há anos, ela deve saber o que fala...

Termino de arrumar a cozinha. Keven seca as louças e eu as guardo.

— Formamos uma boa dupla.

— Com certeza. Mas o que vamos fazer hoje?

— Andar de bicicleta com as meninas no parque, o que acha?

— Programão — diz com sorriso sarcástico.

Os dias passam, continuo chorando de noite, mas me permito respirar, me permito viver, ainda que nada faça sentido. Tento não pensar em Maycon, mas até em não pensar, eu penso. Olho sua foto e não sei o que dizer, acho que estou mudando, que algo está mudando em mim.

Keven fica uma semana, e é a melhor semana das minhas férias. Sinto-me sozinha e sei que Maycon não vai espantar essa solidão, me sinto insegura e a dúvida me corroí. Mas não há nada que eu possa fazer. Estou no escuro sem poder dar um passo para perto dele. Seu celular descarrega, quando vejo, já é tarde, e provavelmente sua mãe não vai mais ligar. Mas não sei se quero ouvir o que ela tem a dizer, as lembranças de nós juntos é tudo que preciso para essa noite.

Olho para sua foto mais uma vez. O amor não trouxe luz para minha vida, ele trouxe desespero, dor e escuridão.

As semanas passam, as férias se vão, sua mãe me ligou sábado passado, nada animador, como sempre ele reclamando e implorando para sair. A única coisa boa nisso tudo é que, pela primeira vez, vou conhecer o Maycon sem droga alguma. A dor continua escondida bem funda em meu peito, sua ausência ainda dói em mim. Amanhã vou vê-lo e não sei o que esperar... Não sei o que dizer, estou com saudade, mas não sei se adianta dizer que o sinto. Tudo vai depender de amanhã. Despeço-me da minha família e meu pai me leva ao ponto. Não demora e o ônibus chega.

Entro e cochilo. Quando acordo, estou de volta ao ponto próximo ao Campus e desço. Alguns alunos já estão de volta. Vou ao meu quarto e desfaço minhas malas. Passei um mês sem o Maycon e, de alguma forma, sobrevivi. Arrumo

minhas coisas de volta ao guarda-roupa. Lembro-me da noite com Keven. Aquele idiota. Sorrio feito boba. Termino e limpo meu quarto. Tiro poeira e tento ocupar minha mente ao máximo. Estou ansiosa, confiro meu comprovante no grupo de apoio. Minha mãe conseguiu para mim. Não sei nem que assuntos eles falam em um grupo, mas imagino que seja o que o título sugere, um apoio.

Quando termino minha faxina, está na hora de dormir. Pelo menos para mim. Esforço-me para isso após o banho, mas é inútil, então recorro a remédios.

Quando acordo, olho o relógio, são oito da manhã. Estou ansiosa, estou péssima na verdade. Coração acelerado, expectativas que afloram a cada segundo. Não sei se devo tê-las, mas não tenho controle sobre isso. Tomo café. Logo depois que termino, o telefone do Maycon toca. É sua mãe.

— Elena, iremos te pegar às dez horas, tudo bem?

— Tudo...

Confirmo e ela desliga. Arrumo-me formalmente, decorei as regras e sei que não devemos usar nada provocante. Às dez, já estou pronta.

O carro da sua mãe para e entro, apenas eu e o motorista. Ele me leva à casa de Isaac, cumprimento a todos e Jayde está entre eles. Apenas eu, ela e seus pais entramos no jato. São cinquenta minutos de voo.

Quando o jato pousa, entramos em outro carro. Todos estão ansiosos, inclusive Jayde, apesar de tentar disfarçar.

— Trouxeram o comprovante? — Emily pergunta.

Jayde é a primeira a entregar.

— Nossa, Jayde, fico feliz por você fazer isso. O que aprendeu?

— Qual é? Isso é sério? — responde rude a Isaac, que ri.

— Vamos ver se realmente foi?

— Que devemos mostrar total apoio e incentivá-lo a continuar o tratamento até o fim, não devemos confrontá-lo, mostrar o quanto o amamos, que ele não precisa de drogas... E outras paradas aí. Satisfeitos?

Sinto-me péssima, ela foi e eu não, tudo porque não quis. Como finjo não prestar atenção, eles não me incluem na conversa.

Chegamos, descemos na portaria, nos identificamos, entregamos nossas autorizações e comprovantes. Passamos pela equipe de moderação, eles nos instruem sobre como nos comportar. Deixamos nossas bolsas no carro. Estou suando frio. O lugar é lindo, parece um parque ecológico, tirando os muros e toda a segurança, mas parece ser confortável e tranquilo. Antes de Maycon vir, uma jovem de jaleco vem a nossa mesa.

— Bom dia! Tudo bem? Eu sou Katherine, psicóloga do Maycon. Conversei por telefone com Emily.

— Sou eu — Emily levanta e a cumprimenta. Ela é nova e bonita, conversa

bem, que idiotice, ela é psicóloga, lógico que conversa bem. Ambas se afastam um pouco, mas posso escutá-las. Ela fala sobre Maycon e seu quadro clínico; estou tensa, muito. Apenas percebo como ela o elogia e chega a falar de todas as suas qualidades, inclusive faz mais de quatro vezes, referencia a sua beleza. É estranho isso para uma psicóloga. Mas, em seguida, ela frisa seu gênio difícil e sua relutância em aceitar o tratamento, por fim, agradece e diz que irá chamá-lo.

Sentamos à uma mesa. Ela se vai e não demora para Maycon surgir. Meu coração salta pela boca a cada passo dele. Ele nos olha desconfiado. Engordou um pouco, está em um conjunto de moletom, tão lindo. Quero chorar de emoção.

— Não vieram para me levar, não é mesmo? — ele diz, se aproximando de Emily, e é tão reconfortante escutar sua voz. Jayde se aproxima e o abraça chorando, depois de minutos ela o solta. Não sei como reagir.

— Maycon, vamos fazer esse dia agradável, amor... — Emily diz e o abraça, ele corresponde, mas não diz nada. Seu pai é o próximo. Dá um abraço nele. Meu coração bate a mil. Sinto tanta saudade, quero abraçá-lo, beijá-lo, mas não consigo me aproximar, não sei por quê.

Todos me olham, inclusive Maycon. Como não ando, ele se aproxima.

— Elena...

— Maycon...

Ele me abraça. Quase desmorono em seus braços. Ele me olha, acaricia meu rosto. Mas quando olho em seus olhos, sinto receio, sinto frieza. Não é o mesmo. Ele força um sorriso e me abraça novamente. Não sei o que há, mas algo está errado.

— Você me colocou aqui e vai dar um jeito de me tirar hoje mesmo, entendeu? — ele sussurra em meu ouvido e fico paralisada.

— Senti minha falta? — pergunto, voltando a olhá-lo. Maycon desvia o olhar, parece que nem ele tem a resposta, tudo desmorona em mim. Ele senta e nem sei se quero sentar ao seu lado. Quando a gente ama, consegue pressentir o fim, e agora ele me parece tão próximo que não quero presenciar.

Seus pais sentam de frente a ele, Jayde senta na lateral e me resta o lugar ao seu lado. Sento-me e ele coloca a mão em minha coxa. Olho para sua mão sem entender.

— Mãe, olha, estou um mês aqui, estou mais limpo que minha avó no cemitério. Posso controlar agora. Me tire daqui, por favor, isso é o inferno, é rígido demais.

— Eles te maltratam? — seu pai pergunta de forma direta, sua vantagem é que Maycon não mente.

— Não, mas se não cumprir as regras, têm punições. Mas eu pouco me importo.

— Maycon, você ficará mais três meses e poderá sair, mas tem que cooperar, tem que seguir o tratamento. Olha pelo lado bom, amor, está se saindo bem...

— Não tem lado bom, continuo louco para usar e essa fissura não passa, vão me matar se me deixarem aqui...

— Então, se sair vai continuar usando da mesma forma? — pergunto, e pela cara de todos, acho que foi uma pergunta errada.

— Não, Elena. Eu vou controlar, nada de exagero, vou usar socialmente.

— Vai morrer, isso sim — digo com raiva e ele me olha com mais raiva ainda.

— Você quer que eu fique, não é, Elena? Por que já me substituiu, não é?

— Pelo amor de Deus! Isso é irrelevante. O dia está lindo, vamos aproveitá-lo. No fim, você volta a tentar convencer seus pais — Jayde conclui, e pela primeira vez, diz algo sensato.

A conversa continua, me sinto sem lugar, não estava preparada para essa visita. Agora entendo que tem motivos para se frequentar um grupo de apoio. Maycon continua insistindo e toda a situação é frustrante.

Ninguém rebate, e quando ele finalmente vê que é inútil, se cala. O horário do almoço chega, seu pai inicia outra conversa e ele acaba se entrosando, contando como está sendo sua rotina. Tento demonstrar interesse, mas o perdi há horas. Depois do almoço, vamos à área de lazer. Tem outras famílias, na verdade está cheio. Não tenho mais assunto, não é o Maycon, pelo menos não o que dizia me amar. Maycon anda com Jayde e seu pai enquanto eu e Emily sentamos no banco. As famílias acabam conversando entre si e com outros dependentes.

— Elena, sei que isso é novo para você, e não quero que se sinta forçada a vir. E, se não quiser, é só dizer.

— Emily, desculpa, desculpa por isso...

Ela não responde, se levanta e vai até eles.

O dia passa, e com ele se vai toda minha esperança. Às duas e meia, participamos da reunião que se resume ao tratamento, dependência e apoio da família. Depois, voltamos à área e volto ao banco sozinha. Maycon se aproxima enquanto seus pais estão distraídos, conversando com outras famílias. Ele senta e me abraça. Evito olhar em seus olhos.

— Não posso fazer nada para te tirar daqui... — adianto.

— Você sabia que seria assim?

— Não.

— Teria feito diferente se soubesse, teria me contado?

— Não sei, Maycon. Mas entendo se quiser terminar...

— A odiei nos quinze primeiros dias, depois me odiei por isso. Agora, eu não sei, mas de alguma forma, sinto sua falta.

Olho para ele. Aproximo-me, mas quando vou beijá-lo, ele se afasta.

— Já está difícil com todas as nossas lembranças, acho que nenhum dos dois precisa de mais. Fora que não podemos passar de um beijo e sabe que não desejo só isso de você. Prometeu ficar do meu lado, mas sei que já quebrou promessas antes, então, se não quiser continuar, não precisa. A desculpo por me fazer passar por isso, porque com ou sem você, eu estarei sozinho mesmo...

Tenho vontade de voar nele e agredi-lo. Todo esse tempo e eu chorando todas as noites, me isolando e sentindo cada segundo a dor da sua ausência, e ele se comporta como se só ele sofresse.

— Tudo bem, então acaba aqui, desejo boa sorte no tratamento e sinto muito por tudo. Levarei boas lembranças nossas...

Termino e quando olho, Maycon está decepcionado. Não consigo entender.

— Por que desiste tão fácil de mim?

— Porque não posso lutar sozinho...

— Eu estou lutando sozinho, lutando contra a vontade imensa de me matar por falta do pó, lutando contra a saudade que tenho de você. E tentando apagar qualquer dúvida de que não vale a pena. Mas você vem e, como sempre, me mata.

— Não consigo assim, Maycon.

— Ainda te amo, Elena, te amo como antes, mas estou em um momento complicado. Perdido. Pode me entender? — me olha, não respondo — Você ainda está em mim, desejo e pretendo voltar como prometi a você, mas entendo que não consiga cumprir promessas — se levanta, mas quando dá o primeiro passo, o puxo. Olho em seus olhos e ainda me vejo neles.

— Maycon, eu te amo, te amo com a mesma intensidade de antes.

Deixo as lágrimas correrem e, sem permissão, o beijo... O sinto corresponder e isso é tudo que precisávamos para saber que nosso amor existe, que ele é real para nós e ainda está aqui. Vivo e sobrevivendo a isso.

Capítulo 30

Colapso

— Ainda sou eu, ainda estou aqui por nós — ele sussurra em meu ouvido. Olho em seus olhos. São os mesmos os quais me perdi um dia e até hoje não voltei a me encontrar.

— Está sendo tão difícil para mim sem você.

— Eu sei, amor, aqui também não é nada fácil, mas ainda estou respirando. Isso conta, né?

Sorrimos.

— Eu te amo, Maycon, você me ama?

— Mais que tudo, pode ter certeza disso.

Ele volta a me beijar e me sinto mais estável mentalmente.

Sentamos no banco e ele me deixa em seus braços, fica acariciando meu cabelo até chegar o momento de irmos embora. Não quero, não sem ele, mas sou obrigada. E essa separação me mata. O mata também.

Seus pais se aproximam para se despedir, Isaac tenta segurar um riso, mas sei que provavelmente me acha louca. Jayde é a primeira. Abraçam-se e ela chora novamente. Sua mãe também chora, e eu, bom, isso não é novidade. Seu pai o abraça e ele não pede para ir embora, apesar de estar em seus olhos sua tristeza por nos ver ir. Sou a última.

— Desculpa por te fazer passar por isso, me perdoa? Eu te amo — ele sussurra em meu ouvido. Quero gravar essas palavras em mim.

— Me perdoe, acho que estou ficando louca... Culpa sua.

Ele me beija.

— Eu sei, você emagreceu, promete que vai se cuidar? Namoro a Elena, não a noiva cadáver.

— O quê?

— Brincadeira, você é linda! Mas se cuida, ok?

Damos o último beijo, nosso beijo de despedida, e vou com os outros embora.

Quando entramos no carro, Emily desaba em lágrimas.

— Sabe, Jayde, hoje eu vi os exames cardíacos do Maycon. Devido ao uso contínuo da cocaína, os danos provocados são irreversíveis. Mesmo que ele consiga parar agora, o cardiologista disse que seu coração é como um coração de um velho de setenta anos, não tem como reverter. Tem certeza que quer continuar nessa vida, Jayde?

— Só fumo erva. Não faz mal... — ela diz, já cortando Emily, que não insiste. Seguimos de volta e em três horas estou no Campus novamente. Estou tão triste por isso.

Quando entro em meu quarto, vejo Keven arrumando suas coisas.

— Viu o príncipe? — ele pergunta em tom divertido.

— Continua lindo e perfeito... — retribuo.

São quase nove, vou tomar um banho, amanhã as aulas retornam e quero estar preparada.

Abro minha gaveta e um choque percorre meu corpo. Meu pacote de

absorvente está intacto. Fecho como se estivesse escondendo uma bomba. Vou até minha cama, ajoelho e pego minha agendinha onde anoto meu ciclo. Não acredito, estou atrasada há duas semanas e só agora me dou conta disso.

Calma Elena, é só a tensão... Amanhã você compra um teste e vai ver que está tudo bem.

Repito mentalmente, tomo um banho rápido e tento não pensar nisso. É demais para mim, isso não pode estar acontecendo comigo. Penso nos meus pais e como eles vão me odiar por isso. *Para, não é verdade. Não está acontecendo, não mesmo. Amanhã você vai rir dessa ideia idiota...*

As horas passam, me deito e não consigo dormir. Fico pensando que eu emagreci, me alimentei muito mal e, fora a depressão, isso tudo é motivo para atrasar um ciclo, pelo menos eu quero acreditar nisso. Como não consigo dormir, apelo para calmantes, em um ato do desespero tomo dois e não tenho tempo de pensar em mais nada.

Acordo com meu despertador gritando. Levanto-me e me arrumo às pressas. As horas passam e a cada segundo minha ansiedade aumenta. Quando termina o último horário, vou correndo à farmácia próxima a faculdade. Ando por quase uma hora, quando entro, vejo uma aluna da minha sala. Despisto e espero ela sair. Quando estou sozinha, compro o teste. Vou ao banheiro e faço. Vejo o sinal positivo aparecer e me sinto sem chão.

Volto ao caixa e compro mais três, faço novamente e os três dão positivos. Não acredito.

Volto ao caixa e quando vou comprar o quinto, a atendente me interrompe.

— Querida, ficar repetindo não vai mudar o resultado, vocês estudantes são incríveis, não pensam em se proteger no ato e agora imploram por milagres. Mas aqui tem uma clínica próxima ao Campus, lá eles podem mudar o resultado, se é isso que você quer, posso te passar o endereço.

Não respondo, apenas pago e saio sem rumo. Sento em um banco de praça, há uma poça de água no chão, olho meu reflexo.

Olha para você, Elena. A garotinha do papai que sonhava em ser psicóloga, era o orgulho da família. Mas foi contra todos os ensinamentos dos seus pais, se envolveu com um viciado em cocaína, transou sem camisinha e ainda acha absurdo estar grávida. E onde seu viciado está agora? Em uma clínica tentando se reabilitar! E você, bom, você está sozinha e vai continuar por meses. O que vai fazer quando seus pais souberem? Vai mesmo fazer isso com eles? O que vai fazer quando todos souberem? Não dá para esconder uma gravidez por muito tempo. Se acha esperta agora? Como vai criar esse bebê? Dependente de seus pais financeiramente e o Maycon também é, pela lei, ele sendo um usuário, não pode oferecer estrutura a um bebê. Vai mesmo estragar sua vida?

Questiono-me já chorando...

Não, eu não posso, não estou preparada, isso é o que se ganha da vida por ser uma péssima filha. Se eu tivesse escutado meus pais, nada disso aconteceria! Como vou passar por isso? Como vou contar para o Maycon? Eu quero morrer, quero sumir e não ver mais ninguém. Como eu posso estar grávida se nem ao menos quero ter um filho? Não estou preparada para isso, Maycon não está... Deus, por favor! Meus pais não merecem isso...

Choro tanto que acho que bato todos meus recordes. Olho para o céu e imploro para ser um pesadelo, imploro para que apareça alguém e me acorde. Namoro há quatro meses e estou grávida de um cara que meus pais não querem nem conhecer, que usa cocaína e não quer largar. Só pode ser um pesadelo, quero acordar. Quero acordar rápido, mas não há ninguém que possa me tirar desse inferno. Como alguém vai tirar se fui eu quem quis entrar? Penso em voltar à farmácia e pegar o endereço da clínica, mas não posso, ainda me resta a droga dos princípios que me dizem que abortar um bebê é assassinato. Mas se eu morrer junto, não é... E eu quero morrer.

Começa a chover e isso me obriga a voltar ao Campus. Estou tão envergonhada, eu falhei no papel mais fácil que se tem na terra. O de filha. Entro e sinto os olhares das pessoas, parece que todos já sabem, mas sei que é paranoia, ninguém sabe e eu estou ficando louca por achar isso. Onde você está agora, hein, Maycon?

Jogo-me na cama e me pergunto qual pecado cometi para passar por tudo isso. Por que fui tão irresponsável?

Tenho que contar a Maycon, não sei como, porque não quero que ninguém saiba a não ser ele. As horas passam, e eu só penso em morrer, é tudo que desejo.

Maycon tem que saber, ele é inteligente, vai saber o que fazer. Canso-me de chorar, preciso dele agora, preciso me sentir segura, preciso ouvir que tudo vai ficar bem. Mas não tem ninguém que me faça acreditar nisso. Nem ele...

Sento-me na cadeira, pego papel e caneta.

E então, garota dos neurônios, como vai contar para o seu namorado sem que a moderação saiba? Porque se eles souberem, os pais dele vão saber antes dele.

Penso um pouco e início...

Maycon, tudo bem?

Sabe, acho que você vai me entender, vivemos tantas loucuras nesses últimos meses, que choro pensando nelas. Mas não podemos voltar atrás, então vou te confessar a consequência. Estou louca, pode me entender?

Você não está comigo, mas antes de ir me deixou completamente louca...

Estou louca, tenho certeza, louca e sem você, quatro testes me confirmaram isso.

Preciso de você e espero que me entenda, espero que possa me entender...

Elena.

Coloco no envelope, escrevo o endereço, vou à caixa de Correio e deixo lá. Sei que o carteiro passa hoje à tarde. Tomara que ele ainda não tenha passado.

Volto ao quarto, deito na minha cama e me enterro entre as cobertas. Perco meu oxigênio e toda minha vontade de seguir. Estou aqui sozinha e Maycon longe. Acho que sou alérgica a felicidade, só pode. Não quero levantar, não quero comer, não quero continuar vivendo nesse desespero.

Escuto Keven, ele me chama, mas não respondo.

— Elena?

Ele me toca, me obrigando a olhá-lo.

— Qual o problema? Não entendo, você vê o Maycon e volta pior. Ele terminou com você?

— Não, está tudo bem.

— Não é o que seus olhos me dizem...

— Eles estão mentindo para você, está tudo bem! — Finjo um sorriso.

Levanto e tomo um comprimido para dormir, eles ainda funcionam.

Quando acordo pela manhã, sinto fome, muita fome, não comi nada ontem e hoje pago por isso. E sei bem o porquê. Levanto, Keven já está pronto. Peço-o para me comprar um chocolate e salgado. Ele não protesta. E, quando volta, se surpreende ao me ver de pijama.

— Não vai às aulas?

— Não, eu não estou bem.

— Quer ir ao médico?

— Não, estou com cólica, é só isso. Mas vou ficar bem. Obrigada.

— Tudo bem, se precisar, me liga, já vou indo — me dá um beijo entregando o lanche.

Como, volto a deitar e a chorar. Às onze, o telefone do Maycon toca. Olho a tela, número privado. Não atendo.

A pessoa insiste e eu desligo, não demora e o meu toca.

— Oi...

— Elena, você está grávida? — escuto a voz do Maycon e começo a chorar.

— Estou, mas não quero estar, o que eu faço?

Maycon fica em silêncio. Nesse momento, me lembro de que eles não usam telefone.

— De quem é esse número?

— Katherine me emprestou, mas se alguém souber, ela é mandada embora.

— Por que ela está se arriscando por você? Vocês têm alguma coisa?

— Não, lógico que não, disse a ela que você precisava falar comigo, mostrei a

carta e tive que convencê-la a me ajudar. Sua menstruação está atrasada há quanto tempo?

— Duas semanas...

— Os quatro testes deram positivo?

— Sim — confirmo chorando, ele não diz nada...

— O que vamos fazer, Maycon?

— Vou pedir meus pais para me tirarem...

— Não, não vai, não quero que ninguém saiba, não quero que saia para voltar a usar essa merda. Percebe o que isso fez a nós?

— Elena, eu estou tentando.

— Não acredito em você, sabe por quê? Porque você é um viciado de merda que só pensa na droga da cocaína. E o maior erro da minha vida foi ter me envolvido com você!

— Amor, por favor, está difícil para mim.

— O que eu vou fazer, Maycon? O que eu vou fazer agora? Quero te abraçar, quero ouvir de você que vai ficar tudo bem. Mas você não está aqui. Eu estou sozinha e vou continuar assim por meses.

— Amo você e não está sozinha, estamos juntos...

— E o que seu amor pode fazer por mim agora? Pode apagar isso? Meus pais não aceitam nosso namoro, não vão aceitar essa gravidez.

— Eu vou mostrar para eles que eu mudei, não vou usar mais.

— Jura? E acha que acredito em você?

— Você é meu motivo para não usar...

— Não, eu não sou seu motivo, porque o prazer que ela te oferece é muito maior do que o que eu posso te oferecer...

— Elena, para, por favor, você não está me ajudando falando isso. Então para, por favor, não me dê motivos para desistir. Não você.

— Vou te dar um motivo para deixar a cocaína, Maycon. Não quero ter esse bebê e sei que posso abortar até os quatro meses, se você voltar a usar, interrompo a gravidez. Está aí seu motivo, a vida do seu filho pelo prazer da cocaína. Agora, vou desligar, porque não quero continuar ouvindo sua voz.

— Amor, calma, eu sei que é difícil para você, mas eu prometo que tudo vai ficar bem.

— Como vai ficar bem, se para começar, nada está bem? Disse que me faria sentir segura, preciso disso Maycon, preciso de você agora e onde você está?

Ele não responde.

— Então não me diga que está tudo bem, se nem ao menos pode me dizer isso pessoalmente...

— Me perdoa...

— Eu estou desmoronando e não tem ninguém para segurar minha mão. Maycon, eu não tenho respeito por você, porque para mim não passa de um viciado. Odeio a maneira como eu te amo e como acho que deveria me amar, mas estou entrando em colapso, é demais para mim! Eu acreditei no amor e achei que conseguiria te salvar, mas como eu posso te salvar se nem ao menos estou salva? Eu te amo, amo tanto que dói... Não sei o que eu faço. Não sei como continuar. E por agora não quero continuar ouvindo sua voz, sabendo que não está vindo para mim. Desculpa, me desculpa por não ser a pessoa que você precisa. Eu te amo, mas não quero continuar nesse pesadelo. Não fui criada para isso, achei que era forte, mas não sou. Me perdoe, amor. Me perdoe por não conseguir cumprir minhas promessas.

— Elena, eu te amo, entendo que isso é demais para você e que está insegura, eu também estou e sei que deveria estar ao seu lado, mas não posso. Não no momento. Sei que está desesperada e entendo seus motivos, mas não faça nada que poderá se arrepender depois. Nada parece bom para nós agora, mas o céu, mesmo em suas piores tempestades, volta a brilhar no outro dia. Sei que decepcionei você e juro que vou tentar de verdade. E, mesmo assim, quando eu sair, se você ainda quiser interromper, vou com você, mas promete para mim que iremos juntos? Você pode me prometer?

Choro...

— Tudo bem. Posso te esperar, mas não conta para ninguém, promete que não vai contar?

— Prometo. Eu te amo. Eu te amo muito.

— Também te amo, te amo muito. Pode mandar um áudio para eu ficar escutando sua voz?

— Pode ser uma música? Vou pedir a Jayde para te enviar. Isso te ajuda?

— Ajuda.

— Tudo bem, vou pedir a ela. Eu te amo. Vai ficar tudo bem, eu prometo. Eu te amo, meu anjo.

Ele desliga. Choro tanto pensando em tudo que eu deveria ser para ele e não sou. Mas estou tão confusa, não esperava por isso.

O dia passa e continuo na mesma. Keven pede pizza à noite e a devoro com ele. Apesar de ele insistir que algo está errado, desconverso e finjo estar bem.

Dois dias se vão, vou às aulas, mas não consigo prestar atenção em nada... Jayde envia músicas que Maycon canta com ela, passo a escutar sempre, me sinto bem ouvindo sua voz. Ainda que seja com Jayde.

Na quinta, Keven entra no quarto e me entrega uma carta.

— O carteiro acabou de entregar.

Vejo o remetente, é do Maycon.

Sento na cama e abro.

Olá, anjo do meu pesadelo!

Como vai? Espero que bem. Sabia que você é a vítima que mais me assombra?

Jayde me disse que escolheu as piores músicas, espero que possa de alguma forma te ajudar. De todo modo, você sempre pode me encontrar em você, porque agora tem uma parte de mim. Adivinha qual? Errou. É o meu coração, e considerando que o médico me disse que o meu está como o de um velho de setenta anos, cuida bem dessa parte que está com você, porque é a melhor parte de mim. Não vejo a hora de estar ao seu lado novamente, poder ver esse anjo tão perfeito que me assombra, dormir ao seu lado, e quando isso acontecer, eu vou desejar que nunca acabe. Acho que nós dois desejaremos que isto nunca acabe. Eu sinto sua falta, sinto tanto que até em meus devaneios mais loucos, eu posso te ver e ouvir sua voz me dizendo que nunca vou ser nada para você, que estou perdendo meu tempo e que nada do que eu diga vai te trazer para mim. Nesse momento, acho que me supero, olho à minha volta e tento me encontrar. Quando recobro a consciência, me sinto triste, pois ainda que seu fantasma me atormente, e eu prefiro ele a não ter nada de você. Onde você está, amor? Eu sinto muito por tudo, sinto por toda a sua dor e por não estar do seu lado nesse momento. A cada vez que suas palavras me veem a mente, são como um eco contínuo, e eu não consigo dormir, essa noite é uma dessas onde eu recebo sua visita sublime. Não sou louco, sei que provavelmente está recebendo isso durante o dia, mas aqui é três e quarenta da manhã, isso se o relógio não estiver me enganando. Não consigo sonhar esta noite, sei que preciso de alguém e esse alguém é você. Esta estranha e doente escuridão me julga como se julga a um culpado de crimes horrendos. E sabe qual é o meu crime? Amar um anjo cujo um viciado como eu não poderia nunca amar. Mas meu crime foi, além disso, obrigá-la a me amar. Então sou culpado. E quando admito minha culpa, a escuridão vem rastejando e me assombra o tempo inteiro. Mas paro e olho fixamente para o nada, buscando seus fragmentos, mas não há nada, há apenas sombras de árvores que fazem um teatro louco e medonho. Elas anunciam que algo não está bem lá fora. Tudo está quieto, você não está aqui. Estou te assustando, Elena? Desculpe-me, eu viajo muito, sabe disso. Mas o que quero te dizer é que eu desejo tanto poder ouvir sua voz, porém sei que não posso, sei que você não vai vir aqui e parar esta dor. Vou continuar sentindo isso, sentindo sua falta, morrendo amando você. Sinto sua falta hoje, vou continuar sentindo amanhã e assim até o dia que poder te ver novamente... Eu te amo, Anjo do meu pesadelo. Cuida bem de você, cuida do meu coração e prometo que eu volto para cuidar de nós. Eu te amo.

*Do seu Maycon, o viciado de merda que só pensa no pó.
Brincadeira, fica bem, beijos!*

Capítulo 31

Sem honra, nem glória... E foda-se...

Maycon

Olho em seus olhos e me pergunto se realmente quero fazer isso. Na verdade, querer, eu não quero, mas são três contra um, então isso é meio que inevitável. Ah, foda-se, agora já era, melhor fingir que está tudo bem, que não estou apavorado com a ideia de ficar sem pó por dias.

Dou um delicioso beijo em sua boca gostosa. Ela é toda gostosa, mas um porre de chatice. Fazer o que, você não escolhe a quem amar, simplesmente ama, e eu amo essa porra. Ainda que ela ache que não, isso é maldição, a maldição cujo nome é Elena. Minha mãe me chama. Agora fodeu, tenho que ir mesmo.

Minha mente está um caos. Elena, farinha, inferno, prisão, a porra do Keven com ela... Jayde e uns dias sem o pó. Como vou aguentar dias sem. Isso é loucura, mas se não for, já era Elena e todo seu ego superior de menina santa! E já era Maycon que a ama. Olho para ela uma última vez, me pergunto se Elena ao menos faz ideia de como é sacrificante ficar sem minha dose diária de farinha, — correção, minhas doses diárias, nunca é uma. Algumas pessoas precisam de café para se sentirem bem. Eu preciso do pó. É euforia pura, pensamento positivo e a sensação de se sentir capaz.

Entro no carro, ainda mantenho meus olhos no anjo culpado pelo meu pesadelo. Juro que pensei na possibilidade de levar um pouco do esquema, mas seria idiotice tentar. Conheço minha mãe, e como eu conheço, sei que ela deve ter escolhido algo estilo pentágono em quesito segurança. *Aff!*

Chegamos à casa do meu pai. Faz séculos que não venho aqui. Sua filha e Jeniffer vem me desejar boa sorte, como se eu precisasse disso. Sorte é o que eu mais tenho. Tenho sorte, tenho pai que tem grana para sustentar meu pó, mãe para encher a porra do saco por causa do pó, padrasto, madrasta, Elena, Jayde, e uma meia irmã. Cara, isso é tudo uma merda! Junta tudo isso, mais Maycon e a coca que dá em uma clínica de reabilitação mesmo, e como resultado, temos Maycon, duas vezes fodido.

Oh, porra! A cada dez palavras, penso em como sobreviver a esse inferno. Minha mãe me fez assinar uns papéis e não li direito, tipo, ela me pegou desprevenido, estava precisando de grana e não queria perder tempo lendo, ela é foda, sei que tinha a ver com a clínica, mas agora já era. Quando chega, acaba rápido, e para comprar, *tive que fazer um corre*, e no momento não tinha tempo para ler. O foda, é que agora não sei sobre o que eu concordei...

Depois do teatro de família unida e se amando, entramos no jato. Começo a sentir o peso de não usar. Estou com sono... A coca tira o sono, mas eu estou sem, então a merda do sono vem. Não sei por que, mas não consigo encarar meus pais estando limpo. Tipo, rola aquele peso na consciência. Me lembro de como eu era um moleque chato e não dava tempo a eles. De certa forma, eu também tive culpa em toda essa porra de divórcio, não dava tempo para ele e minha mãe, queria toda a atenção para mim, então o que meu pai não teve em casa, ele achou na rua, ou melhor, no escritório.

Lembro que na minha primeira reabilitação, o terapeuta me disse que eu achava que a coca conseguiria unir meus pais, fazê-los se entenderem novamente, mas que estava enganado, o que os une é o sentimento que eles têm por mim. Na época, achei que o cara estava viajando legal, depois percebi que de certa forma ele tinha razão, e quem estava viajando era eu. Mas foda-se. O interessante nisso tudo é que as pessoas reduzem um viciado a nada, acham que ele pouco entende o que você fala e coisa do tipo. Olha que viagem, estou tentando dormir e meu cérebro não para. Essas ideias loucas não param.

— Chegamos, amor.

Escuto a voz da minha mãe ao fundo. Descemos do jato e entramos no carro. Sento na janela, odeio esse lance de ficar entre eles, porque eu já fiquei muito nesse papel e não cabe mais a mim. Meus pais conversam sobre coisas que não estou a fim de saber. Ignoro cada palavra. Não quero perder a cabeça por causa do pó, mas cara, isso literalmente não sai da minha cabeça. Até a imagem da Elena está distante agora, e ainda que eu tente focar nela, é demais para mim.

O carro para e me deparo com uma mata fechada, um muro com uns oito metros e cerca elétrica por todos os lados.

— Mãe, isso é sério mesmo?

— Relaxa, campeão. Estamos com você — meu pai diz, colocando seu braço em meu ombro. Entramos na recepção. Nos identificamos. Minha mãe apresenta alguns documentos enquanto eu e meu pai esperamos.

— Alguém já conseguiu pular esse muro? Tipo, ele é bem alto, né! Estilo prisão mesmo — pergunto ao segurança. Ele dá um sorriso torto, pelo seu olhar percebo a ironia.

— Maycon, por favor... — meu pai interrompe.

— Ah, qual é, só para saber. Meio suicida isso... Pular...

Continuo esperando a resposta. Mas, provavelmente o segurança está pensando em mim como mais um viciado sem cérebro. Mande-o ir para puta que pariu mentalmente. O cara nem me respondeu. Retardado de merda!

Tudo isso é tão frustrante. Cara, por que estou aqui mesmo? Elena. Por ela. Vou me lembrar disso.

A moderação revista minhas malas que se resumem a dois conjuntos de moletom, um travesseiro, dois jogos de roupa de cama, dois edredons, duas toalhas de banho, seis bermudas, sete camisetas, sete cuecas, duas blusas de frio, duas calças jeans, cinco meias, um chinelo, três tênis, uma bota de borracha cano alto, duas toalhas de rosto, dois bonés, uma dúzia de prendedores de roupa, uma caixa de sabão em pó, um balde, uma vassoura e um rodo.

É, vou ter que trabalhar aqui, isso é óbvio.

Entramos, o lugar é bacana, mas ainda assim é uma prisão para viciados. Oh, merda. Conversamos com uma orientadora. Ela me explica todas as normas e me entrega um manual. Tem regras para tudo, que loucura. E punição também. Não quero conversar, estou cansado de ouvir essa falação toda, minha mente está cansada, então paro de prestar atenção. São só uns dias mesmo. Pensamento positivo, se não me tirarem, toco o terror e saio de qualquer jeito. Meus pais se despedem e desejam boa sorte. Vai à merda com essa sorte. É horrível estar em um lugar onde não se conhece ninguém. Fora que todos te olham diferente, como se fossem superiores a você. Vou até onde me disseram que é meu quarto. Uma enfermeira me acompanha. Parece que já tem um cara morando nele. Outro viciado, provavelmente. Guardo minhas coisas.

— Tem câmeras por todos os setores, inclusive os quartos são monitorados. Esse é seu guarda-roupa, e caso precise, é só chamar na enfermaria. Amanhã fará exames e verá um médico. O jantar é às sete. Não admitimos atraso.

Não a retruco, é quase uma piada insana exigir que viciados não se atrasem. Arrumo minhas coisas e tomo um banho, parece hospital. Saio e o cara me olha torto, mas não diz nada. Coitado, deve estar numa fissura do caralho. Só lamento.

As horas passam, não sinto fome, então não vou ao jantar. Não demora e a enfermeira vem ao meu quarto.

— Não quer jantar?

— Não. Estou com dor de cabeça. Pode me dar um remédio?

— Amanhã. Hoje não pode tomar nenhum remédio sem prescrição. Levantamos às sete da manhã, às sete e meia servem o café.

— Tudo bem.

Não consigo dormir, isso é demais para mim, minha cabeça gira, gira muito e

não consigo nem sequer manter meus olhos abertos. Fico toda a noite acordado, minha cabeça parece que vai explodir. Meu Deus, isso é tortura. Tento levantar e tudo roda. Quero matar alguém, dou os primeiros passos e tudo roda mesmo. Estou tremendo tanto. Consigo chegar ao banheiro e vomito nem sei o quê. Estou mal e preciso cheirar. Eu preciso mesmo. Vou à enfermaria, parecendo um rato tonto de laboratório. Depois de mil insultos, a porra do médico me atende. Descubro que são seis da manhã. Ele me prescreve remédios na veia, nem sinto a agulha entrar. Levam-me a algum lugar e tudo apaga. Quando acordo, sinto que estou sedado. Não consigo raciocinar direito. Tudo está confuso, meu corpo está estranho, e tudo que consigo pensar é na maldita coca.

A enfermeira me diz que tive convulsões e continua falando. Escuto as primeiras palavras, e por mais que tente me concentrar, é louco, olho seus lábios mexendo e não consigo sequer entender uma palavra. Estou ficando paranoico, começo a pensar no puta prazer que uma carreira me dá, isso sim é um puta negócio legal, gostoso, *começo a viajar só na ideia*, mas do nada, para. E eu fico louco, porque quero isso, quero sentir de novo, e não ter isso me mata. Essa porra de fissura me mata. Mas estou tão lerdo que não consigo sequer controlar meu corpo.

— O que você aplicou em mim, sua porra?! — Ela não me responde e isso me mata, cara. Que porra, minha cabeça roda muito e só penso em cheirar — Ei, desculpa! Pode me deixar falar com minha mãe?

Ela não responde. Começo a enxergá-la de forma distorcida, uma hora ela está rindo de mim, outra estou sozinho, outra ela está andando no teto. Que merda! Olho para o meu braço e minhas tattoos começam a mexer. Meu estômago embrulha e continuo assim. Alguém se aproxima e sinto algo entrar na veia. Não demora e volto a apagar.

Os dias passam, a porra do médico não quer aumentar minhas doses de remédios. Nego-me a fazer terapia em grupo e laborterapia, não quero ajudar em porra nenhuma, só quero ir embora. E, quando eu for, não vai existir só uma carreira. Porque eu nem termino a primeira, já fico pensando na segunda, terceira e quarta. E toda essa merda é boa, como fico bem com ela. Mas agora, estou aqui nessa loucura infernal. É sempre assim, quando acaba, fico pensando em qual desculpa arrumar para conseguir mais.

Hoje me disseram que se não seguir o tratamento, não vou poder falar com minha mãe no sábado. Ah, merda. Agora fodeu. Tenho que tentar, ou vou ficar preso pela eternidade aqui.

Minhas conversas com Katherine, a psicóloga, não dão em nada. Ela tenta e

eu finjo tentar, mas ela pouco percebe isso, ou talvez seja eu. Minha mente varia muito e nem sei se isso é real ou não. Nas poucas horas sóbrias, sinto falta da Elena e me pergunto se ela sente minha falta...

— Quando eu vou poder sair? — pergunto a Katherine e ela me olha atentamente.

— Após quatro meses.

— O quê? Está louca, não vou ficar aqui quatro meses, não foi isso que eu combinei com minha mãe.

— Você assinou seu tratamento, aceitou as condições, e não pode sair antes.

— Eu fui enganado e não vou ficar aqui — olho para sua sala, procurando algo que possa me ajudar a sair, mas não há porra nenhuma. Antes que eu possa levantar, vejo dois seguranças na porta. A vaca provavelmente previu minhas intenções em fazê-la refém.

Minha porra de rotina segue. Levanto às seis, esperando minhas drogas prescritas pelo médico, estou viciado nelas, então não sei qual o sentido disso. O cara do lado nem conversa, fiquei sabendo que é viciado em LSD, essa é a droga que mais libera dopamina no cérebro, depois vem a cocaína. Já experimentei LSD, mas você não tem controle sobre o corpo, fica louco, vê gnomos, fadas, e dependendo da viagem, até demônios; o bagulho é louco. Não consigo explicar, mas acho que todos deveriam experimentar antes de morrer, para ver uma nova dimensão. Quando usei, eu vi tanta coisa que fiquei de boca aberta só olhando e pensando "como isso pode ser real?". Nunca vi tanta cor na minha vida, as nuvens se transformaram em naves, em corujas e tantas outras coisas que eu nunca vi *porra tão louca* igual na vida. Foram *altas piras*.

Eu gostei da sensação, na boa. Mas o problema é que não ter controle sobre seu corpo é foda, resumindo, todo mundo sabe que está drogado. A *viagem* é boa, mas gosto de manter o controle, por isso a coca se encaixa perfeitamente em mim. Fico bem e ninguém percebe que estou drogado, só a porra da Elena, odeio vê-la ficar olhando para mim quando estou fungando ou olhando nos meus olhos para ver como estão dilatados. Eu odeio você, Elena, por sua culpa, eu estou aqui nesse inferno, nessa fissura. Caralho, mulher nenhuma merece isso. Então, por que mesmo que eu vim? Porque sou um idiota.

Acho que os dias passam. Levanto cedo, e como eles me ameaçaram tirar os remédios, porque não quero cooperar, eu passo a participar da laborterapia. E das sessões. Mas evito abrir a boca. Um dia, o cara que divide o quarto comigo me disse que quer morrer. Idiota, quem aqui não quer morrer? Disse que já faz um mês que ele está aqui. A namorada morreu de overdose. Seus pais o internaram, mas ele disse que está devendo, então vai morrer de qualquer jeito. Pensei no Robert, pensei se ele achava que ia morrer. *Que viagem*.

À noite, eu não consigo dormir. Aqui é o inferno, só pode. Tento dormir, amanhã vou ter que ir para a cozinha.

— Amanhã é sábado, cara?

Pergunto ao LSD, acho mais fácil identificar pela droga, assim sabe que tipo de louco está conversando com você. Não entendo porque ele está aqui, LSD não vicia quimicamente, mas psicologicamente, e a clínica é para dependentes químicos. Porra, que viagem a minha, mas tem outra, se os pais do cara têm dinheiro para colocar ele aqui, porque não pagam a dívida? Se bem que esse cara é louco, a noite ele levanta e fica parado do lado da minha cama, o problema é que eu continuo vendo ele deitado, então não sei bem quem está louco.

— É sábado, vai falar com sua mãe? — LSD pergunta.

— Vou...

— Pedir para ela te tirar?

— Sim...

Ele começa a rir e eu continuo rindo.

— Tem namorada?

— Quantas horas? — mudo de assunto, não quero falar da Elena.

— Ainda é noite, mas tem namorada, coca?

— Tenho, por causa dela vim para cá... Mas ela é *foda*.

— Ela também cheira?

— Não. Ela não cheira e odeia quem cheira. Então, acho que me odeia também. Porra!

Falo da Elena e o quarto fica estranho, as coisas mudam de lugar, e quando olho para o cara de novo, percebo que é o Robert. Ah, vai à merda, estava conversando com um morto esse tempo todo? Será que estou morrendo? Sem dar uma última cheirada é sacanagem. Valeu, mãe. Acaba de perder todo respeito que eu tinha por você.

As horas passam e o dia chega. Dou um bom dia para o Robert, mas acho que ele já voltou para o cemitério. Cara estranho, nem se despediu. Agora, quem está do meu lado é a Elena.

— Amo você Elena, pode me ouvir? — digo, mas ela continua só observando — Tudo bem, não quer conversar, então foda-se você.

Vou para a cozinha, depois para, terapia. Finalmente me chamam, mas dez minutos de conversa com minha mãe não dão em nada. Continuo preso e sem esperança de liberdade ou coca. E mais dias se vão.

Hoje minha mente está mais sob controle, apesar de que eu acordo com vontade de cheirar, durmo com vontade e sonho que estou cheirando. Dizer que quero morrer é pouco, porque já estou meio morto mesmo.

Chega a hora da Katherine. Ela tem vinte e três anos, sente atração por mim e

desvia o olhar quando eu a olho. Conversamos sobre tudo e nada, porque o tudo para mim é nada e nada faz sentido para ela. Estou buscando a resposta de uma equação louca cujo a ordem dos fatores, alteram todos os resultados, mas que resultados são esses se eu não tenho o número do y que se iguala a x que elevado a cubo diz que sou uma merda ambulante? Falo coisas sem sentido e ela anota tudo, deve colocar no diário do viciado que não sabe como é imbecil. Ah, vai à merda toda essa porra também.

Mais dias passam nessa masmorra e eu morro em todos eles. A fissura continua e juro que quando sair vou cheirar uma semana, até não aguentar mais. Meu pai me traiu, cara, ele nunca mentiu para mim. *Mas tudo tem a primeira vez, campeão.* Posso ouvi-lo dizer e rir.

Depois da laborterapia, eles, "os caras do mal", me informam que amanhã vou ter minha primeira visita. O que significa chance de voltar para casa e acabar com essa pressão em meu cérebro, que está cada dia mais paranoico pedindo por cura. A cura para minha cabeça.

As horas passam, tomo banho às sete, cinco minutos é o limite máximo, é isso mesmo, aqui é o quartel-general. Saio, janto, hoje é meu dia de limpar a cozinha, eu praticamente virei uma dona de casa. Arrumo meu quarto, faço comida, planto na droga da laborterapia, sessões de terapia em grupo e individual, drogas liberadas. E noites de paranoia. É difícil controlar essa imensa vontade de usar, ela começa assim que acordo, isso quando durmo, e vai até eu dormir novamente, mas os programas ocupam a mente.

Só a terapia que é uma droga ruim, isso sim é uma droga ruim que deveria ser ilegal. Amanhece. Hoje, devido as visitas, ajudo a preparar o almoço mais cedo; depois que termino, tomo um banho. Não demora e Katherine vem me chamar. Sinto falta de casa, sinto falta da minha mãe, do meu pai e da Jayde... Odeio a Elena. Na verdade, eu a amo e me odeio por isso e sinto falta dela. Mas ela não sente minha falta, se sentisse, não iria me querer aqui... Longe dela.

Quando saio, suspiro aliviado, é bom ver um rosto familiar. Jogo uma indireta, mas sou ignorado. Jayde é a primeira. Essa garota é *foda*, mas nunca consegui controlá-la. Jayde chora, sei que sente minha falta. Também sinto a dela. Olho para minha mãe, ela diz coisas que não estou afim de ouvir, pois se resumem a: *você vai continuar aqui.* O próximo é meu pai, e, por último, olho para ela. Meu espectro da morte. Só de vê-la, sinto tanta coisa que me frustra. Aproximo-me e a abraço, é bom senti-la, é bom estar em seus braços.

Penso em dizer algo real, mas minha mente está cansada, e a única coisa que tento é convencê-la a me ajudar a sair. E pela expressão que me olha ao me ouvir, é óbvio que fracassei.

As horas se vão e todas as minhas tentativas falham. Elena está diferente, eu

estou, mas quando disse que isso seria demais para ela, a porra disse que não. Agora, olha que merda, eu aqui por ela, e ela no banco mantendo a distância e deixando um claro foda-se para você.

O dia passa e com ele se vai toda minha esperança. Às duas e meia, participamos da reunião que se resume ao tratamento, dependência e apoio da família. Depois voltamos à área, ela pouco se importa comigo e volta ao banco sozinha. Aproximo-me enquanto meus pais estão distraídos, conversando com outras famílias. Sento e a abraço. A olho, mas ela me evita.

— Não posso fazer nada para te tirar daqui — ela diz rude e eu odeio isso.

— Você sabia que seria assim? — pergunto, magoado.

— Não.

— Teria feito diferente se soubesse, teria me contado?

— Não sei, Maycon. Mas entendo se quiser terminar...

— Te odiei nos quinze primeiros dias, depois me odiei por isso, agora não sei, mas de alguma forma, eu sinto sua falta.

Ela olha para mim, se aproxima, sei que quer me beijar, mas a afasto. Elena não faz a mínima ideia do que eu estou passando, minha mente está tão louca. E tem tantas lembranças que me atormentam que não sei aonde ela quer chegar com isso, e como ela sempre recua quando está sob pressão, eu provoco.

— Já está difícil com todas as nossas lembranças, acho que nenhum dos dois precisa de mais. Fora que não podemos passar de um beijo, e sabe que não desejo só isso de você. Prometeu ficar do meu lado, mas sei que já quebrou promessas antes, então, se não quiser continuar, não precisa... A desculpo por me fazer passar por isso, porque com ou sem você, eu estarei sozinho mesmo...

Ela me olha com ódio e eu conheço muito bem esse olhar, já o recebi antes e isso não me amedronta.

— Tudo bem, então acaba aqui, desejo boa sorte no tratamento e sinto muito por tudo. Levarei boas lembranças nossas.

Ai que porra, olha que mulher desgraçada, minha vontade é mandá-la pra puta que pariu, mas se ela for, eu vou querer ir junto, então é melhor não. Agora entra a hora do Maycon se humilhando. Droga de sentimento.

— Por que desiste tão fácil de mim? — pergunto, tentando parecer indiferente, mas é inútil, eu a amo. O problema é que estando tão perto dela e com tanta pressão em mim, é quase um caos interno e não sei se ela entende isso.

— Porque não posso lutar sozinha...

Escuto e sinto vontade de esmurrá-la. Garota dos infernos, como ela tem coragem de me falar isso se quem está preso sou eu? Respiro fundo, mas as palavras saem...

— Eu estou lutando sozinho, lutando contra a vontade imensa de me matar

por falta do pó, lutando contra a saudade que tenho de você, lutando por querer ir para casa e continuar entre estranhos. E tentando apagar qualquer dúvida de que não vale a pena. Mas você vem e, como sempre, me mata.

— Não consigo assim, Maycon.

— Ainda te amo, Elena, eu te amo como antes, mas estou num momento complicado... Perdido... Pode me entender?

Espero a resposta, mas ela não vem. Então continuo.

— Ainda a desejo e pretendo voltar como eu prometi a você, mas entendo que não consiga cumprir promessas — digo, já me levantando, mas quando dou o primeiro passo, ela me puxa. Olho em seus olhos e ainda me vejo neles.

— Maycon, eu te amo, te amo com a mesma intensidade de antes.

Escuto-a me dizer e isso é tudo que preciso para aguentar mais um mês nessa porra de prisão. Ela me beija e eu correspondo como se dependesse disso para viver. É estranho, estar com ela alivia meus sintomas, minha fissura e preenche a minha cabeça. Sei que, apesar de todos os meus devaneios, eu a amo, ela me ama e nosso amor ainda está vivo e sobrevivendo a isso...

— Ainda sou eu, ainda estou aqui por nós — sussurro em seu ouvido e olho nos seus olhos.

— Está sendo tão difícil para mim sem você — ela me diz chorando, e eu odeio fazer isso a ela.

— Eu sei, amor, aqui também não é nada fácil, mas ainda estou respirando.

— Eu te amo Maycon, você me ama?

— Mas que tudo, pode ter certeza disso.

Volto a beijá-la e me sinto mais estável mentalmente...

Sentamos no banco e a deixo em meus braços, fico acariciando seu cabelo até chegar o momento de deixá-la ir embora. Não quero, não quero ficar, não sem ela, mas sou obrigado. E essa separação me mata. E a mata também.

Meus pais se aproximam para se despedirem. Jayde é a primeira. Nos abraçamos e ela chora novamente. Minha mãe também chora, e Elena, bom, isso não é novidade, ela deve ter um rio por dentro, só pode. Meu pai me abraça e não peço para ir embora, é inútil. Sei que não vai adiantar. Elena é a última.

Tento disfarçar a agonia que sinto ao vê-la ir, peço para ela se cuidar. Sei que não é fácil para nós.

No fim, eles se vão e eu fico. Continuo com minha vidinha medíocre. Nada de animador até receber uma carta de Elena, minutos antes da minha sessão com Katherine. Mas ela pode esperar um pouco.

Espero ler um eu te amo e todas as palavras que preciso para continuar, mas vejo desespero, vejo dor, arrependimento e... *Meu Deus! Ela está grávida.* Acho que perco o chão e tudo em volta se perde também. Não acredito que ela está

grávida. Não dá para acreditar! *Será que estou viajando?* Penso em como conseguir falar com ela... Sei que precisa de mim, ela precisa, e eu também.

Não gosto de usar as pessoas, mas Katherine é a vítima mais fácil e acessível. Entro e mostro a carta, decifro para ela, e após convencê-la, consigo ligar para Elena. Tento primeiro no meu celular, mas ela não atende; ligo no dela e escuto sua voz.

E quando pergunto se ela está grávida, Elena confirma, e antes que eu possa dizer que estou do seu lado e feliz, ela me humilha e me sinto um lixo humano. Sei que quando está magoada e em desespero ela é assim, mas se soubesse o peso que suas palavras têm sobre mim, acho que as evitaria, ou não, ela parece ter prazer em me magoar. Elena age como se eu a tivesse estuprado, o que me faz pensar que está louca, só pode...

Apesar da mágoa, tento relevar colocando a culpa nos hormônios, mas quando acho que não dá para piorar, ela ameaça fazer um aborto. *Que porra!* Sinto ódio, e no momento me vem a ideia que se fosse do Keven, ela nem pensaria nisso. Mas é do idiota do viciado que ela não tem respeito algum. Penso um pouco, ela usa a estratégia mais baixa e mesquinha para me fazer parar. Como se já não bastasse tudo que eu estou passando, Elena tem que agravar mais ainda minha dor. Odeio ouvir suas ameaças e ter que fingir estar tudo bem, ela fala como se meu filho fosse um estorvo, um lixo.

Tento ser racional e acho que consigo. Assim que a percebo mais equilibrada desligo para não falar merda. Olho para Katherine, que escutou toda a conversa. Não sei o que dizer.

— Acha que esse relacionamento te faz bem?

— Sou conhecido por amar o que me faz mal, Elena é como a cocaína, me mata, mas eu não consigo viver sem...

Katherine percebe que estou mal, tento não chorar me lembrando de toda a merda que escutei dela. Se tivesse como me matar, juro que faria.

Katherine se aproxima e me ajuda a compreender Elena, diz que ela está frágil e com medo. Os minutos passam e me recomponho, ela me pergunta se estou bem, mesmo que não esteja, o que eu posso fazer? A amo e vou continuar amando. À medida que minha mente se estabiliza, isso fica mais claro para mim. No mesmo dia, penso em escrever algo para de alguma forma confortá-la, mas tudo que vem à minha mente são suas palavras.

Onde você está quando eu preciso? Não tenho respeito nenhum por você, porque para mim não passa de um viciado...

— Estou aqui, sua porra, preso a uma clínica que você me mandou, lembra?

Choro igual a um idiota e sei que se não fosse por isso, eu desmoronaria e cheiraria tanto que faria companhia para o Robert hoje mesmo. Merda de

sentimento!

Olho para sua foto em minha mão.

A noite chega e não consigo dormir. Vejo seu fantasma e acho que posso escrever para ele, então o faço, e quando o dia amanhece, mando a carta desejando que ela entenda o quanto eu a amo e estou disposto a mudar, ainda que meu corpo e mente não aceitem ainda essa mudança.

No fim das contas, é isso que eu tenho agora. Elena, a mulher que eu mais amo, me deu milhões de motivos para desistir, mas pela primeira vez, eu tenho um real para continuar. E, por ironia do destino, ela que está me dando também.

Um filho.

E eu espero conseguir, por ele...

Capítulo 32

Visões opostas

Termino de ler e choro tanto, tudo já está tão complicado, não consigo acreditar que estou grávida. Isso é pior que um pesadelo se tornando real. Tento me recompor. Acho que peguei pesado com Maycon, mas a vida resolveu pegar pesado comigo também. Nem me imagino contando isso para os meus pais. Onde foi que eu errei? Era só vir, estudar e me formar. Mas eu fui me envolver com ele, e agora estou com uma bola de neve.

Leio a carta novamente. Maycon acha que tudo é tão fácil, provavelmente não terá problemas com seus pais, e se tiver, eles vão jogar a culpa em mim. Estou me sentindo como se estivesse tentando respirar em um congelador, caminhando em meio a espinhos, e para qualquer lado que eu for, sei que vou me machucar.

— Terminaram? — a voz do Keven me traz de volta à minha realidade caótica.

— Não, não terminamos...

— Então, por que esse desespero?

— Nada... — enxugo as lágrimas...

— Elena, eu te conheço, ou me diz o que esse cara te fez, ou ligo para seus pais e conto como está se comportando.

— Não fez nada, só estou depressiva, queria que ele estivesse aqui, estou passando por uma barra e me sinto sozinha, é só isso.

— Como assim se sente sozinha? Eu fiquei invisível agora?

— Não, não é isso. Só estou perdida e não sei o que fazer. Procuro uma solução e sei que ela não existe...

— Tudo tem solução, mas você ao menos consegue perceber que esse cara te faz mal? Poxa, você estava melhor, foi só o ver que voltou pior. Eu não entendo...

Olho para Keven, ele está esperando a resposta, não sei o que inventar, a única coisa que me vem à mente é a verdade.

— Keven, eu estou grávida.

Digo sem cerimônia e ele fica imóvel. Sem resposta. Aproxima-se e me abraça.

— Está tudo bem, isso não é o fim do mundo, Elena... E... Nossa, cara, que loucura — ele suspira, continua me abraçando — Mas uma loucura boa... E ele já sabe?

Confirmo com a cabeça.

— E então?

— Não sei. Maycon só vai sair daqui a três meses. Até lá eu não sei o que faço, não quero que meus pais saibam, não quero que ninguém saiba.

— Mas pensa em se casar com ele?

— Só penso em como isso poderia ser um pesadelo e alguém vir me acordar. É tudo que eu penso.

— Jayde veio à faculdade hoje, acho que ela voltou.

Ele me diz, mudando de assunto, mas Jayde é um assunto que não me interessa, não respondo.

— Mas o que pretende fazer? Uma gravidez não dá para esconder muito tempo...

— Esse é o problema, o que eu posso fazer? Não tenho coragem de abortar, nem acho certo... Fora que no momento eu estou odiando o Maycon.

— Bom, eu também não sou fã do cara, então sem problemas quanto a odiá-lo — ele ri e me faz rir.

— O que eu faço, Keven?

— Elena, a decisão é sua. Não posso dar palpites, mas estou aqui para te apoiar.

— Como vou encarar isso sozinha, Keven? Como ser corajosa se não consigo nem contar para meus pais?

— Elena, não vou dizer que eles não vão ficar decepcionados, mas aconteceu. E dos "males" é o menor, imagina se fosse AIDS. Transou sem camisinha, as pessoas se preocupam com uma possível gravidez, mas preservativo te protege muito além disso. Bom, agora tem um bebê no meio disso tudo, querendo ou não, ele está aí e não tem culpa.

— Eu sei que não, a maior culpada sou eu. Estava tão cega que não pensei nas consequências. E agora ela está estampada na minha cara, dentro de mim.

— Mas quando ele sair, vocês vão morar juntos ou coisa do tipo?

— Não sei, não conversamos a respeito. Mas não quero morar com Jayde e ele, não mesmo.

— Acha que ela sabe de alguma coisa?

— Não, pelo menos eu pedi para ele não contar para ninguém.

— Acha que está de quanto tempo?

— Não sei, estou atrasada de duas para três semanas. Acho que no máximo um mês e meio.

— Então, quando ele sair, estará com quase cinco, fez um mês que ele está lá, não é?

— Acho que vai ser isso também.

— Não dá para esconder uma gravidez de quase cinco meses, vocês têm que tomar decisões a respeito disso. Mas, mudando de assunto, vamos almoçar?

Penso nas palavras do Keven, ele é tão racional, mas, ao mesmo tempo, ele não me julga, e em um momento como esse, o que você menos precisa são de julgamentos. Pena que a maioria das pessoas não entendem isso. Levanto-me e vou com Keven.

Depois do almoço, volto ao quarto. As horas passam, uma parte de mim diz que deveria escrever para Maycon, mas o que eu vou escrever? Não tenho nem cabeça...

As horas continuam passando, Keven me convence a ir comer um hambúrguer. Vamos, e quando voltamos, só penso em dormir.

Pela manhã, me arrumo e saio sem ânimo. Para minha maldita sorte, encontro com Jayde e April no corredor. Ignoro as duas, mas Jayde se aproxima.

— Elena?

Sinto um arrepio ao pensar que ela sabe de alguma coisa.

— Oi — digo, pegando meus livros. April não aproxima.

— Estou frequentando um grupo de apoio no centro, se quiser posso te pegar para irmos juntas, é toda sexta às dezenove.

— Ah, obrigada, vou pensar a respeito.

— Se quiser, é só ligar. Maycon escreveu para você?

— Sim.

— Ah... Escreve pra ele, isso ajuda.

— Não estou com muito tempo nem cabeça, mas se tiver um tempo, eu escrevo. Agora eu tenho que ir, obrigada mais uma vez.

Sorrio, ela apenas acena com a cabeça e vou para minha aula. As horas se vão. À tarde, para ocupar a mente, começo a correr e Keven me acompanha. Não conversamos sobre mim, apenas corremos e isso de certa forma me ajuda.

Os dias passam, recebo outra carta. É do Maycon, e só então que eu percebo que não escrevi para ele em nenhum dia, nem sequer respondi sua carta.

Oi anjo do meu pesadelo, como você está?

Pergunta um tanto idiota, mas quando amamos, somos idiotas e previsíveis...

Recapitulando... Amei sua carta imaginária, amei cada palavra, cada vírgula e todo seu sentimentalismo expresso em palavras inexistentes... Estou brincando. Mas, de alguma forma, quando sinto que cheguei ao meu limite, me ajuda escrever para você e saber que, quando você ler, vai existir nesse momento um tempo seu dedicado a mim.

Elena, eu te amo, te amo muito. E sei que tudo é novo para você, e é difícil ter coragem quando tudo parece contrário, mas eu estou com você, te amando mais que tudo. Então, quando sentir que está sozinha, e que ninguém a entende, me

escreva. Assim vai saber que meu tempo também será dedicado a você e não vai se sentir tão frágil. Não precisa fazer declarações ou coisa do tipo, e se não tiver nada de interessante para dizer, não se preocupe, eu vou saber entender. Quero apenas ter certeza que você pensa em mim, ainda que por alguns segundos, me contento com isso. Olha, sei que está com medo, mas não sinta. Queria poder estar do seu lado, queria mesmo poder estar aí agora e te dizer tudo pessoalmente. Mas eu não posso, não em estado físico, mas isso não significa que não estou aí, porque céus abertos jamais poderão me separar de você. Estou ao seu lado, através do pensamento, através do amor que sinto e todo o desejo. Falando em amor, vou falar do nosso. Acho estranho a forma como as pessoas dizem “Aconteceu por acaso”.

Nada é por acaso, tudo tem um propósito e talvez você não entenda agora, mas tem, sempre há um motivo. E existe um motivo para o nosso amor ter se materializado.

Estou dispensando te deixar saber como é entediante meu dia, se tem coisas boas para falar, não vou nem sequer pensar nas... Deixa pra lá.

Estou esnobando a solidão, consegui isso mudando as ordens dos fatores, sabe como? Resolvi ampliar um pouco meu campo de visão, agora tudo se tornou mais funcional. Em vez de reclamar e dizer mais um dia nesse inferno, estou preferindo optar pelo “menos um dia sem você”. Apesar de estar sozinho, posso viver você em mim. Sentir você aqui comigo. Não há teoria que explique isso, mas eu descobri que dois corpos podem sim ocupar o mesmo lugar, porque seu corpo ocupa um lugar em mim, e quando me olho no espelho eu te vejo... Ainda que isso seja apenas ficção científica e não fato científico, mas o que é a ciência perto do amor, se as leis da física não podem explicar como me teletransporto até você toda vez que necessito senti-la?

Bom, não vou viajar muito, não sei se me entende, e não quero criar questões, apenas soluções químicas.

É isso, quero ter notícias suas, quero que me conte, ainda que seja um escroto e arrogante... Estou bem...

Vou agradecer por ele, eu te amo muito. Beijos.

Sinto-me horrível ao terminar de ler. Não acredito que fiz isso com ele. Sento, pego papel e caneta.

Maycon, meu amor, tudo bem?

Desejo de todo o coração que sim.

Para inicio, poderia te mandar meu escroto e arrogante... Estou bem sim.

Mas eu não estou, não estou porque você não está aqui... Estou fazendo o possível pra ser forte, só que estou falhando e muito. Estou com tanto medo, tenho peso em minha consciência por tudo, acho que de alguma forma nada

acontece por acaso como você disse. Mas como reagir ao receber um presente se nem ao menos se sente preparada e pronta para ele? Acho que nessa ocasião você simplesmente não sabe o que fazer, então toda a motivação em recebê-lo perde o sentido, me entende? Principalmente porque nem todos verão como um presente, e você sabe como isso me afeta. Estou sendo desumana em não escrever para você, mas nada parece bom no momento, e estou guardando esse segredo em mim. Eu tento, mas acho inútil variar e fingir que estou bem se sua ausência não me permiti andar. As aulas estão sendo monótonas. Penso em você, penso muito. Mas não é fácil, até estudar é um fardo, todos meus pensamentos fogem de mim... Perdi completamente o controle sobre eles. Essa solidão está me roubando aos poucos e não sei como colocar um fim. Não sei como reagir em relação a isso, nenhuma solução parece ser real no momento. Escuto sua voz nas canções com Jayde, amo isso, me conforta, mas queria que fosse real, queria te ouvir aqui me dizendo que estou errada por cada pensamento negativo. Eu te amo, e espero te ver na próxima visita. Por favor, segredos guardados não podem ser corrompidos e estou guardando o nosso em mim, guarde-o em você... Eu te amo, te amo muito, fica bem, porque assim que eu te ver, vou ficar, ainda que por míseras horas.

Com amor, Elena.

Envio. Na sexta, mando uma mensagem a Jayde dispensando sua carona, em contrapartida, peço minha mãe para me enviar novamente um comprovante de presença e ela não se opõe. Faço o possível para não deixar minha voz de culpa fazê-la pensar que algo não está bem.

Mais uma semana passa e o comprovante chega, faltam duas semanas para voltar a ver o Maycon. Agora minha vida se resume a isso. Ignorar as mudanças em mim, não que sejam externas, mas meu paladar mudou, meu corpo me dá sinais que algo está diferente, e eu simplesmente tento ignorar. Talvez eu seja um monstro, mas hoje eu vejo como é fácil julgar quando não é com você. Minha cabeça continua confusa, sei que deveria frequentar um grupo de apoio, mas não dá no momento.

Keven não toca mais no assunto da gravidez, sei que ele acha estranho o fato de eu continuar como se essa parte da minha vida não fosse real, mas o problema é que quando você não tem solução, o que se pode fazer a não ser ignorar? Estou segurando uma bomba, e enquanto ela não estourar, posso ignorá-la. Maycon não me escreveu mais, acho que foi pelo fato de Jayde me ver correndo com Keven, ou indo comer hambúrguer com ele. Ela provavelmente contou, mas no momento, não estou em condições de dar satisfações, e como ele preferiu não perguntar, não sou eu a começar. O problema é que quando eu vejo a praga da Jayde, geralmente o Keven acaba de contar algo idiota que me faz rir, então já

até imagino o que ela falou, ou talvez não falou nada e eu estou ficando paranoica.

O dia da visita finalmente chega, meu coração como sempre está acelerado. Olho-me no espelho uma última vez. Não há vestígios que me façam aparentar estar grávida. Uso uma blusa mais larga, uma calça jeans, prendo meu cabelo, passo pouca maquiagem e pego minha bolsa. O motorista me pega em frente ao ponto próximo a faculdade. Quando chego à casa de Isaac, eles me recebem um tanto frios, principalmente Emily. Acredito ser devido à última visita. Mas evito pensar sobre o assunto. Fazemos o mesmo trajeto para a clínica. No caminho, Jayde pergunta a Emily se na próxima pode levar April. Ela faz algumas perguntas e pede para lembrá-la antes de voltarmos. Me mata de ódio ouvir isso, mas como estou fingindo ouvir música no fone, sequer olho para ela. Chegamos e passamos pela vistoria, seguimos os procedimentos padrões. Quando entramos na sala de visitas, Maycon e Katherine estão conversando animados à mesa. Ele me parece bem melhor, deve estar aproveitando a companhia dela... Maldito ciúme idiota, agora sei por que ele não me escreveu mais.

Aproximamo-nos, assim que nos vê, ela se levanta e pede licença. Ele está cada vez melhor, parece ter engordado um pouco mais. Tão lindo... Como sempre, sou a última e imploro mentalmente para ele não fazer nada diferente em relação à gravidez. Maycon me abraça. Me dá um beijo rápido. Sentamo-nos e toda a sua atenção é focada em seus pais e Jayde que não param de falar, mas desta vez ele me mantém em seus braços.

Após o almoço, ele despista e me leva debaixo de uma árvore, onde sentamos na sombra. Seus pais entendem o recado e se mantêm conversando com outras famílias.

— Você está bem? — ele me pergunta antes de me beijar, mas não me dá tempo para responder.

Quando paramos, respondo:

— Estou. Você me parece bem, em boa companhia — friso, me referindo a Katherine.

Maycon ignora minhas palavras e não as rebate.

— Sente alguma coisa diferente em relação ao nosso segredo? — sorri e não entendo o porquê do riso.

— Você está duvidando? Quer que eu te mande um exame ou talvez um teste de DNA? — pergunto, ríspida, e ele se assusta.

— Qual é, Elena? Por que está tão brava comigo?

— Você é muito irônico.

— O que eu disse de errado?

— Não é o que diz, é o que não diz que me irrita.

Ele olha para a grama e fica calado.

— Desculpa... Eu só estou nervosa...

— Sem problema, está tudo bem... Posso tocar em você?

Maycon me pergunta e sei bem onde ele quer tocar. Olho à nossa volta, ninguém relevante. Aproximo-me e levanto um pouco minha blusa. Ele toca meu ventre e sorri. Está nitidamente emocionado. Ele me abraça.

— Sei que você não está curtindo, mas eu estou... Tipo, contando os dias para sair daqui, para aproveitar esse momento com você. Elena, esse filho é importante para mim e eu realmente estou feliz demais por ele estar aqui, só acho foda ele estar em você e não apreciar isso.

— Não sei o que vamos fazer, Maycon!

— O que você quiser fazer, podemos casar se quiser...

Ele sugere, um pouco inseguro, um tanto tímido. Deita em meu colo, beija meu ventre e fica apenas olhando como se fosse uma obra de arte, dá sorrisos bobos e seu pensamento vai longe.

— Você está tão diferente.

— Limpo, estou limpo, e estando assim eu não converso muito, a cocaína me deixava mais sociável... Sem ela eu sou estranho, me sinto estranho. Mas estou conseguindo levar, eu acho.

— Gosto de você assim. Na verdade, eu te amo.

Ele se levanta e toca meu rosto, me beijando tão ternamente.

— Elena, eu sei que não acredita muito quando digo isso, mas acho que podemos ser felizes juntos, podemos ter uma família. Sei que tem medo, pelos seus pais, mas acho que não devemos ter vergonha ou temer a reação deles. Nos amamos, e tenho certeza que vou te amar sempre e...

O interrompo.

— As coisas parecem se resolver tão fácil para você... — Maycon engole as palavras — Mas pode continuar... — falo, o olhando.

— Não estou querendo dizer que tudo é fácil — ele olha para o lado, sei que de alguma forma ele está tentando se controlar.

— Está me xingando mentalmente, não é?

— Estou, e muito, não faz ideia...

Ele diz e eu acabo rindo, ele ri também. Acaricia meu rosto e volta a me beijar, acho que esquecemos de que não podemos ir muito além. Continuamos com nossos beijos e não demora para ficarmos excitados. Ele para e respira fundo. Fica um tempo encarando o chão, tentando se recompor. Volta a me olhar.

— Você está correndo com seu amigo, não é? — diz, um pouco ofegante.

— Estou, é apenas para espairecer.

— Os três primeiros meses é o período mais delicado em uma gravidez, fácil ter um aborto espontâneo. Como você não praticava exercícios, deveria procurar um médico primeiro, não acha?

— Não estou tentando abortar, Maycon, é apenas para distrair a cabeça — começo a chorar e ele me abraça. *Que droga!*

— Calma, eu não disse isso, na verdade estou louco de ciúme daquele porra, odeio o fato de ele estar tão perto e eu tão longe de você.

— Mais dois meses...

— É, meu anjo, mais dois meses — ele me abraça e sento em seu colo.

— Vai demorar, não vai?

— Uma eternidade, porque sem você o tempo não passa. Se passa, eu não percebo...

Ele me abraça tão forte, beija meu pescoço...

— Olha pra mim! — Ele me diz e olha em seus olhos — Eu te amo, amo esse bebê e quero contar isso, pode achar que não, mas meus pais vão compartilhar dessa felicidade comigo, e não vai precisar carregar todo esse peso sozinha. Tem que ver um médico. E sei que sozinha não vai fazer isso.

— Quando você sair, nós podemos ir juntos...

— Tem dois meses que estou aqui, daqui a dois meses você estará com quase cinco, olha que loucura, tem que tomar vitaminas no primeiro trimestre. Têm que monitorar a gravidez, fazer exames. Elena, por favor, não trate algo tão importante para mim, como algo irrelevante. Perguntei a Jayde como você está e ela disse que estranha... Poxa, cara, para Jayde te achar estranha, você tem que está mal mesmo, e apesar de tentar disfarçar, sei que está mal, porque eu também estou. Mas fingir que ele não está crescendo em você não é a solução. Eu quero te ver bem, quero saber que está bem e ele também. Porque só depois disso que eu vou ficar tranquilo.

Escuto Maycon e sei que ele tem razão.

— Tudo bem, eu vou, mas não quero que conte a seus pais, vamos fazer depois que você sair...

Maycon pega minha mão e com ela acaricia meu ventre, é a primeira vez que faço isso. Ele mantém nossas mãos assim. Dá beijos em meu pescoço e amo a sensação de estar tão protegida em seus braços. Nesse momento eu me sinto bem, parece que nada pode tirar essa sensação de conforto e bem-estar, mas as horas passam e elas não mentem. Maycon ficará e eu irei embora. Essa é a triste realidade no momento e não há nada que possamos fazer.

E é exatamente nesse momento que nossa felicidade parece inalcançável...

Capítulo 33

Ao limite...

— Acho que chegou o momento. Essa sempre é a pior parte, queria poder te esconder aqui, ou então ir com você...

Olho em seus olhos.

— Eu sei, Maycon, mas um dia isso vai ser passado e não vamos mais passar por isso. Você vai ficar bem e ver que esse tempo valeu a pena — lhe dou um beijo.

— Eu te amo... Te amo muito. Promete que vai fazer o que eu te pedi?

— Prometo, amor, vou fazer e escrever te contando como foi.

— Vou esperar por isso.

Ele me dá o último beijo. Nos abraçamos. Se levanta e me ajuda a levantar, então caminhamos até seus pais. Sua mãe é a primeira a se despedir. É tão ruim passar por isso, todos sentem, mas não querem demonstrar para apoiar o Maycon. Jayde é a próxima, e é seguida por Isaac, sou a última. Maycon me beija, me abraça forte... Não quero sair de seus braços, mas preciso. Afasto-me e sigo seus pais.

— Elena, eu te amo — Maycon diz e faz todos olharem para trás. Dou um sorriso e lhe mando um beijo. Sua mãe fica me encarando, mas não diz nada. O vejo entrar.

Como sempre, ele fica e nós vamos. Hoje sei que quem inventou a partida não conhecia a dor da saudade. Derramo umas lágrimas, mas não deixo ninguém as notar.

Assim que entramos no carro, Emily inicia:

— Pela primeira vez, Maycon tem aceitado bem o tratamento, inclusive na terapia em grupo expõe sua experiência para os novatos, Katherine disse que ele tem se esforçado e que nós devemos nos esforçar também, demonstrando confiança quando ele sair...

— Espero que, pela primeira vez, seja real, Emily, estou contando os dias para ter nosso Maycon de volta... — Isaac diz com o olhar distante.

Eles continuam conversando, Jayde não diz nada. Só observa como eu. Mas sei que eles conversam a sós e por cartas também, às vezes me pergunto se essa mudança é visível para ela.

As horas passam, Emily e Isaac tentam entrar em acordo sobre a nova rotina que terão com Maycon. Hora ou outra colocam Jayde na conversa e ela dá

palpites, mas não me colocam nos planos. E apesar de serem educados, acho que não acreditam que nosso namoro persistirá. Se eles soubessem que eu estou grávida, saberiam o motivo da mudança. Chega a ser irônico toda essa situação, mas meu estômago começa a embrulhar, então coloco os fones e finjo não prestar atenção. Minha atitude é ignorada por eles. Hoje vi Katherine conversar com eles, talvez ela tenha falado sobre nosso namoro e eles me achem prejudicial a Maycon, não sei... Na verdade, eu não sei o que ele fala sobre nós. Ou, se como eu, ele prefere esconder tudo o que sente...

Peço as horas para voarem como se elas fossem me atender.

— Elena, está tudo bem? — Emily me pergunta. Meu estômago embrulha tanto que apenas gesticulo que sim. Todos olham para mim, mas não insistem.

Finalmente chegamos e o dia já se foi. São oito e meia da noite. Jayde está de carro e se oferece para me levar. Como ninguém se opõe, eu aceito.

Despeço-me de todos e entro em seu carro. Jayde o faz em seguida.

— Está tudo bem com você? — ela diz, ligando o carro.

— Está sim, por que pergunta?

— Ultimamente anda estranha. Estou te achando indiferente com Maycon, por acaso não gosta mais dele?

— Ele te disse isso?

— No primeiro mês falou da sua indiferença, agora apenas pergunta por você, mas não diz nada a seu respeito.

— Acha que ele realmente está mudando?

— Ele está tentando, mas tem medo de não conseguir, diz que sente muita vontade de usar, e que não sabe se pode lutar contra isso quando estiver aqui fora. Tem medo de se tornar dependente da clínica. Tem pesadelos e está inseguro com tudo isso. Fora que seu corpo sempre implora por sentir novamente os efeitos da cocaína. Mas ele te ama, e não tem certeza se você o ama. Me disse que enquanto eu escrevo três cartas por semana, você manda uma por mês. Maycon não consegue entender porque o culpa tanto e faz isso com ele se foi você quem insistiu para ele ir. O *foda* é que pelo fato de não escrever para ele, Maycon sempre pergunta por você, e agora eu sou responsável por ficar inventando como você está. Eu odeio isso, Elena, odeio mentir para ele. Mas não tenho escolha, porque não consigo dizer que você pouco se importa, então prefiro mentir e dizer que está mal por sentir falta dele...

— Não tem que mentir, só não entendo por que ele se abre com você e comigo não.

— Porque eu não o recrimino, ele sempre pode ser ele mesmo comigo.

— Contou para ele sobre o Keven?

— Não, não tudo, só disse que vi vocês correndo juntos uma vez...

Sorrio sem graça.

— Me vê todo dia com Keven, por que não contou?

— Porque eu vou fazer isso com o *cara*, Elena? Ele está mal, sofrendo por estar longe de casa, longe de você, no meio de estranhos, e eu ainda vou piorar contando sobre como você e o Keven andam rindo para cima e para baixo, como se ele nem existe? Qual é. Isso é *ideia errada*, Maycon não faria isso comigo, e ainda que te ache uma vadia ordinária por fazer isso com ele, não vou contar, não mesmo...

— Não traí o Maycon, e antes de tudo, Keven já era meu amigo... Sinceramente, você tem liberdade com Maycon, mas não tem comigo, então me poupe do seu sermão. Não preciso dele agora, não mesmo. Não sabe nem metade do que acontece comigo, então não faça especulações.

— *Vai se ferrar*, Elena. Maycon merece alguém melhor, e uma hora ele vai perceber isso.

— Provavelmente alguém como você, que vai fazer ele se afundar mais nas drogas...

— Pelo menos eu o amo de verdade, não finjo amar como você. Seu problema foi querer bancar a namorada que tira o viciado das drogas, e *se ferrou*. Não estava preparada para tudo isso, e agora em vez de ajudar, só atrapalha e acaba se tornando estorvo. Porque a cada visita sua, o cara fica deprimido, e em vez de incentivá-lo, ele que tem que te colocar para cima, qualquer um percebe isso. Até os pais dele e a psicóloga perceberam que Maycon tem que correr igual cachorro atrás de você. E ver isso é *foda, foda mesmo*. Então, *na boa*, sabe aquele ditado, se não for para ajudar, não atrapalhe. Pois é, poderia começar a seguir...

Jayde me olha com ódio, não respondo. Seguimos em silêncio, não demora para chegarmos em frente ao Campus. Jayde para e desço, não nos despedimos. Apenas agradeço, ela não responde e arranca. É óbvio que me odeia, mas acho que esse sentimento é recíproco.

Sento no banco. É horrível se sentir tão deslocada. Respiro fundo, queria entender o propósito disso tudo. Só queria poder ir para casa, deitar na minha cama e ouvir minha mãe dizer que tudo vai ficar bem... São tantos problemas, e sei que quando meus pais souberem, não vai existir mais o "ir para casa". Acho que começo a perder a fé. Jayde tem razão, não estava preparada para isso, e em vez de ajudar Maycon, só tenho atrapalhado.

Começo a andar, sem rumo mesmo, apenas andando como se no fim da caminhada eu fosse encontrar a solução.

Os passos se tornam mais rápidos, chego perto do viaduto, olho para baixo, talvez isso acabe com meus problemas.

Aí está seu final feliz, Elena...

Ouçõ minha própria voz. Olho tão fixamente para baixo, sempre achei que suicidas eram covardes, mas quando me deparo com essa altura e sei que se eu pular, minha vida acabará. Não me sinto tão covarde assim, é preciso coragem para por um fim em tudo. Mas será que meus pais vão entender que me tornei uma decepção para eles, e por isso não quero continuar vivendo essa vida medíocre que me tirou todos meus sonhos? Será que eles vão entender que isso é o único modo de parar a dor? Será que Maycon vai me perdoar por não cumprir minhas promessas? Será que vai superar isso? Eu tenho motivos para pular, mas quando fecho os olhos e vejo o rosto do Maycon, sinto que não posso fazer isso com ele. Mas ele não está aqui e Jayde pode escrever para ele no meu lugar, Maycon só saberá quando sair. E vai superar, no fim, todos superam. É sempre assim, fora que eu não suporto mais todo esse peso em mim, não suporto mais ficar sem ele. Estou despedaçando e não há como consertar esse estrago...

Olho novamente para baixo, sinto uma necessidade de pular. A sensação é como se encontrasse a cura para uma ferida aberta e ela está metros abaixo de mim. Respiro fundo, provavelmente isso tem uns dez metros... Fecho os olhos, mentalizo-me pulando, mas... desisto ao ver o rosto do Maycon, ao ver meus pais.

Eu não posso, não mesmo, essa não sou eu, não posso negar uma chance ao meu bebê, não posso fazer isso aos que me amam.

— Estava aqui apostando se você teria mesmo coragem de pular, queria pular, não é mesmo? — reconheço a voz e me viro assustada. Jayde está há alguns metros, seu olhar é sombrio, mas mantém um sorriso no canto da boca.

— O que faz aqui, Jayde?

— Pensando na vida, sempre quis presenciar alguém pular, e eu realmente adoraria te ver pular, juro que não faria nada para impedir, mas parando para pensar, Maycon não merece isso.

— Como tem coragem de falar dele se nunca sequer tentou ajudá-lo? Olha para você, Jayde, sempre o viu se afundar e não fez nada para impedir. Não sei como tem coragem de me criticar, coloca a culpa em mim, mas nem sequer assume a sua culpa. Que tipo de amor é esse que diz sentir por ele? Me prove que é melhor que eu. Diz que ao menos uma vez tentou ajudá-lo?

Jayde não responde, mas sei que a intimidei, sua expressão mudou, falar sobre Maycon traz um ar diferente a ela, mais humano. Ela engole em seco, fica sem palavras. Dou alguns passos, Jayde vem em minha direção.

— Talvez você tenha razão, talvez eu não seja uma boa amiga, mas se acha que pode salvá-lo, por que então queria pular? — respiro fundo.

— Minha vida é uma droga e toda droga deve desaparecer. Elas arruinam com

a vida das pessoas!

— Essa é a sua definição, não a minha, mas nós podemos falar sobre isso...

— Não, já tentei me aproximar uma vez e você deixou claro que não queria, hoje quem não quer se aproximar sou eu. Não quero ser sua amiga, nem conversar com você...

— Posso não ser uma boa conselheira, mas sou uma boa ouvinte. E você não tem muitas opções.

— Isso não é dá sua conta! — Digo rude, mas Jayde se aproxima mais.

— Merda, Elena! O que está acontecendo com você?

— Nada...

— Ah, legal, você é idiota mesmo, pensou em se matar por nada? Se quiser se matar, que seja por algo épico, não por nada — diz em seu estilo.

— Não faz diferença para você. Por que está aqui?

— Já disse, gosto da melancolia desse lugar. E tem razão, não faz diferença para mim, mas faz para o Maycon, e se faz para ele, passa a fazer para mim também.

Não respondo, apenas continuo andando arrependida por Jayde ter presenciado isso. E mais ainda por eu ter especulado essa ideia sem noção de pular.

— Elena — suspira — o Maycon te ama e está tentando por você, por que não começa a tentar por ele? Sabe que ele merece.

— Olha quem fala, a garota que nunca sequer o ajudou.

— Tem razão, mas há uma grande diferença entre mim e você, fora que agora tem um bebê nessa história — Jayde diz e fico sem chão.

— Maycon te contou? — pergunto, já chorando.

— Desde que eu soube, ele só fala no bebê e em como vocês serão felizes juntos, ele já perdeu uma família, não o faça perder outra... Maycon não vai suportar — Jayde diz, e pela primeira vez, sinto emoção em algo que ela fala. Senta no acostamento e eu me sento não muito próxima.

— Por que se importa tanto com a felicidade do Maycon? Se realmente o ama, eu sou um problema para você — ela suspira, sei que tem algo a dizer e acho que quero ouvir.

— Vai além disso, Elena. Quando eu precisei, ele foi o único que me ajudou, usava heroína e estava no fundo do poço por causa dela. Minha mãe me expulsou de casa, me tornei um estorvo para minha família, cheguei a fazer muita merda para conseguir a droga... Quando Maycon ficou sabendo desse meu passado, me deixou continuar a morar com ele, me ajudou a sair dessa. As pessoas acham que a maconha é a porta de entrada, mas na verdade, ela é a porta de saída também. Para quem era viciada em heroína, hoje usar só erva é quase

que sair do inferno... Ele me ajudou, precisava de um motivo e ele foi o meu.

— Se ele tirou você, por que não consegue sair?

— Ele sempre foi meu motivo, mas nunca fui o dele. Maycon sempre se culpou pelo divórcio, não superou a separação dos pais. Mas agora é diferente, ele tem um motivo, esse bebê aí... Pela primeira vez eu escutei ele dizer que quer parar e quer ser forte. Então acho que deve dar uma chance a ele...

— Acha que ele vai sair dessa pelo bebê? Acha mesmo que isso pode ser a salvação dele?

— Acho, eu acho sim, só que tudo depende de você...

— O problema é que meus pais não aceitam o Maycon e não vão aceitar essa gravidez...

— Se eles te amam como eu acredito que amam, vão sim. Só tem que dar um tempo a eles.

— Maycon me disse que não contaria para ninguém...

— Ele não contou, eu joguei indireta, vocês dois estão diferentes, estão se isolando muito, então eu liguei as coisas. Plantei verde e colhi maduro. Maycon caiu, ele sempre cai, nesse jogo sou mais esperta que ele. Mas, mudando de assunto, você já foi ao médico?

— Não, irei essa semana.

— Sei que tudo é pago, então se precisar de grana, é só falar.

— Obrigada, Jayde, mas não quero isso de você.

Ela me olha torto.

— Mas seria pedir muito não contar para ninguém?

— Maycon já me pediu. Só disse por que achei que poderia te ajudar a ter mais confiança nele.

Ela ri meio sem jeito.

— Já vou indo, não conta isso para o Maycon...

— Se contar, ele dará um jeito de fugir e vai dar merda, o muro é muito alto, e do jeito que é idiota, vai pular e já era... Ele é louco por você, Elena. A ama mesmo.

Levanto-me e ela me segue até o Campus. Mantemos o silêncio e me pergunto como é complicado para ela admitir que ele me ama.

Chego à porta do meu quarto, quando me viro, ela já se foi sem se despedir. Definitivamente, Jayde é estranha.

Já são mais de dez. Vou ao banheiro e tomo um banho, deito e me cubro. Keven chega trinta minutos depois, não comento sobre o ocorrido.

Ele se aproxima e dá um sorriso. Keven é bonito, tem um sorriso encantador.

— Viu o príncipe? — me diz e sinto o cheiro de uísque.

— Continua lindo e príncipe — sorrimos.

— Vai casar com ele?

— Acho que sim...

— E tem alguma coisa que eu possa fazer para impedir isso?

Ambos rimos.

— Não.

Viro meu rosto. Keven tira o tênis e a blusa. Ele tem uma tatuagem nas costas e só agora que reparo que é uma mulher com asas de anjo. Tem um corpo bonito, na verdade é bem atrativo. Apago meu abajur e me viro para a parede. Coloco as mãos em meu ventre. Tem um bebê aqui, e isso é quase inexplicável, ele é a parte do Maycon que está em mim. Nosso amor materializado. Acho que tenho sido cruel com Maycon e com ele. Talvez eu não seja boa pessoa e só agora é que me dei conta disso. Sinto Keven me abraçar e fico um pouco constrangida. Além de deitar, ele se enfiou debaixo da minha coberta.

— Posso ficar um pouco aqui com você? — ele me pergunta e me viro para respondê-lo.

— Já está aqui... — sorrio e Keven me puxa para seus braços.

— Te acho tão linda, Elena. Tem um jeito tão meigo e carinhoso... Vai ficar linda quando estiver de barrigão — ele diz tão próximo que sinto sua respiração se misturar a minha.

— Obrigada, Maycon também me disse isso.

Keven se vira sem graça.

— O ama tanto assim? Acha que eu não posso te fazer esquecer-lo?

— Nunca disse isso, mas vamos ter um filho e acho que você merece alguém com uma carga menor. Falando nisso, tenho que ir ao médico essa semana, se importaria em me acompanhar?

— Não, jamais me importaria — ele sorri e acaricia meu rosto.

— Obrigada, Keven, sempre serei grata a você.

Ele contorna meus lábios com seu polegar e começo a achar que está bêbado.

— Relaxa, não vou te agarrar, ainda que eu queira... — diz sedutoramente ao me perceber tensa.

— Sei que não, confio em você.

Keven se aproxima muito, encosta seu nariz ao meu, fica segundos olhando em meus olhos, para e me dá um beijo no rosto, olha em meus olhos novamente, sorri, e se levanta.

— É só me dizer o dia e hora que vou com você — ele diz e vai ao banheiro.

Viro-me e acabo dormindo. Quando acordo, já é segunda.

Olho para o lado e em cima da minha escrivaninha tem chocolate quente e um sanduíche natural.

Levanto e vejo o bilhete do lado:

Com amor, Keven.

Ele já se foi, muito raramente, Keven sai mais cedo. Hoje foi esse dia raro.

Tomo café, depois me arrumo. Quando a aula termina, ligo para uma clínica no centro e consigo uma consulta para terça às quinze da tarde. Como tenho dinheiro guardado, dá para eu pagar.

No almoço, conto para Keven que marquei um horário, ele promete me acompanhar e fico ansiosa pela consulta.

A noite passa. Pela manhã sigo minha rotina. Ainda tenho aquela sensação de que o médico vai dizer que não estou grávida, mas sei que é loucura, porém, no fundo, tenho esperança.

Às duas, arrumo-me e Keven também. Saímos às duas e meia. Ele encontra o endereço pelo GPS. Entramos, a clínica é grande, vou até a recepcionista, ela faz minha ficha, pago a consulta. Após quinze minutos, o médico me chama.

Keven entra comigo, estou suando frio. O médico se apresenta.

— Elena, sou o doutor Carlos, ginecologista obstetra. Qual o motivo da consulta?

— Minha menstruação atrasou, fiz exames de farmácia e deram positivo.

— Foi planejada a gravidez? — ele pergunta, olhando para Keven, e fico sem graça.

— Não, mas estamos felizes — Keven se adianta e me constrange ouvi-lo.

— Está sentindo alguma coisa?

— Cólicas, muitas cólicas mesmo.

— Primeiramente, vou pedir um exame de sangue, faça aqui mesmo e assim que tiver o resultado, você volta e dou continuidade à consulta.

Faço o exame na clínica, Keven paga por ele, fico envergonhada por isso. Esperamos o resultado. Positivo. Voltamos ao médico e ele confirma a gravidez. Leva-me para a cama ginecológica. Examina-me e escutamos o coração.

— Está escutando, papai? — o médico pergunta a Keven, estou envergonhada, mas não tenho coragem de dizer que ele não é o pai.

— Emocionado aqui — Keven diz e me faz sorrir.

Agora não há sombra de dúvidas, tem um bebê em mim. Ele diz que aparentemente está tudo bem, mas que apenas um ultrassom pode confirmar. Após os exames, visto minha roupa novamente e volto para junto do Keven. O médico me passa mais pedidos de exames, o pedido para o ultrassom e remédios para enjoar caso eu venha a ter. E por último, vitaminas. Passa-me um cartão pré-natal e diz para marcar a próxima consulta assim que fizer o ultrassom.

De certa forma, estou mais aliviada. É emocionante ouvir o coração do bebê bater, tem outra vida em mim e choro só pelo pensamento. Keven me abraça ao me ver emocionada.

— Vamos aproveitar para marcar seus exames de uma vez? — ele pergunta assim que saímos do consultório.

— Keven, eu vou conversar com Maycon primeiro, não tenho dinheiro agora e...

— Não pode esperar um mês para marcar, você nem tem contato com ele direito, ele não vai poder te acompanhar, nem passar por isso com você. E tenho certeza que você não vai pedir aos seus pais. Mas eu estou aqui, Elena, posso e quero te ajudar.

— Keven, eu não posso aceitar, o filho não é seu, não é certo você pagar para mim.

— Relaxa, não tem problema. Faço isso por você.

— Lógico que tem, mas você tem razão, não posso contar com Maycon no momento, prometo que assim que vê-lo, eu vou te pagar.

— De você eu não quero receber, mas se for dele, vou cobrar com juros e dobrado — ambos rimos.

Marco os exames para uma semana antes da visita. Voltamos para o Campus e agradeço pela vigésima vez ao Keven. Não sei o que faria sem ele.

À noite, depois de jantarmos, enquanto Keven faz um trabalho, eu escrevo para o Maycon.

Amor, tudo bem?

Espero que sim, a parte do seu coração que está em mim bate forte e tudo indica está muito bem, o que significa que Elena cumpriu sua promessa. Hoje pensei em como eu te amo e como preciso do seu amor. Ele me aquece nos dias frios, me indica qual caminho seguir e ilumina minha escuridão. Acho que isso soa um tanto poético, porém é a realidade de quem ama. Queria ter algo impressionante para te dizer, mas no fulgor do momento me faltam palavras e até mesmo novidades, porque a única novidade relevante mesmo é ter você ao meu lado, contudo, nós dois sabemos que agora isso é impossível.

Eu estou aqui sem você, Maycon, e essa é a parte mais dolorosa e real da minha vida. Mas ainda que isso seja nossa realidade, você está em minha mente e penso em você a todo o momento. Eu sonho com você todos os dias. Porém, quando acordo, me desanimo, porque minha realidade não é o que eu desejo. Você não está aqui e nada parece poder mudar isso... Olho a sua foto e vê-lo me conforta. Você é tão lindo, Maycon, lindo demais... Sonhei com nós como em todas as noites, mas como tudo que é bom acaba rápido, eu acordei e não tive seu sorriso pra mim. Sei que é difícil para você, no entanto, é difícil para mim também.

Porque quando se ama, não existe um lugar para se sentir bem, a não ser estar ao lado de quem se ama. Maycon, eu te amo, amo estar com você e ser

completamente sua. Me perdoe pela escassez de palavras e talvez um tanto simplórias e repetitivas perto do amor que sinto por você, contudo, nessa escuridão a qual vivo, você toma todos os meus pensamentos, e em ocasiões como essa, até o simples exercício de escrever me parece complexo. Eu te amo, e assim que estiver mais notícias, eu volto a te escrever, me perdoe por não ser a pessoa que você precisa no momento. Ainda sim, estou feliz por estar ao seu lado e saber que está do meu.

Beijos e até breve.

Sua Elena.

Pela manhã, envio a carta, e após dois dias, recebo sua resposta:

Olá Elena, o vírus que me infectou de tal maneira que jamais poderei encontrar sequer um antídoto, nem quero, só para constar. Você é o anjo que me assombra todas as noites, mas não se preocupe, digamos que eu gosto de ser assombrado...

Parei por aqui, estou imensamente feliz por sua carta.

E hoje, ao recebê-la, acreditei que ocorreria uma catástrofe ou que eu morreria. Fiquei aguardando, mas até o momento, nada ocorreu, pelo menos ainda estou vivo. Caso esse não seja meu fantasma que te escreve...

Estive pensando em nós e no meu coração, (nosso amor materializado). Lamento tanto não estar ao seu lado, lamento mesmo. Elena, eu sei que não sou o cara perfeito para você, que talvez tenha sido irresponsável e um tanto imaturo. Mas, pela primeira vez em anos, eu encontrei uma razão para mudar quem eu costumava ser, uma razão que me faz querer ser melhor e principalmente querer viver muitos anos. E você sabe qual é...

Talvez seu futuro ao meu lado não lhe pareça muito promissor. Mas chego ao êxtase só de pensar em viver ao seu lado cada segundo. Não me pergunte o porquê ou como tenho certeza, mas se não for para ser feliz ao seu lado, não existe felicidade para mim... E ainda que você saiba, isso não me impede de dizer que eu te amo e penso em você a cada segundo. Tem muitas coisas que sei que não deveria ter feito, e muitas pelas quais ainda sei que irei me arrepender. Mas a vida não permite voltar ao passado. Contudo, nos dá a chance de fazermos um futuro diferente. E eu ainda quero ser o cara que enxugará todas as suas lágrimas, quero ser a cura para essa dor que você sente. Quero ser seu o resto da minha vida e poder ter a honra e a felicidade de tê-la ao meu lado sempre. Não sei se consigo expressar todo meu amor em palavras, acho isso algo complicado, porque conseguir tal prodígio, seria querer ser o maior de todos os sábios, pois o amor não se pode expressar em palavras, apenas senti-lo, e eu o sinto a cada segundo que penso em você. Por isso eu te pergunto: Quer ser minha para sempre? Aguardo ansiosamente a resposta, e sim, isso é

um pedido de casamento. Ainda que informal, mas fazer o quê? Eu sou um cara informal... Um informal que te ama...

Do todo e sempre seu, Maycon.

Capítulo 34

Nada fica encoberto...

Releio a carta mais de vinte vezes. Literalmente, Maycon me pediu em casamento e minha resposta não poderia ser outra se não um sim. Escrevo:

Maycon, meu amor...

Realmente não sabe qual seria a minha resposta? Acho que ela é um tanto óbvia, não? Já reli sua carta mais de vinte vezes e não sei como poder expressar em palavras como estou feliz, eu te amo e nada me fará mais feliz do que ser sua por toda a minha vida, no entanto, sabe que quero exclusividade, quero ser somente sua como espero que seja somente meu. Sei que o feliz para sempre não é algo que se conquista em um dia. Mas podemos começar juntos construindo cada dia o nosso, eu te amo muito mesmo, desculpe pelas poucas palavras...

Sim, isso é um... Eu aceito. Eu te amo e não vejo a hora de estar em seus braços novamente...

Da, para sempre, e toda sua, Elena.

O dia passa e nada mais me interessa, fico feito boba relendo a carta e esperando as horas voarem para que eu envie a minha resposta.

Às oito e meia, Keven chega, hoje ele ficou o dia todo fora.

Sorrio ao olhar para ele.

— Pode falar, seus olhos estão brilhando, sei que tem novidade — ele sorri.

— Maycon me pediu em casamento e eu disse sim — olho para Keven esperando sua reação, ele parece não acreditar...

— Como assim?

— Vou me casar, Keven, vou me casar com Maycon!

— Simples assim? Ele pediu, você aceitou e pronto.

— Keven, eu estou grávida, esqueceu?

— E só por isso vai se casar com ele? Elena, chegou ao menos a pensar em seus pais? Sabe que eles não querem isso para você.

— Agora tem um filho no meio disso tudo e tenho que pensar nele antes de qualquer outra pessoa...

— Pois é, e não está pensando. Acha que esse cara vai sair e não usar mais?

Jura que pensa isso? Elena, a primeira coisa que ele vai fazer quando sair é correr atrás de cocaína.

— Está enganado, Keven! Maycon mudou...

— Dentro da clínica qualquer pessoa muda, mas e aqui fora? Olha, eu não tenho nada a ver com sua vida, mas pensa bem... Não pode mudar a vida do Maycon, só que pode mudar a do seu bebê, os filhos veem os pais como espelhos, e quer isso para o seu filho? Quer que ele se torne um viciado como o Maycon? É isso mesmo que quer?

— Não, eu não quero. Mas ele mudou, vai ver quando ele sair...

Digo de imediato. Keven dá um sorriso irônico.

— Elena, você é tão ingênua, vê bondade em todo mundo, vê uma mudança no Maycon que nem os pais dele esperam... Não faz isso com você, não se condene a isso e não leve seu filho para esse caminho — ele se aproxima e me abraça, já estou em lágrimas — Sei que está assustada, sei que não está pensando com clareza, mas esse medo, essa insegurança vai passar, eu estou aqui com você, não dê ao seu filho um pai viciado que sempre vai colocar a droga antes dele. Se acha que eu estou exagerando, não responda agora, espere ele sair e tire suas próprias conclusões.

— Keven, meus pais não vão aceitar.

— Se disser que eu sou o pai, vão sim — Keven olha em meus olhos, sorri e me abraça. Sua resposta me choca. Saio de seus braços.

— Mas não é seu, sabe disso.

— Mas ele é viciado em drogas, se entrar na justiça, eles nem sequer o deixam se aproximar.

Olho-o assustada, isso é muita crueldade.

— Nunca faria isso com o Maycon, ele não merece...

— E seu filho merece passar por tudo que você está passando com ele? Merece ter um pai que ficará indo de reabilitação a reabilitação porque não consegue largar o vício? Não me responda agora, se faça essa pergunta e depois que tiver a certeza da resposta, envia uma carta para o Maycon, ou melhor, diga que dará a resposta no dia em que ele sair. Assim, saberá se o cara mudou mesmo e terá mais certeza de qual caminho seguir.

Não respondo, não sei o que responder. Keven se afasta, vou para minha cama. Tento dormir e nada. As horas passam, não sei o que fazer; no momento, a dúvida me consome. Pego a foto do Maycon, penso no que ele me diria se estivesse aqui. As horas continuam passando, sei que Keven quer nos separar, e apesar dele ter um pouco de razão, toda essa dúvida está me enlouquecendo. Não sei o que fazer.

Acabo sendo vencida pelo sono. Pela manhã, vou ao correio e envio minha

carta, ainda que Keven tenha razão, é a minha resposta agora, talvez eu mude, mas não posso me deixar influenciar tanto assim.

A sexta chega, é o dia do ultrassom, daqui a dois domingos, verei Maycon. Quando se está longe de quem se ama, cada segundo é uma tortura e você passa a contá-los na sutil esperança de que eles voem.

Keven está comigo. Depois da minha resposta, Maycon não me escreveu e nem Keven tocou no assunto. Faço os exames que o médico me pediu, após a coleta Keven e eu vamos à área de ultrassonografia.

— Keven, é introvaginal, se importaria de esperar aqui fora? Ficarei sem jeito se entrar — digo na porta. Keven sorri e se senta em uma das cadeiras.

Entro e faço o exame. Doze semanas e quatro dias de gestação.

— Quer saber o sexo?

— Já dá para saber? — pergunto surpresa.

— Sim! É um meninão... Parabéns!

Ele diz e sorri. Nem acredito que é um menino, meu pai sempre quis ter um menino, essa é a primeira coisa que vem à minha mente, agora ele vai ganhar um neto. Será que eles irão me perdoar por isso? O médico continua passando informações para a assistente, faço as contas, engravidei na semana da despedida do Maycon para clínica, que despedida... Olho o bebê bem formado e parece mentira. Já há uma saliência protuberante na minha barriga. O que significa que já eram as camisetas e blusas apertadas, agora só batas que disfarçam. O médico diz que está tudo normal para a gestação. Fico feliz e ansiosa para contar a Maycon.

Quando saio, Keven me abraça ao ouvir que é menino. Tomamos um sorvete para comemorar. Na semana seguinte, volto ao médico para mostrar os exames. Ele mais uma vez confirma que está tudo bem. Estou ansiosa, tenho medo que alguém descubra, mas as batas e as blusas de frio têm me ajudado bastante, não sei até quando vou conseguir esconder, mas no momento não quero pensar sobre isso.

Finalmente domingo chega e estou com um sorriso bobo, louca para contar ao Maycon.

Arrumo-me, na verdade agora só tenho três blusas que disfarçam bem. Coloco uma calça legging, pelo menos ela não me aperta como as jeans. Uma bata branca e botas; cacheio o cabelo, passo o perfume que ele me deu e uma maquiagem leve. Às dez, o motorista me pega. Tento disfarçar, mas não consigo conter o riso... *Vamos ter um menino! Será que ele vai gostar como eu gostei de saber?*

Chegamos, o motorista para em frente à mansão de Isaac, desço e quando adentro a enorme e luxuosa sala, dou de cara com Jayde e April. Elas conversam

animadas com Jeniffer e Emily, assim que me veem todas me cumprimentam, mas voltam a conversar, estão falando sobre moda e como April tem um corpo bonito. Na verdade, todas têm, então não entendo o porquê de especificarem apenas ela. Isaac desce, me cumprimenta e nos chama para ir. Dou uma última olhada na sala, é mais luxuosa que a casa da Emily, talvez seja a arquitetura que tem melhor simetria ou o próprio gosto jovial de Jeniffer. Despedimo-nos e entramos no jato. April continua animada, me olha com um sorriso cínico e isso me irrita.

— Vou agradecer a vocês pelo resto da minha vida, estou quase morrendo de saudade do Maycon — ela diz e arranca sorrisos de Emily e Jayde, me sinto o patinho feio no meio deles. Garota falsa, é óbvio que está interessada no Maycon, e não em ser sua amiga. Mas como ela não me vê como ameaça e se tornou amiga da Jayde, está se achando.

Olho para elas de relance. Quando me viro, dou de cara com Isaac, percebo que ele mantém os olhos fixos na minha barriga, tão fixos que nem percebe que eu estou olhando para ele. Um arrepio percorre meu corpo, e após segundos, quando ele nota que estou olhando, dá um sorriso e desvia o olhar. Agora tenho certeza, ele sabe. Maycon não sabe mesmo guardar segredo.

Finalmente, após escutar muitas indiretas da April, nós chegamos. Ela e Emily já parecem amigas íntimas. Complicado, minha sogra e eu mal conversamos e as duas em questão de horas já são amigas. Descemos, seguimos de carro e rapidamente chegamos à clínica. Meu coração está acelerado.

Entramos e Maycon está olhando tão fixamente para Katherine que não nos percebe. Ela o olha e diz algo, estão tão próximos. Ele a responde e dá aquele sorriso lindo e perfeito. Katherine nos vê, se levanta e passa a mão no ombro dele e eu quase morro por isso. Ele segura em sua mão e parece agradecer. Maycon se levanta, ele está tão lindo, lindo demais, que ódio. O cabelo está maior, da maneira como eu o conheci. Ele se aproxima e antes que alguém o abraça, ele sorri para mim. Estou morrendo de ciúme, porém a saudade é maior. Maycon me abraça e juro que não quero deixar mais ninguém o abraçar. Só que tem mais pessoas esperando por isso.

— April, que surpresa, *cara*.

— Saudade de você, parece que tem mais de um ano que não te vejo, mas você está lindo e bem, muito bem.

Ela o abraça e como estou do seu lado, sinto a mão dela passar por mim. Jayde é a próxima, eles conversam entre cochichos, como sempre ela se emociona. Ele sorri para Isaac que dá aquele mesmo sorriso do avião e esse sorriso me diz que seu pai sabe sobre a gravidez. Emily é a próxima e faz um questionamento sobre tudo, até o que Maycon come e bebe. Coisa de mãe. Pergunto-me se eu também

vou ser assim. Ela o abraça e o beija três vezes.

Sentamos à mesa, ao sentar ao meu lado, ele me abraça.

— Você está bem? — sussurra em meu ouvido, olho em seus olhos. Oh, meu Deus, eu o amo tanto e me sinto tão bem em seus braços...

— Agora eu estou, tenho novidades — digo sorrindo e ele me beija. Nesse primeiro contato dos nossos lábios, perdemos a dimensão de espaço e tempo. Maycon aprofunda mais o beijo até ser interrompido por sua mãe, e isso me deixa sem graça.

— Já conversamos sobre isso, amor, depois damos um tempo a vocês — ele sorri.

— Mãe, vou te contar uma coisa... — Maycon diz e estremeço implorando para não ser sobre a gravidez.

— Pode falar amor — ela diz docemente.

— Pedi a Elena em casamento e ela aceitou.

— O quê? Como assim? — Emily se surpreende.

— Queremos nos casar e vamos nos casar.

— Mas vocês têm pouco tempo de namoro, não podem se casar se nem se conhecem direito.

Maycon ri:

— Lógico que podemos, ela aceitou.

Emily me olha sem entender.

— Parabéns, campeão, espero que seja muito feliz, sabe disso — Isaac diz sorrindo e recebe um olhar de repreensão de Emily.

— É só isso que tem a dizer, Isaac? — ela o questiona um pouco rude.

— Ele vai fazer vinte um mês que vem, não podemos mais controlá-lo, Emily. Maycon cresceu, não é mais bebê.

Emily apenas sorri sem graça com a resposta dele, mas está evidente que não gostou da ideia. Jayde não interfere, April fica nos olhando desconfiada.

— Não vai me desejar felicidades, mãe? — Maycon diz, provocando.

— Amor, depois nós conversamos sobre isso, tem mais um mês de tratamento aqui, e só quando sair é que realmente vocês terão tempo para se conhecerem melhor.

— Casamento é uma coisa bem séria, não pode ser decidido da noite para o dia — April completa e me pergunto por que ela acha que pode opinar.

— Concordo com a April, quando você sair, nós conversamos melhor.

— Depois vocês conversam sobre isso — Isaac se intromete e todos ficam em silêncio, agora tenho certeza que Emily não é muito minha fã.

Para descontrair, Maycon inicia uma conversa sobre culinária, depois passa a falar sobre artesanato, diz que está aprendendo a fazer bijuterias nas horas vagas.

Sua mãe sorri. Maycon mostra pulseiras que fez para mim e Jayde. Emily cobra uma para ela, mas a desculpa dele é que não fez para ela porque só a vê com joias, no entanto, promete fazer na próxima visita. Eu amei e Jayde também.

Após o almoço, nós seguimos para nossa árvore. Jayde fez amizades com outros dependentes, e no tempo meu e do Maycon, ela se distrai conversando com seus novos amigos. April a acompanha e seus pais vão conversar com Katherine.

Sentamos debaixo da árvore.

— Eu te amo — ele se aproxima e me beija, correspondo com intensidade. Quando perdemos o fôlego, paramos para recuperá-lo.

— Tenho uma coisa para te contar — sorrio esperando a reação dele.

— É um menino!

— Ah, seu chato, não era para ser direto — digo e ele sorri.

— Acertei ou não? — Maycon se adianta.

— Você é sem graça.

Ele sorri feito bobo.

— É menino? Acertei? — insiste.

Confirmo com a cabeça e ele me beija novamente, entusiasmado.

— Estou muito feliz, se te contar que sonhei que era menino, você acredita?

— Sério?

— Sim, eu contei para Katherine hoje, no momento que vocês entraram, estava falando sobre isso.

Desvio o olhar.

— Amor, não precisa ter ciúme, ela conversa com todos, sem exceção. Fora que em cem palavras que eu falo, cento e cinquenta é sobre você e nosso bebê.

— Não gosto da sua amizade com ela...

— Para com isso, vai. Nosso tempo é curto, não vamos perder com bobagens. Eu tenho que te entregar uma coisa.

Maycon me entrega um cartão de débito. Fico sem graça e ele percebe.

— Elena, está tudo bem, a senha é seu aniversário.

— Seu pai quem fez, não foi? — ele confirma com a cabeça — Contou pra ele?

— Tive que contar, mas, na verdade, eu queria contar também, ele é mais compreensivo que minha mãe nesse ponto... Pelo menos não faz perguntas.

— Agora estou sem graça e vou ficar sem graça com ele.

— Elena, é meu filho, é minha obrigação, meu pai só está me dando uma força. Mas é temporário, até eu arrumar um emprego fixo — sorri.

— Tem que concluir a faculdade primeiro.

— Tenho que sair daqui primeiro, mas ele disse que posso trabalhar na

empresa.

— Acho que sua mãe não gosta muito de mim...

— Minha mãe é ciumenta, depois passa, não liga não. Deixa eu ver nosso bebê? — Maycon levanta minha bata — Cresceu! Mês que vem não vai mais conseguir esconder.

Ele deita em meu colo e beija minha barriga, nesse momento sua mãe interrompe, olhando a cena em choque.

— Por isso que quer casar com ela? Elena está grávida?!

Maycon se vira e levanta assustado.

— Ela está grávida, mãe, mas não é só por isso. Eu amo a Elena e ela me ama também, tenho certeza disso e...

— De quanto tempo? Posso saber? — ela pergunta, desconfiada, e sei muito bem o porquê da pergunta. Antes que eu responda, Maycon se adianta.

— Mãe, pode parar, eu te conheço e sei aonde você quer chegar...

— Já foi ao médico, Elena?

— Sim...

— E?

— Está tudo normal para a gestação. Treze semanas... É um menino.

Quando digo o sexo, Emily muda a expressão do rosto.

— Maycon, você vai ter um menino? Não acredito que o meu bebê vai ter um bebê! — Diz mantendo seus olhos em Maycon, mas me evita e só pela sua posição, sei que ela é bem capaz de pedir um DNA.

— Pois é, mas não sou mais bebê, isso foi há anos.

— Seu pai já sabe?

— contei para ele essa semana. Mãe, depois nós conversamos, agora esse é meu tempo com a Elena, lembra?

— Por que não me contou, amor?

— Mãe, por favor, depois nós falamos sobre isso...

— Amor! Sei que isso é uma ótima notícia e que vocês estão emocionados, mas não tem que se casarem por isso.

— Está bom, mãe, depois eu escuto a sua opinião. Pode nos deixar a sós agora? — Maycon pede já impaciente e sua mãe se afasta sorrindo para mim, mas sei que o sorriso é apenas pela gravidez e não exatamente para mim.

— Sua mãe não me quer como nora — sorrio sem jeito.

— Acho que o recorde será dos seus pais no quesito casamento.

Ele brinca. Ambos sorrimos, não posso discordar. Ele volta a me beijar, me puxa para seus braços.

— Olha, quer que eu seja sincero?

— Sempre quero, Maycon Sebastian.

— Pouco me importo com a opinião da minha mãe ou dos seus pais, amo você e quero passar minha vida ao seu lado e é isso que me importa... Quero acordar do seu lado todos os dias, ter você todas as noites. Sempre — ele sussurra e volta a me beijar.

— Sinto-me tão segura ao seu lado, Maycon. Quero ficar aqui com você e torço para que seja forte para nós nunca termos que passar por isso novamente.

— Prometo a você que vou tentar para não passarmos por isso, nunca mais — ele me abraça tão apertado, como se quisesse me guardar dentro de si.

— Te amo mais que tudo — sussurro.

— Também te amo muito. Vai ter que ser paciente, agora minha mãe vai ficar em cima de você, vai querer ir às consultas e acompanhar tudo de perto, e se você negar, vai arrumar briga das feias, e eu não vou poder te defender... Não até eu sair, depois que sair eu corto isso dela — ele conclui, acariciando meu rosto.

Volto a beijá-lo e continuamos entre beijos e carícias até a reunião, depois de assistirmos, voltamos para nossa árvore, ela meio que se tornou nosso refúgio, o esconderijo onde podemos ser quem somos e declarar todo nosso amor sem preconceitos.

— Estive pensando em você — ele me olha ternamente. Deita e me deita em seus braços. Olho seu lindo rosto, Maycon continua — Você é tão frágil como porcelana, mas quando quebra, é capaz de cortar qualquer um que se aproxima. Sei que já te decepcionei, e quero te pedir desculpa por isso. Eu quero ser diferente, quero realmente te fazer feliz, porque para mim é um privilégio ter você, você é um tipo raro, única. Achava que isso era ilusão, achava que nós juntos era ilusão, mas é tão real para mim agora, tão perfeito estar aqui ao seu lado. Eu nunca precisei de alguém como eu preciso de você. É única para mim e sempre será. E ainda que tudo fique escuro um dia, ainda que eu te faça perder a fé em mim. Não perca nesse amor, no nosso amor, porque ele sempre vai nos mostrar o caminho. Eu te amo, amo mesmo — ele me beija e vou às nuvens com suas palavras...

— Eu também te amo e nada, exatamente nada vai me fazer desistir de nós, pode ter certeza disso, e não é uma promessa, vai muito além disso, é por amar você.

Maycon me beija.

— Pode comprar tudo que precisar, e pague tudo com o cartão, não tem que me dar satisfações. Tudo bem?

Sorrio e voltamos aos beijos, deito por cima dele, sua mão passeia pelo meu corpo enquanto sua língua explora minha boca. Continuamos até Katherine vir e educadamente chamar nossa atenção. Levantamo-nos e seguimos para perto dos seus pais. A hora da despedida vem para me mostrar que nada é eterno, e minhas

horas felizes acabam de passar.

Nos despedimos, essa sempre é a pior parte, odeio isso.

Assim que entramos no carro, Emily senta ao meu lado.

— Podemos conversar quando chegarmos? — ela murmura e eu confirmo com a cabeça.

As horas passam, April acaba cochilando no colo da Jayde, que me olha de relance, mas não diz nada.

Quando finalmente chegamos, Emily pede para que eu espere. Jayde e April se despedem e vão embora, olho-as irem e fico pensando em quem vai me levar.

— Não se preocupe, não falta carro, nem motorista — Emily conclui. Segue com Isaac até a casa e eu vou junto. Não queria ter que passar por isso, não sem o Maycon. Entramos, Jeniffer nos recebe e juntos sentamos no sofá.

— Aceita alguma coisa, Elena?

— Não, obrigada...

— Pode ser um suco e sanduíche natural, já tem mais de duas horas que ela não come. Esse é o problema de meninas engravidarem, elas não sabem se cuidar... — Emily diz olhando para Jeniffer, que concorda e pede a sua governanta para preparar o lanche.

— Sem rodeios, vamos direto ao assunto. Elena, eu já sabia da sua gravidez e não quero que soe ofensivo, mas o Maycon realmente é o pai? — Isaac pergunta calmamente e toda a situação é bem constrangedora para mim.

— Se não for ele, não é mais ninguém — falo direta.

— Elena, você e o Maycon não estão preparados para serem pais, é uma carga muito pesada — Emily interrompe.

— Querem que eu aborte, é isso?

— Não... — os dois dizem em uníssono.

— Vamos por partes, não sabemos como Maycon reagirá quando sair, ele na clínica é fácil dizer que não vai voltar a usar...

— Não acreditam em seu filho?

— Não é questão de acreditar, isso não é um conto de fadas em que aparece uma fada e diz que vai ficar tudo bem e fica. A situação é bem oposta a isso, depende muito dele. Mas mudando de assunto, seus pais já sabem? — Emily toca na ferida e não me resta nada a não ser a sincera verdade.

— Na verdade, eles não aceitam meu namoro com Maycon — sussurro sem jeito.

— Como assim? Qual o problema do meu filho, por acaso ele não é bom o suficiente para você, é isso? — Emily diz na defensiva, sei que ela o defende a qualquer preço por ser seu filho, mas sua voz soa um tanto sarcástica.

— Meus pais sabem o que ele é, quer dizer, era usuário de drogas...

— Você contou?

— Não, eles são da polícia.

— Como assim? Eles investigaram o Maycon? — seu pai pergunta, horrorizado.

— Não tenho certeza, mas acho que sim, é normal, sou filha deles.

— Não é normal, isso é crime, não podem investigar alguém que não deve nada a justiça, isso é abuso de poder e podemos processá-los por isso — ele conclui, me olhando ainda chocado, Maycon parece um bebê e eu a megera.

— Acho que qualquer pai que preze faria isso — tento amenizar, mas só piora.

— Mas você sabia que ele era usuário e mesmo assim se envolveu e engravidou dele, então seus pais têm que começarem a questionar a educação que deram a você, não podem culpar o Maycon por isso — Emily me confronta, me sinto envergonhada, que droga, agora a culpa é dos meus pais.

— Aonde vocês querem chegar?

— Agora só queremos que tudo fique bem com nosso neto e vamos te acompanhar no período da gestação. Mas que fique claro que assim que nascer, vamos pedir a guarda, e sinceramente ela já está ganha, porque você não tem condições, e acaba de nos dizer que seus pais não te apoiam.

— Acha que Maycon vai aceitar isso?

— Enquanto estiverem juntos não, mas vamos ver até quando isso dura. Se vocês se separarem, a guarda é minha — Emily conclui tão arrogante. Provavelmente alguém fez a cabeça dela contra mim, ou talvez seja ciúme mesmo.

Não respondo, meu estômago ronca, como o sanduíche e tomo o suco. Eles mudam de assunto, é impressionante como ela influencia Isaac e até mesmo Jeniffer. Emily dá palpites até na decoração e isso para mim é demais.

Erick chega, nos cumprimenta e assim que ele se aproxima de Isaac e Emily, Jeniffer vem até mim.

— Sei que é bem constrangedor tudo que ouviu, mas calma que isso passa, deixa a poeira abaixar, ela está achando que esse na sua barriga é o Maycon de novo, eles estão, e por isso esse redemoinho todo. Desculpa, Elena, mas eles o mimam demais e são culpados por até hoje ele estar nessa. Se Maycon estivesse aqui, eles jamais fariam isso com você. E para o seu bem, não comente com ele, porque eles odeiam quem tenta colocá-lo contra eles. Fica tranquila, que quando ele sair, eles jamais vão tirar o bebê de vocês.

— Por que são assim?

— Porque você disse que alguém não gosta do bebê deles, por isso. Porque deu razão para seus pais e não para o Maycon que é um deus para eles, intocável. Se alguém falar mal, quem não presta é a pessoa.

— Tudo por causa do divórcio?

— Não, sempre foram assim, o pai podia estar em uma reunião importante, ele chegava com Emily e Isaac parava tudo para vê-lo, sempre foi mimado ao extremo, por isso se tornou o que é hoje, eles não o confrontam, nunca puseram limites. Descobriram o vício, choraram e, no fim, aceitaram, apesar de não admitirem.

— Não acho que aceitaram...

— Dar dinheiro para ele manter, para mim é aceitar...

Não quero render e mudo de assunto no mesmo instante.

— Ele não deveria ter te ofendido como fez da última vez. Sinto muito.

Jeniffer ri:

— Não se desculpe, não é a primeira vez, nem será a última, mas o que me magoa é que Isaac não me defende em nada, nem defende a Jessica, mas deixa pra lá. Eu já me acostumei e você também vai se acostumar.

Termino o lanche. Nos despedimos e Erick junto com Emily me deixa em frente ao Campus. Ela desce.

— Vou marcar uma consulta para você com meu médico, foi o mesmo que fez o parto do Maycon. Assim que marcar, eu te ligo, provavelmente vai ser no meio da semana, marco à tarde e faremos outro ultrassom. Tudo bem? E, Elena, vamos comprar roupas para você, essas que usa não fazem jus à gravidez — ela conclui, sorri e me dá um abraço e beijo.

— Tudo bem... — digo, já cansada, e para evitar confrontos, o mais sensato agora é escutar os conselhos de Jeniffer.

Na segunda, converso com meus pais, eles pedem para que eu vá ao aniversário da minha irmã. Será quase próximo a última visita e me pergunto como vou esconder uma barriga de quase cinco meses. Mas estou cansada e quero apenas dormir.

A semana passa, vou à consulta com Emily, a clínica é outro nível. Isaac e ela assistem a ultrassom, ficam tão emocionados que parece que estão vendo o Maycon novamente. Ele pede ao médico para gravar para o Maycon ver depois. Ele o faz.

Trocamos correspondências, conto sobre tudo, só não menciono seus pais. Ele me conta também, no fim tudo se resume ao quanto nos amamos e sentimos saudade.

A última visita chega, passo por todo o processo de antes, mas sempre é difícil, pelo menos hoje não tem April. Quando termina e chega o momento da despedida, me sinto mais recomposta, na próxima ele vai passar o fim de semana em casa e isso alivia e muito meu coração. Mais uma semana passa e completo cinco meses, todos já sabem, todos menos meus pais. Na faculdade, minha

gravidez é o único assunto do momento, mas como não dou brecha, ninguém se aproxima. Keven continua protetor e carinhoso, até compramos algumas roupas para o bebê juntos, detalhe, eu o reembolsei pelos exames que pagou para mim. A sexta chega, no próximo fim de semana dormirei com Maycon. Finalmente a aula termina, nem me lembrei de dizer a meus pais que não irei, quero que Maycon esteja comigo quando contar para eles.

Vou às pressas ao meu quarto, a porta está aberta, quando entro dou de cara com meus pais e Keven. Não sei o que dizer, mas minha mãe sabe e a única coisa que escuto é sua voz.

— Elena, você está grávida? — ela pergunta e meu mundo desaba ao ver a decepção estampada nos olhos do meu pai..

— Mãe, pai... Eu iria contar — me apoio na porta, abaixo a cabeça e começo a chorar.

— Quando foi que deixamos de ser as pessoas mais importantes da sua vida, Elena? — minha mãe pergunta chorando, ela se aproxima e me abraça.

— Me perdoa, tive medo que vocês rejeitassem a gravidez, não queria passar por isso sozinha, estava esperando Maycon sair para contar a vocês.

— Ele aceitou essa gravidez? — meu pai pergunta friamente.

— Sim, me pediu em casamento e...

— O quê? Elena, é muito cedo para pensar em se casar com ele. Não é porque ele foi para a clínica que sairá dessa vida — minha mãe fala, olhando em meus olhos.

— Vamos ter um bebê, mãe, um menino... Acho que podemos tentar ter nossa família... Quero acreditar nele, quero nos dar essa chance.

— Não faz isso, Elena, vem com a gente, estou muito decepcionado, não vou mentir, mas você é minha filha e não vai deixar de ser — meu pai finalmente diz e me abraça. Choro tanto em seus braços...

— Me perdoe, papai. Me perdoe por ter feito isso com vocês.

— Vai ficar tudo bem, todos erramos, meu anjo... — ele chora, e vê-lo chorar me machuca.

— Pai, dá uma chance para o Maycon, dá uma chance para nós, por favor?

— Não quero te ver infeliz, pode mudar de faculdade, vamos te ajudar com o bebê... Pode retomar sua vida conosco ao seu lado...

— Já fiz minha escolha e é com ele que eu quero ficar — termino de falar e Keven sai, deixando o quarto.

— Por que insistir em algo sem futuro? Agora tem um bebê, deve pensar nele — meu pai insiste.

— Deixa ela — minha mãe interrompe — Se é isso que quer, Elena, tudo bem, mas ainda somos seus pais e sempre vamos ser, se precisar, liga para nós,

amor.

— Obrigada mãe, obrigada pai, eu sinto muito mesmo por fazê-los passar por isso, eu amo vocês...

— Nós te amamos também querida, sempre será nossa garotinha. Mas, e como está a gravidez? — minha mãe pergunta, respondo e continuamos conversando sobre a gravidez, ela tenta se animar, mas eu os conheço e sei que estão decepcionados. Ficam o dia comigo. Quando a noite chega, eles se despedem, minhas irmãs estão com a vizinha. Eles precisam voltar.

Ela me abraça.

— Me perdoa, mãe, sei que sou uma decepção.

— Você é minha filha, nossa princesa. Não quero que pense nisso, quero que se cuide.

— Precisa de alguma coisa? — meu pai diz, evitando olhar para minha barriga, acho que a ficha dele que estou grávida ainda não caiu.

— Não, está tudo bem, os pais dele têm me ajudado com tudo.

— Tudo bem... Se cuide Elena, e vá nos visitar quando puder, a casa ainda é sua, sempre vai ser.

Ele diz saindo do quarto, meu pai nunca foi frio comigo, só depois que soube do Maycon, então sei que está se esforçando para fingir estar bem. Mas eu o conheço, sei que não está, eu os decepcionei.

Minha mãe se despede com um beijo, choramos mais uma vez.

— Sonhava com essa experiência, queria que compartilhasse comigo, mas eu deixei de ser sua melhor amiga, não é, meu anjo?

— Não, não deixou, ainda é. Só estou passando por um momento complicado, mas te ligo para mantê-la informada.

Damos o último abraço e eles vão embora...

Capítulo 35

Keven

Saio do quarto assim que ouço Elena dizer que quer ficar com Maycon. Isso me deixa puto, será que ela não percebe que está cometendo um erro? Não sei o porquê de seus pais estarem aqui, na verdade foi uma surpresa para mim também me encontrar com eles. Assim que deixei a sala de aula, me deparei com eles no corredor e não tive tempo de avisá-la.

Dou passos rápidos pensando em como mudar isso, em como poderei fazê-la enxergar que seremos felizes juntos, mas sinceramente, se depois de todo meu apoio ela não foi capaz de enxergar isso, não sei se um dia será capaz de ver. E depois de ouvi-la, começo a perder a fé. Elena sabe que não me importo de o filho ser do Maycon, para mim, pai é quem cria e ele realmente não merece tê-la ao seu lado. Ele já provou muitas vezes isso.

Maycon teve várias oportunidades de mudar, na verdade, acho que ele nunca quis sair dessa vida. Desde que entrei na faculdade, ouvi sobre a popularidade e o vício dele, mas nunca me aproximei. Ele parecia selecionar os seus, era o que pensava no início, mas depois percebi que Maycon não impunha barreiras, as pessoas que faziam deduções a seu respeito. Algumas vezes me peguei pensando em como deveria ser foda todos saberem dos seus erros e o julgarem por isso. Mas ele parecia pouco se importar com a opinião dos outros.

Já no início, entrei para o time de futebol, o que de certa forma me ajudou a me encaixar; dividia o quarto com outro calouro, que assim como eu, cursava engenharia. Até que tivemos um entrosamento legal, mas no início do ano seguinte, ele pediu transferência. Na mesma época comecei a namorar Any, e, para mim, estava tudo perfeito. Estava até conhecer meu novo colega de quarto, ou melhor, minha colega de quarto, Elena, a futura psicóloga, como ela dizia. Confesso que eu não a achei a garota mais bonita da faculdade, porém há pessoas raras que têm muito mais que beleza exterior para mostrar, e descobri com a convivência que Elena era uma delas. Não foi difícil me aproximar, nos identificamos, ela sempre foi tímida, apesar de querer se mostrar independente e forte. Mas à noite, sua máscara caía e ela chorava de saudade dos pais. Passamos a andar juntos e, no fim, Any não gostou da nossa aproximação. Óbvio que alguns estranharam, muitos pensavam maldade ao nos verem dividir o mesmo quarto, mas no Campus, eles abraçaram mesmo o projeto de não fazer distinção de gêneros, por isso foi permitido. Elena, com seu jeito meigo e ao mesmo tempo encantador, conquistou minha confiança e amizade, e foi bem além de

sentir apenas isso, mas o problema é que muitas vezes o amor vem e o percebemos tarde. E quando me dei conta dos meus sentimentos por ela, Elena já estava saindo com Maycon. Uma parte de mim quis ignorar, eu realmente achei que o relacionamento era sem futuro e, para mim, até hoje é. Era suspeito, Elena não fazia o tipo do Maycon, devido a isso pensei que acabaria rápido, e sabia que quando isso finalmente acontecesse, eu teria a chance de me declarar. Mas me enganei e agora pago por esse erro. Quando terminei com Any, ela me disse que o motivo era Elena, eu tentei fazê-la acreditar que não era, contudo, já estava óbvio meus sentimentos, assim como os da Elena pelo Maycon.

E agora estou aqui, feito um idiota louco tentando de todas as formas minimizar essa dor de vê-la com ele. Não suporto mais, Elena está tão cega que não consegue nem sequer ser racional, não consegue enxergar que casar com ele será um erro dos grandes. Maycon é mimado, inconsequente, e pior, um viciado em cocaína e sempre vai ser. Fora que tem a Jayde em toda essa situação. Eu estou a ponto de perder a cabeça, não sei mais como abrir os olhos dela. Elena é fiel a esse sentimento e ainda que seus pais não aprovelem essa relação, ela não é capaz de colocar um fim. Com isso, ela sofre por amá-lo e eu sofro junto. É horrível ver a pessoa que você ama cometer os mesmos erros continuamente, e se fosse juntar todas as vezes que esse cara a fez chorar, daria um rio. Se ela ao menos me desse uma chance, se ela ao menos me deixasse mostrar que podemos sim ser felizes. Mas não, ela prefere ficar com o merda do cara. Maycon é um filho da puta egoísta que não enxerga nada além dele mesmo. Não suporto mais isso, estou cansado de ser apenas o consolo, o ombro amigo, a cara que enxuga as lágrimas que o Maycon causa. Ao menos, por hoje, quero me livrar dessa dor. Não espero seus pais irem embora, sigo para o trailler e bebo sozinho, bebo até esquecer e não esqueço merda nenhuma. Mas, por hoje, não quero pensar nisso. Cansei de lamentar por não ser o cara que ela escolheu, e nessa tentativa inútil as horas se vão. Quando volto ao Campus, já é madrugada, estou bêbado, sei que estou. Entro e vejo Elena deitada, e apesar dela estar acordada, não quero conversar por hoje, não por hoje...

Capítulo 36

Controvérsias versos amor...

Passo o restante da noite chorando. Quando Keven chega, já são duas e meia da manhã. Ele nada diz, apesar de perceber que estou acordada.

O sábado se vai, à noite, ligo para minha irmã e a parablenizo. Meus pais não

falaram sobre a gravidez, caso contrário, ela perguntaria. Conversamos um pouco, depois desligamos.

Desde ontem, Keven não fala comigo, acho isso tão chato. Quando ele está para sair, o chamo.

— Keven, está tudo bem?

— Está sim... — diz, pegando sua blusa de frio.

— Me perdoe se eu te fiz pensar que poderíamos ser mais que amigos, sabe como sou idiota, mas não queria magoar você.

Ele aproxima-se, me abraça.

— Está tudo bem, na vida não temos só a opção de ganhar, ainda que Maycon não mereça você, prometo que não falo mais nada. Vou te deixar seguir seu caminho.

Ele acaricia meu rosto.

— Obrigada. Obrigada por tudo.

— Sabe que fiz porque amo você.

O escuto confessar seu amor e ouvi-lo me emociona. O abraço novamente, ele olha em meus olhos, aproxima-se e me dá um selinho. Não insiste e se afasta.

— Volto segunda. Fica bem — sorri.

— Vou ficar e espero que você também fique.

Sorrimos e Keven se vai.

Passo o domingo sozinha, Emily me convidou para almoçar com eles, mas prefiro evitar.

À noite, olho a foto do Maycon, olho seu telefone, seus grupos no whatsapp que só tem pornografia que outros caras enviam, tem muitos contatos de garotas e com algumas ele conversa no privado, e em todas as conversas têm segundas intenções. Uma em questão me chama atenção, é dele com April.

A mensagem tem mais de sete meses:

April: Adorei a noite e espero repeti-la... Bjs!

Maycon: ;) Hum...

Ele não rendeu assunto, mas a conversa é suficiente para me deixar com a pulga atrás da orelha.

A segunda chega, não suporto mais as piadas e indiretas a respeito da minha gravidez, tento fingir que não me atingem, mas me atingem e muito. As pessoas são tão cruéis. No terceiro horário, April senta do meu lado. Agora que está evidente, pouco me importo com roupas, estou usando todas que a mãe do Maycon comprou.

— E como está a gravidez? — ela pergunta e sorri torto.

— Ótima.

— Não se sente insegura? Pergunto porque eu, no seu lugar, me sentiria.

— Diz em relação a que, April?

— Maycon é gostoso, seu estilo bad boy faz com que muitas fiquem a fim dele, e nossa, como ele sua tanto quando come e como come — ela pisca — Sabe como deixar a gente querendo mais... E agora você está ficando estranha, com esse barrigão — ela diz debochando.

— Vamos direto ao ponto, transou com ele?

Ela ri:

— Numa festa que ele deu na casa dele, nesse dia dormimos juntos. Ele não lembrava, mas refresquei sua memória.

— Foi tão bom assim e ele não se lembrou? Que pena — sorrio, morrendo de raiva.

— Nada, eu não esqueci, depois que saímos, você lembra? A deixamos de fora, foi antes da reabilitação?

Não respondo.

— Então, eu refresquei sua memória e ele se lembrou dos mínimos detalhes... Ele é tão...

— Pode guardar os detalhes para você, não é porque estou com ele que me interesse em saber com quantas vagabundas ele dormiu.

— Cuidado, falando assim você se inclui, e sabemos que você é tão santinha que nem sei como engravidou. Sabe, Elena, eu olho para você e fico me perguntando como uma garota tão informada e inteligente chegou a isso. Não quero pensar mal, só que é impossível. No fundo, todos sabem que é o velho golpe do baú. Parabéns, funcionou! Mas até quando, hein? Isso ninguém sabe... — ela sorri, e antes que eu responda, sai de perto de mim.

Maycon mentiu esse tempo todo, já conhecia April e não me contou. Muito obrigada, Maycon, agora eu tenho mais uma para acrescentar na sua lista. A vejo dar passos em direção à porta, ela realmente tem um corpo de dar inveja, o tipo que passa e todos viram o rosto para olhar. Agora me pergunto se não foi armação aquele beijo dela com Jayde na noite em que saíram. Minha autoestima acaba de afundar. *Que droga!*

A semana passa e tento evitar April e Jayde. Emily sempre me liga às seis para saber como estou, na verdade como o bebê está. Choro na maioria das noites. Olho todas as suas conversas. Sinto-me tão estúpida por acreditar nele, não que tenha realmente algo que o condene, mas depois do que April falou, me sinto uma marionete descartável. Nessas noites solitárias, meu bebê mexe tanto, não consigo conversar com ele. Contudo, acaricio a barriga respondendo aos seus movimentos. Agora, quando me olho no espelho, me sinto feia. Keven diz que é coisa da minha cabeça. Não falei sobre April, isso só o fará ter mais razão sobre o Maycon, e no momento eu não preciso disso. Chega de pedradas, já estou

muito machucada. Por isso quero evitá-las.

A semana se vai, na sexta durmo muito ansiosa. Quando finalmente o dia amanhece, meu coração acelera. Estou chateada, mas com muitas saudade. Faz um mês que não o vejo, e cinco que ele mal me toca. Levanto, e após o café, tomo um banho e visto um vestido casual. Sinto-me gorda em todas as roupas, fazer o quê? Estou grávida e não há nada que mude isso.

As horas passam, como Emily não me liga, eu ligo depois do almoço, mas ela não me atende. Ligo para Jayde:

— Jayde, desculpa te ligar. Mas sabe que horas o Maycon vai sair?

— Ele já saiu, está com os pais dele — ela diz, sem graça, e escuto a voz da April ao fundo.

— Que horas ele saiu? — pergunto com um aperto no peito.

— Pela manhã, não se preocupa não, ele deve ir te ver hoje.

Desligo o telefone e choro tanto. São duas horas da tarde, não acredito que ele saiu pela manhã, almoçou com os pais e até agora nem sequer me ligou. Deito e deixo suspiros em meu travesseiro, ele já se acostumou com minhas lágrimas. Agradeço a Deus por estar sozinha e ninguém presenciar todo esse funeral. Keven foi cedo passar o fim de semana com os pais. Acabo adormecendo, e quando acordo, a noite já está posta.

Olho meu telefone, não há nenhuma chamada.

Meu estômago ronca, sei que já passou da hora de comer alguma coisa. Visto uma blusa de frio, escovo meus dentes e pego minha bolsa. Vou ter que comprar alguma coisa.

Abro e fecho a porta, são seis e meia da noite. Quando chego em frente ao Campus, reconheço o carro do Maycon chegando. Sinto um choque percorrer meu corpo. Não consigo sequer dar um passo, ele estaciona e sai. Está tão lindo, tão perfeito e... Nesse momento, esqueço-me de tudo e só quero abraçá-lo. Maycon se aproxima sorrindo.

Olha para mim, está surpreso pelas mudanças do meu corpo, isso é óbvio. Abraça-me, olha em meus olhos e me beija. Continuamos nesse beijo por minutos ou horas, o tempo agora pouco importa. Acaricia minha barriga, dá um beijo e diz eu te amo para o bebê.

— Você está bem? — ele pergunta, mas não me dá tempo de responder, pois volta a me beijar. Mas paro, preciso respirar, me afasto um pouco.

— Por que veio só agora? — tento não chorar, mas estou tão magoada.

— Elena, foi um trato com meus pais. Algumas horas com eles e o restante do sábado e domingo com você. Concordei porque quero privacidade, se não concordasse, minha mãe estaria aqui comigo. E não precisamos dela — ele sorri maliciosamente.

A resposta é até sensata, contudo, não alivia minha dor.

— Achei que estava com saudade...

— Eu contei os segundos para estar com você. E agora seremos só nós. Vamos?

— Aonde?

— Para nossa casa — ele dá aquele sorriso moleque, mordendo a língua. Estava com saudade disso.

Não protesto e entro em seu carro. Quando ele entra, antes de arrancar, se aproxima delicadamente e me devora mais uma vez com beijos.

Já estamos em êxtase. Maycon arranca e seguimos entre olhares e sorrisos com segundas intenções.

— Eu pedi porção de carne e batata frita. Pode ser? — ele quebra o silêncio.

— Pode — sorrio.

Não demora para chegarmos. Maycon desce do carro, desço e ele me puxa para mais um beijo demorado. Quero me entregar ao momento, mas as palavras daquela vagabunda não saem da minha cabeça, me trazendo grandes inseguras, me fazendo questionar se os riscos que estou correndo valem a pena mesmo... Maycon parece perceber. Para o beijo e fica me olhando por um tempo, acho que busca respostas.

— Elena, o que você está me escondendo?

Tento forçar um sorriso. Balanço a cabeça, tentando afastar meus pensamentos.

— Nada...

— Você é péssima para esconder seus sentimentos. Pode falar.

— Já ficou com a April?

Ele desvia o olhar para o chão, porém volta a me olhar:

— Eu jurava que não, mas ela diz que ficamos naquela festa, diz que dormiu comigo, eu nem me lembrava disso e sinceramente não tenho certeza, por isso não te contei.

— Acha que acredito nisso? Não sou boba, Maycon, na sua despedida com Jayde e ela, April refrescou sua memória, ela mesma me disse — digo irônica.

— O quê? Não foi da maneira como você sugere.

— E seria de qual maneira? — pergunto, um tanto rude. Maycon me puxa para dentro e tranca a porta.

— Trouxe meu telefone? — me pergunta, abro a bolsa e o entrego.

Ele o pega e liga, colocando no viva-voz.

— Oi, Maycon.

Reconheço a voz da April, bem animada por sinal.

— Tudo bem?

— Melhor agora.

— Não quero tomar seu tempo, você me disse quando saímos com Jay que tinha ficado comigo na última festa que dei na minha casa. Sinceramente, até hoje eu não me lembro. Naquele mesmo dia que fomos ao bar, você ficou com a Jay. Foi ou não foi? — dispara rude.

— Foi, por que a pergunta? Está acontecendo alguma coisa?

— Eu que te pergunto, está acontecendo alguma coisa?

— Não, Maycon, não estou te entendendo.

Maycon coloca no mudo.

— Quer perguntar alguma coisa? — me direciona o olhar.

— Não — digo secamente, April gosta de jogar comigo, até sua voz é diferente quando conversa com Maycon. Ele volta ao telefone.

— April, cuidado com o que anda falando sobre mim, eu não costumo ameaçar, vou e faço. E sinceramente, odeio conversa fiada com meu nome, fui claro?

Não espera resposta e desliga. Volta a me encarar.

— Elena, eu detesto mentira, detesto mesmo e não fui ensinado a mentir. Eu esperei cinco meses para ter você novamente, estou cansado e só quero aproveitar meu pouco tempo ao seu lado, então não vamos estragar com coisas supérfluas.

— Tudo bem, desculpa.

Antes que ele possa protestar, o puxo para um novo beijo que ele corresponde de forma voraz, explorando cada pedacinho da minha boca com sua língua.

— Eu te amo e você sabe disso. Para de duvidar de mim, isso é bem *foda*...

— Também te amo.

Ele sorri e me puxa para a sala. Caminhando aos beijos até o sofá, sabemos que o desejo que nos consome não nos permite chegar até o quarto, para a ocasião, ele está longe demais. Maycon me deita com cuidado no sofá. Olha-me de cima a baixo e sorri de forma maliciosa. Levanta um pouco meu vestido, acaricia minha barrigona — sim, está grande mesmo —, passa a distribuir vários beijos por todo o meu ventre. Emociono-me ao vê-lo e se torna impossível conter as lágrimas. Nosso bebê mexe. Maycon sorri feito bobo ao sentir.

Ele me olha e percebe como estou emocionada.

— Assim que passar todo esse transtorno, eu prometo que não vou sair do seu lado por nada, nem seu, nem dele. Eu te amo — ele sussurra.

Voltamos a nos beijar e ao mesmo tempo ele tira sua blusa com desespero, fazendo-me rir com isso. Maycon se deita com cuidado para não colocar todo o seu peso sobre mim, por causa do nosso bebê.

Ele volta a me beijar, é tão indescritível como preciso disso, quero viver

eternamente em seus braços. Ele tira meu vestido e sorri ao ver o tamanho dos meus seios. Acredito ser a parte que ele mais ama em meu corpo. Tira delicadamente meu sutiã, beija meus seios com tanta loucura e paixão e nada mais faz sentido a não ser nosso momento, que é sempre único. Estou tão seduzida que não sei como resisti todo esse tempo longe dele. Ele beija minha pele quente, nossos corpos estão quentes implorando para ter mais um do outro.

Beija meus lábios e puxa delicadamente meu lábio inferior entre seus dentes. Volta ao beijo e nossas línguas enlouquecem quando se tocam. A sensação é tão gostosa, tão perfeita. Sinto que não me pertencem mais, sou completamente dele.

— Maycon, por favor, quero você... — digo, gemendo.

Ele me encara e sorri. Livra-se do restante das suas roupas. Observo seu corpo, é tão perfeito, e como eu senti saudade de tê-lo assim todo para mim...

— Eu também estou louco para ter você, te mostrar que você é mais minha que sua... — sorri — Não sabe o quanto senti sua falta naquele inferno. Foi por você e pelo nosso amor materializado que consegui ficar todos esses dias — ele diz e se encaixa melhor sobre mim.

Estou emocionada, é nossa primeira vez sem a cocaína e me sinto bem por ela não estar entre nós. Na verdade, a única coisa que está entre nós agora é nosso bebê. Ele me beija de forma safada e atrevida. Amo todo o contexto que é o Maycon. Ele continua a me beijar, me fazendo delirar e implorar por mais.

— Você está fodidamente deliciosa. Não consigo mais me segurar... — sussurra, beija meu rosto e afasta minhas pernas aos poucos; vou às nuvens quando o sinto me penetrar. Ele lentamente me leva à loucura. Continua lentamente, amo senti-lo, amo ser sua e amo amá-lo de forma tão instintiva. Parece loucura, mas é como instinto amar o Maycon, meu louco instinto.

Tenho medo por amá-lo tanto... Amo tanto que ele me faz esquecer de mim...

Maycon continua com seus movimentos viciantes e me pergunto o que pode ser melhor que isso. Ele me faz chegar ao ápice do prazer e chega em seguida.

Levanta-se, recuperando o fôlego. Observo seu perfil. É tão sublime, tão perfeito.

— Quer tomar um banho?

— Não tinha uma pessoa que monitoraria você? — pergunto, me lembrando.

— Sim, amanhã vou fazer exame de sangue, ele passou o dia comigo. Volta amanhã.

O interfone toca, indicando que a comida chegou. Ele veste sua bermuda e me dá sua blusa. Visto, e após comermos, vamos ao seu quarto.

Assim que entramos, ele muda sua expressão, observa cada canto e fico sem entender.

— Jayde pediu meu caderno de músicas emprestado... Pode ir tomar banho,

assim que achar eu vou — me beija e sorrio. Ele vai até o banheiro e coloca a banheira para encher. Enquanto isso, o vejo procurar.

— Minha mãe mudou tudo, agora eu não faço ideia de onde está... *Que porra!*

— Olha a boquinha! Tem um bebê aqui — repreendo e ele ri.

A banheira enche e vou tomar meu banho, espero uns minutos e eles se tornam uma hora. A água começa a esfriar, acho estranho, chamo, mas Maycon não responde.

Saio e me enxugo. Quando chego ao quarto, está tudo escuro, sinto algo estranho. Ele está deitado na cama. Vou ao closet, só a luz dele está acesa, e visto uma blusa. Quando volto, sento na cama e acendo um abajur.

— Apaga, por favor... — ele diz, sua voz está estranha.

Deito ao seu lado.

— Aconteceu alguma coisa?

— Não — ele sussurra, mas não se aproxima.

— Não vai...

— Não, Elena pode me dar dez minutos?

— Claro... — respondo, ele se vira e tudo volta ao silêncio, um silêncio bem desconfortante por sinal.

— Elena, desculpa, me perdoa...

Ele quebra o silêncio e sei quais as palavras que virão em seguida, são as mesmas que sempre tiram minha felicidade.

— Maycon...

— Estava procurando a porra do caderno, cara, eu achei que minha mãe tinha feito uma varredura no meu quarto, desculpa eu não... Que porra, não mereço você, não mereço esse bebê e muito menos estar do seu lado...

Não sei o que responder. Não quero ouvir, não quero acreditar...

— Quando olhei em cima da estante, vi um papelote com pó, não resisti e usei.

— Você o quê? — pergunto, implorando para ser mentira.

— Eu não estava procurando isso, não mesmo, mas quando eu vi, fiquei louco e já era. Desculpa, sou um fracasso, um viciado de merda. Que porra, só deu para uma carreira e agora eu estou louco para cheirar mais e não sei como parar isso. É mais forte que eu, vai embora, vai. Não perde seu tempo comigo... — ele diz com nó na garganta.

Nesse momento, vejo toda a minha esperança escorrer entre meus dedos, sinto uma dor tão forte, dói tanto, é tão real que sinto como se meu sangue estivesse sendo tirado por completo de mim, quero simplesmente desaparecer. Eu acreditei nele, acreditei que seria forte e agora isso está indo para longe de mim, toda a esperança de que ele realmente quer sair. Não sei como acreditar, não sei o que

dizer. As lágrimas vêm me mostrando toda a minha fraqueza, é tão difícil ver tudo o que você acredita ser arrancado de você em questão de segundos. Pergunto-me por que eu? Qual o sentido de toda essa dor se no fim a cocaína sempre ganha? Cinco meses jogados no lixo, agora entendo porque só eu acreditava nesse sonho idiota. Acendo a luz, Maycon evita me olhar, ele está arrasado. Eu estou e quero simplesmente levantar a bandeira branca em sinal de rendição. Quero ir embora, mas quando paro de pensar em mim e toda a minha dor, sinto meu bebê chutar. Me lembro de como Maycon quer esse bebê e como ele o ama. Algo em mim diz que não posso desistir, não agora. Não posso desistir pelo meu bebê, pelo Maycon e por mim. Não posso perdê-lo, não para a droga da cocaína.

— Maycon...

Aproximo-me, sei que estou frágil, abalada. Ele me olha, seus olhos estão vermelhos, banhados em lágrimas.

— Não faz isso com ele, Elena, tem a chance de criá-lo longe de toda essa merda, longe de mim, você vai ser feliz e fazê-lo feliz. Eu só sou uma pedra no seu sapato...

A dor é forte e a falta de fé me arrasa. Procuro forças, mas, no momento, elas fogem de mim. Procuro a esperança, mas até ela me abandona, esse é o inverno gélido e cruel da verdade sobre a cocaína.

Respiro fundo, não tenho fé, mas se demonstrar isso, vou perdê-lo para sempre.

— Amor, olha para mim — digo, mas ele não o faz, então me aproximo e toco seu rosto — Vai ficar tudo bem — insisto nessa frase tão banal...

— Não vai, eu nunca vou conseguir sair dessa, não quero isso para ele, não quero que ele saiba que sou a merda de um viciado.

— Vai ficar sim, sabe por quê? Porque você prometeu e não pode deixar de cumprir, prometeu para ele que vai ficar do nosso lado e vai ser forte. Vai ser forte por ele e por mim, porque eu não quero viver essa vida se não for para ficarmos juntos.

Maycon me abraça e choramos por um bom tempo. Sinto o bebê chutar e sei que ele sente também.

— Mesmo que eu consiga, ele vai saber um dia que fui um viciado que coloquei tudo a perder.

— Se um dia isso acontecer, e ele chegar a saber que você foi usuário de drogas, você mesmo vai encará-lo e contar que um dia você percorreu um caminho obscuro que para muitos não tem volta, mas que para você teve, porque ele foi sua luz e te mostrou como sair desse mundo.

— Acha que ele vai ter orgulho de mim?

— Lógico que vai, você vai ser o herói dele. E, assim como eu, ele vai te amar mais que tudo.

— Eu me sinto um inútil, Elena, não consigo, não mais...

— Não chegamos até aqui para desistir, não mesmo. Olha para dentro de você, a cocaína não pode vencer, não você. Escuta seu coração, que vai ver que tem uma força enorme, que é capaz.

Ele me olha, pego suas mãos e coloco sobre minha barriga. Nosso bebê chuta e ele chora mais ainda ao senti-lo.

— Me perdoa? — ele sussurra para o bebê.

— Não há porque perdoar, para mim, sua promessa ainda está intacta e para ele também... — sussurro, chorando.

— Não entendo... Por que, Elena?

— Porque o amor é assim, ele não se curva perante os obstáculos e não se curva às fraquezas... É uma marca eterna que sofre tempestades sem nunca se abalar. Se eu desistir agora e for embora, Maycon, não sou digna desse amor que me foi incumbido. Não sou digna de amar você, e tudo que eu vivi até agora será uma mentira. Mas não é, porque seu toque me transporta a lugares que eu nunca poderia ir se não por você, seus beijos me fazem sentir viva... E nada nem ninguém pode mudar isso. Simplesmente porque eu te amo e sei que me ama. E quando ele nascer, vamos mostrar para ele toda a essência do nosso amor, vamos mostrar que percorremos um longo caminho e que ninguém, além de nós, acreditávamos que venceríamos.

Continuo chorando, Maycon também. Respiro fundo, nem eu acredito que estou falando isso, porém, quando olho em seus olhos, vejo que ele acredita em mim, posso sentir que isso renova sua força em si mesmo. Vejo que ele precisa disso, assim como eu.

— Nós ficaremos juntos todos os nossos dias, ainda vamos olhar para trás e ver que todos que não acreditavam estavam errados, nosso amor vai provar isso, vai provar que nada é impossível quando se ama.

— Acredita mesmo nisso, Elena? — ele me pergunta com voz falha.

— Um dia você me disse que ainda que eu perdesse a fé em você, não era para perder a fé em nosso amor. Estou fazendo isso agora, e sim, eu acredito e preciso que você acredite também. Acredita no nosso amor, Maycon? Acredita que vamos vencer?

Maycon levanta o rosto, seu semblante muda. Ele coloca suas mãos delicadamente em meu rosto. Sussurra em meu ouvido:

— Sim, meu anjo, eu acredito, vamos passar por isso juntos e vamos vencer porque eu te amo... E não há maneira de te deixar ir agora, não há como mais. E sei que ainda vou ver esse dia chegar, porque não existe nada melhor do que

derrotarmos o improvável juntos, e poder dizer no fim de tudo que tínhamos razão, apesar de ninguém acreditar. Eu te amo, você é o anjo que ilumina meu caminho. Obrigado por tudo, obrigado por me amar e vou te provar que mereço sua confiança.

Ele volta a me beijar, e por um tempo, Maycon se torna meu anestésico mais eficaz contra a dor. E isso é tudo o que preciso no momento.

Nos entregamos novamente um ao outro. Após recuperamos o fôlego, Maycon deita ao meu lado e fica acariciando minha barriga. Tento não chorar, quero mostrar que ainda confio nele, porém, na verdade, perdi até mesmo a confiança em mim. Não quero pensar nisso, mas sei que, se na primeira oportunidade ele usou, não vai deixar de usar. No fundo, sei que meus pais têm razão, mas o orgulho não me permitiu ver isso antes. É o maldito ego que não me permitiu ver a verdade antes. Eu estou tão magoada, me sentindo insuficiente e inútil.

— Já pensou no nome? — Maycon pergunta, me trazendo de volta. Viro para olhá-lo. Ele ainda mantém sua mão sobre minha barriga.

— Você pensou?

— Não, ainda não. Ele é tão ativo à noite.

— Verdade. Volta domingo? — pergunto, olhando em seus olhos, mas ele desvia o olhar.

— Não quero falar sobre isso, não agora.

— Mas é amanhã ou segunda?

— Segunda.

Viro-me, os minutos passam e o sono chega, estou quase entregue a ele. lembro-me que Maycon costumava me esperar dormir para usar. Tenho receio de que ele esteja mentindo e que tenha mais.

— Maycon... — quebro o silêncio.

— Fala... — o tom da sua voz está diferente, diria um tanto distante, porém contínuo.

— Assisti a um filme de terror e estou com medo agora.

— Você não assiste a filmes de terror — ele diz, desconfiado.

— Pois é, mas o Keven insistiu e acabamos vendo.

Ele não responde. Que droga de desculpa que eu fui arrumar.

— Então, eu tenho dormido mal por causa da gravidez e juntando a isso, quero te pedir que não me deixe sozinha, não quero acordar e ver que estou sozinha.

— Elena, eu não vou sair para comprar. Poxa, acabou de dizer que acredita em mim e vem com uma dessa agora? Qual é, acha que me engana com essa conversinha ridícula?

— Não quis dizer isso, eu...

— Olha, eu não vou sair, pode dormir. Eu também vou dormir.

Não falo mais nada. Nossa primeira noite depois de cinco meses foi um total desastre. E, sinceramente, não quero encontrar um culpado, porque no fim, a pergunta é: por que eu fui acreditar?

O tempo passa e acabamos dormindo.

Pela manhã, quando acordo, ele ainda está ao meu lado. Viro-me e lhe dou um beijo. Pela primeira vez o vejo dormir, visto que ele sempre acordava primeiro que eu. Quando viro para me levantar, ele me puxa, dando-me um sorriso.

— Não saí do seu lado — ele sorri, seus olhos são tão verdes...

— Ainda está com vontade?

— Muita, mas vou cumprir a promessa. Juro a você, Elena, amo vocês e vamos ficar sempre juntos.

— Vai contar para o seus pais?

— Vou, agora vamos mudar de assunto. Jayde vai vir almoçar aqui.

— Ela não está ficando aqui?

— Está, mas foi visitar umas amigas ontem, na verdade, foi uma péssima desculpa para nos dar privacidade. Não questionei. Meus pais também vão vir, na verdade, será todo o esquadrão inferno.

Ele ri e me faz rir também. Não sei como seus pais vão reagir a isso.

Espreguicho-me. Fazemos nossa higiene e Maycon cisma de escovar meus dentes. Chato demais, ele me faz rir o tempo todo e logo me sinto melhor.

Descemos e ele prepara o nosso café.

— Aprendeu mesmo a cozinhar, hein! — Brinco.

— Agora vou disputar com a filhinha diaba do meu pai, culinária de chefe contra culinária de clínica de reabilitação. Quem você acha que ganha?

Volto a gargalhar.

— Você é um bobo, Maycon.

Terminamos nosso café. Dez para as onze, seus pais chegam. Emily é a primeira, ela e Erick. O abraça e beija tanto que deixa Maycon incomodado. Não demora e Isaac chega com Jeniffer e Jessica. Ela é tão linda, nada de diaba, parece um anjo. Eles me cumprimentam. Está uma manhã fria, Emily se aproxima de mim, ela tem a mania de beijar minha barriga, não gosto, mas não falo nada. O enfermeiro que monitora Maycon chega, ele e Maycon vão a outro cômodo onde faz exames. Eles ficam um bom tempo. Após quase uma hora, eles voltam. O enfermeiro evita olhar para os pais dele, está óbvio que está sem graça. Todos percebem, mas ninguém questiona. Ele se vai.

Maycon e seus pais vão conversar no escritório, que ele transformou em estúdio.

Sei bem o motivo, porém finjo não saber.

Jayde chega, não está com April e acho isso ótimo. Ela nos cumprimenta e Jeniffer inicia uma conversa sobre tratamentos estéticos. Não acho isso relevante. Não mesmo, mas fazer o quê? Entro na conversa apenas para não parecer desfeita, mas até Jayde a acha monótona e não tenta disfarçar.

Seus pais saem com Maycon.

— Vamos?

Emily é a primeira. Olho para Maycon sem entender.

— Almoçar fora, lembra? — ele diz se aproximando, não me lembro que era para almoçarmos fora, mas não protesto.

Reconheço o lugar quando chego, o parque ecológico Puebla Costo onde já fomos. Vamos direto à área de alimentação.

Todos fazem seus pedidos, Maycon se mantém atento a mim, mas é um tanto óbvio que está chateado. Os assuntos são irrelevantes e ninguém chega a lugar algum, todos estão sendo evasivos. Mas é notável que a energia de Emily e Isaac diminuiu e muito, contudo, disfarçam bem, devido a Maycon estar presente.

— Já escolheram o nome? — Jeniffer pergunta.

— Não, ainda não — respondo. Maycon às vezes olha para Jessica de relance, ele está sem graça. Provavelmente se sente culpado, evita encarar seus pais.

Terminamos, ele me chama para ir ao mesmo banco onde fomos à primeira vez. Assim que me levanto e damos uns passos, Isaac o chama.

— Maycon, vamos jogar sinuca no bar? Como nos velhos tempos... — seu pai sorri e Erick se levanta para ir com eles.

Maycon me olha, esperando minha aprovação.

— Pode ir — digo e Jayde se levanta para ir junto.

Assim que eles vão, eu sigo para o primeiro banco, a paisagem é estupenda.

Emily senta ao meu lado, Jessica e Jeniffer brincam a certa distância de nós.

— O que aconteceu com o Maycon ontem? — ela pergunta de supetão.

— Nada... — digo sem graça.

— Elena, ele estava indo tão bem, aí foi só se encontrar com você que teve recaída, eu não entendo. Qual o problema com vocês?

— Emily, você está cometendo um equívoco, não foi minha culpa.

— Por que ele ligou pra April tão irritado, então? Vai me dizer que você também não tem nada a ver com isso?

Fico sem palavras. Como aquela vaca pode fazer isso, contar para a mãe dele?

— Só perguntei se...

Ela não me deixa terminar.

— Vou ser sincera, Elena, eu sou mãe e amo o Maycon mais que tudo, daria a minha vida por ele se fosse necessário. E desde sua primeira visita, percebi que não está tão disposta assim a ajudá-lo, tentei relevar, mas depois dessa recaída,

acho melhor intervir.

— O que vai fazer, nos separar? — pergunto e acho que soou um pouco rude.

— Não, infelizmente eu não posso; você está grávida, mas não pense que vai prejudicá-lo, porque não vai. Não sabe do que sou capaz pelo meu filho. Katherine já nos disse que esse relacionamento não é bom para nenhum dos dois. Ao menos uma vez na vida seja consciente e pense melhor em suas ações. Maycon é o centro das atenções agora, pare de ser egoísta e passe a pensar mais nele. Pare de ficar questionando-o sobre April ou qualquer outra garota, porque o dia que ele ver que não o merece... Vai te deixar.

— Por que acha que não o merece? Qual o meu problema para você? — retruco, magoada.

— Acha que não sei que fica para cima e para baixo com aquele outro garoto, acha que nós não sabemos disso? Desde o dia que soubemos da sua gravidez, passamos a vigiar seus passos, e não quero ter maus pensamentos, porque detesto julgar as pessoas. Mas é muito estranho ele se mostrar tão pronto a te ajudar e inclusive ter te levado às primeiras consultas. Sabe, Elena, não é uma ameaça, mas reze para esse filho ser mesmo do Maycon, caso contrário, vai se arrepender e muito por ter brincado com meu filho.

Não consigo responder. Tento não chorar. Engraçado, ele usou droga, e para os pais, quem não presta sou eu, a culpa é minha. Pergunto-me como eles podem ser assim.

— Quer alguma coisa? — ela pergunta ao ver Jeniffer se aproximar.

— Não, obrigada.

— Vou buscar um suco para você — se levanta, ignorando minha resposta.

Jeniffer se aproxima com Jessica, ela conversa sobre a maternidade e seus pontos positivos e outros não tão positivos assim. Rio das suas loucuras, e assim me distraio. Os minutos passam e os homens voltam antes de Emily.

Maycon senta do meu lado e me enche de beijos.

— Que cara é essa? — ele pergunta.

— Sua mãe é uma leoa.

Ele ri ao me ouvir.

— Não viu nada.

— Se então esse é o problema, não sei até quando vou continuar aguentando ver.

— Me desculpa, eu sou culpado, eles estão chateados comigo por ontem, mas eu estou mais ainda. Me perdoe. Fica tranquila que eu vou falar com ela.

— Por que ela é assim?

— Só tem a mim, não pode ter mais filhos. Mas vou falar com ela...

— Deixa para lá, ela está irritada e vai se irritar mais ainda se achar que estou

colocando você contra ela.

Maycon não responde, mudando de assunto depois. No fundo, isso é chato, são os pais dele e ninguém gosta que fale dos pais.

As horas passam, ele é tão atencioso, esquece de todos e me mantém no foco.

— Era para ter sido perfeito. Desculpa mesmo, Elena... — Maycon sussurra ao me abraçar.

— Sempre é perfeito com você e sabe disso — lhe dou um beijo.

Nos levantamos, e quando o faço, minha cabeça literalmente roda. Sinto aquela sensação de que vou perder o controle sobre meu corpo. Maycon anda na minha frente, ao ver que não o acompanho, ele se vira, mas parece bem distante.

— Elena, está tudo bem? — Maycon pergunta, mas sua voz está estranhamente longe. Tudo apaga...

Quando acordo, não sei onde estou.

— O que aconteceu? — pergunto a uma mulher que deduzo ser enfermeira.

— Você desmaiou, só um minuto que vou chamar o médico — ela diz simpaticamente. Olho para o lado e vejo que estou no soro.

O médico entra e Maycon junto a Emily também.

— Elena! Sou o doutor Jorge, quero fazer algumas perguntas e examiná-la. Tudo bem?

— Sim — confirmo.

Olho para Maycon, ele parece tão preocupado. Dou um sorriso, que ele retribui. O médico me examina.

— Elena, você é hipertensa?

— Não.

— Está no início da sua gestação e sua pressão está mais alta que de uma pessoa hipertensa. Dezesseis por oito. O que está acontecendo? Porque, pelo que confirmei no seu cartão, seus exames deram todos normais.

— Nada... Só um desmaio mesmo.

— Além da pressão alta, você aparenta estar tensa... A gravidez é desejada?

Não consigo responder e tenho uma crise de choro, choro tanto e Maycon fica arrasado ao me ver assim.

— Pela sua reação, acredito que tudo isso é devido ao estresse. Pode achar que não é nada, mas pressão alta é um pesadelo na gravidez, os riscos são graves.

Ele continua me olhando, esperando a resposta, e eu continuo chorando. Ele se vira para Maycon e Emily.

— Esse momento é bem delicado, ajude-a a evitar transtorno, óbvio que é impossível evitar tudo, mas o bebê sente toda a pressão e isso o fará uma criança

nervosa. A pressão alta complica tudo. Eu vou passar um remédio para controlar a pressão, inclusive ela já tomou um com o soro, assim que abaixar, vou liberá-la. Ah, e ela está com um pouco de anemia também. Mas é normal na gravidez, como já está tomando vitaminas, estejam atentos à alimentação — ele termina e entrega a receita a Emily.

Assim que sai, Maycon pede para ela sair, e ela o faz.

Ele se aproxima e acaricia meu rosto.

— Está se sentindo melhor?

— Estou com um pouco de dor de cabeça.

— Sei que é chato te pedir isso, mas no tempo em que eu estiver na clínica, pode ficar com minha mãe?

— Não. Nunca — respondo de imediato e ele se frustra com minha resposta.

— Jayde, então?

— Maycon, eu quero continuar no Campus.

— Com o Keven, não é?

— Visto que seus pais acham que ele pode ser o pai, é o melhor, não acha?

Volto a chorar.

— Elena, eu briguei feio com minha mãe agora. Falei para ela te dar espaço e ela prometeu que vai fazer isso, mas... Ah, foda-se, deixa pra lá essa merda do Keven.

— Ela te contou tudo que me disse?

— Somos transparentes um com o outro. Falei para ela parar de se intrometer.

— Isso não muda em nada minha opinião. Keven foi o único que me ajudou quando eu precisei — bufo e Maycon me fuzila com os olhos. Vira-se e fica olhando a janela. Respira fundo. Se não fosse pela ocasião, ele provavelmente me mandaria para o inferno sem relutância.

— O que vamos fazer, então? — diz tentando relevar.

— Eu sei me cuidar, Maycon, só não aguento levar a culpa por tudo.

Ele me abraça.

— Me perdoa, prometo que isso não vai mais acontecer. Eu te amo.

O médico me libera, Emily entra e me pede desculpas, não sei se realmente é sincero seu pedido. No entanto, não questiono.

Sigo com Maycon em seu carro, ele para na farmácia e compra os remédios. Chegamos em sua casa. Ele ainda está chateado e o motivo é o Keven, ou melhor, eu ter falado sobre o Keven.

— Não quero mais que sua mãe me acompanhe nas consultas — sou direta.

— Tudo bem, você tem companhia melhor — ele ironiza.

— Tenho mesmo.

Maycon me olha torto. Vai para a cozinha e prepara o jantar. Eu me aproximo,

porém ele dispensa minha ajuda. Faz frango xadrez, salada de couve flor, suco de laranja com beterraba e me obriga a comer e tomar tudo.

Maycon é prático, rapidamente ele arruma a cozinha e subimos para o quarto, tomamos um banho e deitamos.

— Meus pais já sabem sobre a gravidez — falo e ele finge nem ouvir — Maycon...

— Legal, Elena, que bom, *cara*, notícia do ano — diz, mexendo no telefone.

— Não vai perguntar qual foi a reação deles?

— Imagino que foi maravilhosa! Visto que eles procuraram meus pais para dizer que você tem o apoio deles e que não querem que você se case comigo.

— Eles procuraram seus pais? — pergunto com sorriso no rosto.

— Sim, e já deixaram claro todo o amor deles por mim, mas a conversa foi pacífica. Meus pais ignoraram. Como eu disse, eles me amam.

— Deixa de ser irônico. Não quer saber a reação deles comigo?

Ele coloca o telefone de lado.

— Tudo bem, me conta qual foi a reação deles ao saber.

— Ficaram chateados por eu não ter falado antes, mas como você já sabe, me apoiaram.

— Estou emocionado por isso — diz seco.

— Quero ir visitá-los no próximo sábado. Nós três — Maycon sorri ironicamente — Qual o problema? — pergunto.

— Nenhum, se você quer, nós vamos. Ao menos tem um canil para eu dormir? — ele pergunta e me faz rir.

— Não vão fazer isso com você. Eu te amo e eles vão aprender a te amar também.

— Não duvido — diz na mesma ironia e ela me irrita.

— O que vai fazer no seu aniversário? — mudo de assunto.

— Nada...

— Por quê?

— Por que gastei o dinheiro da festa comprando algo para você — ele se vira e abre a gaveta do criado. Tira de lá uma caixa, que me entrega, e quando abro, vejo um lindo anel de noivado, desses dignos de filme.

— Nossa! Não acredito, que lindo! — Emociono-me.

— Não curto usar aliança, porque o compromisso tem que estar na consciência e não em uma joia, mas acho que você é do tipo que gosta — ele tira e coloca no meu dedo.

— É lindo, eu amei. Mas vai perder sua festa por mim?

— Brincadeira, Elena, foi só para dar um drama, se pedir, meus pais dão, mas agora vamos ter um bebê e isso é o que importa.

— Sério que pensa assim?

— As festas que eu curto, você não curte, então para o bem do relacionamento, é melhor sem festa — ele sorri e começo a beijá-lo.

— Temos que comemorar, não vai fazer uma declaração de amor? — sugiro maliciosamente.

— Acabou de sair do hospital. E suas últimas palavras me deixaram tão emocionado que meus neurônios ficaram meio incapacitados de formularem algo relevante ou cabível em uma declaração de amor.

— Não me importo com isso.

— Se você não se importa. Tudo bem, vamos lá então. Eu...

Suspira e não o deixo terminar, voltamos aos beijos. E não demora para estarmos suados e ofegantes.

— Amo você... — sussurro.

— E eu amo mais.

— Como sabe disso?

— Porque você é a garota mais chata, insuportável que eu conheci na minha vida, e que me faz desejar ir para o inferno. Aí eu paro e penso que amar você já é o inferno. Porém, isso não muda o fato de querer passar todos os meus dias ao seu lado, e apesar de toda a sua prepotência, seu ego e o fato de que a cada dez palavras, em sete você me magoa, eu, ainda sim, quero me casar com você. E isso é amor, Elena, eu olho para você, para seus olhos e me pergunto como pode haver tanta beleza, tanta sedução... Eu amo você e vou amar pelo resto da minha vida, ainda que eu me considere o cara mais idiota do mundo por isso. Mas, fazer o quê? Não temos controle sobre nossos sentimentos, quando o coração quer amar, ele não pede permissão para razão ou consciência. Ele simplesmente ama, e eu te amo. Quer casar comigo? — ele pergunta e não me espera responder — Gostou da declaração?

Sorrimos e depois de muitas carícias opiniões opostas e mais declarações, dormimos.

A segunda chega e ela o leva para longe de mim.

Deus, como eu odeio essa parte.

Vou para a faculdade e ele para a clínica. Se antes minha barriga chamava atenção, agora é meu anel. Fico me perguntando por que uma joia como essa causa tanto impacto. Talvez seja porque ninguém acreditava que chegaríamos a isso.

Após a aula, sua mãe me liga, atendo a contragosto.

— Elena, é a Emily, tudo bem?

— Estou ótima... Mas no momento estou ocupada, nos falamos depois.

— Tudo bem, se precisar...

— Eu te ligo — falo e desligo.

Talvez não tenha sido a atitude mais sensata, mas no momento é a melhor. Não a quero por perto, não depois do que ela expôs sobre o que pensa a meu respeito. Ligo para meus pais e agradeço pelo apoio. Eu e minha mãe conversamos por um tempo, dou notícias da gravidez e ela me conta como foi o encontro com os pais dele. Ela se preocupa com minha pressão, diz que quer que eu volte para casa, mas a convenço que estou bem...

Os dias se vão, penso em Maycon e como ele está reagindo a isso tudo, fico na dúvida cruel se devo avisar meus pais sobre a visita ou chegar de surpresa.

Não sei qual será a reação deles, visto que minha mãe recrimina até quem tem tatuagens e não o conhece pessoalmente. Devido a isso, acho melhor não avisar.

O sábado finalmente chega. Às onze, ele me liga.

— Quer mesmo ir à casa dos seus pais?

— Já estou com as malas prontas.

Respondo e percebo que ele está tenso. O dia está lindo, o céu ensolarado, o que me faz optar por roupas de verão.

— O que eles não gostam? Além de mim, claro.

Maycon interrompe meus pensamentos.

— Tatagens, piercings, palavrões e gírias.

— Ah, legal, acho que tenho muitas chances de agradar, visto que na última vez que ele me viu, estava com blusa de frio.

— Tem sim, vá com uma, assim eles nem vão notar. Estou te esperando. Beijo.

— Nossa, você me ama tanto que tem ideias brilhantes para me ajudar.

Rimos.

— Beijos, me espera em frente ao Campus. Eu te amo...

— Também te amo... Beijos.

Capítulo 37

Nossa realidade...

Chego em frente ao Campus e gargalho ao ver Maycon em pleno sol quente com uma blusa meia estação.

Ele se aproxima sorrindo e me dá um beijo.

— O que significa isso? — pergunto.

— Seu pai não gosta de tatuagens, pessoas, animais e meio ambiente. *Foda!*
— Ele zomba.

— Engraçadinho... vamos? — digo, sorrindo.

Entramos e vejo um maço de cigarros na porta.

— Voltou a fumar?

— Não exatamente, quando estou tenso, fumar me acalma. Mas ainda não fumei, que fique claro.

— Ele também não gosta de cigarros.

— Existe algo que ele goste?

Aproximo-me e lhe dou um beijo.

— Obrigada por fazer isso por mim.

— Não me lembro de você ter me dado escolhas.

Ele provoca e não respondo, não estou usando o anel, mas Maycon não diz nada a esse respeito, já deve imaginar ser devido aos meus pais. Ele liga o som e seguimos viagem. Maycon pega a estrada para o aeroporto. Chegamos e ele telefona para um motorista vir pegar seu carro.

— Achei que íamos de carro.

— Está louca, ficar o dia todo dirigindo, ninguém merece. Já comprei as passagens. Vamos?

Seguimos os procedimentos e não demora para estarmos no avião e nos acomodados nas poltronas de primeira classe.

— Como foi sua semana? — ele pergunta.

— Normal... E a sua, depois da recaída? — pergunto, e Maycon revira os olhos ao me ouvir...

— Uma merda, sempre é. Obrigado por lembrar da recaída, você é um anjo que faltava na minha vida — satiriza.

— Sempre vai sentir falta de usar, não é?

— Não é algo que dá para controlar, Elena... — ele diz, olhando pela janela. Deito em seu ombro e não demoro a cochilar, o sentindo acariciar minha barriga.

Quando acordo, já estamos chegando.

— Eu não submeteria você a isso — diz sério.

— Maycon, para, vai ser legal, você vai ver.

— Provavelmente vou sair de lá podendo chamá-lo de pai — ironiza.

Descemos, e após pegarmos nossos pertences, ele chama um táxi. Passo o endereço ao taxista.

— Nossa, a cidade é bem interiorana.

— É... Você vai gostar.

— Se seu pai fizer alguma gracinha, vou embora na mesma hora.

— Não pode tentar, por mim?

— Desde que a conheci, eu estou tentando, Elena. Mas você nunca percebe, não é mesmo?

— Amor, para — lhe dou um beijo e ele corresponde.

— Eles sabem que estou com você?

— Não exatamente, disse que viria, mas não disse quando — sorrio, tentando aparentar calma, mas nem eu estou.

— Macabro isso — retruca e não dou mais oportunidade para ele ficar falando.

Conforme nos aproximamos da casa, começo a implorar a Deus para que tudo dê certo. O taxista para e Maycon paga a corrida. Ele pega sua mochila e minha bolsa, como estou em casa, não trago muita coisa. Paramos em frente à porta. Olho para Maycon e tento um sorriso. Ele me abraça e me dá um beijo.

— Agora já era, vamos entrar que estou suando pra caralho — apenas sorrio.

Entro e bato na porta, minha mãe abre. Abraça-me e me dá um beijo. Se emociona ao me ver, não nota Maycon atrás de mim. Então, entro e dou passagem para ele. Ela fica sem reação, o encara, mas não diz nada.

— Mãe, esse é o Maycon — quebro o incômodo silêncio.

— Ah, oi, prazer. Sou Natalie, mãe da Elena.

— Maycon, o cara que engravidou sua filha.

Rio sem graça por sua apresentação irônica. Eles dão um aperto de mão.

— Ah, entra — minha mãe nos dá passagem e é óbvio seu desconforto; seguimos para a sala, evito olhar para Maycon, com raiva pela ironia com minha mãe.

— Nossa, é verdade mesmo, você está grávida? — Ashley diz, e após confirmar, apresento a Maycon. Ela tem quinze anos, e pelo seu sorriso, sei que o achou lindo. Maycon retribui. Kayla me abraça e dá um lindo sorriso à Maycon. Ela é um doce, e graças aos meus pais, conserva a inocência de menina.

Sento ao lado de Maycon, mas não demoro a ir para a cozinha devorar um lanche. Ofereço, mas ele não aceita, está se sentindo bem deslocado. Ele sai para fumar um cigarro e sua atitude me irrita, nem com Ashley ele conversa. Fica

calado olhando para o nada.

Minha mãe se aproxima assim que o vê desaparecer.

— Elena, seu pai não...

— Mãe, estamos noivos, ele me pediu em casamento e eu aceitei. Ajude-me com o papai.

Ela suspira. Acaricia meu rosto.

— Amor, não faço ideia de como convencê-lo. Nem sei como ele vai reagir a isso.

Começo a chorar e ela me abraça. Somos interrompidas pelo som do carro do meu pai entrando na garagem. Meu coração acelera. Ele entra pelos fundos, Kayla corre e se joga em seus braços. Ele a beija, a próxima é Ashley, ela continua sentada, mas ele vai a seu encontro. Ao entrar na sala, sorri ao me ver. Aproxima-se de nós, beija minha mãe e depois me abraça.

— Elena, minha princesa. Que saudade.

Retribuo o beijo.

— Pai, eu vim passar o fim de semana com vocês.

— Ah, que bom amor, você está bem?

— Estou sim. Na verdade, eu trouxe o Maycon comigo.

A expressão do meu pai muda no mesmo instante.

— Como assim, trouxe esse marginal?

— Johnson, por favor... — minha mãe interrompe.

— Por que o trouxe, Elena?

— Porque vamos ser uma família agora.

— Ele nunca vai pertencer à minha família, na nossa casa só são bem-vindas pessoas de bem. Esse viciado, dependente de droga, não merece você.

— Pai, por favor, vamos ter um bebê.

— Não estou me referindo ao seu filho, Elena. É meu neto e sempre será bem-vindo. Mas nunca vou aceitar esse inconsequente que te seduziu. Elena, quem nasceu com sangue ruim, nunca vai ter sangue bom. Tem que entender isso. Diz para mim que ele parou de usar. Diz?

Não respondo, um confronto com ele não vai me ajudar.

— John, é só um fim de semana. Vamos tentar, Elena precisa disso — minha mãe insiste. Ela tem esse jeito meigo de conseguir acalmar meu pai. Ele respira fundo.

— Chame-o aqui. Ashley e Kayla podem subir para o quarto — meu pai conclui e sei que tudo pode acontecer agora.

Saio para chamar Maycon e o vejo terminando o cigarro. Ele está sério demais. Aproximo-me e o abraço.

— Meu pai quer conversar com nós dois.

— Eu escutei o que ele acabou de dizer.

— Maycon, por favor.

Ele apaga o cigarro, evita me olhar, respira fundo.

— Escutei que tenho sangue ruim e se tenho, o filho que você carrega também tem.

— Para, você disse que ia tentar e não está tentando.

Ele arremessa o cigarro na lixeira. Segura o meu rosto e me beija. Apesar do meu estômago embrulhar pelo gosto do cigarro, eu correspondo. Ao terminar, ele olha em meus olhos, dá um sorriso nada confortante, com malícia demais para o meu gosto. Entramos. Meu pai está sentado ao lado da minha mãe, e nos sentamos de frente para eles.

— Maycon, não é mesmo?

— Maycon, viciado de merda, o que você preferir, sogro — ironiza.

— Já parou para pensar nas consequências e aonde você fez minha filha chegar?

Meu pai inicia e já prevejo a tempestade.

— Por quê? O problema está em mim? Sério? Não sei qual cigana o enganou, mas vou te dar uma real. Ela não foi estuprada, deu porque quis — Maycon conclui, sarcástico.

— Você está dizendo que o problema está nela? — meu pai sai de sua falsa passividade.

— Os pais devem instruir seus filhos a não irem para o caminho errado. E como sua filha foi tão fácil, sinto te jogar essa verdade, mas sua instrução é equivalente a uma merda.

Eu e minha mãe nos olhamos chocadas. Maycon continua encarando meu pai com ironia.

— O quê? Você disse o quê? Repete se tiver coragem.

— A verdade, mas algumas pessoas não conseguem encará-la. Compreensível, vindo de alguém como você.

— É isso que você pensa de mim, Maycon? — o interrompo.

— Eu estava ali fora, Elena. E escutei toda a merda que seu pai falou de mim, eu esperei ouvir um mero: Não pai, ele não é isso. Mas não escutei, você nem sequer defendeu seu filho. É estranho isso, porque eu briguei com minha mãe por sua causa. Mas quando eu chego aqui, vejo que nossa realidade não é a mesma para você.

— Aí, Elena, falei para você que ele não presta. Eu disse que o melhor é ficar a quilômetros desse marginal. Volta para casa, minha filha, vamos te ajudar com o bebê.

Volto a chorar e Maycon evita me olhar.

— Sério? O que te faz pensar que vai tirar meu filho de mim, seu projetinho de homem da lei? Não tenho medo de você. E, para ser sincero, apesar das ideias fracas da sua filha, eu ignoro, visto que isso foi produto de uma péssima educação.

— Maycon, cala a boca! — Grito.

— Vou te dar uma ideia. Não sou marginal, sou filho da alta sociedade. Nascido, educado e criado na elite, gasto no dia o que você ganha no mês, e isso é só com a cocaína. Marginais são pessoas que vivem à margem da sociedade, ou seja, você. Não pessoas de caráter duvidoso ou de má índole como sugere, ainda que acho que todas as definições se encaixam perfeitamente em você, que nem sequer sabe receber visita — ele conclui.

— Quem disse que você é considerado visita? — meu pai debocha.

Maycon ri:

— Foda-se para o que você pensa sobre mim. Querendo ou não, vou ficar com sua filha, não tenho que te engolir. É a primeira e última vez que piso aqui. Povinho medíocre e sem educação.

— Elena, é isso que quer para o seu filho? Um viciado que nem sabe respeitar as pessoas? O que ele tem para oferecer a esse bebê?

— Pai, ele parou.

— Desde quando? — meu pai insiste e minha mãe já se posiciona na sua frente. Maycon se mantém sentado com sua ironia intocável que tanto me irrita.

— Desde sábado passado, foi quando cheirei uma bela carreira. Sabe, você é bem estressado, coroa, devia usar para relaxar.

Meu pai parte para cima de nós. Minha mãe o segura, Maycon se levanta.

— Vamos embora, Elena. Comprei passagem de volta para hoje mesmo — ele diz, segurando meu braço, e fico chocada ao ouvi-lo.

— Você aceitou já pensando em voltar. Não teve nenhuma intenção de me ajudar com meus pais?

— Nunca disse que queria pertencer à sua família, você tirou isso não sei de onde — ele conclui, sorrindo. Sem pensar, dou um tapa bem forte no rosto dele.

Ele ri:

— Deu seu show, seu pai está orgulhoso, agora vamos embora.

— Não vou com você.

— Você vai sim. Cansei de seguir tudo o que você diz, estou retomando o controle. E quem dita as regras sou eu. Estou te esperando lá fora.

Maycon pega sua mochila, minha bolsa, e sai. Desabo no sofá. Meus pais se aproximam.

— Mãe, eu só queria que eles tentassem.

— Me perdoe, minha filha. Não posso aceitar alguém que não vai te fazer

feliz — meu pai insiste.

— Mas eu o escolhi, pai, deveria ao menos respeitar a minha escolha.

Levanto-me, odeio ir com Maycon, mas sei que ou é isso, ou Emily vai fazer a cabeça dele e vão tirar meu filho assim que nascer. Saio e ele já está dentro do táxi.

Entro. Maycon está do meu lado, porém, seus olhos estão atentos à rua.

O taxista segue, até então, creio eu ser para o aeroporto, mas não. Ele para em frente a um hotel. Maycon desce e paga a corrida, o taxista fica me olhando, esperando que eu desça. Assim o faço. Ele segue para a recepção e pede um quarto. Apenas o sigo. Já são seis e quarenta. Maycon pega as chaves e segue para o quarto, entro atrás dele. Uma suíte.

— Por que estamos aqui?

— Pensa um pouco que vai conseguir descobrir.

Ele liga para o aeroporto e reserva duas passagens para o primeiro voo, anota o horário, seis e meia da manhã. Maycon insiste em saber se não tem um antes, mas tudo indica que não. Ele agradece e desliga. Não me olha, segue para o banheiro e tranca a porta.

Estou péssima, ele estava tentando. Maycon estava tentando. Tudo que disse para o meu pai era mentira, foi só uma tentativa idiota de não ser tão humilhado. Só não era mentira a parte sobre mim. Que droga!

Deito na cama, estou cansada. Cansada de chorar, cansada de sofrer e cansada de buscar pela felicidade. Acabo cochilando, quando acordo chamo por ele, mas não ouço a resposta. Estou coberta, ele se atém aos mínimos detalhes. Levanto e o vejo sentado, fumando na sacada.

— Maycon, me perdoa.

— Perdoar. Ah, por ter me agredido? Por me fazer passar por isso, mesmo conhecendo seu pai e sabendo que seria assim? Ou por nunca confiar e acreditar em mim?

Não respondo. Quando me aproximo, ele se afasta.

— Dá um tempo, vai. Estou precisando disso agora.

Olho em seus olhos, mas ele se vira para o lado. Está magoado, visivelmente magoado, mas o que me dói é saber que eu fiz isso a ele.

— Espero que você sempre se lembre do dia de hoje, porque eu nunca vou esquecer.

— Maycon, eu sinto muito.

— Cala a boca! Odeio te amar, Elena. Era melhor ter escutado a Jayde, mas não, fui idiota, fui cego e mereço passar por tudo que passo com você.

— Maycon, eu...

— Não diz que sente muito, porque não sente porra nenhuma.

— Maycon...

— Elena, qual é o seu segredo? Me diz, me ensina a te decifrar, porque isso está me matando, cara. Eu tento, que porra, como eu tento, mas nunca é o suficiente. Diz, porque hoje eu tive a certeza que eu te amo mais que a mim mesmo. Amo você, mesmo sabendo que não tem o mínimo de respeito por mim.

— Não tem segredo.

— Então, você não me ama. E se essa é a verdade, eu não quero saber, porra!
— Ele começa a chorar.

— Me perdoa, eu falo muito por falar, mas eu te amo.

O abraço, Maycon olha em meus olhos.

— Me diz como faço para não amar você? Porque eu estou pagando pelos meus pecados. — respira fundo — Enquanto você dormia, eu fiquei pensando sem parar, o porquê de tudo isso. Fiquei questionando minhas questões e isso é foda. No final, a resposta é sempre a mesma merda. Amo você, simples assim.

— Eu também te amo.

— Me pergunto como pode existir pessoas como o seu pai. Tão orgulhoso, tão hipócrita, preconceituoso e se acha com a razão. E ainda tem pessoas para admirá-lo.

— Ele não é uma pessoa ruim.

— Não, é o caralho. O foda é que ainda tem pessoas para defendê-lo. Eu gravei tudo que ele me disse e vou processá-lo.

— O quê? — afasto-me.

— Mentira, só queria ver sua reação — sorri sem graça — Esse mundo está pobre porque pessoas como ele tem a lei ao seu favor. Na verdade, ele é a lei. Por isso que eu ando na contramão, prefiro ser tachado de viciado de merda a ser como ele — ele respira fundo — A partir de agora, não vai mais apontar meus erros, ou me julgar. Meu amor por você vai ter que ser o suficiente. Chega de só um tentar. Ou é os dois, ou nada.

— Tudo bem — aproximo-me e lhe dou um beijo.

— Não me beija, porra, estou com tanto ódio de você, que se pudesse a esmurrava.

Assusto-me com suas palavras, e antes de tomar alguma atitude, ele vai para a cama e deita.

— Pedi o jantar para você, deve estar chegando — ele conclui e vira para o lado oposto.

Não demora e o jantar chega. Como, e depois de escovar os dentes, vou dormir. Tentar, ao menos; ele está acordado.

Deito, e quando o abraço, ele tira minha mão e ficamos minutos sem sequer olhar um para o outro.

Ele se vira e fica olhando para o teto, parece aquelas cenas bobas de casais brigados que não querem ceder, mas é real e ele está magoado.

Maycon se aproxima, se vira e fica me olhando de perfil. Não sei se viro ou não, não sei como agir.

Mas não consigo não olhar, me viro e dou de cara com seus lindos olhos.

— Jura que me ama, Elena?

— Juro, deixa eu falar o que tenho para falar.

— Não estou nem aí, para o que você tem a dizer. Quero só te beijar.

Ele me olha e tudo sobra nesse olhar. Voamos de encontro um ao outro, e nosso jogo insano de amar começa. O beijo tem tanto desejo e paixão, que em segundos estou totalmente entregue a ele.

É tão profundo, tão gostoso, e cada entrega é única e verdadeira. Senti-lo dentro de mim é perfeito. Nesses momentos, todas as brigas perdem o sentido. A voz de quem é contra, simplesmente desaparece. Há apenas ele, eu e nosso amor. E eu o amo, ainda que seja tão imperfeita nossa forma de amar. Nesse momento, eu imploro para nunca ter um fim. Saciamos essa imensa vontade de sermos um do outro e nossas forças se renovam com cada beijo, cada toque.

— Amor, me perdoa por ser tão idiota?

— Como não perdoar você? Foda-se se quer defender o cara. Ele é seu pai e nada pode mudar isso. Mas eu te amo, amo e desejo, cada vez que eu me afasto de você, eu morro. E volto a essa droga de vida apenas para voltar a vê-la. Desejo você como as ninfas desejam os homens, preciso do seu toque como o vento precisa das folhas para mostrar sua força. Amo você e nosso filho, e no seu amor, eu encontro descanso como as ondas encontram na praia. Elena, você é meu sonho realizado, a salvação do meu abismo interno. Você é minha droga mais viciante e juro que não suporto uma abstinência. Me ame sempre, olhe em meus olhos e jure que vai ser minha por toda a vida e que nada vai nos separar? Pode fazer isso, anjo que assombra mais meus pesadelos? Pode mostrar que é real para você? Que sou mais necessário que o ar e que minha vida corre por suas veias?

— Vai além disso, todas as vezes que você morre, eu morro também. Quero realizar seus sonhos, e se ninguém além de nós aceita, se esse mundo não aceita e tentam de alguma forma nos separar, nada impede que criemos o nosso. E nele, nada, nem ninguém, poderá nos separar. A maior prova que isso é real, que meu amor é real, é que estou aqui, apesar de todas as tempestades, ainda estamos aqui. Eu te amo.

Ele sorri. Aproxima-se e segura meu cabelo.

— Se encostar sua mão em mim novamente, eu juro que te mato.

O olho sem entender:

— Se precisa de mim para viver, como vai me matar?

— E quem disse que vou viver depois de te matar? — Maycon sorri e o olho chocada pelas suas últimas palavras.

Capítulo 37

Os mesmos erros - Maycon...

Estou com a cabeça a mil, meus pensamentos fervem... É difícil ter que me encarar e reconhecer o que eu sou. Fecho os olhos e tudo vem à tona: todas as lembranças, tudo que o pai dela disse, tudo que eu fiz, todo caminho que percorri até aqui. Ainda que seja inútil, eu tento deixar o arrependimento chegar e apagar todas as loucuras. Mas é sempre o remorso que vem e as velhas mentiras de que vou conseguir parar.

Tudo que tento esquecer volta no minuto seguinte.

E se eu te contasse tudo que já fiz, Elena, você ainda me chamaria de amor, ou de louco? Tento limpar minha mente, só quero um minuto de paz... Mas tem a droga da abstinência, tem a droga da Elena e toda sua porra de família, a voz da minha mãe enchendo o saco e como sempre tentando me controlar como se eu fosse um bebê. Que merda! A realidade dela é pior que a minha, seu único filho se tornou seu pior pesadelo e tudo que ela queria para mim ruiu bem na sua frente. Tento controlar meus pensamentos, mas as palavras da porra do pai da Elena vêm à minha mente com uma dose alta demais de acusação... E eu só quero um minuto para colocar um fim a isso tudo. E sei que uma bala me ajudaria, e muito, ela entra no cérebro e tudo que você é desaparece enquanto seu sangue escorre. Essa parece a melhor solução, mas aí entra a questão do meu filho. E ele meio que me faz segurar a onda.

Sinto-me apenas uma rachadura nesse buraco que é a minha vida agora, e me dói saber que isso é tudo que tenho a oferecer para ele.

Estou sentado nessa porra de sacada, fumo meu último cigarro e minha vontade de matar aquele velho não passa. Minha cabeça roda; é sempre a mesma merda. Eu construo esperança e em segundos roubam ela de mim. Hoje descobri que a questão não é se perdoar, a questão é conseguir o perdão das pessoas, porque, caso contrário, elas vão te jogar a verdade a todo o momento e isso reduzirá seu perdão à porra nenhuma.

Olha que droga, depois de tudo, eu volto à estaca zero e sinto que pela primeira vez estou há apenas alguns passos do precipício, da total ruína, e acho que eles são mais fáceis de dar do que continuar a me iludir tentando seguir esse caminho de merda. Viro-me e olho para ela, dormindo como um anjo...

— Onde está o amor perfeito que você jurou ter por mim? Onde está sua fé, agora que me vê desmoronar, Elena? Não pode fingir suportar, porque você não consegue nem fingir. Eu entrei nessa achando que você seria meu porto seguro.

Mas acho que nem sabe o que é isso, não é mesmo? Achei que valia a pena fazer sacrifícios por você, mas percebi tarde demais que o único a se sacrificar sou eu. Minha vida é o sacrifício a ser oferecido. E toda vez que me sinto mal, você simplesmente me faz sentir pior, porque é assim que tem que ser, as mesmas feridas sempre, e quando começo a suportar a dor, você vem e as salga. Tento pensar nas coisas boas, e no fim me restam apenas lembranças de que uma boa carreira me faria mandar toda essa pressão embora... Odeio sentir tanta falta, odeio fingir que estou conseguindo, odeio ver todo o ressentimento que você tenta esconder estampado em seus olhos. Eu nunca fui perfeito, Elena, e às vezes é mais fácil desistir... Não percebe que estou preso à corda que você está cortando? Não percebe que se isso acontecer eu desabo e a queda é alta demais? Não percebe, meu anjo, que vou me quebrar em tantos pedaços que não haverá mais conserto? Elena, eu estou cansado de tentar ser quem você quer que eu seja. Eu simplesmente não suporto mais... Isso é demais para mim...

Achei que você era minha liberdade, mas é apenas o cadeado que me mantém preso. Esquece o que você pensou de mim. Porque, no fim, todos acham tão lindo um viciado que quer sair das drogas. Mas ninguém te conta que esse viciado vai ficar dependente de remédios o tempo todo, que ele vai acordar com pesadelos e seu cérebro vai implorar todas as noites para que ele lhe dê uma última dose. Uma única dose produz efeito contrário a tudo que você me oferece, uma dose faz com que eu me sinta estimulado, sociável e extremamente confiante. Ela tira toda a merda da minha cabeça, tira a vontade imensa de me matar. E é assustador como eu não consigo me encontrar, toda essa pressão que você põe sobre mim, só me derruba mais. Minhas paredes estão se fechando, Elena, e minha única saída se voltou contra mim. Olha para mim sem um senso de confiança, eu perdi minhas forças e estou convencido de que não posso ir além. Eu nunca me senti desse jeito antes... É como se encontrar com a morte e achar que ela vai te trazer vida... E talvez traga... Não sei.

Estou rastejando dentro da minha pele, e você simplesmente ignora toda a minha dor. Mas olha para você, tão frágil, tão indefesa. Buscando de todas as maneiras ser aceita, buscando se encaixar. Você é tão idiota. Seu jogo inverteu, Elena. As regras mudaram e você já deu todas as cartas. Agora eu tenho que seguir por nós, por ele e por você. Sem nenhuma carta na manga, sozinho, buscando um lugar confortável para você e sua mente insana, um lugar onde poderemos ser aceitos... Um lugar onde não há nada a ganhar, mas não há nada a perder.

— Maycon — te escuto me chamar, não respondo. No momento, eu preciso conservar um pouco do meu amor-próprio e meu ódio por você. Ainda que ele dure milésimos de segundos.

Entro no seu jogo louco, onde todos já sabem o fim. Você é previsível, mas eu também sou. Não era, mas você me desarmou e me deixou sozinho nessa luta. Você é covarde, mas ninguém vê isso, sabe por quê? Porque você é a vítima e eu só um viciado que não tem um álibi. Concentro-me tentando manter meu ódio, tento te ferir com palavras, mas você é tão incansável... A vejo jantar e tento de alguma forma te mostrar toda a minha mágoa, mas em seus olhos eu vejo um frio *foda-se Maycon*... Você me machuca e eu tento te machucar com sugestões loucas, mas isso não te atinge, não da forma que eu queria. Apenas te assusta.

Você deita, sinto sua mão... Tiro, mas a quem quero enganar, em dois segundos você já me tem como um cachorro a seus pés. Por isso eu odeio cachorros. Eles perdoam fácil, e eu te perdoo fácil demais. Não demora e minha boca insensata volta a sentir sua pele, você é a droga mais sem efeitos, porque não anula minha dor... Tudo na sua vida vem antes de mim, e eu sempre tenho que esperar paciente pelo resto que quer me oferecer... E eu, como um bom cachorro, aceito abanando o rabo. Porque os poucos segundos em que você se entrega, submissa ao prazer, e não sou idiota, você se entrega ao prazer, Elena, e não a mim, esses poucos segundos se tornam o céu, o meu céu assombrado.

Faço mil declarações e te faço jurar que me ama, que é verdade, mas sabe, sua porra, eu não acredito em você. E foda-se se não está do meu lado, porque ainda que não esteja, eu sempre estarei com você.

As horas passam e vejo minha deusa dormir, imploro por uma dose do meu veneno e viajo nessa loucura, durmo pensando nisso. Pensando que não quero ser forte, que não quero mais tentar...

Acordo com meu celular tocando. Levanto-me e coloco meus pés no chão frio. Finjo esquecer tudo sobre ontem, me esforçando para dizer a mim que tudo está bem. Não sei mais se te odeio ou te amo. Mas tive uma dose alta demais sua e por hoje chega. Quero trilhar meu caminho, fazer minhas escolhas. E elas não incluem você. Isso é hilário, meu anjo, porque não te incluem só por hoje. Amanhã você volta à sua vidinha medíocre de boa moça em resgate a um viciado, e eu, bom, eu volto para nós e para minha prisão para viciados. Com um pequeno gosto de hipocrisia, estou abandonando minhas promessas por hoje. Olho sua imagem imaculada, você está tão distante, e eu não posso te trazer de volta para mim. Não posso te sentir. É verdade que a dor ainda está aqui. Seu rosto me faz lembrá-la, e o som da sua voz me assombra trazendo à tona todas as malditas palavras, suas promessas na minha cabeça distorcem toda a verdade sobre mim e, no fim, eu só me vejo como culpado. Porque só eu sou culpado... Porque não me ofereceram o papel de vítima. Mas sabe, anjo do meu pesadelo, nunca deixarei que leve minha culpa. Quero que sempre seja a vítima... Ainda que em algumas horas os papéis se invertam. Mas ninguém precisa saber, não é

mesmo?

As horas voam, elas nos trazem de volta à nossa realidade. Paro em frente ao Campus.

Preciso de liberdade, porque não importa o quão longe eu chegue, você sempre estará um passo a frente. Finjo um sorriso e invento uma desculpa. Olha no que eu estou me tornando.

— Já vou... — digo-lhe, entregando sua bolsa, esse é um educado *sai do meu carro*.

— Tudo bem. Vai vir à noite?

— Não, talvez eu te ligue...

— Maycon, você disse que me perdoou.

— Isso não tem nada a ver, só quero ir para o meu refúgio, preciso disso agora.

— Não posso ir com você?

Não sei o que dizer... Não quero mentir, nunca precisei disso.

— Vai ficar com sua mãe, não é? Ela é seu refúgio... — ela insiste, não desminto nem confirmo.

— Vou indo agora, minhas horas de liberdade estão acabando... Sábado a gente se vê. Fica bem...

— Achei que estávamos bem...

— Nós estamos, eu que não estou, preciso respirar um pouco. Preciso do meu refúgio, meu esconderijo quando me sinto crucificado.

— Tchau, então — ela diz e sei que está magoada, mas às vezes o amor sufoca também.

Ela me puxa para um beijo sem graça, só encostamos os lábios.

— Tchau... — ela insiste com charme, em uma tentativa patética de me convencer.

— Vai pela sombra — forço um sorriso.

Ela sai, nessa despedida não existe sangue nem promessas. É como tirar um peso das minhas costas. Arranco o carro, e quando sua visão desaparece do meu retrovisor, ligo para Jay.

— Fala... — sua voz soa desanimada. Ô mulherzinha do cão, atende num ânimo que é foda.

— Estou me dando uma folga hoje e quero curtir até fritar o cérebro. Está afim?

— O quê?

— Está comigo ou não?

— Sempre, May...

— Onde eu te pego?

— Estou com April... Já é?

— Já é, marca dez minutos.

— Posso levá-la?

— Pra mim tanto faz...

— Sua mãe vai nos matar.

— Que porra, Jay, eu estou paranoico, ou é isso ou uma bala na cabeça. O que acha? Vai criar meu filho pra mim?

Ela não responde.

Desligo, e em dez minutos, as duas estão no meu carro. Passo no caixa eletrônico e pego as verdinhas que irão me proporcionar a cura. Vou direto ao Jong, ele sempre tem da boa. Compro cinco gramas, fiquei tempo sem usar e estou com medo. Fora que está cada dia mais cara. Merda! Passamos no supermercado. Compramos várias bebidas. Jayde e April vão se ferrar se misturarem toda essa merda, mas foda-se elas. Uma hora dessas, é cada um por si.

Voltamos para a casa e Jay liga o som na maior altura. Estou em êxtase, só de pensar na bela cheirada que vou dar agora. Derramo o pó sobre a mesa, preparo minhas belas carreiras e ajoelho. April está à minha frente bebendo, me pergunto o que essa imbecil está olhando. Deve ser patético me ver ajoelhado cheirando. Penso em mandá-la para puta que pariu, mas Jay acende a merda da erva e as duas se distraem dividindo o bagulho. Cheiro a primeira, a segunda, a terceira e quarta, continuo cheirando até ela começar a fazer efeito, e que puta efeito, começa os minutos mais felizes da minha vida, essa é boa mesmo, é a garantia do bem-estar. Melhor que comer puta, que adrenalina, que euforia! O efeito domina meu corpo e tudo desaparece, a dor, a porra da Elena, a culpa. Agora eu sou o Maycon e foda-se para o resto... Jayde e April não fazem mais diferença. À medida que o efeito vai passando, eu continuo usando e lá se vão algumas gramas, meu coração parece que vai sair pela boca. Tem mais e estou com medo de arriscar. Não sei se aguento, mas não quero parar. É mais forte que eu... Instintivamente, continuo a preparar minhas carreiras, isso é tudo que importa... É tudo que preciso por hoje, e que se dane o amanhã...

A noite passa e eu passo acordado. Hora ou outra me dá uma paranoia. Isso é louco, bebida e coca são como almas gêmeas. Você bebe muito e não fica tonto. A coca não deixa. Quando dou por mim, o dia já amanheceu e a segunda já veio... Está na hora de voltar para aquele inferno. Tomo um banho. Olho minha cara pós-coca. Dou um sorriso irônico. Pego minhas coisas e encontro com minha mãe.

Ela me beija e dou meu melhor sorriso.

— Conversou com Elena sobre o médico? — pergunta.

— Sim, ela vai sozinha e te dará notícias, mas não liga, deixa ela te ligar — aviso.

— E como foi com os pais dela?

— O esperado.

Não dou trela para mais assunto. Acho ridículo isso dos meus pais me acompanharem como se fosse um menino indo para escola. Mas eles gostam, então é isso. Lá vai o Maycon de volta para o inferno.

Chego e eles se vão. Mais uma semana aqui. Ninguém merece. Oh, droga de vida.

Sigo como de costume, e quando chego à minha sessão com Katherine, sou sincero e digo que usei.

— Esteve com Elena? — diz de supetão. Ela se sente atraída por mim e isso é motivo suficiente para desconcertá-la e me deixar à sua frente.

— Sim...

— Foi antes ou depois de usar?

— Depois, sempre é depois, antes ela perceberia...

— Por que usou?

— Pergunta ridícula, passo essa Katherine... Próxima, manda uma melhor — sorriso.

— Acha que de alguma forma ela te faz ter recaída?

— Não...

— Ficou quatro meses sem usar, e nas duas vezes que se encontrou com ela, usou...

— Vai colocar isso na minha ficha?

— Vai me responder, Maycon?

— Vai colocar que tive recaída?

— Sou obrigada, minha ética profissional me obriga a isso.

Porra, isso arruína minhas chances de ficar bem com a Elena. Partindo para o ataque...

— Katherine, a considero minha amiga, criamos um laço muito íntimo.

— Maycon, não vai me manipular...

— De maneira alguma, não conseguiria fazer isso com alguém de sua capacidade intelectual. Sabe disso.

Ela sorri e isso é o que preciso para saber que estou no caminho certo. Começo a dizer todas as minhas infelicidades, faço ela se compadecer de mim, digo todas as minhas frustrações, meu arrependimento, imito um desespero devido a uma crise existencial. Os psicólogos amam isso. O conflito interno do homem. Faço-me de vítima da cocaína e ela entra no jogo. Quando vejo a pena estampada em seus olhos, sei que venci mais uma.

— Maycon, eu sinto muito por tudo, mas tem que entender que nada é motivo para você se autodestruir. A Elena não é; seus pais não são, nem seu filho. Tem que descobrir a força que tem, tem que ter fé em você mesmo. Ver que é capaz e não deixar seu vício te dominar.

— Katherine, eu sei — lanço meu olhar de cão arrependido e ela cai igual pato, coitada — Eu sei, tem razão, mas se você colocar essa recaída na minha ficha, ninguém mais vai acreditar em mim, e como eu vou ser forte se ninguém acreditar em mim?

— Maycon, eu não posso...

— Estou te pedindo como amigo, não como paciente. Não sabe como é difícil para mim, como me sinto idiota por ter usado. Essa foi a última vez, apesar de todo arrependimento, eu me olhei hoje no espelho e me perdoei por esse erro, porque suas palavras causam esse efeito em mim, me fazem sentir capaz e só tenho a te agradecer por isso. Katherine, eu decidi hoje que vou começar de novo, e aconteça o que acontecer, não vou mais usar. Não vou destruir minha vida com a merda da cocaína. Você acredita em mim? — digo, soando como súplica.

— Eu acredito, Maycon...

— Então não me faça parecer incapaz de lutar contra isso. Só estou te pedindo uma chance, Katherine, nada mais. Mas a questão é: você pode me dar essa chance?

Lanço mais um olhar de súplica e minha ficha sai intacta.

Durante a semana, eu pago da maneira mais cruel por ter usado. A droga da abstinência acaba comigo, meu corpo fica mal, minha mente totalmente louca, eu não suporto, mas é apenas uma semana. Essa loucura me consome, os dois primeiros dias se vão, no terceiro, a droga da consciência vem e me quebra. Sonho com meu filho e o vejo me dizer que me odeia, vejo Elena ir embora com ele. Tento alcançá-los, mas não consigo... Vozes gritam na minha cabeça. Elas dizem que não passo de um viciado, os pesadelos roubam minha paz, a dor por não usar me consome e eu morro um milhão de vezes.

A sexta chega e traz o gosto amargo da liberdade. Não sei se suporto mais uma semana nesse buraco.

No sábado pela manhã, minha mãe me busca. Ligo para Elena, mas ela não me atende. Que porra! Fico com meus pais e depois vou vê-la. Mando uma mensagem e ela responde que está vindo.

Paro em frente ao Campus.

Vejo a vir, caminha tão lentamente, tenho tanto medo de perdê-la. O tempo para ao vê-la, há tanta beleza. Meu anjo imaculado. Sinto meus erros expostos como culpa. Ela se aproxima, está tão linda, me abraça e chora, não sei o motivo, mas ela parece arrasada.

— O que foi, meu amor? — pergunto, escondendo a culpa.

Ela olha em meus olhos.

— Nada... — sussurra.

— Eu te amo.

— Eu também te amo e vou te amar sempre — a escuto e é tudo que preciso no momento.

— Meu pai nos convidou para jantar com ele. Vamos?

Ela aceita, confirmando com um gesto de cabeça. Entramos no carro. Passamos a tarde juntos. Elena está diferente. Tem algo errado e eu não sei o quê. Está calada, procura até as palavras certas, como se evitasse me ofender.

A noite chega. Arrumamo-nos, estranho que até a Jay ela evita, e isso começa a me preocupar.

— Elena, aconteceu alguma coisa? — insisto.

— Não... Estou emocionada pelo bebê.

Ajoelho-me e dou um beijo em sua barriga. Que porra, ele me lembra o belo viciado de merda que sou. Que droga, bebê, por que me faz sentir tão culpado? O sinto chutar e isso me arrasa. Ele não merece isso, eu não mereço tê-lo em minha vida. Que merda... Tento disfarçar.

Não quero passar por isso novamente, não quero usar, mas não sei como lutar contra isso.

— Amo vocês... Muito — lhe dou mais um beijo e ele chuta novamente. Eu o amo, amo pra caralho, e não sei como ser melhor pra ele. Mas eu quero ser... *Que ódio, você é um merda, Maycon, um lixo humano.*

— Maycon, eu faço mal a você? — ela pergunta, já chorando.

— Meu anjo, não, de maneira alguma... Por que tá perguntando isso?

— Não sei, essa semana eu li sobre casais que se amam, mas não fazem bem um ao outro. Sabe que existe, não sabe?

— Ah, eu nunca li a respeito, mas se você diz, eu acredito.

— Já pensou sobre nós sermos assim?

— Elena, amor, esquece isso. Você me faz bem, me sinto bem ao seu lado... Olha, vamos no meu pai e depois debatemos esse assunto, você expõe suas ideias e eu provo o contrário. Amanhã vamos comprar o enxoval do bebê. Você só está um pouco depressiva, mas vai passar, vai ver.

— Tudo bem. Me desculpa...

— Eu te amo...

— Também te amo muito...

Descemos e Jay já está esperando no carro. Elena segue em meus braços, sei que tem algo errado. Olho para Jay, mas ela não me dá nenhuma resposta. Droga! Seja lá o que for, só me resta esperar a bomba estourar.

Capítulo 39

Sem saída

Maycon me deixa em frente ao Campus e acho horrível essa despedida seca. Mas o que posso fazer, só me resta dar um tempo a ele.

Entro e vejo Keven. Abraçamo-nos.

— Correu tudo bem? — ele pergunta e suspiro frustrada, lembrando-me da loucura que foi.

Conto a Keven, nos mínimos detalhes, ele faz caras e bocas até me escutar dizer que dei um tapa na cara do Maycon.

— Você o quê? — pergunta, já exibindo um sorriso sarcástico.

— Perdi a cabeça e acabei descontando nele.

— Não acredito, Elena, essa é a melhor notícia que eu poderia ouvir. Você filmou?

— Para! Estou arrependida.

— Foda-se ele, o cara mereceu e não tem que se arrepender por isso. Vou rir muito disso ainda, o bad boy apanhou da namorada.

— Keven, por favor... Para — insisto.

Continuamos nessa conversa boba e ele me faz rir, dizendo que deveria ter filmado. A noite chega e Maycon não me liga. Pergunto-me o que ele está fazendo. Vou com Keven comer um hambúrguer. Espero até meia-noite e sou vencida pelo sono.

Quando acordo, a responsabilidade de estudar me chama. Pego meu telefone naquela esperança boba de ao menos ter uma mensagem. Mas nada, não tem nem um mero eu te amo.

A segunda e a terça se vão. Quarta pela manhã, tenho aula com April. Pelo fato de detestá-la, já decorei quais são os dias. Sou uma das primeiras, para evitá-la, deveria sentar na frente. Mas sinto vontade de ir ao banheiro e levantar a todo momento, isso acaba atrapalhando a todos. Escolho um dos últimos lugares. Já que Maycon não mencionou, essa semana vou tentar escolher um nome, vou fazer uma busca no google. Meu bebê mexe e acabo me distraindo

enquanto os alunos ocupam seus lugares. Quando dou por mim, a diaba está do meu lado... Não acredito. Olho-a de relance, tem algo errado com ela, não sei o quê, mas evito sequer dar oportunidade de conversar.

— Elena — a escuto e suspiro frustrada.

— Oi — digo secamente.

— O que aconteceu com você e o May?

— Não tenho que te falar sobre minha vida, April.

— Já parou para pensar que vocês podem fazer mal um ao outro?

— Aonde você quer chegar? Se está se referindo à recaída, não tive culpa.

— No fim, você criará seu filho sozinha e isso me dá pena — diz provocativa.

— Por quê?

— Maycon nunca vai sair dessa.

— Ele já saiu...

Ela dá uma risada irônica.

— Domingo, depois que te deixou, ele saiu comigo e a Jay... — ela diz e meu coração congela.

— Não tenho interesse em saber...

Ela me corta.

— Nunca vi ninguém cheirar tanta cocaína na minha vida.

As palavras dela atravessam meu peito como facadas, e eu simplesmente sangro, não quero acreditar. Mordo meus lábios, tentando inutilmente segurar as lágrimas.

— Por que está fazendo isso, April? Que mal eu fiz para você tentar me envenenar com mentiras?

— Queria que fosse mentira, mas não é, e eu posso te provar... — insiste.

— Como?

— Passa o número do seu celular, mas antes promete pela vida do seu filho que ninguém vai saber disso. Promete?

— Acha que vou acreditar em você? — tento fingir que não estou abalada.

— Eu o filmei cheirando, e é de cortar o coração. Quer ver? — procuro em seus olhos algum sentimento de compaixão, mas ela está apenas se divertindo com minha dor.

Não respondo, não posso e nem quero acreditar nisso, ele não pode ter feito isso comigo.

— Como ele conseguiu?

— Foi no cara, comprou cinco gramas, e usou tudo.

— Mentira, isso é uma dose muito alta.

— Passa o número que te dou a prova. Elena, desiste, Maycon vai morrer usando cocaína, tem que se conformar com isso — ela tenta parecer comovida,

mas não consegue disfarçar o sarcasmo de vitória.

Anoto meu número em uma folha, deixo em sua mesa, pego minhas coisas e saio. A cada passo, sinto o gosto amargo da derrota, me sinto imbecil por achar que poderia vencer a cocaína.

Imploro para ser mentira, mas quando estou à porta do meu quarto, meu celular vibra e não sei se quero ver.

Deito na cama e tento recuperar o fôlego que perdi há segundos...

Pego o telefone, e com as mãos trêmulas, baixo o vídeo. Meu Deus, isso é muito cruel. Maycon está ajoelhado à mesa de centro, cheirando cocaína... Me corta o coração ver como alguém pode sucumbir a isso dessa forma. Perco as forças, sinceramente, é melhor perdê-lo do que o ver tão escravizado por ela. O vídeo dura minutos, os mesmos que arrancam minha felicidade.

— Acho que é hora de desistir, bebê. Não quero e nem posso fazer isso a você. Não quero que presencie seu pai nesse estado. Estou perdendo as forças.

No auge do desespero, imploro a Deus que se for para o meu filho viver nesse inferno, que o leve, que me leve.

Maycon parece um zumbi, faz carreiras, cheira e faz novamente. Mantém-se sempre na mesma posição. Seu mundo é isso. Ele ama isso, ama a cocaína, e ela está o levando aos poucos. Ela o leva, me leva, e leva o bebê junto, e isso eu não posso permitir. Não mesmo.

As horas passam, a noite vem devagar e essa é a mais amarga de todas. Não consigo dormir, algo está morrendo em mim, e a dor é insuportável. A sensação é como ser enterrada viva. Todas as promessas foram quebradas e não há porquê lutar, não há mais porquê insistir. E por mais que eu tente ignorar, essa dor grita em mim como forma de me torturar. Sinto como se estivesse caindo em um abismo. E apenas permaneço caindo. Quando olho para a janela, o sol já está posto. Ele me mostra que a vida pouca se importa comigo. E, querendo ou não, ela continua sem me dar muitas opções.

Perdi a fé, perdi a esperança. Mas tem uma vida em mim que me obriga a continuar.

O momento da decisão é sempre o mais difícil, mas não posso deixar meu filho em contato com esse mundo.

A quinta se vai, Keven me nota distante e acabo desabafando com ele. Quando digo que quero terminar, ele me apoia, diz ser sensato, que não aguenta mais me ver sofrer, me encoraja a recomeçar longe do Maycon, e isso me dá certo ânimo. Pelo menos ele me apoia, ainda que meu coração não o faça.

Na sexta, Emily liga me lembrando da consulta. Como estou sem ânimo, acabo aceitando sua companhia.

Depois de constatarmos que tudo está bem, vamos a um restaurante. Ela pede

suco e salada de frutas.

— Você está distante, aconteceu alguma coisa?

— Tem notícias do Maycon? — pergunto e ela desvia o olhar, vejo suas lágrimas descenderem e sei que já sabe da verdade.

— Quero terminar — digo de supetão e recebo seu olhar frio.

— Ele ama você, se terminar, provavelmente ele não vai resistir.

— Emily, entendo que está pensando no seu filho, me dói muito ter que deixá-lo, mas também tenho que pensar no meu e não quero esse mundo para ele — deixo as lágrimas correrem.

— O que você espera que eu faça, Elena? Espera que eu aceite e que te deixe seguir feliz enquanto Maycon afunda? Já te respondo, minha resposta é não. Não vai terminar com ele, você é culpada por tudo isso, e se tocar nesse assunto com Maycon, juro que processo seu pai e o difamo até ele perder o emprego. E tem mais, acabo com sua família, e quando esse bebê nascer, não vai nem chegar a amamentá-lo... É isso que quer?

Entre lágrimas, nego com a cabeça.

— Então vai continuar com Maycon enquanto ele quiser, e nem uma palavra com ele. Entendeu?

— Tudo bem, mas sabe que ele morrerá...

— Ah, meu Deus! Não suporto mais isso, tem ideia do que é ver seu filho se matar todos os dias e não poder fazer nada a respeito? São anos nessa luta, Elena. Quando descobrimos, já estava viciado. Eu tentei tanto, de todas as formas. Há cinco anos ele vive para a cocaína. Lembro, que no primeiro confronto, ele me disse que experimentou por curiosidade, junto com um amigo da escola. Chorei tanto... Desde esse dia, ele passou a sair com frequência, passou a não voltar para casa. Eu ficava louca, passava noites atrás dele, preocupada, aflita. Implorando para ele estar bem. No ápice do desespero de ver meu filho se afundar mais a cada dia na cocaína, um dia eu implorei a Deus para tirar o Maycon desse sofrimento. Eu não suportava mais, não suportava. Tomei a decisão mais difícil e o deixei ir... Abri a porta para ele e o deixei ir — lágrimas desesperadas correm em sua face — Elena, não tem um dia que eu não me arrependa por ter feito isso. No dia que eu abri a porta, eu desisti... E até hoje essa culpa me consome, mas eu não vou cometer o mesmo erro novamente. Não vou desistir dele de novo. Pode achar que sou uma cobra, mas até onde chegaria pelo seu filho?

— Você está me obrigando a ultrapassar meu limite pelo seu.

Ela não retruca, enxuga as lágrimas e levanta. Paga a conta e seguimos em silêncio. Ela me deixa em frente ao Campus. Desço e não dizemos nenhuma palavra de despedida.

Agora vejo como fui ingênua em achar que poderia tirar o Maycon do vício. Entro em meu quarto, ele está vazio como eu. Não tenho opções, se terminar com ele, essa mulher é bem capaz de acabar com a reputação do meu pai. Estou sem saída, implorando por uma zona neutra na tempestade que eu mesma criei. Meu Deus, onde eu fui entrar?

A noite passa e as palavras da Emily me atormentam junto com as imagens do Maycon usando drogas. Meu bebê mexe e acaricio-o. Eu o amo e amo o Maycon. A verdade não é que realmente quero desistir, ele é o amor da minha vida. Não se desiste do amor, não mesmo, mas não suportarei vê-lo morrer, e quero evitar essa mesma dor ao meu filho.

Pela manhã, ele me liga, ainda não estou bem para atender.

Depois do almoço, mando uma mensagem e ele vem ao meu encontro. Vou até ele e tento fingir estar bem. Mas assim que me aproximo, eu desabo a chorar. Lembro-me de como a cocaína o escraviza e não consigo não morrer com isso.

— O que foi, meu amor? — ele me pergunta.

Olho em seus olhos.

— Nada... — sussurro.

— Eu te amo.

— Eu também te amo e vou te amar sempre... — confesso como despedida. Sinto-me culpada, mas estou sendo obrigada a escolher entre mim e ele.

— Meu pai nos convidou para jantar com ele. Vamos?

Confirmo com um gesto de cabeça. Entramos no carro. Quando chegamos à sua casa, entro na sala, e ao olhar para a mesinha, um arrepio percorre meu corpo. Tento disfarçar, mas sei que estou diferente. Falo poucas palavras; sinto-me culpada por querer deixá-lo e evito ao máximo confessar meus planos.

A noite chega. Arrumamo-nos, penso em como Jayde pode ser tão fria e sucumbir com Maycon ao vício. Estranha essa sua forma de amar, se é que realmente ama. Tento evitá-la também.

— Elena, aconteceu alguma coisa? — Maycon insiste antes de sairmos do quarto.

— Não... Estou emocionada pelo bebê — minto.

Ele se ajoelha e me dá um beijo na barriga. Nosso bebê sente sua falta, e mexe muito mais ao sentir as mãos do Maycon. Pergunto-me se eles chegarão a conviver. Que dor... Não quero passar por isso novamente.

— Amo vocês... Muito — ele me dá mais um beijo e o bebê chuta, correspondendo a Maycon.

— Maycon, eu faço mal a você? — não consigo segurar e deixo as palavras saírem.

— Meu anjo, não, de maneira alguma... Por que está perguntando isso?

— Não sei, essa semana eu li sobre casais que se amam, mas não fazem bem um ao outro... Sabe que existe, não sabe? — invento uma desculpa.

— Ah, eu nunca li a respeito, mas se você diz, eu acredito.

— Já pensou sobre nós sermos assim?

— Elena, amor, esquece isso. Você me faz bem, me sinto bem ao seu lado... Olha, vamos no meu pai e depois debatemos esse assunto, você expõe suas ideias e eu provo o contrário. Amanhã vamos comprar o enxoval do bebê. Você só está um pouco depressiva, mas vai passar, vai ver.

— Tudo bem. Me desculpa...

— Eu te amo...

— Também te amo muito...

Descemos e Jayde já está esperando no carro. Maycon entra e me aconchego em seus braços, meu refúgio... Meu esconderijo. Chegamos, não me atrevo a reparar em ninguém, é meu momento de me sentir deslocada. Emily me cumprimenta com aquele olhar ameaçador, mas ele desaparece assim que vê Maycon sorrindo.

Seu pai o apresenta a seus amigos, ambos têm tanto orgulho dele. Pelo número de pessoas, parece um jantar de negócios. Jeniffer está linda, Jessica também. Ao total, têm umas cinquenta pessoas. Todos de classe alta e eu aqui, como um peixe fora d'água. O jantar segue normalmente e eu finjo normalidade também. Esse teatro é tão indigno... Todos sabem sobre a recaída de Maycon, mas fingem não saber.

As horas passam e finalmente a maioria dos convidados se vai. Observo Jayde e Maycon com sorrisinhos bobos, nem sei o que significam.

Olho para o Maycon e me pergunto, como chegamos a isso?

Ele se levanta, sussurra no meu ouvido que voltará em dois minutos e sai com Jayde.

É tempo o suficiente para Emily se aproximar.

— Não pode ao menos fingir estar feliz? É deprimente olhar para você.

— Não sei fingir, Emily, esse é meu melhor e pouco me importo em agradá-la — deixo transparecer ironia.

— Elena, cuidado, não estou brincando com você... — ela ameaça e Maycon chega a tempo de escutar. Emily não o percebe e sei que essa é minha chance.

— Ou o quê, Emily? Cansei das suas ameaças, jura que realmente vai tirar meu bebê de mim? — pergunto em bom som, sei que ele e Jayde estão escutando, sinto os olhos dele sobre mim.

— Não vejo a hora de isso acontecer — ela responde e cai em seu próprio jogo.

— O que, mãe? Está ameaçando a Elena, é isso?

Emily se assusta. Percebo os últimos convidados indo embora e Jeniffer se aproximando com Isaac.

— Maycon, Elena não te ama. Já deve ter percebido isso — Emily muda o tom da voz.

— Me ama sim, você está apenas com ciúme! Para mãe, eu cresci.

Ela começa a chorar e sei que a verdade virá à tona.

— Você tem razão, Maycon, cresceu e é uma pena isso...

— Por que uma pena? O que está acontecendo aqui?

— Nada, você só se envolveu com a pessoa errada, e ela está te fazendo afundar mais...

Maycon ri com ironia, mas antes que ele diga algo, Isaac inicia.

— Emily, chega... Não aguento mais isso. Para com esse teatro, acabou.

— O que acabou, Isaac? — ela retruca com arrogância.

— Eu estou tão cansado disso. Levei essa culpa por tempo demais, eu fiz tudo. Gastei fortuna com tratamentos para o Maycon e o vi gastar as mesmas quantidades em cocaína.

Maycon se assusta ao escutar seu pai, evita me olhar.

— Cala a boca! — Emily grita, chorando.

— Não, ele vai me escutar — se vira para Maycon — Eu cansei, Maycon, eu vi sua mãe culpar a todos, menos você; vi sua mãe perder noites de sono pelo seu estilo de vida. Eu admito que em algum momento nós erramos, mas foi você quem escolheu esse caminho e chega de não assumir sua culpa.

— A culpa não é dele! — Ela insiste.

— Se não é dele, muito menos é da Elena. Chega a ser absurdo você ameaçá-la e obrigá-la a continuar com ele!

Maycon me olha, chocado.

— Isso é verdade, Elena? Está comigo porque minha mãe está te ameaçando?

Não respondo e Isaac continua.

— Eu segui todas as suas regras, Emily, pagava todas as dívidas do Maycon com drogas, nunca me opus a pagar nenhum tratamento, na verdade eu nunca me opus em nada em relação a ele. Mas foi em vão, Maycon se afundou e nos levou juntos.

— Você está louco?! — Maycon grita com seu pai.

— Cala a boca Maycon, não vai fazer comigo o que faz com sua mãe. A partir de agora, as coisas vão mudar, vai ser do meu jeito. Acabaram as operações de resgate, não tem mais um centavo meu para a droga... Sabe por quê? Porque quando eu te dou dinheiro para essa porcaria, eu te ajudo a se matar.

— Não preciso do seu dinheiro — Maycon diz, arrogante.

— Ótimo, porque não vai ter. Olha para você, já está no fundo do poço e quer

continuar a cavar. Tudo bem, mas vai sozinho. Elena não vai mais ficar com você. E não se preocupe, Elena, não vou deixar faltar nada para o seu filho. E você, Maycon, vou te dar a oportunidade de vivenciar integralmente as consequências danosas do seu comportamento. Quer se drogar? Não vou me opor, mas se vira para comprar.

— Não preciso de você para sustentar meu vício — ele diz com voz engasgada, é óbvio que está abalado.

— E você, Jayde, dá um jeito na sua vida, acabou a mordomia dele, não vai demorar a começar a vender as coisas para comprar, e se ficar no caminho, vai afundar junto — diz alterado.

— Essa puta te colocou contra mim, no fundo você sempre a preferiu, não é, pai?

— Isso não tem nada a ver com a Jeniffer, Maycon — Isaac começa a chorar — Só não quero ver você no caixão amanhã e saber que eu fui responsável por isso.

— Para de fingir, você deixou de se importar há muito tempo...

— Pense o que você quiser, mas quando isso acontecer, uma parte de mim vai com você, é meu filho e eu sempre vou te amar, infelizmente essa é minha última tentativa.

— Você está me abandonando, pai? Virando as costas para mim, seu único filho?

— Não, Maycon, só estou encarando a verdade, esse é o caminho que você escolheu e nós não podemos fazer mais nada. Isso pode ser novo para Elena e para Jayde, mas para mim e sua mãe, não é. Não aguento mais, e se obrigarmos a Elena a continuar com você, vou condenar meu neto a isso. Se precisar de comida, roupa, ou até mesmos remédios, e se realmente quiser ajuda para sair, estou aqui para te ajudar. Mas mostre um pouco de respeito por nós, pelo nosso amor, e para de tentar nos fazer de bobos...

— Quem contou?

Ele me pergunta e meu sangue ferve...

— Ninguém contou, Maycon, eu vi com meus próprios olhos, e me doeu tanto te ver usando, vê-lo se matando! — Digo alterada.

— Elena, por favor, não me deixa, não você... Por favor?

— Maycon, não posso fazer nosso filho passar por isso, me perdoa, mas não posso...

— Como soube?

— April filmou e implorou para não contar a você e Jayde...

— Que garota desgraçada, ela me paga... Vocês também viram? — ele pergunta para os seus pais.

— Para com isso, Maycon, cedo ou tarde iríamos saber. Fora que você estourou seu limite em um dia e acha que eu não desconfiaria?

Maycon olha para mim, ainda estou em lágrimas e ele também, todos estamos.

— Para mim já deu, vão para o inferno vocês! — Ele se afasta e Jayde o abraça — Não tenho mais nada para te oferecer... — ele diz extremamente magoado.

— Nunca precisou me oferecer nada, seu idiota. Somos amigos, sempre estarei com você.

— Então vamos, no fim, somos sempre nós mesmos. Mas foda-se, não precisamos de nenhum deles... E Elena, muito obrigada pela sua sinceridade, é o que mais me comove em você — ele segue em direção à porta.

— E seu filho, Maycon? — Emily pergunta, desesperada.

— Já tem muitos para cuidar dele e acho que não estou incluso na lista, é melhor assim, vai por mim.

Eles saem. Emily chora tanto... Isaac se aproxima e a abraça.

— Sabe que o perdemos, não sabe? — ela diz com tanto desespero, até Jeniffer se comove.

— Emily, temos que aceitar, há muito tempo perdemos o controle da situação, você apenas fingia que tudo estava bem.

— Não vou suportar ver meu filho em um caixão... Não peça isso a uma mãe.

— Vamos ter fé que isso não vai acontecer, mas caso aconteça, você é forte e não deve se culpar. Lutou com todas as forças, mas algumas batalhas nós vencemos, outra não, essa é a vida.

Aproximo-me de Jeniffer e peço uma carona. Ela chama o motorista, e ele me leva. Ainda que eu sinta tanta dor como eles, não cabe a mim interferir nesse momento. Como sempre, vou passar por toda a dor sozinha. Fecho os meus olhos e imploro em preces para que Maycon não faça uma loucura e, infelizmente, isso é tudo que posso fazer... Implorar pela vida do meu único e verdadeiro amor...

Capítulo 40

Onde o fim começa.

Chego à minha cruel realidade, no momento até os pensamentos roubam minha força, mas não há nada que eu possa fazer a respeito.

Jogo-me na cama, a sensação é como buscar Deus no vazio, e ainda que sua busca seja intensa, há apenas o vazio à sua espera. Sua ausência dói tanto em mim que não quero continuar, não na realidade que me é oferecida.

Penso na nossa estranha despedida, nossa estranha separação... Sinto-me abandonada e não há quem possa devolver meu sorriso. Não há cura para essa dor, não há remédio... Ela simplesmente é sentida, me demonstrando que parte da minha vida se foi.

Não durmo, é impossível. Quando meu celular desperta, proponho-me a continuar. Ainda que nada em mim queira, mas não adianta correr atrás da esperança, não existe mais volta. Esse é o caminho onde o fim começa, o nosso fim. A noite vem com certo deboche, me mostrando que a vida continua, e eu, eu imploro para ser dele uma última vez. Mas nada realizará esse sonho. Estou presa ao vazio e condenada a perguntas sem respostas, procurando as soluções dos porquês. Implorando para ele vir me salvar, mas nada escuto, e meu coração perde a fé... E eu não sei o que fazer para mudar isso.

Maycon, parece que achei a estrada para lugar nenhum, e ainda sim, continuo a dar meus passos. Parece que os juízes decidiram que não era nosso destino encontrar a felicidade. E nós, meros mortais, devemos seguir sem protestos. O destino estava traçado, não havia opções.

Os dias se vão, não tenho notícias dele; não vejo April nem Jayde. Mas sabe, não tenho vergonha nem medo de carregar nossa derrota, nem tento esconder a dor. Maycon, meu amor, eu não guardo ressentimentos, contudo, ainda tenho nós na garganta. É bizarro, porque às vezes, a solidão me acompanha, às vezes eu a acompanho... O que dizer das noites vazias? Elas trazem todas as nossas lembranças: o toque da sua pele me enchendo de vida, e quando deito em minha cama, o desespero e angústia se juntam à solidão e me fazem companhia. Tento inutilmente dar meu último suspiro, mas nunca é o último. Sempre chega mais um amanhã, um amanhã sem esperanças, um amanhã sem você...

Uma semana se vai, busco tanto mudar minha rotina para escapar dessa agonia de não ter nem sequer notícias suas, porém é inútil. Fico em pânico, com medo de que a vitória da cocaína seja anunciada de forma clara e direta.

Na terça, enquanto eu finjo continuar, Keven chega e me lança um olhar de pena. Respiro profundamente, esperando ouvir minha sentença de morte.

Ele se aproxima e me abraça.

— Elena...

— Por favor, se for o que eu não quero ouvir, não diga... No momento, prefiro a mentira.

— Tive uma notícia do Maycon... — ele insiste.

— Qual? — choro.

Keven já sabe de tudo que aconteceu, ele, como sempre, é meu porto seguro. Estou com o coração na mão... Meu Deus! Isso dói tanto. O desespero me invade de uma forma cruel.

— Ele vendeu a guitarra para um colega meu e parece que está vendendo os outros instrumentos também — ele termina e um alívio tosco me preenche.

Choro ao ouvir a verdade, que ele realmente chegou ao fundo do poço. Isaac tinha razão, não sei o que fazer, não há o que fazer. Estou de mãos atadas nesse labirinto que é o mundo das drogas. Foi cruel, mas eu aprendi que não se pode salvar uma pessoa de si mesma.

Mais uma semana se vai e me leva junto com ela. Em uma dessas noites, penso em desabafar toda essa dor...

Penso em cartas que nunca serão enviadas, e a ideia me conforta.

Tento, mas não consigo escrever, então a ideia mais tosca vem à minha mente, e com ela surge sua imagem. Penso em escrever nossa história. Mostrar todo esse sofrimento como forma de deixar a dor ir... Como forma de ser um alerta, um aviso de urgência que descreve o inferno que é esse mundo. Mas as pessoas querem mesmo um aviso? Elas querem mesmo uma alerta? Não penso muito, apenas começo...

O amor é o sentimento mais forte que te une a alguém, suas correntes invisíveis penetram a alma, mas arrancam o coração.

Essa era uma frase que não despertava nenhuma crença em mim...

Até eu conhecer Maycon, um viciado em cocaína.

Minha história pode começar como todas as outras...

Era uma vez uma garota chamada Elena, que radiava luz, tinha amigos e era aparentemente feliz em seu mundinho perfeito.

Ou...

Era uma vez uma garota que acreditou na luz do amor. Agora ela não sabe o que fazer, pois está sempre no escuro...

Mas a que mais se encaixa é essa:

Era uma vez uma garota que se apaixonou, agora ela está se despedaçando na escuridão, porque se viciou na pior droga que existe na vida: a droga do amor.

E não há nada que ela possa fazer a respeito. Havia luz, havia felicidade, havia esperança em sua vida e agora, há apenas dor em seu coração.

Ela o ama. E ele, bom, ele ama a cocaína.

Ao iniciar a escrita, me transporto para perto de você, e juro que sinto sua respiração e espero segundos como se você fosse me dar sua opinião. Como se fosse ouvir sua voz dizendo que é ridículo perder meu tempo escrevendo, como se isso, de alguma forma, fosse mudar as pessoas.

Dou mais uma lida. Vejo seu sorriso sarcástico surgir. Você tem razão, isso está muito deprimente. Então me diga, você que é tão inteligente, me diga como posso contar nossa história, Maycon?

Choro e as lágrimas molham o papel...

Não há o que escrever, não há o que contar, não é mesmo? Olha para nós, nossa história não é como esses romances que inspiram pessoas, ainda que seja real, não tem um vampiro que brilha no sol, muito menos um sádico que é salvo por uma mocinha inocente.

E como nos encaixar a isso se nem ao menos encontramos nosso lugar ao sol? Ou como se encaixar na segunda opção? Assim como a donzela do livro, eu teria que sucumbir ao seu vício e não haveria salvação para nenhum de nós, não é mesmo?

Na verdade, meu amor, a sociedade não aceitaria nossa história, ela não é digna de livros, e agora faço das suas palavras a minha. Eles querem a velha receita, a receita que está vencida, romances que terminam com o clássico *felizes para sempre*, ainda que não faça sentido, mas é o que eles querem... As histórias aceitas são aquelas que dizem que se o amor é verdadeiro, ele vence. Mas olha para nós, somos a prova de que isso é mentira, nosso amor é verdadeiro. Porque o amor tudo sofre, ele sangra, mas meu anjo, aprendemos de uma forma cruel que ele nem sempre vence.

E o nosso, sangra e continuará sangrando enquanto estiver vida em nós... E na verdade, meu anjo, quem quer ler sobre a história de um viciado? Primeiramente porque eu serei tachada como a garota burra que se envolveu porque quis, nunca citarão que eu ouvi o amor e acreditei que ele realmente poderia vencer... E você, Maycon? Você será o viciado de merda que entrou porque quis! O filhinho de papai que simplesmente foi fraco e se sujeitou ao vício, eles nunca vão querer enxergar que você foi vítima, vítima de um vazio, e um dia esse vazio doeu tanto que você achou ter encontrado a cura nas drogas, e quem pode te julgar, você

tinha apenas treze anos, era apenas uma criança iludida, tentando encontrar a paz, tentando encontrar a zona neutra. Mas quem se importa? Ninguém se importa. Não é essa verdade que eles querem, não mesmo.

E esse é o maior problema, porque enquanto eles ignoram essa realidade, milhões de Maycons Sebastian são escravizados pelas drogas, milhões de Elena Tyner perdem as esperanças... E o que dizer das Emilys e Isaacs que morrem junto com seus filhos ao os verem perder suas vidas? Mas vou usar um pouco do seu sarcasmo, meu amor, espero que não se importe. *Mas quem liga, Elena? Ninguém liga! É irrelevante para os outros...*

Vou te confessar que, quando nosso bebê nasceu, eu não o amarei como antes, mas ainda terei boas histórias nossas para contar. Falarei das razões que tenho para sentir sua falta e prometo deixar todo resto de fora. Eu vou olhar nos olhos dele e esquecer todos os nossos erros, porque você não é perfeito, e eu também estou longe de ser. Maycon, eu te perdoo por todos os erros, te perdoo por não ter sido forte; eu também não fui, e minha fraqueza me fez perder a fé. Então, espero que possa me perdoar também.

Acho que isso está deprimente demais, não dará certo, as pessoas esperam um final feliz.

Mas como esperar por um final feliz quando se é escravo da cocaína? Ela é cruel, meu amor, ela não dá chance, ela não nos deu uma chance. E aqui não têm fadas madrinhas que irão nos conceder o tão sonhado felizes para sempre!

Ainda sim, queria poder, de alguma forma, mostrar todo seu sofrimento, todo preconceito... No entanto, me lembro de que assim como meu pai não te deu uma chance, muitos vão ignorar a sua história e apenas nos lançar pedras, e nós já estamos tão machucados que não precisamos disso.

Não, meu anjo, literalmente você tem razão, meu amor, nossa história não deve ser escrita em um livro, não é algo bonito de ser contado. Não há flores, apenas espinhos, e eles ainda estão cravados em mim. Que nossa história então seja nosso segredo, Maycon, que seja o segredo de um amor puro, de um viciado que tentou, mas que não conseguiu.

O segredo de que um dia eu fiz uma entrevista com um viciado, e até aquele momento, ele era apenas mais um viciado para mim. Mas esse viciado me ensinou a amar, me ensinou que toda história tem dois lados, e o real nem sempre é mostrado. Me ensinou que as pessoas te rotulam como viciado e anulam o resto de quem você é. Mas eu conheci um que me mostrou sua grandeza e ele anulou em mim o rótulo de preconceituosa. Na nossa história, houve um amor puro, sincero e real. Mas ela não é o que a sociedade quer... Por isso poucos teriam interesse.

Você se lembra, Maycon, da nossa primeira vez? Se lembra dos cinco

minutos, que nunca eram cinco minutos? Amor, eu daria a minha vida por cinco minutos agora. Mas aqui não existe essa possibilidade. Lembra-se das suas ideias federais? Das suas teorias loucas? Vou confessar, eu nunca entendi nenhuma delas... Lembra-se das promessas, dos sentimentos? Mas nós éramos sonhadores, jovens buscando serem aceitos. E nós apenas começamos...

Ainda sim, apesar de nada poder trazer você de volta para mim, tudo que vivemos sempre será eterno em meu coração. E ainda que nossos corpos estejam separados, nossas almas permanecerão unidas, e nada, meu amor, nada nem ninguém, poderá separá-las.

Querido, eu sei que um dia haverá um lugar neutro onde nossas almas viverão para sempre... Não haverá cocaína, não haverá dor. Apenas nós, eternamente juntos...

Não morremos, meu anjo, assim como você dizia não ser feito para esse mundo, nosso amor também não é, e sei que um dia ele encontrará o seu lugar de descanso... Então, meu anjo, irei aguardar ansiosamente até o nosso amanhã chegar, e até lá, seja sempre meu, porque eu serei sempre sua.

De sua Elena;

Para: Meu vício, Maycon.

Eu te amo...

Capítulo 41

O fim é apenas o começo - Maycon.

Deixo a casa do meu pai com muito ódio.

Que merda! Meu pai pensa que pode falar o quer, só porque acha que eu preciso dele para o meu vício. Está enganado, muito enganado.

Puxo Jayde pelo braço, ela para e me empurra.

— Maycon, tá me machucando porra, calma aí!

Não dou atenção ao que ela diz. Entro no carro e arranco assim que ela entra.

— Jay, eu estava tentando, sabe disso, não sabe? Você acredita em mim, não acredita? — falo olhando para ela, corro por algumas ruas. Paro o carro, não suporto isso. Saio, dou uns passos na rua deserta; então paro e caio de joelhos. Ouço Jay descer, depois se aproximar.

— Por que sempre é assim, Jay? Maldição, cara, por que isto tinha que acontecer? Por que ela tinha que me trair assim? Cara, que porra! Mas foda-se, Jay, no fim sempre é assim... Eu tentei tanto naquela porra de clínica e cheguei tão longe. Mas agora, isso não tem mais importância. Eu confiei nela, e ela colocou tanta pressão nisso. Sabe, eu fui ao limite, segurei até onde consegui... Foda-se, agora isso realmente não importa mais. Acho que eu sempre vou estar fadado à lembrança de ser deixado para trás — choro na frente da Jay e odeio isso, parece que ela é mais homem que eu. Merda, mas não consigo evitar. Jay me abraça.

— Eu não vou te abandonar nunca, sabe disso.

Olho para essa garota. É foda mantê-la aqui, deveria deixá-la ir, porque agora eu não tenho porra nenhuma a oferecer. Sinto-me perdido e paranoico. Lembro-me da April, aquela puta é a culpada do que aconteceu.

— Jay, vou matar a April — digo e ela se assusta.

— Não, não vai. Deixa comigo, aquela vadia me paga.

Coloco a mão no bolso e vejo que ainda tenho grana, na mesma hora penso na minha cura e sorrio ironicamente.

— Vou te deixar em casa.

Volto ao carro, ela entra. Jay não faz perguntas, é sempre assim. Antes de descer, ela toca meu rosto.

— Não exagera, May, vou ficar te esperando, promete que vai voltar para mim?

— Vou deixar a minha misericórdia vir e levar toda essa merda para longe —

sorrio — Quero apagar por hoje. Vou me limpar, Jay, e acordar renovado. Mas volto para você, está bom? Só corta essa de ficar me ligando. Segue normal.

Ela confirma com a cabeça. Dou voltas pelo quarteirão, paro na casa do Jong, bato em sua porta, ele sai e negociamos. Cara foda, cada dia põe um preço nessa porra, mas cansei dessa merda de ficar procurando mais barato, e com a compra lá se vai o resto do meu dinheiro. Pela primeira vez, fico devendo uma parte e prometo pagar na segunda. Desta vez estou com sorte, pelo menos é o que o cara diz ao me vender fiado, insiste que essa é mais pura, bom, vamos ver se é. Compro vinte gramas, sei que essa é uma quantidade letal e provavelmente irá me matar antes de amanhecer. Minha mente ferve, é Elena e toda sua pose de mocinha santa. Meu pai, minha mãe, a bastarda, a puta da Jeniffer... E tantos outros rostos se mesclam em minha mente, mas meu filho e Elena são mais nítidos. Me lembro do discurso dela na morte do Robert.

— O que vai dizer no meu, Elena? Eu tentei seguir os passos que você traçou para mim. Tentei tanto me encaixar no seu molde. Mas tudo volta, não é mesmo? E eu guardo todas as feridas causadas por você dentro de mim. E embora eu tenha tentado, tudo desmoronou... Agora todo esse desgaste físico e mental me impede de pensar com clareza. E como se não bastasse, me sinto fora de controle. Como se não soubesse mais ser eu mesmo. O foda é que tudo que isso significou para mim, será apenas uma lembrança de um tempo quando achei que eu era mais forte, um tempo em que eu acreditei em mim. E apesar das recaídas, eu não estava pronto para desistir. Mas vocês desistiram antes de mim. Espero que seu discurso seja tão poético como foi para o Robert. Sabe como é, meu anjo, não quero que perca o papel de vítima.

Ah, vai à merda, sua porra, no fim você é igual a todos mesmo. Repito isso em voz baixa. Olho-me no retrovisor e mantenho meu sorriso sarcástico. Chego em casa, Jayde não está, foda-se ela. Vou para o meu quarto e jogo todos os papelotes sobre a cama. Vou até o armário do banheiro e pego um espelho de cinquenta por quarenta centímetros. Abro os papelotes com uma perícia digna de um viciado lixo como eu. Sorrio ao ver todo o pó. Faço uma carreira generosa, e antes de cheirar, inicio minha dedicação. O que é essa porra de vida sem elas?

— Esta é por você, bebê. Estou te poupando de conviver com o pai de merda que tem. Sua mãe perfeita vai arrumar um melhor...

A porra do Keven vem à minha mente, devia ter matado aquele filho da puta. Cheiro e sinto quase imediatamente o doce veneno liberar o prazer em meu cérebro de merda.

Continuo cheirando, dedico cada carreira a uma pessoa, até perceber que algo está errado comigo, minha cabeça gira e não consigo nem sequer levantar. Começo a vomitar, vomito em cima do pó, que porra, lá se vai a outra parte.

Continuo vomitando. Porra, sinto meu coração começar a pulsar rápido demais, sinto suas batidas na minha cabeça, a dor é forte e lenta... Merda... Isso é overdose, não acredito que com algumas gramas cheguei a isso. Começo a ter espasmos e até respirar é difícil. Tento me mexer, mas apenas caio junto com o espelho. Continuo vomitando e babando feito louco. Estou consciente, porém não consigo fazer porra nenhuma, perdi o controle sobre meu corpo. O medo me domina. Então, esse é o fim? Estou morrendo sozinho, ela e eu... Minha querida coca.

— Agora já era, Maycon, acabou para você — meu consciente grita.

Choro por saber que nunca vou ver o rosto do meu filho. É horrível sentir a morte se aproximar de forma tão sarcástica, zombando de você. Sinto um frio horrível, continuo vomitando. Merda, eu estou morrendo e não posso fazer nada a respeito, morrendo como um viciado de merda, um fracassado; e isso é tudo que terei deixado para o meu filho, minha vergonha e minha derrota. Choro inutilmente, não há quem possa me salvar.

Escuto ao fundo a porta se abrir, e o último rosto que vejo é o da Jayde, não consigo mais respirar.

Me perdoa Elena, me perdoa bebê.

Forço o último pensamento que se mistura ao último esforço de suspiro...

Perco a consciência.

Acordo confuso; olho à minha volta. Estou em um hospital ou morto? Vejo meu braço, tem um acesso com soro entrando pela minha veia. Não entendo. Uma enfermeira entra, ao ver que estou acordado, chama alguém.

Minha mãe entra aos prantos. Atrás dela está meu pai. Eles choram tanto, acho que não acreditam que estou vivo, ou talvez isso não seja real. Ela se aproxima e me beija. Ao senti-la, um alívio percorre minha consciência, eu estou vivo... Não sei por quanto tempo, ou como. Mas estou.

Meu pai me olha friamente. Não diz nada, me sinto um lixo, não entendo por que faço isso a eles. Por que faço isso a mim. Meu corpo dói, meu coração dói. Não consigo falar. Mas choro e acho que minha mãe entende que estou arrependido.

Encontro forças e finalmente olho para ela.

— Mãe. Pode me perdoar outra vez? Eu sinto muito por tudo, eu amo você e não quero morrer, quero parar. Pode me ajudar, mãe? Você acredita em mim? — choro feito um bebê.

— Amor, graças a Deus, você teve uma segunda chance, teve quatro vezes a dose letal de cocaína em seu corpo. Maycon, por um milagre, você está vivo e é isso que importa... Eu te amo e agradeço muito por ter você aqui! — Ela chora.

Meu pai não parece acreditar, não diz nada. Na verdade, ele evita me olhar.

Nos minutos que minha mãe sai do quarto, não nos falamos, e isso é chato. Sei que o magoei, sei que magoei a todos. Mas esse é o problema da droga. Ela te cega, você perde qualquer sentimento, há anos eu só penso em meu pai como o cara do dinheiro, e ele, querendo ou não, tinha que me dar. Eu o usei mais que a todos, ligava apenas para pedir dinheiro, o insultava de todas as formas, ele, a mulher e a filha. Tornei-me um monstro, e agora não posso culpá-lo. Ele chegou ao ponto de desistir de mim. E, de certa forma, essa indiferença dele me faz enxergar o que fiz. Queria ouvir que ele acredita em mim ou me perdoa, mas ele não diz nada.

Quando Jayde entra, ela chora, me abraça.

— Quanto tempo estou aqui, Jay?

— Duas semanas, Maycon... — ouço, mas não acredito.

Na hora, me lembro da minha dívida com Jong. Quando se deve, não existe amizade ou porra alguma, existe a dívida e um cara para te apagar. Não quero contar aos meus pais. Peço a Jayde para vender minha guitarra e o que mais for preciso para pagar. É tão foda cara, Jayde ama a guitarra. Ela não protesta, e após uns dias, me diz que vendeu e pagou. Sinto-me aliviado por isso. Prometo a Jayde comprar uma melhor e dar a ela. Jay apenas sorri. Amo essa garota, se não fosse por ela, acho que não estaria aqui.

Os dias passam no hospital. Sabe aquela esperança idiota de que a Elena vai surgir pela porta a qualquer momento? Eu a mantenho, cada segundo eu sinto sua falta, apesar de saber que ela não virá. Elena já deixou bem claro que não me quer por perto e isso dói muito. Essa é a parte ruim em ter que continuar. Porque eu não quero continuar sem ela... Mas, para cada ação, temos uma reação. Então não posso culpá-la.

Quando tomo coragem, pergunto sobre o bebê e minha mãe entende que na verdade é sobre Elena que quero saber. Diz que, apesar dela estar bem, minha mãe evitou contato, não por mágoa, mas meus pais preferiram não contar a respeito da merda da overdose. A gravidez é de risco, devido à pressão, e como ela já está indo para sete meses, não falaram. Não protestei, eles têm razão. É melhor assim.

Meus pais e Jayde se revezam no hospital. Acho que chegou o momento de me encarar, encarar o que eu fiz a mim mesmo, o que me tornei e todo mal que causei. Quando se entra em colapso, você sente um vazio tão grande que acha que a droga é a solução, mas não é. Ela te transforma em um monstro, rouba todos os seus sonhos. Durante todo esse tempo, vivi pela cocaína, e ela quase levou minha vida. É impressionante, o relógio marca o tempo como a cocaína marcava minha vida. É tão irreal, não quero pensar em todos os erros. Mas quando faço a retrospectiva e vejo o tempo ir embora, como o vento pela janela,

vejo que desperdicei muito. Deixei Elena ir. É lamentável, mas eu tive que cair, que perder tudo. Eu perdi amigos, família, sonhos... Ela e meu filho... Mas eu quero me perdoar por tudo e me dar uma chance. Eu vou começar de novo, e aconteça o que acontecer, ainda que eu fique sozinho e ninguém mais acredite. Não vou recorrer à cocaína para eliminar a dor, essa alternativa acaba hoje! Eu estou perdendo o que eu fiz a mim e as pessoas que amo. Vou me dar a chance de conviver com meu filho, e ainda que a Elena não me aceite de volta, quero tentar por mim.

Finalmente, o dia da alta chega. Ainda sinto meu corpo debilitado. Tenho aquela vontade enorme de procurar a Elena e implorar o seu perdão, mas eu não posso, não agora. Não sem mostrar que mudei. Como sempre, meu trio está do meu lado. Jayde, meu pai e minha mãe. Coitada, ela não para de sorrir, considerando que, segundo o médico, eu nasci novamente, entendo o motivo de tanta felicidade.

— Mãe, há alguma possibilidade de poder voltar para a clínica? — pergunto, e todos me olham surpresos.

— Você realmente quer isso, Maycon? — meu pai pergunta e deixa transparecer sua emoção.

— Pai, eu quero, quero reiniciar todo tratamento.

— Por que acha que devemos acreditar em você? — ele pergunta e minha mãe olha um tanto ressentida para ele.

— Pai, eu sei que eu te dei motivos para não acreditarem em mim, sei que magoei vocês e coloquei o pó acima de todos. Não posso obrigar vocês a me darem essa chance, porque foram muitas, mas pela primeira vez, eu achei o motivo certo para sair dessa. E o motivo sou eu, a minha vida — concluo e nenhum deles rebate.

Almoço com meus pais. No dia seguinte, seguimos para clínica. No caminho, Jayde me conta que deu uma surra na April e tenho pena dela, Jayde bate igual homem. Conversamos bastante nessa despedida, ela conserva seu papel de garota durona e me faz rir, torna tudo mais agradável.

Quando Katherine me vê, sorri. Estou envergonhado por tudo que fiz, mas muito mais arrependido. Contudo, dessa vez eu vejo a esperança como aliada, e só de pensar que quando eu estiver limpo vou poder recomeçar do zero, sem culpa ou remorso... De cabeça erguida e orgulho de mim mesmo por ter finalmente vencido a porra da cocaína.

A primeira noite nunca é fácil, mas suporto com mais ânimo. Katherine me deu um diário, ela acha que será de grande ajuda. Resolvo escrever sobre a minha experiência com drogas.

Abro a primeira página, nela coloco a foto da Elena, o anjo do meu pesadelo,

a amo tanto.

Início com um título banal.

Minha luta contra a cocaína — Maycon Sebatian

Carta ao desconhecido.

Título bem previsível, mas foda-se, só quero expor a realidade de um usuário depois de chegar ao fundo do poço, e eu cheguei. O problema da droga é que você acha que está sob controle, mas se torna escravo e excede sem pudor ou precedentes todos os limites. Essa é a minha experiência com a cocaína, a droga que quase arruinou minha vida. Mas quero mostrar que, mesmo quando chegamos ao fundo do poço, você ainda tem a escolha de se afundar ou começar a subir. Hoje, eu, pela primeira vez, comecei a subir. Porque ainda que seja árduo, nunca é alto o preço a se pagar pelo privilégio de pertencer a si mesmo. E eu quero pertencer a mim mesmo sem influência alguma de drogas. Estar totalmente limpo e recuperar o amor dos que me amam, do meu filho.

Bom, sei que todos preferem acreditar que as pessoas entram porque são fracos e querem, mas essa não é bem a verdade. Aos doze anos, meus pais se divorciaram, eu vi meu mundo ruir, era a minha família, e para mim motivo nenhum poderia separá-los, poderia nos separar. Mas ao invés de expressar toda a minha dor, eu me tranquei e fingi ser alheio a ela. E esse vazio interior me sufocou de tal forma que eu passei a buscar ardentemente um refúgio. Na época, fui apresentado às drogas; comecei com a maconha, ela sempre é a porta de entrada. Mas eu nunca gostei de perder o controle sobre o corpo ou "viajar" como as pessoas dizem. E para ser sincero, eu estava depressivo e a maconha não me ajudava em nada nessa depressão. Aos treze anos, eu fui apresentado à cocaína. E na minha primeira vez, eu achei ter descoberto meu refúgio perfeito. Minha via de escape. Mal sabia que ela iria me escravizar e me tirar tudo que considerava importante. Ainda me dói lembrar de tudo que fiz para sempre ter acesso as drogas. Lembro-me de quantas vezes eu agredi verbalmente meus pais, de quantas vezes eu os fiz chorar, de quantas vezes eu ameacei minha mãe, porque nesse elo, ela era o lado mais frágil. Eu, usando de persuasão, a manipulava de formas horríveis e cruéis, muitas vezes ameaça me matar apenas para convencê-la a fazer minha vontade. E na minha tosca percepção, tudo valia a pena para ter uma dose a mais do meu escape. A cocaína que eu tanto amei me levou à ruína total, ela se tornou meu pesadelo e me tirou muito. Usava por dias, perdi totalmente a vontade pela vida e queria apenas me aproximar de pessoas que usavam, porque nesse meio não existe julgamentos. E ainda que estejamos errados, ainda que eu estava errado, doía muito ser julgado. Cheguei ao ponto de desistir de mim apenas para ter a sensação de quinze minutos de prazer. Passava dias nas ruas, sempre estava atrás de mais uma dose, até que

ela passou a controlar a minha vida por completo. Sem ela, eu não me sentia o Maycon, e hoje vejo que ela me anulou totalmente. Se fosse detalhar tudo o que eu fiz e até onde cheguei, esse caderno acabaria em dias. Porque eu rompi todas as barreiras possíveis de caráter e princípios. Ameacei várias vezes meus pais, inclusive a vida deles, achava que eles tinham obrigação de sustentar o meu vício e aceitá-lo.

Cheguei ao ponto de pensar apenas na cocaína, ela ocupava todo o meu dia. A tortura psicológica que você tem ao não usar é horrível, a depressão te pega de tal forma que, ou você se droga ou pensa em se matar. E eu cheguei a isso, na minha última dose eu queria realmente morrer, porque no fim, ela só te leva a isso, depois de te tirar tudo, ela te leva a querer se matar, e foi nesse momento, em um presságio de consciência que vi minha vida esvaecer, onde vi todo o sofrimento que causei a quem me ama e a mim mesmo. Não que eu esteja me fazendo de vítima, mas somos humanos, nem sempre fazemos as escolhas certas, cometemos erros, mas hoje sei que nem todos são perdoados e uns têm consequências maiores que os outros. Mas nesse momento, em que vi minha vida por um fio, me deixando como se não houvesse nada de bom em mim, eu quis uma segunda chance de fazer diferente. Não sei por que, nunca me achei uma boa alma que de fato merecesse, mas eu tive minha segunda chance, e desta vez eu estou decidido a não a desperdiçar por nada, porque eu descobri, no último momento, que ela vale mais, que as pessoas que amo, valem mais... Minha namorada está grávida, e sei que no momento ela perdeu toda a fé em mim, e não a culpa. Eu ultrapassei todos os limites, mas quando se chega ao fim é que você percebe que sempre há uma chance de recomeçar, e pelo nosso amor e pela vida do meu filho, eu terei forças para não cometer os mesmos erros. Eu quero, daqui há algum tempo poder dizer para o meu filho que um dia eu entrei no caminho das drogas, o caminho mais obscuro e sem volta que conheci. Cheguei ao colapso e ele me fez acreditar que eu havia perdido... Mas eu olhei para dentro de mim e descobri que existia um Maycon antes da cocaína, e com todas as forças eu resgatei esse garoto dentro de mim. Nele eu me vi forte, e quero um dia, com toda certeza e orgulho, poder dizer:

Eu, Maycon Sebastian, fui usuário de cocaína, dos meus quatorze aos vinte anos, por muitas vezes eu perdi a fé e achei que era impossível sair desse caminho que eu mesmo procurei. Mas quando você deixa de olhar para sua dependência e passa a olhar somente para você, descobre que é sim possível vencer a cocaína ou qualquer outra droga. Não vou dizer que é fácil ou que a luta está vencida no momento, mas reconhecer que é um soldado e precisa lutar a todo custo, já é um início.

Termino as últimas palavras e fecho o diário, pego a foto da minha deusa e

deito na cama. Penso nela e me sinto bem, sei que de alguma forma nosso amor vai sobreviver, e não será em outro mundo, nesse mesmo nós encontraremos nosso lugar ao sol... E isso é uma promessa, uma promessa eterna.

Eu te amo Elena Tyner, hoje e sempre...

Capítulo 42

As duas realidades se chocam...

Hoje completa um mês sem o Maycon... Um mês sem notícias. Chego ao ápice do desespero, não digo notícias, como as que o Keven traz, digo vê-lo, ou ao menos ouvi-lo... Porém, não me atrevo a ligar para sua família. Amanhã completarei sete meses, e até então, acredito que verei Emily, e sinceramente espero saber sobre ele, ou pelo menos, através do seu olhar, saberei se ele está bem. Afinal, o olhar de mãe não mente.

Parece algo idiota, mas como nosso bebê não pode escutar sua voz, para que ele não esqueça, coloco os fones na minha barriga e deixo que ele escute Maycon cantar. Pode ser cisma minha, mas quando o faço, ele para de mexer, sinto que assim como eu, ele também precisa disso. Doí tanto saber que Maycon simplesmente nos excluiu, é cruel. Em momentos de fraqueza, eu ligo para seu telefone, não chega nem a chamar. Cai direto na caixa postal, está desligado. Desde aquele dia, também não vi Jayde, e para ela, não me atrevo a ligar. Provavelmente, ambos estão se curtindo ao máximo. É estranho, eu acho que nunca vou conseguir entendê-la. Muito menos esse amor tão cego e incoerente que simplesmente a deixa ver Maycon se afundar...

Tento dormir, são mais de duas da manhã. Apesar de que quando o dia amanhecer será apenas mais um. Às vezes me questiono onde errei; pergunto-me se não deveria ter aceitado seu vício e me conformado com sua vida. Talvez meu amor seja egoísta demais. Mas eu simplesmente não consigo vê-lo se autodestruir e aceitar essa condição como a Jayde faz... Não consigo. Doí em mim só de relembrar as imagens do vídeo.

Acabo dormindo e a segunda chega. Quando estou próxima à minha sala de aula, levo um choque: vejo Jayde vindo pelo corredor. Sorrio, não acredito que finalmente Maycon voltou.

Ela vai ao seu armário. Aproximo-me cautelosa.

— Oi... — inicio. Jayde me olha de cima a baixo com desprezo, não responde, então continuo — Maycon veio? — ela me ignora. — Jayde, por favor. Só quero saber se ele está bem — insisto.

Ela suspira.

— Por que quer saber? Não foi você quem quis deixar o cara? — sua resposta rude me machuca. Quase choro, mas me controlo, não quero dar esse gostinho a ela.

— Jayde, só estou perguntando se ele está bem... Qual o problema?

— Por que não estaria, Elena? Só por que o deixou? Que patético... Maycon existia antes de você, sabia?

— Não disse isso Jayde... Eu só... — ela me interrompe.

— O cara está bem, muito, não se preocupa. Pensa nesse bebezinho aí — ela diz, olhando para minha barriga, e me faz sentir idiota por querer saber.

— Tudo bem, é bom saber.

Forço as palavras, Jayde nota meu abatimento e parece gostar disso.

— Olha, se ele quiser, a procura depois, não corre atrás do cara, isso é chato, pega mal para você — ela termina dando um sorriso torto e me faz sentir um lixo. Mas eu precisava saber dele e pouco me importo com as ofensas dela. Era necessário para que eu pudesse continuar.

— Você tem falado com ele? — deixo as palavras saírem, não quero acreditar que ele está tão perto e não me procurou. Machuca demais isso.

— Eu moro com ele, idiota... Mas, além de mim, ele tem visto a psicóloga. Como é mesmo o nome dela? Ah, Katherine — sorri maliciosamente.

— Se falam com frequência? — pergunto, tão decepcionada que ela percebe.

— Todos os dias, se veem todos os dias — diz, exibindo um sorriso bem Jayde.

— Que bom, fico feliz por ele. Sinal de que superou.

— Todos superaram. Sabe, Elena, acho que está na hora de pensar mais em você. Seguir seu caminho. Como você disse, superar. Entende?

Sorrio sem jeito. *Como Jayde consegue ser tão insuportável?* Bom, pelo menos Maycon está bem. Mesmo longe de mim, ele está bem... Parece que nosso filho já não é tão importante assim.

As horas passam. *Ele está bem, Elena, esquece isso.* Forço o pensamento. Mas me dói saber disso. Como minha vida pode estar tão vazia e ele estar bem? Porque, no fundo, eu não sei como ele pode estar bem sem mim se eu não estou sem ele.

As aulas terminam. Às duas da tarde, Emily me pega para irmos ao médico. Não fala sobre Maycon ou sobre o que ocorreu desde a última vez que o vi. Apenas sobre a gravidez. Mais uma vez o médico confirma que está tudo bem

com o bebê. Minha pressão está normalizando, o que é um bom sinal. Já meu coração, bom, isso o médico não sabe, porque se pudesse ver, saberia que está machucado. Depois da consulta, ela me deixa no Campus. Volto, e assim que entro em meu quarto, crio coragem de abrir minhas redes sociais. Ao me deparar com a página do Maycon, vejo que todo esse tempo esteve sendo atualizada. Realmente, ele parece estar bem, hoje pude confirmar ao ver Emily.

As horas se vão, os dias se vão, e a dor persiste... Sinto-me abandonada. Como ele pode ter feito isso depois de prometer tanto?

Como sempre, me resta o Keven de consolo, ele tenta me animar, e às vezes saímos juntos. No fim, April tinha razão. Estou passando por tudo sozinha, Maycon não foi presente um só momento. Mas tem um ponto bom em decepções, elas não matam, te ajudam a viver. Ainda sim, continuo sonhando com ele, com nós dois. Não acredito que tudo acabou de uma forma tão patética... Sei que o magoei, mas simplesmente me tirar da sua vida, desaparecer como se eu não fosse nada, é demais!

Os meses passam, hora ou outra, por falta de vergonha na cara, pergunto a Jayde por ele e ela sempre diz a mesma coisa.

Ele está muito bem Elena, se preocupa com você...

Odeio Jayde a cada resposta.

Maycon se tornou inalcançável para mim, tão inalcançável como as estrelas que ele sempre admirou, e por mais que eu continue o amando, ele não vai voltar. Maycon se foi e me deixou sozinha com nosso filho. E me dói acreditar, mas essa é a verdade.

Os dias se vão e finalmente a data prevista para o parto se aproxima. Emily compra um apartamento todo mobiliado para mim, quer dizer, para o bebê. Leva-me para conhecê-lo.

— Espero que não se incomode; o mobiliei a meu gosto — ela diz ao pararmos em frente ao prédio de luxo.

Entramos, minha primeira impressão é que é extravagante, de extremo luxo, um apartamento de classe alta. Provavelmente eu nunca conseguiria comprar um assim. Lindo e exageradamente grande. Emociono-me ao ver o quarto do bebê. Tão divino, o enxoval está completo. Quando vejo o nome bordado, fico surpresa. Está em todas as toalhinhas, mantas, tudo.

Noah Jason Sebastian.

Ao me ver olhar o nome, Emily interrompe.

— Maycon escolheu, é lindo, não é?

— E quando iam me dizer? — pergunto, mas não obtenho resposta.

Continuo olhando o quarto. Tem uma foto do Maycon bebê. Outra adolescente... Emily organizou tudo perfeitamente, transmite serenidade, calma.

Os móveis todos se completam em perfeita simetria.

— Elena, além do apartamento, vamos te dar uma pensão, e disponibilizarei um motorista e uma ajudante, uma faxineira, além de babá.

— Obrigada, mas minha mãe virá para me ajudar.

— Eu também estarei disponível... Mas ainda sim vou disponibilizar.

— Maycon não vai voltar para a faculdade? — pergunto, e ao vê-la suspirar, sinto que a incomodo ao perguntar por ele.

— Ele voltou para a clínica, Elena, algumas semanas depois que terminaram. Mas ele vai voltar, provavelmente no mês que vem. Só acho que não verá seu parto.

— Por que não me contaram?

— Ele pediu para não contar, inclusive tudo que estamos fazendo foi um pedido dele... Mas assim que sair, virá conhecer o bebê.

— Por que ele não me deixou visitá-lo?

— Por que deixaria? Vocês não têm nada mais. Ele está bem, Elena. Está tão disposto, não é como a primeira vez. Maycon tem se esforçado muito, inclusive no seu aniversário, fizemos uma festa na clínica. Até Jeniffer e Jessica foram. Maycon pediu desculpas a ambas. Ele e Jessica brincaram juntos. Foi lindo vê-los como irmãos. Mas geralmente ele pergunta pelo bebê, apenas nessa ocasião do aniversário que me perguntou diretamente por você. Acho que essa distância o tem ajudado. Apenas pessoas que realmente o apoiam.

Ouçó-a e me lembro de que, aos seus olhos, eu sempre fiz mal a ele. Não acredito que me esqueci do seu aniversário...

— Mas é isso que ele quer? Se distanciar de mim? Do filho dele? — pergunto, magoada.

— Como assim o filho dele? Está te faltando alguma coisa? O bebê não nasceu, e quando nascer, sei que ele será presente, mas acho desnecessário o contato se ele ainda não nasceu. Maycon quer seguir o tratamento sem interrupções, então provavelmente vai conhecê-lo apenas quando sair, caso ele nasça por agora, será só após um mês. Contudo, eu prometi que vou filmar o parto e levar fotos. Katherine acha que isso irá ajudá-lo. E mudando de assunto, preciso que assine uns papéis, leia antes, são apenas documentos que provam que estamos te dando toda assistência.

— Tudo bem – digo e após ler, assino — Acha que agora ele sairá? — pergunto, fingindo desdém.

— Elena, ele é meu filho. Toda vez que ele me disser que vai, eu tenho que acreditar. É minha única esperança. Acreditar nele. Sou sua mãe.

Ela termina e me leva embora.

Nas semanas seguintes, faço a mudança. A data do parto está próxima e estou

ansiosa. Na primeira noite no apartamento, me sinto sem lugar. Não por não ser confortável, mas por ver minha esperança ir embora.

Deito na minha nova cama. Olho os documentos que ela me passou, na verdade é a escritura do apartamento. No nome do Maycon, na última página, tem uma mensagem xerocada. Reconheço a letra, é do Maycon.

Mãe, diz para Elena, caso ela não tenha escolhido, eu escolhi Noah Jason.

Examino os papéis, me sinto péssima, nos documentos eles colocaram até as consultas pagas. Isso é humilhante, no fim parece mesmo o velho golpe do baú. Estou usufruindo de algo muito além de uma pensão. E apesar de todo esse conforto, me sinto humilhada, usada, dá a entender que eles fazem por pena. Mas essa é a garantia deles.

Choro por quase toda noite. Não sei por que isso agora, afinal, Maycon fez sua escolha no momento que saiu por aquela porta com Jayde. Eu já deveria ter me conformado. Por que essa dor persiste? Ele provavelmente está com Katherine e nem se importa mais comigo.

A semana passa. Na sexta me sinto estranha, corpo estranho. Já se passaram dois dias da data marcada. Mas estou à espera, ainda está no tempo. Minha mãe chega. A acomodou, ela se apaixona pelo apartamento. Tento não falar do Maycon, mas ela percebe o quanto estou magoada, e no fim do dia, choramos juntas.

À noite, minha bolsa rompe. Estou com medo, emocionada. São tantos sentimentos. O motorista me leva ao hospital. Minha mãe liga para Emily. Sou internada com quatro centímetros de dilatação e uma dor indescritível. Minha mãe está do meu lado, o lugar onde Maycon deveria estar. Que droga.

As horas passam, quando o médico vem me examinar, a dor está insuportável. Acho injusto eu sentir tanta dor e ele nada. No fim, ambos são pais. Então, qual a lógica de apenas um sofrer?

Às três e quarenta, Noah nasce de parto normal, pesando três quilos e setenta gramas, medindo cinquenta centímetros.

Até então, só me concentrei na dor, mas assim que escuto seu choro, tudo para, o mundo para, e ele é tudo que importa. A enfermeira se aproxima. Minha mãe chora, quando o vejo eu choro. Não acredito... É tão perfeito esse grande milagre da vida. Noah é tão lindo! Meu bebê finalmente está em meus braços. Nesse momento, o amor nasce infinitamente maior e todo o resto é insignificante.

Olho para ele e encontro minha cura, toda a dor e solidão amenizam. Olho e

me sinto forte, ele me faz ser forte. Sinto que posso enfrentar o mundo por ele. Meu bebê, meu pequeno milagre. O médico segue os procedimentos enquanto eu apenas sinto meu tesouro em meus braços. Continuo chorando e não quero deixar que o levem. Mas é necessário.

Vou para o quarto, minutos depois a enfermeira o traz. Ele mama, minha mãe tira fotos, Emily tira fotos e Isaac chora tanto. Ouço Emily dizer que é idêntico a Maycon, a boca realmente é igual, mas acho que ainda está indefinido. Vai aparecer algo meu nesse rostinho, tenho certeza!

Agora sei que o maior presente é ser mãe. Eu sou mãe e isso é tão divino que nem parece real.

É como se meu coração, que há meses estava partido em mil pedaços, fosse juntado apenas ao olhar para Noah, esse serzinho tão frágil e indefeso. Meu Deus, eu o conheço há segundos e o amo mais que a mim mesma. Mais que a todos. Esse amor se eterniza dentro de mim. Acho Maycon um grande idiota por ter perdido isso. Ainda que sua mãe tenha filmado, não será a mesma emoção.

Os dias passam e me apaixono por ele. O amo a cada dia mais, se é que isso é possível. Vejo todo amor que Emily e Isaac têm por ele, e ao ver isso, todo ressentimento se vai.

Ao terceiro dia, vou para o apartamento. No sábado, quando completo uma semana em casa com Noah, meu pai e minhas irmãs vêm conhecê-lo. Meu pai chora tanto quando o pega pela primeira vez. Um bebê realmente une uma família. Jessica, Jeniffer, Isaac, Emily, Erick, meus pais e minhas irmãs. Todos se emocionam com esse novo membro que, querendo ou não, pertence às duas famílias. Emily me entrega o registro. Acho que agora ela não tem dúvidas de que Maycon seja o pai.

Keven vem conhecê-lo na segunda semana, mas depois da primeira visita, passa a vir sempre.

Sua companhia me alegra. Noah não chora em seu colo, assim como eu, sinto que ele gosta do Keven.

— Maycon já o conhece?

— Ainda não, mas um dia deve aparecer...

— Tem notícias dele?

— Sim, está bem — termino sem graça e mudo de assunto.

Keven passa a vir jantar comigo nas quartas e sextas. Emily joga algumas indiretas e sei que Maycon já deve estar sabendo. Pouco me importo, Keven me faz bem, e quero tê-lo sempre por perto. Pelo menos ele não me abandonou. Somos apenas amigos e hoje isso está claro para ambos.

Vira rotina Emily vir sempre à tarde para ver Noah. Isaac, Jessica e Jeniffer, vêm aos sábados. Todos o querem, mas sendo esse bebezinho tão lindo, não tem

como não querer.

Os dias passam. Na terceira semana, Jayde me manda uma mensagem, perguntando se pode vir conhecê-lo. Não nego. Quero mostrar para ela que estou bem sem o Maycon, que segui em frente e estou feliz.

Às oito, ela chega, me entrega um presente, um lindo macacão com a frase: *Sou do papai*, pega Noah no colo e chora emocionada. Acho graça, nesse momento ela perde a pose de durona. E apesar de tudo, não consigo guardar ressentimentos. Assim que tento puxar assunto, ela se esquivava, despede-se e vai embora. No fundo, sei que seria bom tê-la como amiga. Mas acho que esse não é o seu interesse.

Mais alguns dias se vão, e apesar de estar feliz, sei que falta algo... Falta o Maycon. Ainda choro por ele, esse seria nosso momento, mas a cocaína foi mais importante em sua vida. Estou feliz por estar com Noah, mas ainda sinto como se no meu verão não houvesse sol, e cada vez que penso nele, surgem infinitas perguntas sem respostas. Em algumas noites, me entrego às lembranças das nossas loucuras. Me dói olhar para o Noah e ver que até hoje seu pai não quis vir conhecê-lo.

Pego ele em meu colo. Emily tem razão, para completar a injustiça, a cada dia, ele se revela cópia do Maycon, só me resta conformar-me, ele é o pai.

Com o passar dos dias, Noah ocupa todos os pensamentos, as lágrimas já não são mais constantes, acho que, por fim, cansei de ouvi-las.

Não nego que às vezes eu fico nervosa por saber que o tempo está passando e ele simplesmente escolheu não estar aqui.

Sei que ainda o amo, mas chega um momento que é necessário seguir em frente, de deixar toda mágoa para trás. Temos um filho e quero que sejamos amigos, apesar de achar ridículo isso de querer ser amigo de alguém que te magoou profundamente, mas esse é o preço que se paga quando se tem um filho envolvido.

Noah completa um mês. Meu resguardo termina. Minha mãe anuncia sua partida e choro na sua despedida. Na verdade, choro nos dois dias seguidos.

Sinto-me perdida sem ela aqui. Sozinha, sempre ligo para Keven e sua presença me acalma. Teve uma noite, após assistirmos a um filme de terror, que quase pedi para ele dormir aqui. No entanto, tive receio sobre o que as pessoas pensariam. Desde então, passei a dormir com Noah, ele é um bebê tão bonzinho, ou talvez eu seja uma mãe muito coruja.

Na sexta, assim que ele dorme, tento dormir, são quase dez da noite. Quando sou vencida pelo sono, escuto a campainha tocar. Levanto sonolenta e vou à porta. Como só recebo visitas de conhecidos, não me dou ao trabalho de perguntar quem é. Abro e meu coração quase salta pela boca. Após quatro

meses, vejo Maycon na minha frente. Fico sem reação. Tenho vontade de beijá-lo e matá-lo. Todos os sentimentos se contradizem e se chocam dentro de mim. Mas, no fim, a dúvida e a dor se misturam ao silêncio por não ter respostas.

— Elena, tudo bem? — ele se aproxima e me abraça, não correspondo. Maycon se afasta sem graça — Posso entrar? Quero conhecer Noah...

Ouvir sua voz me emociona. Mas Maycon não merece que eu o trate como se ele ainda fosse prioridade. Ele me deixou sozinha durante todo esse tempo e eu simplesmente cansei de esperar por notícias.

— Não acha que está tarde para visitá-lo? — digo friamente.

— O quê?

— São mais de dez da noite, não me importo de vir vê-lo, mas deve marcar hora como todos os outros.

— Elena, vai se ferrar, ele é meu filho e não é você que vai me proibir de vê-lo. Tem ideia de como eu contei os dias para isso?

— Sêrio? E veio só a essa hora, agora está sendo liberado às sextas?

Maycon me olha atônito, diria decepcionado. Acho que não esperava essa reação. O observo, ele está tão lindo. Tento me controlar, ele não me responde. Abre a porta, me tirando do caminho, e entra.

Segue a escada, é obvio que conhece o apartamento.

— Onde ele está, Elena?

Pergunta olhando para as portas. Passo por ele e odeio a sensação que percorre meu corpo ao sentir seu perfume. Abro a porta do meu quarto, entro, e o pego da cama.

Maycon sorri feito bobo. O entrego Noah e ele o pega com tanto cuidado. Chora ao olhar para ele, me comovo ao vê-los, mas antes que meu coração derreta com a cena, me lembro que passei os últimos quatro meses sozinha, isso esfria minhas emoções. Maycon me olha emocionado, mas não correspondo a esse olhar. Ele beija Noah, deita com ele na cama e fica o observando. Parece pouco se importar com a minha presença e isso me magoa. Saio do quarto, depois de quase duas horas, ele vem até a sala onde estou.

— Podemos conversar?

— Não! Esperei essa conversa há três meses, hoje eu não espero mais.

Maycon suspira irritado.

— Elena, podemos recuperar o tempo perdido.

— Até ter uma recaída e voltar novamente. Não, Maycon, me tirou da sua vida, e fui obrigada a te tirar da minha.

— Elena, por favor... Eu estou tentando.

— E enquanto você tenta, eu faço o que, Maycon? Fico me enchendo de esperanças para depois receber um vídeo que me mostra o que você realmente é?

Acha que o mundo para enquanto você tenta, Maycon? Não, ele não para, e eu também não vou parar por você. Já perdi muito tempo, agora eu tenho o Noah e ele me obriga a seguir em frente.

— Então acaba assim?

— Não, acabou no dia em que você saiu com Jayde e me deixou.

— Elena, eu mudei...

— Você não muda, Maycon.

— Na verdade, eu vim pelo Noah mesmo, você era apenas uma opção.

— Não sou mais, não para você. Como eu disse antes, não adianta eu me iludir. No fim, o que importa é sempre seu vício... Você não muda.

— Acabo de descobrir que por algumas pessoas não vale a pena mudar, Elena. Não vou te incomodar por hoje, mas amanhã eu volto. E, ao contrário de mim, você mudou.

— Algumas experiências nos fazem mudar. E a respeito de amanhã, vai ser assim, virá quando quiser vir e eu tenho que aceitar?

— Sério que está me perguntando isso? Acho que te dou bem mais do que a lei me obriga, portanto, vou vir quando quiser. Quero ficar todo o dia com ele. E se acabou, não vou insistir. Estou passado por muita merda para ficar aturando sua falação.

Ele conclui e sai pisando duro. Esse é o velho Maycon, sempre parte para a defensiva quando se sente pressionado. Não vou mentir, me doeu muito vê-lo ir, e tive que controlar a vontade de não correr atrás dele. Mas a dor que senti durante esse tempo com sua ausência é mais forte. Agora se inicia outra fase na minha vida. A da negação...

Capítulo 43

Conspiração...

Escuto Noah chorar e volto ao quarto. Maycon se acha o dono da razão, isso me irrita tanto, e apesar de tentar não pensar nele... Durmo pensando.

Acordo às oito, Noah ainda está dormindo. Minutos depois, meu bebê acorda, dou de mamar e banho. O arrumo, pego no colo e descemos. Tomo meu café. As horas passam e nada do Maycon aparecer. Para quem afirmou que viria cedo, já está tarde.

Às dez e meia, a campainha toca.

Fatima atende, ela é minha ajudante. A babá eu dispensei.

Escuto risadas do Maycon e da Jayde. Olho o relógio, quase onze... *Isso é cedo?* — penso com raiva...

— Bom dia, Elena, tudo bem? — ele entra de mãos dadas com ela e isso me incomoda, chega a doer. Que droga!

— Estou sim... — tento ser convincente.

Jayde apenas sorri, não correspondo. Maycon se aproxima e pega Noah, o beija delicadamente e quando dou por mim, estou olhando para sua boca com desejo.

Jayde senta de frente a mim, Maycon ao meu lado. Ele inicia uma conversa com Noah. Típico de pai coruja. Ambos parecem sonolentos, mas a cara da Jayde está pior, e reparando nela, noto sua saia curtíssima e sua blusa que marca bem seus seios. Ela é tão sem noção.

Não demora e Isaac chega com Jessica e Jeniffer. Toda essa proximidade com ela, depois do nascimento de Noah, nos tornou amigas. Jeniffer é bem mais sensata que Emily e Maycon juntos. Sempre que vêm, eles trazem algo escolhido por Jessica para ele. Ela acha maravilhosa a ideia de ser tia.

— Família reunida, legal — Maycon inicia em seu tom irônico habitual.

— Chegou agora, Maycon? — Isaac é o primeiro.

— Acordei tarde... — diz sem jeito. Seu pai se aproxima e pega Noah sem cerimônia alguma.

Jeniffer me olha sem entender.

Levanto e vou até a cozinha, ela me segue, deixando Isaac e Maycon conversando.

— Vocês não estão juntos? — pergunta curiosa.

— Não, eu cansei Jeniffer. Acho melhor assim.

— Entendo você, Elena, eu no seu lugar teria cansado há muito tempo, mas Emily aceitou isso?

— Não sei se ela sabe, mas ontem ele chegou depois das dez, o questioneei pelo horário, só que ele acha pode vir a hora que quiser porque me sustenta.

Jeniffer escuta e sorri irônica.

— Ele disse isso?

— Disse que tem direito de ver Noah quando quiser porque dá bem mais que a lei obriga... Sei que é apenas para me intimidar. Porém, me incomoda depender tanto dele, sabe.

Ela desvia o olhar.

— Maycon é um pilantra, não sei como tem coragem de dizer isso, ele não te dá um centavo, Elena. Quem comprou o apartamento e tudo para você e o Noah foi Isaac. Inclusive Isaac já passou o apartamento para o nome do Noah e te colocou como responsável.

— Mas não é isso que o Maycon diz, muito menos Emily.

— Essa é a verdade, eles querendo ou não. Chega a ser engraçado, essa semana Emily falou a respeito do Keven ficar vindo aqui, fica tentando te difamar, sabe.

— O que ela disse?

— Que era um absurdo, que você não se dá ao respeito. Isaac e eu ignoramos. Mas ela acha que o Maycon pode fazer o que quiser, já você, tem que virar freira.

— Ela é tão difícil. Ambos são, né...

— Mas o Maycon dormiu aqui? — ela pergunta, sugerindo algo a mais.

— Não, não dormiu — respondo de imediato.

Escutamos Isaac chamar e seguimos de volta para a sala. Maycon me olha com ironia ao ver minha aproximação com Jeniffer. Pouco me importo com isso.

Sentamos próximas à Jessica. Não sei onde está essa proximidade entre ela e Maycon, eles mal se cumprimentam e ele a ignora como sempre fez. Talvez seja notável apenas para Emily que vê perfeição em tudo que ele faz.

— Onde você foi ontem, Maycon? — Isaac inicia. Jayde o olha sorrindo, se levanta e vai para a sacada.

— Não entendi a pergunta — Maycon pega Noah novamente. Deita no sofá e o coloca sobre seu peito.

— Às duas da manhã, meu celular tocou e quando atendi, escutei barulho de música eletrônica, você não estava com a Elena.

Maycon evita me olhar... Não acredito que ele foi para festa enquanto eu estava aqui feito boba pensando nele.

— Eu e Jayde fomos à Vírus.

— Sua mãe está te bancando agora, é? — Isaac pergunta desconfiado.

— Não, fomos com a Katherine, ela pagou, estou zerado — diz irônico.

— É assim que está mudando?

— Qual é pai, a Katherine estava junto, não bebi nem coca-cola.

— Nossa! Seu filho e Elena aqui no apartamento enquanto você passa a noite em festas. Continua a me surpreender muito, Maycon.

— Por que se importa? Não é com seu dinheiro.

— Não se incomoda, Elena? — Isaac me pergunta.

— Maycon é livre para fazer o que quiser, não temos mais nada — soo direta e Maycon me lança um olhar sarcástico.

— Fui chorar as mágoas, pai, Elena me chutou, hoje em dia não rola mais chorar em casa. Está vendo, bebê, esse povo fala demais, não fiz nada de errado e eles querem me incriminar. Papai não merece isso. Merece? — ele diz a Noah.

Isaac mexe em seu telefone. Após alguns segundos, interrompe o silêncio.

— Katherine disse que não estava com você. Está mentindo agora?

— Perguntou para ela? Puta que pariu, agora vai ser a porra de uma falação a semana toda. Pai, eu fui com Jong e Jay à Vírus...

— Você é um caso perdido mesmo, hein, Maycon, está andando com o Jong? Se for preso com ele, vai apodrecer na prisão, sabe disso, né? Sinceramente, espero que Noah nunca siga seus passos.

— Como não, assim que crescer, só vai dar nós, a tia Jay e as novinhas — ele ri, mas para assim que me vê revirar os olhos.

— Só por cima do meu cadáver, Maycon — disparo rude.

— A gente pode conseguir isso também — sorri e pisca para mim.

— Maycon, você não tem conserto, sinceramente eu desisto... — Isaac conclui.

— Pai, eu estava tentando arrumar emprego, no mundo do tráfico sempre tem vaga, agora que estou limpo, posso concorrer a uma.

— Olha para sua cara, Maycon, não me engana, está de ressaca. Já te aviso que se seu exame der positivo para a cocaína, já era a clínica, aí você se vira com sua mãe.

— Olha, bebê, que povo chato, eles falam demais, papai não está a fim de escutar, você está? Não, né, fora que papai está com uma dor de cabeça.

— E sua mãe critica a Elena, sendo que ela nem sai do apartamento.

— Caralho, eu não fiz nada de errado, pai. Para de show. Se tivesse cheirado, acha que agora eu estaria esse lixo? Você se estressa demais. Minha mãe faz falta na sua vida, hein... Quando tinha ela, não era tão chato assim.

Maycon passa para ofensiva e Isaac recua. Não tocamos mais no assunto. Mas estou com um nó na garganta, me segurando para não chorar.

Vamos à sala de jantar. Almoçamos, Jay recusa o convite. Despede-se e diz que vai para casa, e caso Maycon precise, é só ligar. Após o almoço, Isaac, Jeniffer e Jessica se vão. Maycon segue com Noah para o quarto. Quando entro, ambos estão dormindo, ele está sem blusa e Noah está em seu peito. Estou tão magoada, apesar de fingir que não, me dói tanto saber das aventuras dele. Pego Noah delicadamente e coloco no berço, mas assim que o faço, Maycon acorda.

— Elena... — diz sonolento.

— A noite foi longa, hein.

Ele ri sem jeito.

— Não é o que você está sugerindo.

— Maycon, não me deve explicações, pode fazer da sua vida o que quiser. Sério, eu não me importo. Só não quero que chegue drogado para ver o Noah e evite esse palavreado pesado. Ele é um bebê, não tem que tolerar sua boca suja.

Vou em direção à porta, ele se levanta e me alcança.

— Pode ao menos me ouvir? — segura a porta, me impedindo de sair.

Minha resposta deveria ser não, mas quero parecer indiferente. E finjo não me importar.

Ele se aproxima, segura em minhas mãos, meu corpo treme ao senti-lo. Odeio essa sensação de amar ser tocada por ele.

— Eu sei que errei com você, mas acho que deveríamos tentar pelo Noah... — beija minha mão, ele é um pilantra e sabe seduzir. Faz aquela carinha de cachorro abandonado e acha que vou acreditar.

— Esse é seu melhor argumento? Sério? A cada vez que escuto algo a seu respeito, sinto que perdi meu tempo ao seu lado.

Ele suspira, tirando suas mãos.

— Quando eu saí da casa do meu pai naquele dia, perdi a cabeça, estava magoado demais, sinceramente, foi muita coisa para mim. Depois eu tive um tempo e vivi situações que me fizeram refletir. Voltei para a clínica e acredite, ontem eu realmente não cheirei. Apesar de esperar que você me recebesse melhor, não fiz isso... E olha que sua recepção ontem acabou comigo. Esperei quatro meses para te ver e a realidade foi oposta ao que eu planejei.

— Agora eu estou curiosa. O que você esperava? Achava mesmo que depois de quatro meses sem sequer receber uma notícia da sua parte, eu te receberia com flores e beijos? Sabe qual o seu problema, Maycon? É mimado demais, acha que o mundo gira a seu redor, que todos são obrigados a aceitar você, não importa o que faça. Mas não é assim. Você sempre promete e não cumpre. Teve um tempo em que eu realmente acreditei que era possível. Que realmente nós conseguiríamos. Mas esse tempo se foi, eu não quero passar minha vida ao lado de um cara que na primeira oportunidade se entrega ao vício. Alguém que não

luta por nada, que só pensa nele mesmo... Ou seja, não quero mais perder meu tempo com você. Eu já sofri demais, quero ser feliz. Não ser feliz indo para boates ou coisa do tipo, como se o Noah não existe e minha vida fosse apenas curtidão. Não mesmo, ele agora é o centro do meu universo e só vou deixar se aproximar de mim quem amá-lo e quiser seu bem como eu quero.

— Acha que eu não quero isso para ele? Acha que eu não o amo?

— Não disse isso, apenas te acho uma péssima influência para ele, e se pudesse, o manteria longe. Mas, infelizmente é o pai. Não posso mudar isso.

— Olha, eu não vou levar em consideração o que está me dizendo, porque sei que é ressentimento, eu só não te procurei antes porque você nunca soube lidar bem com esse procedimento da clínica, eu quis te poupar. Elena, eu quero mostrar que estou mudando por vocês.

— Sério!? Indo pra boates com a Jayde? Isso é mudança?

— Você praticamente me chutou daqui ontem, é foi rápido. É sério.

— Maycon, eu não tenho intenção alguma de começar uma guerra com você. Olha, teve muita coisa boa na nossa história, e a maior prova disso é o Noah estar aqui. Mas acho que devemos virar a página.

— Elena, por favor, me dá uma chance... Por que não podemos ficar juntos se ainda nos amamos?

— Eu não amo mais você, não como antes — tento ser convincente. Maycon olha em meus olhos e me perco em seu olhar. Eu estou tão magoada, mas ao mesmo tempo tão rendida a ele... Não sei como escapar dessa minha perdição.

— Seus olhos não me dizem isso — ele diz tão próximo a mim que nossa respiração se mistura. Odeio ser fraca perante ele, é a droga do sentimento que me faz ser assim.

— Eles mentem...

— Elena, eu estou tão sozinho, por favor, não me deixe ir embora. Diz que ainda precisa de mim como eu preciso de você — ele sussurra em meu ouvido.

— Maycon, eu morri no dia em que você foi com a Jayde, e depois disso eu implorei tanto para você voltar. Mas não voltou, me deixou sozinha sem esperança alguma.

— Mas eu votei para você. Aquele lance com meu pai era só enchendo o saco dele. Por favor, meu anjo, eu te amo tanto. Me dá uma chance de provar que eu mudei, juro que ontem eu só sai um pouco pra fugir dessa depressão de não poder dormir aqui com você.

— Esse é o problema, Maycon, quando você se foi, eu não corri para um bar para encher a cara. Eu aguentei dia após dia, com uma dor terrível no peito. Eu sofri sozinha, à noite eu implorava para você me salvar dessa escuridão, para voltar e não me deixar mais sozinha, mas você não veio, e eu fui obrigada a

continuar. Eu pensava em você até quando evitava... E não tive apoio, fui obrigada a seguir, fui obrigada a ouvir e confirmar tudo que eu negava a seu respeito. Eu passei meses correndo atrás da esperança, implorando a Deus para que você sentisse a mesma dor que eu e assim voltasse para mim... Mas não voltou, não mandou uma carta sequer. Sinto muito, mas eu segui em frente e não vou voltar atrás. Não por você.

— Não foi fácil para mim, Elena, além de toda dor, eu estive todo esse tempo lutando contra meu vício. Implorando para conseguir sair e me tornar mais "aceitável" para você. Eu pensei em nós todas as noites. Achava que essa luta teria um fim, mas descobri que é constante, essa porra nunca vai ter um fim, e vou ter que me acostumar a isso. Vou ter que lutar todos os dias sozinho contra isso. Tive a tosca ilusão de achar que, quando voltasse, eu ainda teria um lugar ao seu lado. Que eu diria meus motivos por me manter distante, que você entenderia e seguiríamos juntos. Mas quando cheguei, seu olhar frio e sua língua ferina quase me mataram. Foi pesado, Elena, muito pesado me afastar de você. Nunca vou me perdoar por não ter visto Noah nascer, nunca vou me perdoar por ter te feito sofrer tanto, por não estar ao seu lado quando precisou de mim. Por ter deixado este tempo passar e não estar presente com você e meu filho. Por ter quebrado a promessa de te fazer feliz... Mas ou era isso, ou eu nem teria chance com você. Foi um sacrifício, e eles têm suas recompensas no fim. Elena, nós podemos ter a nossa agora. Você só tem que querer.

— Maycon, tudo que você diz é lindo, mas não é real, e eu não suporto mais uma recaída, não suporto mais ver meus sonhos escorrerem entre meus dedos como se não fossem nada. Me perdoa, mas meu coração não suporta mais isso. Agora eu tenho que ser forte, devo continuar a seguir pelo Noah, não posso mais me submeter a isso. Não vou suportar passar por tudo novamente. É melhor assim, sabe tão bem quanto eu que uma hora vai voltar a usar... Por que, no fim, ela sempre ganha, não é? No fim, a cocaína é mais importante. Você a colocou em um patamar tão alto em sua vida que ninguém é capaz de alcançar. Hoje tenho ciência disso. Mas não quero que o Noah tenha, por isso prefiro me manter separada de você.

— Você soa tão patética com esse seu discurso de vítima. Eu acordo às seis da manhã e meu cérebro me diz: Qual é, Maycon, apenas mais uma, não vai te levar a cair... Isso é uma luta interna, minha mente, meu corpo, tudo está contra mim. Elena, eu mudo minha rotina diariamente para escapar dessa fissura. Katherine me disse isso, que a luta é intensa, é forte, e que apesar de tentar, chegaria a um ponto que ninguém mais acreditaria em mim, e esse seria o ponto crucial onde eu deveria escolher continuar, e estou escolhendo por mim, pelo Noah... E sabe, ela tem razão. O irônico é que você me colocou nessa luta, prometeu ficar até o

fim, e pulou fora antes do barco afundar.

— Você, como sempre, se faz de vítima, Maycon... Mas infelizmente não me comove mais...

— É isso mesmo que você quer? Se disser que sim, não volto mais a te procurar, porém não vou desistir do Noah, não vai me afastar dele.

— É isso que eu quero... E quanto ao Noah, não posso e não vou tirar seu direito. Mas se chegar drogado ou bêbado, não vai poder vê-lo.

— Não vou te dar esse gostinho, Elena — diz magoado.

Ele se afasta, pega sua blusa. Acho que vai embora. Já estou em lágrimas, em situações como essa não há como fingir desdém. Amo o Maycon e sempre vou amar. Mas não posso permitir que Noah viva em seu mundo perdido.

Maycon passa por mim. Quando vai sair, volta, dá um beijo em Noah, sussurra algo em seu ouvido.

Passa novamente por mim, se vira e olha em meus olhos.

— Aprendi a perder, não é a primeira vez.

— Podemos tentar ser amigos, por ele.

Ele se aproxima, me segura pela cintura e me beija. Correspondo por fraqueza mesmo. Maycon continua até me deixar muito excitada, passa suas mãos pelo meu corpo e me deixa nua em segundos. Leva-me até a cama, deita sobre mim e continua a me beijar. Ele é o meu vício, minha droga.

— Quer que sejamos apenas amigos, Elena? — ele sussurra.

— No momento é o melhor, Maycon.

Continuo correspondendo aos seus beijos.

— Então, é realmente só amizade? — diz, beijando meu pescoço.

— Sabe quem sim... — sussurro, ofegante.

Ele para. Abro os olhos e me deparo com seu olhar frio.

— Quer ser amiga de alguém que consegue te excitar tão fácil? Isso é ridículo e te faz parecer muito carente.

— Por que está fazendo isso? Sente tanto desejo quanto eu e nem por isso estou tentando te humilhar.

— Dizer a verdade não é humilhar, apenas estou sendo franco. Interessante seu conceito de amizade, Elena... Está a ponto de fazer sexo comigo e diz que somos apenas amigos. Mas até faz sentido, vendo que o seu amigo Keven não sai daqui. Acho que estou entendendo seu campo de visão agora.

— Maycon, é diferente com você, sabe disso!

— Não sei, perguntei e me disse que somos apenas amigos, e depois de responder, continuou deixando eu fazer o que queria com seu corpo. Parece uma falsa que se finge de inocente. Acho que, no fundo, minha mãe tem razão sobre você. Isso tudo é influência da Jeniffer? — Maycon se levanta e veste sua blusa.

Me sinto usada, caí no seu jogo barato.

— É cruel o que você está fazendo, e sim, graças a Jeniffer, eu sei que quem me banca é seu pai e não você! Então, se quer continuar a vir, vai marcar hora como todos, não caio mais em suas falsas promessas — choro.

— Aquela puta nunca vai chegar aos pés da minha mãe, ela é burra. Não te devo satisfações da minha vida financeira, mas vou te contar um segredo. Quando meus pais se casaram, foi sob regime de comunhão total de bens, e quando se divorciaram, a empresa dele foi dividida em ações; minha mãe entrou na justiça, e por direito, conseguiu cinquenta por cento, que de imediato ela passou para o meu nome. E por ser filho dele, eu tenho vinte e cinco por cento da parte do meu pai. Faça as contas e descubra de quem é o dinheiro. Ainda que seu raciocínio seja lento e seu nível intelectual baixo, se você se esforçar um pouquinho, vai conseguir uma resposta, e no fim ela será Maycon Sebastian... — ele me olha sarcástico — Elena, adoraria ficar e saborear você, meu anjo, mas vou deixar para o Keven, prometi a Jayde sairmos hoje e não quero decepcioná-la. Se precisar, estou disponível para o Noah.

Maycon pisca e me manda um beijo. Pega sua carteira, telefone, e sai me deixando sozinha. Sinto-me péssima, burra. Ele fez seu jogo e eu caí como idiota. Aquela sensação de vazio volta. Como posso acreditar nele, se na primeira oportunidade ele vai curtir com Jayde? Mas não vou mentir, ele sempre fez isso comigo, não é a primeira vez. A diferença é que agora eu não me finjo de cega. Esse é o Maycon, e querendo ou não, vou ter que aprender a jogar seu jogo, porque ele já começou a jogar.

Capítulo 44

Quem disse que o amor pode acabar? - Maycon.

Até o momento, não acredito que ouvi isso dela, estou em choque. É foda, depois de ter implorado a Katherine para me liberar em uma sexta. Saí da clínica num desespero louco para conhecer Noah e ficar com ela. E Elena me rejeita fazendo tudo desmoronar.

Valeu, vida medíocre... Você é demais.

Estou sentindo como se caísse em um abismo, mas não há fim, estou apenas caindo. Saio do apartamento e entro no elevador. Desço no térreo e ligo para Jayde vir me buscar. É interessante como a mesma pessoa que te faz viver, com poucas palavras, também te mata. *Podemos ser amigos. Vai à merda com seu*

podemos ser amigos!

Espero quinze minutos em frente ao prédio. Vejo Jayde chegar, ela estaciona e entro rapidamente, fazendo sinal para ela seguir. Estou irritado, me sentindo tão insignificante... Tudo por causa das palavras da Elena. Deus, como eu queria ter a chance de rebobinar todos os erros, queria apenas poder voltar ao tempo. Onde foi que falhei para tudo desmoronar tão rápido? Porra, oito meses esperando pelo meu final feliz, e olha que merda de fim!

Eu não amo mais você, não como antes... — as palavras dela giram em minha cabeça, levando toda minha esperança.

Que porra, Elena, por que tem que me matar dessa forma?

— Achei que dormiria aí... — Jayde interrompe meus pensamentos...

Estou me segurando ao máximo para não chorar, mas quando você ama, a perda é uma dor inexplicável, o consome de tal forma que até respirar é difícil.

— Sério que pensou isso? Depois do que meu pai fez, achou mesmo que eu conseguiria?

Ela não responde e voltamos ao silêncio.

— Que porra, Jay, por que a Elena tem que estragar tudo? — acabo deixando as lágrimas escaparem.

Ela para o carro.

— May, eu detesto te ver assim, olha, vou te dar uma ideia — ela suspira — Já parou para pensar que talvez não deva acontecer? Desde que começou a ficar com ela, o vejo dar murro em ponta de faca.

— Ah, qual é, Jay. Não está ajudando, cara.

— Às vezes, nós não queremos enxergar a verdade, mas a verdade é que vocês aconteceram tão rápido, foi tão depressa, que talvez nesse tempo longe, ela tenha percebido que não era bem isso que queria.

— Valeu pelas palavras animadoras. Você é dez — ironizo.

— Talvez nunca será o suficiente para ela, May, não importa o que você faça; desde que a conheceu, você está tentando e nunca dá em nada, cara... Me lembro de quando ela entrou na faculdade, estava na cara que gostava do Keven, aí do nada vocês se encontraram e rolou tudo isso. Sei lá, cara, talvez nunca foi você.

— Jay, eu estou um lixo, e tudo que está dizendo não está ajudando porra nenhuma. Dá para parar?

— Estou sendo sincera, às vezes ela achava que gostava, mas passou, e você é o único que não vê isso.

— Você não entende. Elena só está magoada, mas sei que me ama...

— Para, May... O pior cego é o que não quer enxergar. Não estou dizendo para desistir do seu filho, mas com ela não tem mais chance... Desiste. Não aguento mais te ver nessa depressão do caralho. Muda o disco, Maycon, coloca um fim

nessa merda logo, aceita e parte para a próxima que é melhor.

— Jay, eu a amo demais, cara, tanto que eu nem sei o que fazer, sério. Estou tão machucado, eu tentei de todas as formas e continuo tentando, não sei por que não podemos ficar juntos. Como ela pode não me amar se eu a amo tanto? Isso não tem lógica!

— A vida não tem lógica, e ela não te ama mais, simples assim. May, já passou da hora de você enxergar isso.

Abaixo a cabeça e choro feito idiota. Que foda isso. Jay cala a maldita boca. Escuto apenas o nada.

— O que eu faço agora, Jay?

— Já existia antes dela, vai continuar existindo.

— Ah, vai pra puta que pariu! Por acaso já amou alguém assim? Tem ideia de como é? Eu não quero desistir, Jay. Sinto um abismo dentro de mim, um vazio que nada preenche. Achei que chegaria e dormiria com ela e Noah do meu lado. Estou muito mal e você só me põe mais para baixo, estou uma merda e nem sei como fazer isso passar.

— May, eu nunca fui de me apegar às pessoas como você faz. Ah, cara, ela pode ser seu amor épico, mas existem outros amores. Não morreu com a overdose, não é ela que vai te matar.

Jay força um sorriso, acho muito tosco o que ela fala, mas não rebato, nunca achei seus questionamentos inteligentes o suficiente para me fazer debater.

— E tem outra, ela não é a única — insiste.

— Eu entendi seu ponto de vista, mas prefiro que fique calada — interrompo.

— Se tivesse me escutado, não passaria por isso.

— Tudo bem, Jay — falo em um tom mais rude.

— Eu avisei que ia dar merda.

— Que porra, Jay, eu entendi, você tinha razão, beleza, pode calar a boca agora — digo irritado.

Quando dou por mim, percebo que ela está dando voltas no quarteirão.

— Está dando voltas por quê? Vamos para casa.

Seguimos em silêncio. Não por muito tempo, eu não consigo. Quero encontrar o porquê disso:

— Sabe, eu achei que era para sempre. E estou me sentindo tão pequeno agora.

— E eu que a fada do dente existia — me olha com ironia.

Oh, mulherzinha dos infernos... Desisto.

Subo a escada e vou direto ao meu quarto, mas me detenho na porta. Se eu tivesse sido forte na primeira recaída, poderia estar com ela agora. Não quero ficar nesse quarto, ele conta histórias que não quero escutar. No fim, a culpa

recai sobre mim. Bato a porta da Jay e entro sem esperar resposta.

Ela me olha, curiosa. Está deitada na cama, de pijama, e são apenas sete da noite.

— Posso ficar aqui com você? — ela não responde — Às vezes, acho que não gosta de mim Jay.

— É relativo isso de gostar — responde com desdém.

— Qual é, Jay?

Jogo-me em sua cama, observo o quarto, me lembro de como era antes dela, de nós, e por um momento as lembranças trazem algo bom. Já aprontamos tanto aqui. Jayde lançará, dentro de um mês, seu primeiro CD. Investi em sua carreira, e apesar do meu pai quase enfartar, sei que ela colherá o fruto, e mudará de vida...

— Jay, seu CD será lançado mês que vem... — mudo o rumo da conversa.

— E?

— Sabe que tudo pode acontecer agora, sua vida pode mudar por completo... — sorrio, aquele sorriso forçado que não condiz com a dor que sinto.

— E eu devo tudo a você — ela se joga sobre mim. Olha em meus olhos. Jayde tem um olhar frio, azul como o mar, e ele é bem traiçoeiro. Mas não para mim, aprendi a nadar. Reflito sobre minha vida; o jogo mudou, as regras mudaram, não terei Jay mais ao meu lado, ela seguirá seu caminho e eu não sei o que fazer para me encaixar nesse novo presente, estou preso ao passado, preso a Elena e não quero aceitar perdê-la...

— Sei que está mal agora, mas não precisa de uma Elena, tem a mim. E uma Jayde te basta, independente do que possa acontecer, sabe que sempre terá a mim... — ela fica pensativa, e do nada volta a falar como se tivesse encontrado a solução — Podemos ir juntos, fazer shows juntos, conhecer novos lugares... — sorri, tocando levemente meu rosto. Fico sem graça, tiro suas mãos, desvio o olhar. Não quero isso, não quero deixar minha família, porque ainda que Elena não veja assim, ela e Noah são minha família. Encaro Jayde, detesto esse impasse de parecer que vai rolar alguma coisa — Tenho planos para nós, May...

— Disse a Elena que sairia com você só para irritá-la. Estou aprendendo a mentir... — Falo sem jeito.

— Não mentiu, nós vamos.

Continuo *viajando*. Não sei como consertar isso, mas não quero apenas aceitar, eu tentei muito e não aceito perder, não minha família novamente.

— Vamos curtir, está solteiro agora — ela pisca. Em outra ocasião, aceitaria. Olho as horas: são sete e meia.

— Acho que chega uma hora que realmente temos que reconhecer o fim. Jay, você tem razão. Admito. Mas esse dia não é hoje, não para mim.

Ela sorri. Levanto e vou ao meu quarto. Tomo um banho rápido e em vinte minutos estou pronto. Desço a escada e me deparo com ela na cozinha.

— Aonde vai? — Jay pergunta ao me ver pegando a chave do carro.

— Voltar ao início — sorrio, ela retribui, mas não rebate.

Sigo pensando em como convencer Elena que a amo, que ainda que não seja a primeira, eu quero outra chance. Dirijo pelas ruas, olhando as luzes dos faróis, como se elas fossem me trazer a solução; na verdade, estou procurando coragem. Oito, oito e meia, nove horas, e eu não sei como vou chegar a isso. Não sei como dizer que posso consertar isso, que nosso amor pode nos curar. Não suporto mais pensar nas palavras da Elena, não suporto a ideia de ser rejeitado novamente. Paro o carro, abro a carteira, olho sua foto com Noah no hospital, meu pequeno Noah... Viajo olhando para eles.

Meus pensamentos continuam vagando em busca das palavras certas. Olho à minha volta, isso é tão sem sentido, não quero isso, não foi isso que planejei. Quero meus planos de volta, quero Elena de volta. Faço uma retrospectiva de tudo, dos passos errados, não posso mudá-los, mas posso fazer diferente agora...

Fumo um cigarro. Eu não sou o cara que deveria ser para ela, mas também não sou mais o cara que eu era, eu mudei. E esse novo Maycon não está disposto a desistir, não depois de ter lutado por todo esse tempo.

Ligo o carro novamente, e em segundos, estou em frente a seu prédio.

Estaciono e reconheço o carro à minha frente, é o de Keven. Fumo mais um cigarro e escuto a voz da Katherine em minha cabeça.

Um vício leva a outro.

Vai à merda, Katherine — respondo para sua voz imaginária.

Olho as estrelas, procurando a coragem, ou a loucura. Tanto faz, ambas servem no momento. Graças à minha mãe, eu tenho acesso livre ao prédio. Identifico-me na portaria e entro no elevador. Sétimo andar.

Pode ser o início ou o fim dos seus sonhos, Maycon. Última tentativa — Ironizo...

As portas se abrem, paro em frente à dela. Esta dúvida está me matando, bater ou não bater? Merda de questão!

Qual será a reação do meu doce anjo? Penso, olhando para porta. Ouço o choro do Noah, ele parece incomodado. Escuto a voz do Keven e a dela. Parecem meio perdidos com a situação, enquanto Noah continua chorando cada vez mais alto. Toco a maçaneta, a porta está aberta. Seria a ironia me convidando a entrar? Não sei. Não espero resposta, apenas entro. Fátima me vê e não diz nada. Ela provavelmente esqueceu a porta aberta e está pensando na possibilidade de ser mandada embora por isso. E seria, se fosse minha mãe, mas sou eu, e eu apenas a agradeço por essa proeza. Vou à sala, Elena está de costas

tentando acalmar Noah que está no colo do filho da puta do Keven.

Que merda... Eu precisa mesmo ver isso?

Ele me olha, intimidado, e gosto de provocar isso nesse imbecil...

Elena percebe a tensão e se vira.

— Maycon. O que faz aqui? — pergunta secamente. *Merda! Lá vamos nós de novo.*

— Queria ver o Noah — ao escutar minha voz, ele para de chorar, e isso me faz sentir bem, pelo menos ele curte minha presença. Acho que é o único.

Elena está nervosa. Aproximo-me e o pego do colo do Keven, que nem protesta. Dou alguns passos com ele até sair da sala. Vê-los me faz perder as esperanças, a confiança em mim mesmo. Olho para Noah, o balanço e continuo conversando com meu pequeno. Noah é tão lindo, perfeito. Não está mais chorando, e me sinto bem ao acreditar que ele sente a minha falta. Não que haja explicação científica para isso. Mas me faz bem pensar assim. Olho-o e sei que não quero ser um pai que o visita, quero ser o pai que o acorda todos os dias. Quero ser presente em cada segundo de sua vida...

Respiro fundo.

Os minutos se vão, eu me fecho nesse mundo com Noah. Ele acaba dormindo em meus braços.

Sigo para o seu quarto. O coloco no berço e contemplo a cena mais perfeita que é vê-lo dormir. Escuto passos, eles estão cada vez mais próximos. A porta se abre. É Elena.

— Maycon, eu...

— Elena, me escuta...

Ela revira os olhos, essa atitude me desanima, mas não vim até aqui para desistir. Esse é meu último tiro no alvo da felicidade, e não quero errar. Olho para Noah e encontro forças. Respiro fundo.

— Elena, eu...

— Seja rápido, por favor.

— Keven está te esperando?

— Não, ele foi embora.

Escuto e me sinto aliviado.

— Pode me dar cinco minutos?

Ela me olha, confusa. Mas confirma com a cabeça. Pego em sua mão, no início, ela reluta em me seguir.

— Por favor, serão nossos últimos cinco minutos — insisto e ela cede.

Descemos a escada, quando nos aproximamos da porta, ela para.

— Não posso deixar Noah.

— Será rápido. Eu prometo.

Ao ver meu evidente desespero, Fátima diz que ligará caso ocorra alguma coisa. Descemos pelo elevador, Elena se mantém séria, fria, não me dá indícios que irá ceder. Abro a porta do carro.

— Maycon, eu não posso ir muito longe, o que tiver que falar, pode me falar aqui.

— Não pode ser aqui... Serão cinco minutos... — sorrio, mas ela não retribui, sei que está magoada. Elena entra no carro e dirijo até o Campus. Ela me olha confusa. Desvio e chegamos onde tudo começou. Paro o carro em frente à mata fechada. Elena está chorando.

— Hoje tem estrelas, não quer vê-las uma última vez ao meu lado?

Ambos descemos. Subo no capô, ela resiste, mas acaba subindo e deitando ao meu lado. Ficamos alguns segundos olhando as estrelas. Procuro a coragem, toco sua mão, ela não me afasta. Respiro fundo:

— Elena, lembra da nossa primeira vez aqui?

— Lembro — Diz com voz falha.

— Eu sei que erreí muitas vezes com você, sei que fui um filho da puta hoje, mas eu não posso desistir de vocês, entende? Sei que você não acredita mais em mim — ela continua intocável. Respiro fundo — Eu não sou perfeito, e nunca serei. Mas se ainda esse amor que iniciou aqui existe em você, me dê uma chance. Dê ao Noah a chance de poder conviver com os pais ao seu lado. Não o faça passar pelo que eu passei.

— Maycon, como vou ter certeza que não vai ter recaída? Que dessa vez você vai se empenhar e vai manter o Noah longe desse mundo? Pode me garantir isso? — diz magoada, ela não acredita em mim e isso me machuca.

— Meu anjo, infelizmente, eu não posso. Não posso prometer que nunca irei errar ou que nunca irei te magoar novamente — dou uma pausa. — Mas posso prometer que sempre vou amar vocês. Elena, eu me esforcei para chegar aqui, me esforcei para não ceder à cocaína, e no fim, eu tenho conseguido, eu tenho o que quero, mas não o que eu preciso, porque eu preciso de você ao meu lado, meu anjo. Eu preciso mesmo — minhas lágrimas rolam e as dela também. Nos encaramos. — E posso te prometer também, que ainda que eu fique sem forças, vou continuar lutando. Eu sei que ninguém quer construir um futuro ao lado de um ex-viciado em drogas. Mas isso não me impede de querer construir um futuro com você, com meu filho, e mostrar que todos têm direito a outra chance. Me dá essa chance? Isso não é um pedido. Estou implorando, Elena — continuamos em lágrimas — Sou difícil, eu sei; parece que as pessoas torcem pelo meu fracasso. Mas pouco me importo, apesar de doer sentir essa falta de confiança na pele. E eu também sei que ninguém pode me salvar de mim mesmo. Mas eu tive uma nova chance para conhecer o Noah, e quero aproveitá-

la ao máximo com você ao meu lado.

— Maycon...

— Elena, por favor. Deixa eu te mostrar que pode confiar em mim, que posso te fazer feliz, e se você não me ama mais, poxa, um dia você se apaixonou por mim, posso fazer isso de novo e quantas vezes forem necessárias. Só não diz para mim que não, porque eu não quero essa vida, não sem você e o Noah ao meu lado.

— Você não está me dando opções.

— Se estivesse tão desesperada como eu, também não me daria. Elena, eu errei, mas foi tentando acertar. Por favor. Pode me perdoar e dizer que me dá essa chance? Podemos começar de novo, fazer diferente. Noah merece isso.

— E ele merece conviver com recaídas? Se apegar a você e depois ficar longe por você estar em uma clínica? Ele merece?

Porra! Ela não me ajuda mesmo, não sei como convencê-la!

— Elena, quando eu saí da casa do meu pai, eu quis morrer, queria porque achava que nada mais fazia sentindo. Porque, por mais que eu tentasse, nunca era o suficiente para você. Eu usei mais do que sabia que suportaria. Tive uma overdose — ela se assusta ao me ouvir, definitivamente não sabia dessa parte — Naquele último momento, eu pude ver o quanto a vida é frágil, pensei no Noah, pensei em você... Implorei por uma última chance. Acho que não tenho muita coisa para te oferecer, mas depois de tudo que eu passei, eu tive certeza que se tiver você e o Noah ao meu lado, eu não preciso de mais nada. Eu demorei para perceber, e notei tarde, que você era tudo que me faltava... Por isso eu estou aqui feito um idiota, mas fazer o que, amo você e sempre vou te amar.

Ela se mantém fria e indiferente, e isso me indica que perdi. Dói perder, dói encarar a derrota e ter que continuar a seguir. Descemos do capô, olho para o céu estrelado uma última vez, essas mesmas estrelas que já testemunharam minha felicidade, agora testemunham minha derrota. Dou passos até a porta, olho uma última vez para ela. Isso é cruel demais, mas é minha realidade. É foda quando você tenta o seu melhor, e mesmo assim perde. Pela segunda vez, eu perdi minha família.

— Maycon, espera.

Ouçó-a e volto a olhá-la.

— Como planejou nosso futuro? — Elena diz, firme.

— Não fiz planos, mas tenho certeza que será feliz se pudermos lutar juntos por ele.

— E se eu der essa chance, há possibilidade de me arrepender? — olho em seus olhos. Elena está chorando. Aproximo-me.

— Uma vida é pouco perto da eternidade do amor que eu tenho para te dar.

Não prometo dias de plena felicidade, nem que minha mente vá se estabilizar e abandonar todas as minhas loucas teorias, não vai ser fácil, eu sei que não. Mas eu serei intensamente seu. E em todos os meus dias, eu vou te colocar acima de tudo, até mesmo da minha vida. Você e Noah estarão em um patamar tão alto que nada poderá tirá-los.

Elena vem até mim, a abraço, olho em seus olhos:

— Eu te amo, e apesar do meu orgulho, aceito te dar essa segunda chance. Nos dar essa segunda chance... Está disposto a tentar de novo comigo? Está disposto a percorrer novamente esse longo caminho cheio de obstáculos, que é a nossa felicidade? — ela pergunta, olhando em meus olhos.

— Sonho com isso todas as noites — lhe dou um beijo.

Continuamos até faltar o ar. Ela tira minha blusa e eu termino o resto. Abro a porta do banco de trás... Nos entregamos com tanta paixão. E sempre é como a primeira vez.

— Dou a você uma semana para marcar a data — ela sussurra ofegante.

— Eu te amo.

Ela sorri maliciosamente.

— Eu também te amo.

Um tempo depois...

Nosso casamento ocorreu três semanas depois, na casa de Emily. Maycon dispensou o casamento na igreja, fizemos apenas uma recepção onde assinamos os papéis perante o juiz de paz, ainda assim, ele proferiu palavras sábias e conselhos sobre união. Usei um vestido bege claro de alças. Meu pai, assim como Isaac e Keven, que foi meu padrinho, estavam de terno, inclusive Jayde usava vestido, ela também foi a madrinha. Na verdade, todos estavam vestidos a rigor, apenas Maycon quebrou o protocolo – para me irritar por causa do Keven – e usou o que sempre usa: jeans, tênis e blusa. Tirando essa parte chata, no mais, foi emocionante. Emily chorou muito, e no fim desconfiei se ela estava feliz ou triste por Maycon estar casando, afinal, ela o vê como bebê. Meus pais também se emocionaram muito, não só eles, mas os poucos convidados demonstraram felicidade. No fim, tiramos fotos, e apesar de não realizar meu sonho, terei boas recordações desse momento em família. Passamos uma semana nas Ilhas Virgens Britânicas. Nossa lua de mel foi perfeita, mas ao lado do Maycon é quase impossível não ser perfeito. Noah ficou com Emily e confesso que cheguei a chorar na primeira noite por ficar longe do meu bebê...

No mês seguinte, retornamos à faculdade. Formei-me em Psicologia no mesmo período que Maycon se formou em Medicina. Ainda há algumas brigas, crises de ciúme, mas a cocaína foi literalmente eliminada da nossa vida. E não me arrependo um só momento por ter lhe dado essa chance. Sinto-me feliz, não há sensação melhor do que o ver limpo, vê-lo participar ativamente da vida do nosso filho. Hoje, ele e meu pai conversam. Fazer o quê? Noah os ama e isso os aproximou. Jayde virou sucesso, seu primeiro CD vendeu mais de 12 milhões de cópias pelo mundo. Ela largou a faculdade de Fisioterapia, na verdade, eu nunca a vi se encaixar na área, e seria cômico com seu humor de cão, e vamos confessar que ela nunca foi presente mesmo. Contudo, Jayde está se dando muito bem em sua carreira solo. Ela e Maycon se falam regularmente, e quando ele percebe meu ciúme, brinca dizendo que celebridades têm prioridades, e que agora ele tem uma amiga pop star. Eu sempre ignoro essa parte. Keven se casou com uma garota de sua cidade natal. Fui sua madrinha, junto com meu pai. Maycon foi só para irritar mesmo, e ainda desejou felicidades a ele, óbvio que sua voz estava carregada de sarcasmo, mas Keven não levou em consideração. Bom, esse é meu marido e, sinceramente, não há nada melhor que desejar felicidade aos outros.

Meus pais continuam morando no interior com minhas irmãs, nos falamos regularmente. Os pais do Maycon continuam cada um com seus projetos e

famílias. Alguns domingos, almoçamos juntos. Ele não se tornou amigo da Jeniffer, mas possuem uma relação aceitável, se é que pode assim dizer. Já com Jessica, ele aprendeu, de certa forma, a aceitá-la.

Maycon ainda faz terapia com Katherine e toma remédios, provavelmente irá tomar por toda vida. Há noites ruins, em que ele se isola muito, às vezes ele tem pesadelos e ainda sente muita vontade de usar. Mas não cede a ela. Afinal, o que é a cocaína perto da grandeza do nosso amor?

E como ele mesmo diz: Hoje eu sou sua melhor e mais potente droga — em um bom sentido, claro...

Não vou mentir e dizer que nosso casamento é perfeito, ou que nossa luta terá um fim, sei que não, mas contentamo-nos em vencer um dia após o outro. E essa é a essência da vida, vencer um obstáculo de cada vez, se aceitando assim, como você realmente é: um ser humano perfeitamente imperfeito.

Hoje sei que a felicidade não é um caminho a seguir. Ela é construída dia após dia, e depende exclusivamente de você. E apesar de Maycon lutar ardentemente contra a cocaína, ao contrário dele, eu me afundei completamente, e juro que não suporto uma abstinência do meu único e eterno vício — Maycon Sebastian...

Table of Contents

<u>Capítulo 1</u>
<u>Capítulo 2</u>
<u>Capítulo 3</u>
<u>Capítulo 4</u>
<u>Capítulo 5</u>
<u>Capítulo 6</u>
<u>Capítulo 7</u>
<u>Capítulo 8</u>
<u>Capítulo 9</u>
<u>Capítulo 10</u>
<u>Capítulo 11</u>
<u>Capítulo 12</u>
<u>Capítulo 13</u>
<u>Capítulo 14</u>
<u>Capítulo 15</u>
<u>Capítulo 16</u>
<u>Capítulo 17</u>
<u>Capítulo 18</u>
<u>Capítulo 19</u>
<u>Capítulo 20</u>
<u>Capítulo 21</u>
<u>Capítulo 22</u>
<u>Capítulo 23</u>
<u>Capítulo 24</u>
<u>Capítulo 25</u>
<u>Capítulo 26</u>
<u>Capítulo 27</u>
<u>Capítulo 28</u>
<u>Capítulo 29</u>
<u>Capítulo 30</u>
<u>Capítulo 31</u>
<u>Capítulo 32</u>
<u>Capítulo 33</u>
<u>Capítulo 34</u>
<u>Capítulo 35</u>

[Capítulo 36](#)

[Capítulo 37](#)

[Capítulo 37](#)

[Capítulo 39](#)

[Capítulo 40](#)

[Capítulo 41](#)

[Capítulo 42](#)

[Capítulo 43](#)

[Capítulo 44](#)